



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Trauma e Perturbação de Stress Pós-Traumático

Ana Rita Guilherme Marques Farinha Pereira

Orientador de Dissertação:
Prof. Doutora Teresa Santos Neves

Coordenador de Seminário de Dissertação:
Prof. Doutora Teresa Santos Neves

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Maria Teresa Gonçalves de Matos Santos Neves, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Mestre na Especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

À Professora Doutora Teresa Santos Neves, pela compreensão, disponibilidade e apoio demonstrados ao longo deste ano lectivo. Obrigada pela motivação transmitida, pelos ensinamentos e sobretudo pela paciência e dedicação reveladas ao longo da realização desta investigação.

Aos professores que compõem a Licenciatura e Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, pelos ensinamentos transmitidos.

À Doutora Susana Oliveira, pela disponibilidade demonstrada durante a realização desta investigação.

Aos participantes deste estudo pela coragem, pela colaboração e pela partilha das suas histórias. Obrigada pela oportunidade de aprendizagem, pois sem estes testemunhos, nada disto seria possível.

Aos meus pais e ao meu irmão, por terem permitido que chegasse até aqui. Pelas palavras de carinho, motivação e apoio que fizeram sempre questão de me transmitir ao longo da minha vida e sobretudo nesta fase de finalização de mais um ciclo. Obrigada pela compreensão, pela paciência e pela disponibilidade que sempre demonstraram para me ajudar, para me levar a crescer, para me levar mais longe. Obrigada por terem tornado tudo isto possível.

Ao Renato Vinhas, por me ter acompanhado em mais uma fase da minha vida. Por ter partilhado comigo os valores e tradições que compõem o espírito académico, por ter demonstrado sempre a sua amizade, carinho e dedicação. Pela paciência, pelas palavras de motivação e sobretudo pela compreensão demonstradas na recta final deste percurso.

À Joana Xavier, pelos vários momentos que compõem a minha vida académica. Pelos risos e pelas discussões, por me ajudar a crescer e acompanhar esse processo. Obrigada pela

compreensão, pelo espírito de entreatura e pelas palavras transmitidas ao longo de toda a vida acadêmica, mas sobretudo nesta última fase. Obrigada sobretudo pela amizade.

Ao Ricardo Simas, pela amizade e por me ter acompanhado ao longo de mais um percurso. Obrigada pela disponibilidade.

À Joana Marques, pela amizade, pela compreensão, pelas longas horas de desabafo sobre mais um percurso da minha vida.

À Rita Gregório, colega de seminário de dissertação, pelas longas horas de conversa e de desabafo que fizeram parte deste nosso percurso. Obrigada pela partilha de experiências, pelo apoio e pela compreensão.

Resumo

O conceito de trauma psíquico tem sido explorado nas mais diversas áreas da Psicologia, podendo ser definido como um acontecimento na vida do indivíduo que devido à sua imprevisibilidade, intensidade e gravidade provoca uma experiência intensa com que o mesmo não consegue lidar, sobretudo devido ao factor surpresa que este acarreta.

Apesar de ligarmos este conceito aos seus primórdios e portanto à ideia de ferida resultante de um acontecimento externo, a realidade é que as mais diversas áreas da Psicologia procuraram não só compreender o acontecimento externo mas também a experiência subjectiva associada ao mesmo. Revelando que o conceito de trauma não deve ser apenas analisado segundo o seu carácter externo, proveniente do acontecimento, mas também segundo o modo de funcionamento psíquico do indivíduo. Postulando que cada indivíduo apresenta o seu modo de funcionamento psíquico e que, como tal, a resposta ao acontecimento e o desenvolvimento do trauma não devem ser generalizados.

Outra das questões necessárias para compreender o trauma relaciona-se com as suas consequências, nomeadamente a nível patogénico. Neste âmbito, encontramos como um dos efeitos patogénicos mais frequentes, a perturbação de stress pós-traumático.

O presente estudo têm em vista a realização de uma revisão sistemática da literatura sobre o conceito de trauma psíquico, por um lado, através de uma perspectiva psiquiátrica e cognitivo-comportamental e, por outro lado, através de uma perspectiva psicanalítica. Para além disso, pretende ainda a compreensão de questões ligadas ao stress pós-traumático, sobretudo ao nível dos ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa.

Palavras-Chave: Trauma, Acontecimento Traumático, Experiência Traumática, Perturbação de Stress Pós-Traumático

Abstract

The concept of psychic trauma has been explored in several areas of psychology and can be defined as an event in the life of the individual that due to its unpredictability, intensity and magnitude causes an intense experience that it cannot handle, especially due to the surprise factor that this involves.

Although we link this concept to its beginnings and therefore the idea of a wound resulting from an external event, the reality is that the most diverse areas of Psychology sought to not only understand the external event but also the subjective experience associated with it. Revealing that the concept of trauma should not only be analyzed according to their external character, from the event, but also in the manner of the psychic functioning of the individual. Postulating that each person has its psychic operating mode and as such, the response to occurrence and development of trauma must not be generalized.

Another question necessary to understand the trauma related to its consequences, namely the pathogenic level. In this context, we found as one of the most frequent pathological effects, disruption of posttraumatic stress.

The present study aims at the realization of a systematic review of the literature on the concept of psychic trauma, on the one hand through a psychiatric perspective and cognitive-behavioral, and secondly, through a psychoanalytic perspective. In addition, we intend to further understanding of issues related to post-traumatic stress, especially at the level of ex-combatants of the Portuguese Colonial War.

Keywords: Trauma, Traumatic Event, Experience Traumatic, Stress Disorder Posttraumatic

Índice

Introdução.....	8
I. Trauma e Acontecimento Traumático	11
II. Perspectiva Psicanalítica do Trauma.....	17
III. Perspectivando o Trauma.....	19
IV. Perturbação de <i>Stress</i> Pós-Traumático	27
Referências Bibliográficas	31

Introdução

O conceito de trauma provém da palavra grega *τραῦμα* (ferida) tendo sido utilizado nos seus primórdios, na área da medicina, como uma forma de explicação e diagnóstico dos ferimentos expostos no corpo dos pacientes. Porém, a utilização do conceito de trauma, na verdade este conceito foi alargada a outras áreas, nomeadamente a Psicologia, tendo-se relevado particularmente importante para a explicação e compreensão das mais diversas patologias.

Ao falarmos sobre o conceito de trauma existe a tendência para o ligarmos automaticamente aos seus primórdios e a esta noção de ferida exposta, algo que é provocado por um acontecimento exterior e que infligiu dano no indivíduo. Pensamos no conceito de trauma como predominantemente externo, que ultrapassa, pela sua gravidade e/ou intensidade as defesas do indivíduo. É a esta noção de trauma, proveniente da medicina, que a Psicologia vai adotar para explicar o trauma psíquico.

Por trauma psíquico entendemos qualquer acontecimento que, tal como acontece no trauma físico, não é controlável pelo indivíduo e que devido à sua imprevisibilidade, intensidade e gravidade provoca uma experiência intensa com que o mesmo não consegue lidar e que vai para além dos mecanismos de defesa que utiliza no dia-a-dia (Sandler, 1991). O indivíduo é confrontado com um acontecimento que não conseguiu prever e que, pelo seu factor surpresa, o coloca numa posição de impotência, angústia, medo e desamparo, sentindo que não possui as capacidades ou aptidões necessárias para lhe fazer face. Podemos assim entender o conceito de trauma psíquico, de uma forma geral, como o “acontecimento na vida do indivíduo que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o indivíduo de lhe responder de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogénicos que provoca na organização psíquica” (Laplanche & Pontalis, 1970)

Contudo, para uma compreensão mais profunda do conceito de trauma é igualmente importante analisar a experiência que o acontecimento traumático acarreta para o indivíduo, sendo importante perceber o funcionamento psíquico do mesmo e as modificações que advêm do acontecimento traumático. São estas mesmas modificações no funcionamento psíquico do indivíduo que provêm não apenas do acontecimento traumático, mas sobretudo da sua experiência, que importa compreendermos para percebermos o trauma e as suas consequências, nomeadamente a nível patológico.

Os efeitos patogénicos desencadeados por um acontecimento traumático estes encontram-se sobretudo ligados a reacções de resposta ao stress que podem ser momentâneas e portanto apresentarem uma duração relativamente curta, ou que se prolongam no tempo dando origem a diversas patologias como é o caso da perturbação de stress pós-traumático.

A perturbação de stress pós-traumático (PTSD) tem a sua origem epidemiológica em 1980, enquanto entidade nosológica reconhecida pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1980), no seguimento de algumas dificuldades forenses relacionadas com o aumento do número de mortes entre ex-combatentes. Surgindo a necessidade de explicação deste aumento, verificando-se que o mesmo estaria ligado às neuroses de guerra ou traumas de guerra, já anteriormente estudados em Psicologia.

No caso específico desta perturbação em ex-combatentes foram sobretudo os estudos desenvolvidos entre as décadas de 60 e 70 com ex-combatentes da Guerra do Vietname que estiveram na base do reconhecimento científico desta perturbação.

Porém, poucos são os estudos desenvolvidos em Portugal sobre a incidência desta patologia em ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa. A nível científico, de acordo com um estudo realizado por Albuquerque et. al (2003), 75% da população portuguesa revela já ter sido exposta a pelo menos um acontecimento traumático ao longo da vida, sendo que 43,5% da população revela já ter sido exposta a mais do que um acontecimento traumático durante a vida. De acordo com o mesmo estudo, a taxa de prevalência da perturbação de stress pós-traumático em Portugal é de cerca de 7,87% da população (Albuquerque, Soares, Jesus, & Alves, 2003, p. 309). Apesar de não ser possível considerar esta perturbação como a regra mas sim como a excepção, existe em Portugal uma larga percentagem de ex-combatentes da Guerra Colonial diagnosticados com esta patologia, existindo contudo poucos estudos que o contemplem. No único estudo epidemiológico realizado na população portuguesa, Albuquerque et. al (2003) verificou que a prevalência da perturbação de stress pós-traumático com origem em traumas de guerra é de 66,475 casos (Albuquerque, Soares, Jesus, & Alves, 2003, p. 309).

Posto isto, a presente investigação tem como principal objectivo aprofundar o conhecimento existente sobre os acontecimentos traumáticos que originaram o trauma em ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa, bem como a perturbação de stress pós-traumático presente nesta população. Procurou-se sobretudo aceder a uma análise compreensiva do funcionamento psíquico associado à experiência traumática subjectiva que envolve o trauma e nas suas consequências, como é o caso da vulnerabilidade traumática.

Esta investigação encontra-se organizada em quatro partes distintas. A primeira parte visa a discussão crítica do conceito de trauma psíquico, a sua origem e evolução focando-se numa perspectiva psiquiátrica e cognitivo-comportamental do trauma, dando ênfase ao acontecimento externo e às consequências do mesmo. A segunda parte assenta sobretudo numa perspectiva psicanalítica do trauma procurando explorar o conceito incidindo não só no acontecimento externo, mas também a experiência interna e o seu impacto no funcionamento psíquico do indivíduo. A terceira parte aborda duas perspectivas psicanalíticas sobre o trauma, sendo elas: Freud e Ferenczi. Por último, na quarta parte será analisada a perturbação de stress pós-traumático, através da análise dos estudos realizados nesta área em Portugal.

I. Trauma e Acontecimento Traumático

Como referido anteriormente, a Psicologia vem sobretudo retomar a noção de trauma enquanto ferida proveniente da medicina na explicação e compreensão do trauma psíquico. Retomando esta ideia, em várias áreas da Psicologia, mas também na Psiquiatria, o trauma encontra-se sobretudo ligado ao acontecimento traumático e portanto aos factores externos que provocaram o trauma, negligenciando a importância da experiência subjectiva do indivíduo.

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2002), o conceito de trauma pode ser entendido como “a experiência pessoal directa com um acontecimento que envolva morte, ameaça de morte ou ferimento grave, ou outra ameaça à integridade física; ou observar um acontecimento que envolva morte, ferimento grave ou ameaça à integridade de outra pessoa; ou ter conhecimento de uma morte violenta ou inesperada, ferimento grave ou ameaça de morte ou ferimento vivido por um familiar ou amigo íntimo” (APA, 2002, p.463). Apresentando uma visão do trauma como algo externo, que resulta de situações extremas ligadas sobretudo ao próprio corpo, como é o caso da morte ou ferimento, apresentando sobretudo uma noção muito próxima da medicina e não tanto da Psicologia.

Diferindo da medicina, em Psicologia, torna-se relevante compreender-se o trauma como algo que tem origem no exterior, num acontecimento externo, mas que apresenta repercussões a nível interno, i.e. ao nível do funcionamento psíquico. O conceito de trauma psíquico é entendido, na sua generalidade, como decorrente de um acontecimento que abalou de tal forma o indivíduo que provocando modificações consideráveis no seu modo de funcionamento psíquico. Esta delimitação do conceito introduz a problemática da tensão entre o que é interno e o que é externo no trauma, uma tensão entre aquilo que resulta do acontecimento e o que resulta da experiência subjectiva do indivíduo (Sandler, 1991).

Tendo então em consideração a origem do conceito e a tensão que a mesma provoca ao nível do que é interno e do que é externo, é importante ao falarmos de trauma psíquico ter em conta três factores que nos ajudam a compreender este fenómeno. Numa perspectiva mais cognitivo-comportamental torna-se primeiramente necessário a exploração do acontecimento traumático, em segundo lugar as modificações internas que este acontecimento causou no indivíduo ao nível do seu funcionamento psíquico e, em terceiro lugar, as consequências destas modificações.

Deste modo, em primeiro lugar e a nível externo é necessário perceber-se a origem do trauma e, portanto, explorar o acontecimento traumático. Por acontecimento traumático, como já

referido anteriormente, entende-se qualquer acontecimento que, devido à sua magnitude e imprevisibilidade, coloque o indivíduo numa posição de impotência tal, que este sente não possuir as capacidades necessárias para lhe fazer face. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-III-R, 1987) é considerado traumático um acontecimento que ultrapasse a experiência humana dita normal. Assim, dentro do amplo espectro de acontecimentos passíveis de ocorrer, segundo Fog. et. al (1999) podem ser agrupados em nove categorias: acidentes graves com características diversas, como é o caso de acidentes de avião ou queda de uma ponte; desastres naturais, como é o caso de furacões, vulcões ou inundações; agressão criminosa, como ataques terroristas ou assaltos violentos; exposição a situações de combate, como é o caso de pessoas com vivência de guerra devido à vida militar; agressão sexual, como é o caso da violação; abuso sexual infantil; abuso físico ou negligência grave na infância; situações de rapto, prisioneiros de guerra, tortura ou deslocação forçada devido a condições de guerra e, por último, testemunhar ou tomar conhecimento de acontecimentos traumáticos (Vaz Serra, 2003, p.20).

Apesar de estas serem as categorias de acontecimentos que são, pela sua prevalência, considerados traumáticos, é importante reter que a subjectividade do indivíduo e a sua vulnerabilidade para o trauma contribuem e marcam significativamente a percepção e vivência de um acontecimento enquanto traumático. Um acontecimento é traumático quando o indivíduo sente que não possui capacidades ou recursos pessoais e/ou sociais para lidar com o mesmo conduzindo-o a uma reacção de *stress* intenso. Dado que um acontecimento pode ser considerado traumático para um indivíduo e para outro não o ser, devido à noção de experiência subjectiva e de vulnerabilidade, um acontecimento só deve ser considerado traumático quando “representa uma ameaça para a vida ou segurança de uma pessoa e ultrapassa em intensidade as ocorrências comuns, deixa usualmente o indivíduo desesperado e sem saber o que deve fazer” (Vaz Serra, 2003, p. 12). Em suma, e de acordo com Landsman (2002) o acontecimento traumático empurra o ser humano até ao limite da sua existência e, por isso, esmaga a capacidade de ajustamento de qualquer pessoa e a sua forma de lidar com o problema (Landsman (2002) cit. Vaz Serra, 2003, p.19).

Importa então perceber quais as alterações que este acontecimento externo provoca no indivíduo, a nível interno, sendo este um dos elementos a ter em conta quando falamos de trauma: quais as suas consequências? Ao nível das consequências, estas podem ser distinguidas segundo a diferenciação do tipo de memória que é por elas criada. Ao tipo de memórias criadas na sequência de um acontecimento traumático designamos por memórias inacabadas ou não

resolvidas, ao invés, as memórias resultantes de um acontecimento que não é considerado traumático, ou seja, algo que não exceda os recursos do indivíduo, chamamos de memórias finalizadas ou resolvidas (Horowitz, 1999, p. 4). As memórias inacabadas são marcadas por serem excessivamente imagéticas e quase reais, com repetições constantes e evocações emocionais frequentes, como um sinal de alarme. Estes tipos de memórias impõem-se de tal forma ao indivíduo que conduzem a uma dificuldade de controlo perante as mesmas e uma impossibilidade de o indivíduo se dispersar perante estas. Revelam uma barreira muito ténue entre o que é real e o que não é real, provocando uma difícil relação identitária para o indivíduo. Relativamente às memórias finalizadas, estas são marcadas por recordações menos frequentes e voluntárias ligadas a emoções menos dolorosas, permitindo uma clara distinção entre o que é real e imaginário. (Horowitz, 1999, p. 4).

Tendo em conta o tipo de memórias que um acontecimento traumático induz no indivíduo, uma das consequências que se assiste com maior frequência está ligada a uma reformulação do indivíduo e do seu funcionamento psíquico, sendo esta uma das características mais importantes para a compreensão do trauma e do processo traumático.

Perante a ocorrência de um acontecimento traumático o indivíduo reformula a sua maneira de estar e de ver o mundo que o rodeia, gerando uma mudança significativa nos seus padrões de funcionamento. Por norma, encaramos o mundo como um local seguro e relativamente controlável, considerando as mais diversas acções e tarefas que desempenhamos durante o dia como asseguradas por nós e por isso dentro do nosso controlo, permitindo-nos decidir aquilo que queremos e não queremos fazer, aquilo que pensamos, recordamos e sentimos. No entanto, na sequência de um acontecimento traumático existe um reajuste na nossa maneira de ver o mundo. O acontecimento traumático, ao ser definido como tal, implica que tenha surgido através de uma premissa não controlável pelo indivíduo, que o mesmo não previu e que como tal não foi capaz de controlar ou impedir.

Após o acontecimento traumático, ocorre uma reviravolta no funcionamento psíquico do indivíduo. Até então o mundo era percebido como um sítio seguro e controlável, tornando-se por isso previsível, deixando de ser encarado como tal quando o indivíduo compreende que existem factores e acontecimentos que não controla. O indivíduo passa então a viver num mundo onde se sente constantemente ameaçado e atacado por sentimentos e pensamentos ligados a esta falta de controlo e à imprevisibilidade dos acontecimentos tornando-se, por isso, rapidamente num acontecimento traumático. A recordação do acontecimento traumático vai despoletar no indivíduo um sentimento de insegurança perante as mais variadas situações, originando uma

sensação de tarefa inacabada devido à rememoração constante do trauma sentida por isso como algo que ainda não acabou, que pertence ao presente e que está intimamente relacionado com sentimentos e pensamentos do trauma. O acontecimento traumático é sentido e vivido como uma tarefa inacabada, que não ficou no momento passado mas que se desenrola no presente e no futuro.

“O indivíduo vive num estado de expectativa constante, de vigilância relativa a um retorno do evento que é temido, tornando-se de certa forma, cronicamente ansioso. Dada a sua necessidade desesperada de evitar o confronto com mais um evento como este, o indivíduo tenta arduamente evitar situações que o façam recordar o mesmo, chegando inclusivamente a tentar suprimir todos os pensamentos ou imagens deste evento. No entanto, esta tentativa de supressão, juntamente com a necessidade de alguma forma chegar a um acordo com uma presença tão perigosa no seu mundo, resulta numa espécie de retorno do suprimido, em que é obrigado a reviver o passado em devaneios, sonhos ou mesmo flashbacks” (Bergner, 2009, p. 269).

Assim, e como sugere Vaz Serra (2003), são diversas as características descritas na literatura sobre o tema que definem e diferenciam um acontecimento traumático de outras situações de stress, tais como: diminuição do equilíbrio da vítima, deixando-a em sofrimento; alteração do sentimento de segurança e auto-suficiência, bem como a sua susceptibilidade na ligação com os outros; aniquilamento dos mecanismos de adaptação; questionamento dos pressupostos básicos da vida, da justiça e previsibilidade; alteração da experiência emocional, cognitiva e comportamental; confrontação com a vulnerabilidade de si próprio em relação ao mundo e conseqüente alteração da concepção do mundo como um lugar seguro; ausência de predictabilidade e controlabilidade e empobrecimento da auto-estima (Vaz Serra, 2003).

Em conseqüência da exposição a um acontecimento traumático é frequente ocorrerem sinais e sintomas de medo, ansiedade, reexperiência da situação traumática, hiperestimulação, comportamentos de evitamento, anestesia emocional, depressão, culpa e vergonha, entre outros (Riggs & Foa, 2004). A expressão destes sinais e sintomas pode surgir de duas formas diferentes, como resposta à situação traumática: perturbação aguda de stress (PAS), que se caracteriza pelo aparecimento após a situação traumática, sendo de curta duração (entre dois dias a quatro semanas) e a perturbação de stress pós-traumático (PSPT), que é caracterizada por uma reacção grave e persistente dos sintomas acima descritos.

De acordo com Horowitz (1999) o processo de resposta ao trauma desenvolve-se em seis fases: (i) equilíbrio “normal”, (ii) tumulto, (iii) negação, (iv) intrusão, (v) “passar por cima” e (vi) realização. A primeira fase – equilíbrio - corresponde à fase em que a experiência é consciente e os padrões de acção do indivíduo são os padrões ditos normais e utilizados por si no quotidiano. A segunda fase – tumulto-, com presença do evento/memória traumática, é marcada pelo tumulto. Regista-se um aumento das ideias e emoções de grande intensidade. A terceira e quarta fase – negação e intrusão, respectivamente – são marcadas por emoções confusas e contraditórias e pelo evitamento de memórias ligadas ao evento (negação), bem como por memórias intrusivas e sentimentos intensos (intrusão). A quinta fase – “passar por cima” – representa uma tentativa de resolução do problema, com oscilação entre memórias intrusivas e experiências omissas, cada vez menos frequentes. Caso o indivíduo tenha a capacidade de ultrapassar estas fases, chega à sexta fase – realização – com conseqüente resolução do problema e regresso ao equilíbrio (Horowitz, 1999). Ainda de acordo com a mesma autora, caso as fases de tumulto, negação e intrusão se prolonguem ou sejam excessivamente intensas podemos assistir a cenários de pânico, exaustão, dissociação, psicose reactiva, evitamento mal adaptativo e reacções pós-traumáticas prolongadas. Caso sejam ultrapassadas mas ocorra um bloqueio na quinta fase, podem surgir reacções psicossomáticas e comportamentos desadequados. Por último, caso o indivíduo nunca consiga atingir a fase de realização da problemática, isto pode conduzir a perturbações de personalidade e constrictões para agir e para amar (Horowitz, 1999).

Assim, um acontecimento só deverá ser considerado traumático caso afecte o indivíduo e a sua vida ao nível das suas capacidades para lidar com os diferentes estímulos transmitidos pelo acontecimento traumático, provocando uma angústia permanente devido a esta incapacidade para os conter.

Por último, outro dos factores a ter em conta quando falamos em trauma diz respeito à vulnerabilidade traumática do indivíduo. Por vulnerabilidade traumática entendemos qualquer tendência do indivíduo, resultante do processo traumático que o torne mais vulnerável perante outros acontecimentos potencialmente traumáticos.

Em suma, embora a noção de trauma tenha a sua origem na medicina, enquanto ferida no corpo do indivíduo e embora a Psicologia tenha utilizado esta definição para o estudo e desenvolvimento do trauma físico, a realidade é que o conceito vai para além de factores meramente externos. De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2002), o conceito de trauma deve ser entendido como qualquer acontecimento externo que ocorra ao indivíduo ou do qual o mesmo tenha conhecimento e que provoque no mesmo alguma

modificação, estando por isso a concepção de trauma aqui muito mais ligada e confinada ao acontecimento externo e não às modificações internas decorrentes do mesmo.

Já numa vertente mais cognitivo-comportamental, como a que foi abordada anteriormente, podemos ver que a noção de trauma é essencialmente descrita tendo em conta uma perspectiva que procura a compreensão do acontecimento externo, focada no estabelecimento de uma relação entre o trauma e os acontecimentos externos passíveis de o provocar, embora enquadre igualmente uma perspectiva interna de foro cognitivo-comportamental, ligada sobretudo às modificações nos comportamentos e pensamento do indivíduo.

No entanto, ambas as visões sobre o trauma psíquico apresentam-se como redutoras, uma vez que para compreendermos o acontecimento traumático temos que procurar conhecer não só qual o acontecimento em si que despoletou o trauma, sendo este um dos factores preponderantes para a compreensão do mesmo, mas também quais as modificações internas que ocorreram no indivíduo. Importa-nos por isso compreender o que conduziu a que um determinado evento fosse considerado traumático para um dado indivíduo e como o mesmo foi ou não digerido pelo aparelho psíquico. Tal como é referido ao nível de uma perspectiva cognitivo-comportamental para o conceito de trauma, este só pode ser entendido como tal caso provoque no indivíduo uma sensação de incapacidade para responder à magnitude que o acontecimento acarreta. Assim, importa-nos compreender de que formas diferentes indivíduos apresentam diferentes reacções ao trauma.

Tendo em conta a subjectividade do indivíduo e a sua individualidade. Compreendermos qual o seu modo de funcionamento psíquico até ao acontecimento traumático e qual o seu modo de funcionamento psíquico após o acontecimento traumático. A Psicanálise veio desenvolver esta importância entre o que é interno e o que é externo e portanto entre aquilo que é experiência e o que é acontecimento.

II. Perspectiva Psicanalítica do Trauma

Para a Psicanálise, o conceito de trauma emerge, desde cedo, como um conceito preponderante para o entendimento dos mais diversos fenómenos ligados à compreensão de comportamentos e com o diagnóstico das mais diversas patologias identificáveis no ser-humano, apresentando por isso, ao longo do tempo, uma necessidade de exploração e de compreensão cada vez maior, motivado em grande parte pela multiplicidade de significações que o conceito de trauma abarca. Conceptualmente existiu desde sempre alguma dificuldade na sua delimitação devido a esta multiplicidade de significações, tornando-se por isso relevante ter em conta algumas características que se levantam quando exploramos a noção de trauma.

Em primeiro lugar, ao falarmos de trauma é relevante termos em consideração a origem do conceito e como este se constitui, dependendo de indivíduo para indivíduo, apresentando por isso um carácter subjectivo. Devemos, nesse caso, compreender primeiramente o indivíduo, a sua história e experiência de modo a que seja possível determinar se uma dada experiência pode ou não ser considerada traumática. Assim, tal como acontece na medicina, também em Psicanálise a ideia de trauma como ferida é retomada, tal como refere Garland (2011), “quando chamamos traumático a um evento, estamos a utilizar a palavra que vem do grego e que se refere a uma ferida na pele, uma quebra no envelope corporal” (Garland, 2011, p. 9). No entanto, apesar de retomar esta noção de ferida no envelope corporal, para a Psicanálise importa não só a compreensão do acontecimento que despoletou o trauma mas sobretudo a experiência originada pelo mesmo. Em suma, como refere Sandler (1991), “por norma o acontecimento encontra-se directamente relacionado com acontecimentos exteriores que não são controláveis pelo indivíduo e que ao ocorrerem desencadeiam no indivíduo um processo de relação de objecto que invoca uma determinada significação para o mesmo tornando a experiência traumática, dizendo-se por isso que toda a experiência traumática é uma experiência subjectiva e que depende de indivíduo para indivíduo” (Sandler, 1991, p. 137). O acontecimento traumático só deve ser considerado traumático tendo em consideração o funcionamento psíquico do indivíduo e a experiência traumática que este lhe provoca.

Em segundo lugar é igualmente relevante ter-se em conta as consequências que esta experiência traumática provocou no indivíduo. De acordo com Sandler (1991), é possível fazer-se uma distinção entre dois tipos de consequências patológicas: as consequências imediatas e directas e as consequências secundárias. No âmbito das consequências imediatas e directas, são consideradas todas as consequências que afectam o indivíduo, tanto a nível físico como

psicológico, que provocam danos no aparelho psíquico, mas que devido aos mecanismos de defesa e de adaptação do indivíduo são resolvidas num período de tempo relativamente curto. Não apresentam por isso qualquer tipo de consequências patológicas consideradas graves. Por sua vez, as consequências secundárias, prolongam-se no tempo, chegando por vezes a persistir ao longo da vida provocando o aparecimento e desenvolvimento de patologias consideradas mais graves, como é o caso da perturbação de *stress* pós-traumático. Neste tipo de consequências o trauma é sentido como um corpo estranho que se aloja no indivíduo e que permanece sendo infinitamente repetido e dando origem à patologia (Sandler, 1991). Como forma de tentativa de restauração do equilíbrio psíquico do indivíduo, surgem diversas vezes neste tipo de patologias mais graves, como a perturbação de *stress* pós-traumático, mecanismos inconscientes que procuram esta mesma restauração. Como refere Horowitz (1999), “as omissões traumáticas (negação, confusão, evitamento) devem-se diversas vezes à operação de processos de controlo inconscientes. Estas operações defensivas pretendem restaurar o equilíbrio emocional, prevenir uma descarga emocional e reduzir a desorganização conceptual” (Horowitz, 1999, p. 5).

Tendo em conta as consequências que podem ser causadas pelo acontecimento traumático e pela experiência induzida pelo mesmo, importa, por último, a compreensão da vulnerabilidade traumática resultante desta associação entre acontecimento e experiência. Visto que, a experiência traumática é influenciada sobretudo pela subjectividade do indivíduo ligada ao seu funcionamento psíquico, a vulnerabilidade deve igualmente considerar esta subjectividade, pois resulta igualmente do funcionamento psíquico do indivíduo.

Por vulnerabilidade traumática entende-se qualquer tipo de sensibilidade traumática desenvolvida no indivíduo após a conjugação entre o acontecimento e a experiência traumática e que resulte numa maior propensão para o surgimento de novos traumas. A vulnerabilidade traumática tem as suas bases no funcionamento psíquico do indivíduo e nas alterações que decorreram no mesmo após a experiência traumática, tornando-se por isso igualmente relevante na percepção do trauma.

A par desta necessidade de compreensão da vulnerabilidade traumática coloca-se igualmente a questão da predisposição traumática. A predisposição traumática diz respeito, tal como acontece na vulnerabilidade traumática, a qualquer acontecimento e/ou experiência potencialmente traumática que tenha afectado o funcionamento psíquico do indivíduo e que seja anterior ao acontecimento traumático em causa. Ou seja, procuramos compreender com a análise da predisposição traumática a existência de factores pré-acontecimento traumático que indiquem uma possível tendência para o surgimento do trauma.

Verificamos através destes factores que a compreensão do trauma tem muito a ver com a percepção de uma noção de ruptura, dividindo-se entre o pré-acontecimento e o pós-acontecimento. A distinção em Psicanálise, entre o funcionamento psíquico pré-experiência traumática e pós-experiência traumática, procura revelar as principais diferenças no modo de funcionamento do indivíduo, antes e depois do acontecimento traumático. De acordo com Garland (2011), o trauma pode ser considerado como “um evento que faz precisamente isto, oprime as defesas existentes face à ansiedade de uma forma que ao mesmo tempo serve de confirmação destas mais profundas angústias universais” (Garland, 2011, p. 11). O acontecimento traumático funcionaria então como um acontecimento externo gerador de uma experiência de angústia e ansiedade face a sua ocorrência que colocaria o indivíduo numa posição de ruptura perante si próprio e os que o rodeiam. Como refere Meshulam-Werebe et. al (2003) “o trauma produz a ruptura da continuidade. É perdida a ilusão de continuidade, como uma suspensão da vida emocional, uma detenção do movimento. O trauma se apresenta, não se representa. As palavras não alcançam forma de descrever as experiências vividas, como se uma parte desta experiência escapara de toda a subjectivação. O trauma é o que não pode ser ligado e integrado nos sistemas mnésicos, seria o não representado ou insuficientemente representando, que afecta sempre o equilíbrio narcisista” (Meshulam-Werebe, Andrade, & Delouya, 2003, p. 39). De notar o poder da experiência traumática implícito nesta referência. A experiência traumática torna-se de tal forma intensa para o indivíduo, por toda a angústia que lhe está associada, que escapa à subjectivação. Não é permitido ao indivíduo elaborar e simbolizar.

Em suma, como refere Laplanche (1990), “a psicanálise retomou estes termos (em Freud apenas encontramos trauma), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implicadas: a de um choque violento, a de uma efracção e a de consequências sobre o conjunto da organização” (Laplanche, 1990, p. 679).

II.I Perspectivando o Trauma

O conceito de trauma desempenhou um papel significativo nas teorias iniciais de Freud, construindo as suas bases empíricas do conceito a partir do tratamento e diagnósticos dos seus pacientes neuróticos, sobretudo ao nível da histeria.

Nas suas primeiras concepções sobre o trauma na histeria, Freud começa por abordar aquela que seria denominada a Teoria da Sedução, segundo a qual, o trauma apresentado pelas pacientes

históricas estaria sobretudo ligado a um trauma baseado num acontecimento externo de cariz sexual, sendo o processo traumático derivado deste abuso sexual experienciado pelo indivíduo em criança. O trauma na histeria seria vivido de duas formas diferentes: um primeiro momento em que o acontecimento seria vivido de forma passiva visto não existir controlo da situação por parte do indivíduo devido à imaturidade manifestada pelos seus mecanismos psíquicos e um segundo momento, em que o indivíduo já revelaria maturidade psíquica que lhe permitiria a atribuição de um significado ao acontecimento, dando origem ao trauma propriamente dito. Neste caso seriam as lembranças do acontecimento traumático que despoletariam o trauma e não o acontecimento por si só. Mais tarde, com a evolução do tratamento da histeria, Freud compreende que as cenas de sedução descritas pelas pacientes eram muitas vezes fruto de uma reconstrução fantasmática relacionada sobretudo com a evolução da sexualidade infantil. Assim, diversas vezes, a sedução em si e o abuso sexual não eram reais mas sim fantasiados constituindo-se assim como o ponto de partida para as seguintes concepções de Freud sobre o trauma. Ao desenvolver a noção de líbido associada ao processo traumático como uma energia que é descarregada na sequência de um afluxo excessivo de excitação e que, por sua vez, daria origem ao trauma, Freud compreende que o próprio funcionamento psíquico funciona tendo como base o plano pulsional.

Outra das questões centrais na teoria de Freud sobre o trauma estaria ligado ao processo de rememoração dos seus pacientes. Na sua obra “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914), o autor refere que nem tudo o que correspondia ao trauma era passível de ser rememorado e que em diversas situações aquilo que não o podia ser aparecia de uma outra forma, nomeadamente através da repetição. Ou seja, esta rememoração seria realizada através da repetição de fenómenos na vida do indivíduo, sem que muitas das vezes o mesmo se aperceba da sua presença.

É então a partir de 1920 que a noção de trauma psíquico passa a ser encarada por Freud como uma consequência de uma ruptura existente nos escudos defensivos do aparelho psíquico, causada por um excesso de excitação proveniente do exterior e que colocaria em causa o funcionamento psíquico do indivíduo. Para o autor, as neuroses traumáticas “dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático (...) é como se os pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda estivessem frequentando-a como tarefa imediata, não executada” (Freud, Fixação em traumas: o inconsciente. , 1976, p. 325), visto existir uma repetição constante por parte do paciente. Neste caso, a compulsão à repetição conduzia o paciente a repetir frequentemente esse acontecimento traumático, como se nunca o tivesse realmente finalizado.

Na obra *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud procede a uma reformulação da metapsicologia proposta por si até então, procurando questionar o ponto de vista económico, considerando que a energia psíquica funcionaria no plano quantitativo, procurando perceber como a energia circulava, era investida e se repartia entre as diferentes instâncias do aparelho psíquico. É aqui introduzida a dualidade pulsional como um dos elementos fundamentais para a economia psíquica. Freud (1920), considerou como traumática qualquer experiência que causasse uma excitação intensa e que fosse, por isso, suficientemente forte para atravessar a barreira ou escudo protector envolvente do aparelho psíquico – membrana protectora do Ego – originando uma ruptura ou quebra ao nível do Princípio do Prazer. Utilizando esta analogia de comparação do aparelho psíquico com uma vesícula indiferenciada e susceptível aos mais diversos estímulos, seria função deste escudo protector filtrar os estímulos provenientes do exterior e libertá-los de uma forma gradual para as camadas internas da vesícula, de forma a protegê-la de grandes quantidades de excitação. Caso existisse uma falha neste escudo protector, a vesícula seria permeável ao estímulo exterior, dando origem ao trauma. De um modo geral, o trauma é aqui encarado como resultado do desprazer sentido pelo indivíduo aquando desta ruptura que, ao ser sentida com elevados níveis de angústia, conduziria a uma diminuição de todas as operações psíquicas do indivíduo tornando-o mais susceptível.

Partindo desta noção de repetição e de dualidade pulsional, Freud (1920) introduz a noção de compulsão à repetição, apresentando-a como um fenómeno ligado às pulsões, nomeadamente ao nível do prazer e desprazer, e à sua actuação no funcionamento psíquico. As pulsões apareceriam directamente relacionadas com as representações dos afectos, transportando consigo uma carga emocional que derivaria destas mesmas representações. Deste modo, apesar de a compulsão à repetição se encontrar directamente ligada a sensações de prazer e desprazer demonstrar-se-ia indiferente ao Princípio do Prazer na medida em que iria ao encontro de uma repetição de eventos considerados desagradáveis. Seria portanto o que de mais pulsional existiria dentro da própria pulsão, definindo-se por isso como um mecanismo primitivo que relevava a eficácia das pulsões de morte.

Posto isto, de acordo com Freud (1920), a compulsão à repetição não deveria ser entendida como uma forma de resistência do inconsciente. Pelo contrário, estas resistências teriam a sua origem no Ego e como tal a compulsão à repetição deveria ser atribuída ao inconsciente recalcado. Torna-se aqui necessária a compreensão entre Ego coerente e Ego recalcado, postulados por Freud (1920). O Ego coerente diria respeito ao Ego tal como o conhecemos, como uma instância do aparelho psíquico responsável pelo material inconsciente –

sendo aqui que se originariam as resistências – e, o Ego recalcado diria respeito ao inconsciente recalcado, que daria origem à compulsão à repetição.

Ao mesmo tempo, Freud (1920) acrescenta que a própria compulsão à repetição funcionaria com base no Princípio do Prazer apesar de se demonstrar indiferente ao mesmo, isto porque, na compulsão à repetição seria procurado um evitamento do desprazer que seria sentido se existisse uma libertação daquilo que está recalcado. A compulsão à repetição auxiliaria o desenvolvimento de uma tolerância ao desprazer e consequentemente à actuação do Princípio da Realidade. Ou seja, alguns processos – como no caso dos sintomas neuróticos – iriam gerar desprazer na medida em que existe uma busca de satisfação por parte do inconsciente que teria como consequência sensações de desprazer para o pré-consciente e consciente. Seria nestes casos que existiria uma tolerância ao desprazer em concordância com o Princípio da Realidade, num processo que poderia ser considerado como uma espera por uma satisfação real. Assim, o desprazer sentido na compulsão à repetição seria proveniente do facto de a mesma trazer à superfície uma série de impulsos derivados dos instintos recalcados surgindo assim a necessidade de lembrar que tudo aquilo que por um lado é desprazer por outro lado é prazer, em virtude de não existir uma oposição total ao Princípio do Prazer na medida em que aquilo que é sentido como desprazer para o Ego é sentido como prazeroso para o inconsciente.

Seria assim compreensível que a compulsão à repetição funcionasse como uma manifestação do inconsciente recalcado e que os fenómenos, tanto de recalçamento como de resistência, estivessem ligados ao Princípio do Prazer, visto terem como objectivo último o evitamento do desprazer que seria sentido caso as representações ou acontecimentos recalcados fossem libertados e chegassem à consciência. De acordo com o mesmo autor, “não há mais a possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos: em vez disso, surge outro problema, o problema de dominar as quantidades de estímulos que irromperam e de vinculá-los no sentido psíquico a fim de que delas se possam desvencilhar” (Freud, Além do Princípio do Prazer, 1920, p. 45).

Ainda em 1920, Freud procura perceber a ligação dos sonhos nas neuroses traumáticas, afirmando que os mesmos reconduziriam o paciente a uma situação ou acontecimento traumático, fazendo-os despertar de certa forma com terror e medo, proveniente sobretudo do factor surpresa presente neste tipo de neuroses. Aqui, o sonho permitiria reviver o acontecimento traumático, apresentando por isso uma fixação no trauma e a própria compulsão à repetição, ligadas a uma possível tendência masoquista do Ego. “O estudo dos sonhos de pacientes com neuroses traumáticas possui características de repetidamente trazer o paciente de volta à situação

de seu acidente, numa situação da qual acorda em outro susto, o que não seria de se esperar quando se considera a natureza do sonho uma realização de desejos do paciente” (Meshulam-Werebe, Andrade, & Delouya, 2003, p.39).

Outra das temáticas abordadas por Freud (1920), nesta obra, diz respeito aos jogos infantis. Aborda aqui a questão do jogo do carretel, em que nota que em diferentes jogos as crianças repetem inúmeras situações que são por si vivenciados no dia-a-dia e que espelham muitas vezes vivências de desprazer. No caso específico – discutido pelo autor – verifica-se no jogo a repetição de um evento traumático ligado ao desaparecimento e ao retorno da mãe. Através da encenação do desaparecimento e ressurgimento da própria mãe, a criança encontra uma forma coerente de lidar com a ausência da mãe através do desaparecimento e retorno quer de si próprio quer dos seus objectos, constituindo esta brincadeira uma repetição em si mesmo, um impulso hostil e ainda uma reprodução do próprio prazer. Podemos ver este jogo como uma repetição em si mesmo, na medida em que o mesmo se apresenta como um princípio primitivo, elementar e pulsional do Princípio do Prazer ao mesmo tempo que é uma reprodução do prazer ligado ao retorno da mãe e a um impulso hostil ligado ao acto de separação perante a mesma. Os jogos infantis poderiam, por isso, ser pensados como estando relacionados e intimamente ligados ao Princípio do Prazer, em que a repetição de uma experiência de desprazer podia ser vista como uma tentativa de resolução da mesma e de vivenciar de uma forma activa aquilo que anteriormente teria sido vivenciado de uma forma passiva, como é o caso da separação da mãe. A compulsão à repetição serviria assim como uma tentativa de elaboração do trauma.

Em suma, foi através da análise das repetições dos actos dos indivíduos, quer nos sonhos – nomeadamente ao nível das neuroses traumáticas – quer ao nível dos jogos infantis, que Freud (1920), compreendeu um funcionamento psíquico relativamente diferente daquele que haveria postulado anteriormente, nomeadamente em termos do Princípio do Prazer e do Princípio da Realidade. “A repetição então seria a reactualização contínua desta pulsão de morte. Sua função seria a tentativa contínua de reduzir o trauma, endireita-lo, integrá-lo a ordem simbólica. Porém como se trata de algo impossível de ser simbolizado [em última instância a própria morte], essa repetição se torna inoperante e gera um automatismo que acaba por se perpetuar” (Prota, 2000, p. 4). “O trauma psíquico, ou a lembrança do trauma, atua como um corpo estranho, que muito depois de sua entrada, continua como um agente que ainda se acha em acção” (Meshulam-Werebe, Andrade, & Delouya, 2003, p39).

Também Ferenczi (1930), vem desenvolver o conceito de trauma procurando primeiramente a sua exploração ligada ao evento real e ao evento percebido, à semelhança de

Freud nos seus estudos com a histeria. Assim, Ferenczi (1930) começou a explorar o conceito de trauma psíquico relacionado sobretudo com o evento real enquanto factor exógeno e produtor de modificações no funcionamento psíquico. Ao explorar a importância e as modificações decorrentes das técnicas analíticas iniciais, como é o caso da catarse, foi-se apercebendo da relevância do material mnésico tendo em conta os indícios claros sobre a importância dos acontecimentos traumáticos para a etiologia das neuroses, abandonada anteriormente por Freud. A teoria Ferencziana sobre o trauma assenta fundamentalmente em dois pontos distintos. Por um lado, a noção de trauma como estruturante e necessário para o desenvolvimento do indivíduo, como acontece por exemplo no caso do desmame. Por outro lado, os acontecimentos traumáticos como potenciais obstáculos e entraves ao bom desenvolvimento do mesmo. Neste caso, pretende-se explorar as noções de trauma como um entrave para o desenvolvimento do indivíduo.

Ferenczi retoma a importância de se pensar no acontecimento traumático e no próprio trauma como um factor etiológico preponderante para o aparecimento das neuroses, mas também, como uma verdadeira consequência da sedução real de uma criança por um adulto. O trauma depende sobretudo de uma falha na relação estabelecida entre o indivíduo e o outro, podendo por isso ser entendido como resultante da acção do objecto sobre o sujeito. O autor enfatiza sobretudo questões relacionadas com os cuidados para com a criança como principais e potenciais impulsionadores de traumas que deixariam traços na vida psíquica da criança. Retomando a Teoria da Sedução, Ferenczi (1933) postula a existência, por parte da criança, de uma sedução a que dá o nome de linguagem de ternura e que corresponderia a um tipo de organização sexual e psíquica, ainda sob o primado pré-genital, que o adulto não consegue reconhecer e à qual responde com a chamada linguagem de paixão. Ou seja, de um lado existiria a criança, sexualmente imatura perante a situação que lhe é apresentada e que interage ludicamente com o adulto através da expressão da linguagem de ternura e, por outro lado, existiria um adulto que interpretaria as brincadeiras e fantasias expressas pela criança como sendo desejos de um indivíduo sexualmente maduro, respondendo à sedução da criança através da linguagem de paixão, perdendo de certo modo a noção dos limites mantendo relações sexuais com a criança de uma forma que ela é incapaz de integrar devido à sua imaturidade. Ao existir esta diferença entre linguagens e a incompreensão por parte da criança perante o acontecimento, este é acompanhado por mecanismos de negação, ocorrendo uma clivagem narcísica, ou seja, uma suspensão da actividade psíquica e uma passividade desprovida de qualquer tipo de resistências facilitando o processo traumático. Contudo, neste caso e dada a imaturidade por parte da criança, não existiriam memórias relativas a este acontecimento, pelo que o mesmo seria repetido por outras

vias e não através da representação do acontecimento. Para além disto, a criança utilizaria ainda o mecanismo de introjecção do agressor, neste caso o adulto, como consequência deste trauma, por outras palavras, o medo sentido pela criança perante o aniquilamento obrigaria a mesma a identificar-se com o agressor para que o mesmo fosse de certo modo eliminado da sua realidade exterior e passasse a existir apenas a um nível intrapsíquico. Ao existir uma falha neste mecanismo de introjecção, decorrente da procura de significado da sedução da criança perante o adulto e o desmentido da mesma, a criança não iria ser capaz de elaborar o conflito devido à confusão perante a própria sedução e o seu desmentido, não permitindo que ocorresse o mecanismo de introjecção do eu levando a uma destruturação da criança. Seria então a própria sedução mas também o seu desmentido, ou não confirmação, que iria adquirir um valor traumático para a criança conduzindo-a a não identificar o adulto como alguém que a ama e protege, mas sim como alguém que a traumatiza. Em suma, todo o processo de introjecção seria impossível, ficando comprometido devido à confusão de línguas (linguagem de ternura e linguagem de paixão) originando então o trauma. “O trauma patogénico, portanto, se dá em pelo menos dois momentos, o evento traumático e o posterior desmentido. Como produto do desmentido do adulto à paixão com que respondeu à demanda da criança por ternura, o trauma se torna um corpo estranho no psiquismo desta, e produz-se uma situação em que a introjecção é impossível” (Favero, 2009, p. 173).

Ferenczi considerava então que para que fosse possível ter acesso a este tipo de traumas, o indivíduo teria que ser capaz de vivenciar estes acontecimentos traumáticos de forma a conseguir compreendê-las e ordená-las numa cadeia associativa.

Tal como em Freud, também em Ferenczi a sedução é associada a um acontecimento traumático que não permite ao indivíduo a elaboração deste mesmo trauma, por um lado devido à incapacidade de elaboração, por outro lado, devido a esta incapacidade de elaboração e posterior desmentido.

Através destas perspectivas psicanalíticas sobre o trauma podemos concluir que o trauma é entendido como “um evento que, para um indivíduo em particular, rompe ou substitui o processo discriminatório e a filtragem, e substitui qualquer recusa temporária ou patch-up do dano. A mente é inundada com um tipo e grau de estimulação que é muito mais do que pode fazer sentido ou controlar. Algo muito violento que se sente que aconteceu internamente e isso reflecte a violência que é sentida ao ter acontecido, ou de facto que aconteceu, no mundo externo” (Garland, 2011, p. 10).

Percebemos aqui a importância e a necessidade da elaboração do trauma para a sua resolução e as consequências que esta impossibilidade de elaboração acarreta para a vida do indivíduo. No caso da compulsão à repetição, este mecanismo remete para uma tentativa de resolução e de apaziguamento do trauma que, devido às suas próprias características, conduz a uma incapacidade de elaboração do mesmo, mantendo o trauma presente através desta compulsão à repetição, como por exemplo nos sonhos. Em Ferenczi (1933) o papel do desmentido e do entrave que este vem colocar à elaboração do trauma, promovendo o próprio processo traumático.

Importa assim perceber de que forma é expressa esta incapacidade de elaboração e integração do trauma. Por um lado, de que forma actua a compulsão à repetição na sua tentativa de elaboração e integração do trauma, em casos patológicos como por exemplo a perturbação de stress pós-traumático e, por outro lado, de que modo este desmentido postulado por Ferenczi (1933) funciona como uma condicionante à própria elaboração do trauma, inibindo a sua resolução.

III. Perturbação de *Stress* Pós-Traumático

A perturbação de *stress* pós-traumático apresenta-se como uma das consequências mais relevantes e comuns a nível psicológico e psiquiátrico, sendo caracterizada por sintomas de medo e horror intenso desencadeados por um acontecimentos psicologicamente angustiante que envolva uma ameaça real ou percebida à integridade física do indivíduo (Hien, Litt, & Cohen, 2008).

Em termos históricos e conceptuais, dispomos de um leque variado de estudos referentes ao trauma, desde logo com Freud e a neurose traumática e a sua percepção de como o acontecimento traumático poderia ser real ou imaginado, apresentando sequelas a longo prazo. No entanto, como entidade nosológica esta perturbação foi apenas reconhecida em 1980.

Em 1980, surge então o primeiro diagnóstico ligado à perturbação de *stress* pós-traumático, sobretudo despoletado por questões levantadas na sequência da observação de um aumento da mortalidade entre ex-combatentes. O ressurgimento desta questão levou à realização de investigações que concluíram que estes ex-combatentes teriam sido expostos a situações graves e dolorosas inerentes ao cenário de guerra, dando origem a um forte impacto psicológico, como é o caso da neurose de guerra. Este impacto teria originado por sua vez, dor e sofrimento prolongado desenrolando os mais variados desfechos. Nesse mesmo ano, a Associação Americana de Psiquiatria (APA A. P., American Psychiatric Association, 1980) reconhece esta perturbação integrando-a nas perturbações de ansiedade. É “nesta altura que lhe é reconhecida existência como entidade nosológica autónoma e logo tornada alvo de múltiplas investigações” (Ferros & Ribeiro, 2003, p. 151).

Desde logo e entre as múltiplas questões traumáticas que poderiam ser levantadas, um dos focos de interesse e alvo de investigação diz respeito aos traumas de guerra, bem como a prevalência da perturbação de *stress* pós-traumático em ex-combatentes, como por exemplo os da Guerra do Vietname (1955-1975).

De acordo com um estudo levado a cabo por Foy et. al (1987), no caso dos ex-combatentes da Guerra do Vietname, o facto de terem sido capturados, estarem envolvidos em mortes de civis e o facto de terem sido expostos a diversas atrocidades, representam os factores com maior importância para o desenvolvimento da Perturbação de *Stress* Pós-Traumático (Maia & Fernandes, 2003, p.42). Também referente à Guerra do Vietname, um estudo realizado pelo Congresso Americano em 1984, procurou caracterizar epidemiologicamente os veteranos desta

guerra de guerrilha, concluindo que 30,9% dos ex-combatentes apresentavam sintomas associados à perturbação de *stress* pós-traumático. No caso português, poucos são os estudos existentes nesta área, quer em termos da população portuguesa em termos gerais, quer em termos específicos sobre os ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa (1961-1975).

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA A. P., American Psychiatric Association, 1980), o diagnóstico da perturbação de *stress* pós-traumático deve aplicar-se a todos os indivíduos que se insiram dentro de um quadro sintomatológico dividido em três grandes grupos: a) sintomas de intrusão, como pensamentos recorrentes sobre trauma, pesadelos, flashbacks e reacções exageradas perante a exposição a factores que relembrem o trauma; b) sintomas de constrição e evitamento, bem como esforços de evitamento de pensamentos sobre o trauma, evitamento de locais e actividades que relembrem o trauma e evidência de mais sintomas gerais de alheamento do mundo; c) sintomas de grande intensidade como irritabilidade, insónias, baixa concentração e hipervigilância. De uma forma geral, este tipo de perturbação envolve uma série de sintomas relacionados com a repetição e a intrusão de memórias, associadas frequentemente a emoções negativas e percepções perturbadoras que conduzem o indivíduo a um estado de ansiedade extrema e perda de controlo. Segundo um estudo levado a cabo por Albuquerque, Soares, Jesus e Alves (2003), uma percentagem significativa de indivíduos da população portuguesa (cerca de 75%) já foi exposta a pelo menos um acontecimento traumático ao longo da vida e 43,5% foram expostas a mais do que um evento traumático. O mesmo estudo demonstra ainda que a taxa de prevalência de perturbação de *stress* pós-traumático ao longo da vida varia entre 4,8% no caso dos homens e 11,4% no caso das mulheres, ou seja 7,87% da população (Albuquerque, Soares, Jesus, & Alves, 2003).

“Na sequência da presença portuguesa na Guerra Colonial de 1961 a 1975 (para onde foram mobilizados mais de 800 000 homens) foram publicados alguns estudos nos últimos dez anos, com populações clínicas de ex-combatentes caracterizando e demonstrando a existência de centenas de casos de PTSD crónica” (Albuquerque, Soares, Jesus, & Alves, 2003, p. 312). Segundo Maia et. al (2011), 63% dos veteranos de guerra afirmaram ter estado em posições em que sentiram a sua vida ameaçada ou em risco, 73% afirmaram terem observado colegas feridos, 67% testemunharam a morte de colegas em combate, 56% observaram corpos de colegas e 33% moveram corpos enquanto estiveram mobilizados. Segundo o mesmo estudo, tal como é apontado em situações de guerra de guerrilha como é o caso da Guerra do Vietname e da Guerra Colonial Portuguesa, 40% dos combatentes foram alvo de ferimentos, 16% testemunharam

vítimas civis, 10% moveram corpos civis, 16% observaram corpos do inimigo e 13% moveram-nos (Maia, McIntyre, Pereira, & Ribeiro, 2011, p. 314).

Tendo em conta que “as situações de guerra são um campo fértil, propício à ocorrência de acontecimentos traumáticos, que tendem a ser repetidos e a prolongar-se no tempo (...) o trauma a que eventualmente um combatente pode estar submetido não diz apenas respeito ao risco de combate; igualmente envolve as acções cruentas que cometeu e observou ou a morte que constatou de companheiros seus de convívio diário. A estes aspectos soma-se ainda o *stress* devido à fadiga prolongada, às privações relacionadas com as condições de vida, de alimentação, de adaptação ao meio ambiente e ao afastamento da família” (Vaz Serra, 2003, p.48) compreende-se a necessidade de exploração desta temática também no caso português.

Para além dos factores potencialmente traumáticos acima referidos, um estudo de Albuquerque et. al (1992) revelou que os principais factores de *stress* nos ex-combatentes da guerra colonial são: morte de um camarada (62.5%); combate (55.5%); ferimentos (40%); sede ou fome (15%); assassinato/tortura/violação (12.5%); morte de mulher/criança (12.5%); bombardeamento (12.5%); minas (10%); acidentes (10%); prisão (5%); isolamento (5%); napalm (2.5%); morte de inimigo (2.5%) e treino militar (2.5%) (p. 403). Os sintomas mais referidos entre os ex-combatentes foram: “Evitava recordar-se dessa experiência afastando-se de certos locais, pessoas ou actividades?” (39,1%); “Após essa experiência, notou mais dificuldades do que antes em adormecer ou manter o sono?” (41,9%) e “Tornou-se mais nervoso ou mais facilmente assustado por barulhos ou movimentos?” (48,4%); correspondendo a um total de 508 indivíduos ou seja, 19,5% da amostra total para este estudo (Albuquerque, Fernandes, Saraiva, & Lopes, 1992, p. 403).

De acordo com Dohrenwend et al. (1993), é possível analisar-se a importância que um acontecimento traumático teve para o indivíduo através de três componentes estruturais: qual o estímulo perturbador e portanto indutor de *stress*, compreensão da vida do indivíduo, anterior ao acontecimento traumático e que possa de alguma forma afectar ou ser afectada pelas circunstâncias desse mesmo acontecimento e, por último, as características pessoais ou predisposições possíveis no indivíduo antes do acontecimento (Dohrenwend et al. cit. Vaz Serra, 2003, p.197). Tendo em consideração os factores apontados por este autor para a percepção e compreensão da importância de um acontecimento traumático para o indivíduo, bem como o possível desenvolvimento da patologia associada ao *stress* pós-traumático, podemos compreender que “o impacto da ocorrência depende muito das características do indivíduo sobre o qual incide, bem como de recursos pessoais (que possui) ou sociais (a que tenha acesso). Da conjugação

destes factores depende a repercução que a circunstância vai ter sobre a vida corrente” (Vaz Serra, 2003).

Como é possível verificar, pelos estudos acima mencionados, as investigações realizadas em Portugal relativamente ao trauma e à perturbação de *stress* pós-traumático têm sobretudo um carácter descritivo e incidem sobre uma metodologia quantitativa. A maior parte destas investigações apresenta uma abordagem cognitivo-comportamental, procurando aferir questões como a depressão ou o consumo de substâncias, ou um foro mais psiquiátrico como é o caso da prevalência da sintomatologia, quer em Portugal, quer nesta população específica. Da mesma forma, os estudos com este tipo de população realizaram-se no âmbito da psiquiatria e/ou da psicologia cognitivo-comportamental, procurando a descrever o acontecimento traumático em si e das suas consequências, em detrimento da experiência subjectiva associada.

Esta centralidade colocada no acontecimento externo em detrimento da experiência traumática impede em parte o conhecimento das alterações ao nível do funcionamento psíquico existentes nos ex-combatentes da Guerra Colonial. Coloca-se aqui uma limitação no conhecimento do trauma nesta população, ao cingir-se o alvo de estudo a um nível factual, relacionado com a descrição dos factos ligados ao acontecimento externo. O abandono da tentativa de compreender a experiência traumática, colocando o acontecimento traumático na centralidade do problema, coloca a impossibilidade de realmente compreender o trauma nesta população. Aquilo que é vivido por muitos, como por exemplo mortes ou ferimentos de colegas, não é experienciado da mesma forma por todos os indivíduos nem acarreta as mesmas modificações. É necessária uma maior compreensão da experiência subjectiva ligada ao trauma, pois é sobretudo através da conjugação entre experiência e acontecimento que é possível perceber as modificações no funcionamento psíquico do indivíduo e as consequências do trauma.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A. d., Fernandes, A., Saraiva, E., & Lopes, F. (1992). Distúrbios pós-traumáticos do stress em ex-combatentes da guerra colonial. *Revista de Psicologia Militar, Vol. SPC*, 399-407.
- Albuquerque, A. d., Soares, C., Jesus, P., & Alves, C. (2003). Perturbação pós-traumática do stress (PTSD): avaliação da taxa de ocorrência na população adulta portuguesa. *Acta Médica Portuguesa vol.16*, 309-320.
- APA, A. P. (1980). *American Psychiatric Association*. Cambridge Press.
- APA, A. P. (2002). *DSM-IV-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (4ª ed.)*. Lisboa: Climepsi.
- Bergner, R. M. (2009). Trauma, Exposure and World Reconstruction. *American Journal of Psychotherapy, Vol.63 no.3*, 267-282.
- Favero, A. B. (2009). Trauma e desmentido. *Psychologica. - Vol. 50*, 169-180.
- Ferenczi, S. (1933). "*Confusão de língua entre adultos e a criança*" *Obras completas IV (1992)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferros, L., & Ribeiro, S. (2003). Perturbação Pós-Stress Traumático: História, Conceptualização Teórica, Apoio Empírico e Implicações Terapêuticas. *Revista de Psicologia Militar, vol.14*, 151-161.
- Freud, S. (1976). Além do Princípio do Prazer. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII*. (pp. 17-50). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). Fixação em traumas: o inconsciente. . In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud vol. XVI* (pp. 323-336). Rio de Janeiro: Imago.
- Garland, C. (2011). *Understanding Trauma : A psychoanalytical approach*. London: Karnac.
- Hien, D., Litt, L. C., & Cohen, L. R. (2008). Perspectives on traumatic stress, posttraumatic stress disorder, and complex posttraumatic stress disorder. In D. Hien, L. C. Litt, & L. R. Cohen, *Trauma Services for Women in Substance Abuse Treatment: An Integrated Approach*.

- Horowitz, M. (1999). Introduction. In M. Horowitz, *Essential Papers on Posttraumatic Stress Disorder* (pp. 1-17). New York: New York University.
- Laplanche, J. (1990). Trauma ou Traumatismo. In J. Laplanche, & J. Pontalis, *Vocabulário de Psicanálise* (pp. 679-684). Lisboa: Presença.
- Maia, Â., McIntyre, T., Pereira, M. G., & Ribeiro, E. (2011). War exposure and post-traumatic stress as predictors of Portuguese. *Anxiety, Stress, & Coping Vol. 24, No. 3*, 309-325.
- Meshulam-Werebe, D., Andrade, M. G., & Delouya, D. (2003). Transtorno de estresse pós-traumático: o enfoque psicanalítico. *Revista Brasileira Psiquiatria 25(Supl I)*, 37-40.
- Prota, F. D. (2000). *Um olhar psicanalítico sobre o Transtorno de Stress Pós-Traumático*. Obtido em 14 de Janeiro de 2012, de Escola Brasileira de Psicanálise: www.ebp.org.br/.../Fernando_Del_Guerra_Prota_Um_olhar_psicanalitico_sobre_o_transtorno_de_stress_pós_traumatico.pdf
- Riggs, D., & Foa, E. (2004). Posttraumatic Disorders. In C. Spielberger, *Encyclopedia of Applied Psychology* (pp. 83-90). Amsterdam: Elsevier Academic Press.
- Sandler, J. (1991). Trauma Project. *International Review of Psycho-Analysis v.18*, pp. 133-141.
- Vaz Serra, A. (2003). *O Distúrbio de Stress Pós-Traumático*. Coimbra: Vale & Vale Editores, Lda.



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Trauma e Perturbação de Stress Pós-
Traumático em Ex-Combatentes da
Guerra Colonial Portuguesa

Ana Rita Guilherme Marques Farinha Pereira

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Teresa Santos Neves

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Teresa Santos Neves

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Maria Teresa Gonçalves de Matos Santos Neves, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Mestre na Especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

À Professora Doutora Teresa Santos Neves, pela compreensão, disponibilidade e apoio demonstrados ao longo deste ano lectivo. Obrigada pela motivação transmitida, pelos ensinamentos e sobretudo pela paciência e dedicação reveladas ao longo da realização desta investigação.

Aos professores que compõem a Licenciatura e Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, pelos ensinamentos transmitidos.

À Doutora Susana Oliveira, pela disponibilidade demonstrada durante a realização desta investigação.

Aos participantes deste estudo pela coragem, pela colaboração e pela partilha das suas histórias. Obrigada pela oportunidade de aprendizagem, pois sem estes testemunhos, nada disto seria possível.

Aos meus pais e ao meu irmão, por terem permitido que chegasse até aqui. Pelas palavras de carinho, motivação e apoio que fizeram sempre questão de me transmitir ao longo da minha vida e sobretudo nesta fase de finalização de mais um ciclo. Obrigada pela compreensão, pela paciência e pela disponibilidade que sempre demonstraram para me ajudar, para me levar a crescer, para me levar mais longe. Obrigada por terem tornado tudo isto possível.

Ao Renato Vinhas, por me ter acompanhado em mais uma fase da minha vida. Por ter partilhado comigo os valores e tradições que compõem o espírito académico, por ter demonstrado sempre a sua amizade, carinho e dedicação. Pela paciência, pelas palavras de motivação e sobretudo pela compreensão demonstradas na recta final deste percurso.

À Joana Xavier, pelos vários momentos que compõem a minha vida académica. Pelos risos e pelas discussões, por me ajudar a crescer e acompanhar esse processo. Obrigada pela compreensão, pelo espírito de entreaajuda e pelas palavras transmitidas ao longo de toda a vida académica, mas sobretudo nesta última fase. Obrigada sobretudo pela amizade.

Ao Ricardo Simas, pela amizade e por me ter acompanhado ao longo de mais um percurso. Obrigada pela disponibilidade.

À Joana Marques, pela amizade, pela compreensão, pelas longas horas de desabafo sobre mais um percurso da minha vida.

À Rita Gregório, colega de seminário de dissertação, pelas longas horas de conversa e de desabafo que fizeram parte deste nosso percurso. Obrigada pela partilha de experiências, pelo apoio e pela compreensão.

Resumo

O conceito de trauma e de stress pós-traumático tem vindo a ser abordado e desenvolvido nas últimas décadas, sobretudo na sequência da Segunda Guerra Mundial e da Guerra do Vietname. Considera-se que um determinado evento é traumático quando ele coloca o indivíduo numa situação de fragilidade e impotência perante a gravidade ou a ameaça que este acontecimento tem para o mesmo. O evento traumático conduz, por diversas vezes, a uma disrupção no normal funcionamento do indivíduo, gerando conseqüentemente o aparecimento de respostas de adaptação ao stress, como é o caso da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD).

Ao nível da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) poucos são os estudos que têm sido levados a cabo em Portugal, sobretudo ao nível da prevalência e caracterização desta patologia em ex-Combatentes da Guerra Colonial Portuguesa (1961-1975).

Com a presente investigação procuramos alargar o conhecimento e compreensão das vivências dos ex-Combatentes com esta perturbação e sobretudo sobre os motivos, causas e conseqüências que conduziram ao aparecimento da mesma.

Assim, a presente investigação procurou desenvolver um estudo qualitativo de análise de conteúdo, através da metodologia de histórias de vida, procurando compreender o impacto da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) em ex-Combatentes da Guerra Colonial Portuguesa. Para a realização deste estudo e com vista ao cumprimento do seu objectivo, foram realizadas entrevistas com base na metodologia de história de vida, numa amostra de seis participantes.

Palavras-Chave: Trauma, Acontecimento Traumático, Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD), Ex-Combatentes da Guerra Colonial Portuguesa

Abstract

The concept of trauma and posttraumatic stress has been discussed and developed in recent decades, especially in the wake of World War II and the Vietnam War. It is considered that a particular event is traumatic when it places the individual in a position of weakness and powerlessness gravity or the threat that this event is for the same. The traumatic event leads several times a disruption in the normal functioning of the individual, thereby generating the appearance of adaptive responses to stress, as is the case with Posttraumatic Stress Disorder (PTSD).

At the level of disorder Posttraumatic Stress Disorder (PTSD) there are few studies that have been carried out in Portugal, particularly in terms of the prevalence and characterization of this pathology in ex-Combatants Portuguese Colonial War (1961-1975).

With this research seeks to broaden the knowledge and understanding of the experiences of ex-combatants with this disorder and particularly about the reasons, causes and consequences that led to the appearance of it.

Thus, this research sought to develop a qualitative study of content analysis using the methodology of life stories, trying to understand the impact of Posttraumatic Stress Disorder (PTSD) in former Portuguese Colonial War Combatants. For this study and for the fulfillment of its objective, interviews were conducted based on the methodology of life history in a sample of six participants.

Keywords: Trauma, Traumatic Event, Posttraumatic Stress Disorder (PTSD), Portuguese Colonial War Ex-Combatants

Índice

Introdução.....	8
I. Metodologia.....	12
I.I. Objectivos.....	12
I.II.Delineamento	12
I.III. Participantes.....	14
I.IV. Instrumentos	16
I.V. Procedimento	17
Procedimento de Análise.....	18
II. Análise de Resultados.....	23
II.I. Análise Quantitativa	23
II.II. Análise Qualitativa	25
III. Conclusão	33
Referências Bibliográficas.....	37
Anexos.....	38
Anexo A. Questionário sociodemográfico.....	39
Anexo B. Guião de Entrevista.....	39
Primeira Parte: Infância e Adolescência	39
Segunda Parte: Aspectos Militares.....	40
Anexo C. Carta de Consentimento Informado	43
Anexo D. Tabelas	45
Anexo E. Entrevistas	49

Introdução

Olhando em perspectiva, desde sempre que o conceito de trauma foi aplicado nas mais diversas ocasiões, procurando explicar e fornecer uma compreensão apropriada sobre as lesões provocadas no indivíduo, primeiramente a um nível externo ligado ao físico e, posteriormente, a nível interno ligado ao funcionamento psíquico. Apesar de a noção de trauma emergir nos seus primórdios de uma concepção externa, ligada a uma lesão no corpo do indivíduo e, apesar de esta primeira definição ter servido como ponto de partida para a abordagem psicológica deste fenómeno, é necessário termos em consideração que o trauma psíquico envolve questões mais profundas que vão para além da noção de ferida no envelope corporal.

Por trauma psíquico entende-se qualquer acontecimento que, tal como ocorre no caso do trauma físico, não é controlável pelo indivíduo e que devido à sua imprevisibilidade, intensidade e gravidade provoca uma experiência intensa com que este sente que não tem capacidades ou aptidões, tanto a nível pessoal com social, para fazer face e que por isso vai para além dos mecanismos que utiliza no dia-a-dia para enfrentar as mais diversas situações. Assim, o indivíduo é confrontado com um acontecimento de maior intensidade, que não conseguiu prever e que o coloca numa posição de impotência, angústia, medo e desamparo. Podemos portanto entender o trauma psíquico como “acontecimento na vida do indivíduo que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o indivíduo de lhe responder de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogénicos que provoca na organização psíquica” (Laplanche & Pontalis, 1970).

Considerando então o trauma como uma ferida interna que se encontra sob a presença de forças tanto conscientes como inconscientes, torna-se praticamente impossível para o indivíduo controlar algo que só por si já é dado como incontrollável, os processos inconscientes do funcionamento psíquico. Portanto, tendo em conta a magnitude do acontecimento traumático e as consequências que este pode acarretar para a vida do indivíduo, importa compreendermos o funcionamento psíquico que se encontra associado a este fenómeno externo, sendo necessário olharmos não só para o acontecimento em si mas também para a experiência subjectiva associada ao mesmo. Só assim será possível compreendermos de forma adequada o trauma e as suas repercussões. Como refere Sandler (1991), “por norma o acontecimento encontra-se directamente relacionado com acontecimentos exteriores que não são controláveis pelo indivíduo e que ao ocorrerem

desencadeiam no indivíduo um processo de relação de objecto que invoca uma determinada significação para o mesmo tornando a experiência traumática, dizendo-se por isso que toda a experiência traumática é uma experiência subjectiva e que depende de indivíduo para indivíduo” (Sandler, 1991, p.137).

Segundo Garland (2011), “um evento traumático é um evento que, para um indivíduo em particular, rompe ou substitui o processo discriminatório e a filtragem, e substitui qualquer recusa temporária ou patch-up do dano. A mente é inundada com um tipo e grau de estimulação que é muito mais do que pode fazer sentido ou controlar. Algo muito violento que se sente que aconteceu internamente e isso reflecte a violência que é sentida ao ter acontecido, ou de facto que realmente aconteceu, no mundo externo” (Garland, 2011, p.10).

Para nos ajudar a compreender os efeitos patogénicos despoletados pelo acontecimento traumático e que surgem na sequência da experiência subjectiva do indivíduo e do seu funcionamento psíquico, Freud (1969) postulou as neuroses traumáticas como uma fonte que nos permite compreender a raiz da fixação traumática, uma vez que os pacientes parecem incapazes de terminar a tarefa ligada ao acontecimento traumático, retomando a esta vezes e vezes sem conta, como que num prolongamento do trauma.

Este prolongamento do trauma pode igualmente ser compreendido através da compulsão à repetição estudada por Freud (1920), em *Além do Princípio do Prazer*. Segundo Freud (1920), a compulsão à repetição funcionaria como um mecanismo de actualização do trauma, através da sua repetição, por forma a integrá-lo e elaborá-lo, tendo em vista a resolução do mesmo, não devendo por isso ser entendida como uma resistência do inconsciente, visto que o mesmo não apresenta qualquer resistência mas sim como uma resistência do Ego. A compulsão à repetição procuraria através da repetição uma tolerância do indivíduo face ao desprazer induzido por essa rememoração do trauma, procurando a actuação do princípio da realidade. No entanto, as características do trauma, como por exemplo o caso da morte, impedem o indivíduo de elaborar o trauma devido à incapacidade do mesmo de o simbolizar. No caso dos sonhos, por exemplo, como parte integrante da compulsão à repetição, Freud (1920) postula-os como uma tendência masoquista do Ego e a uma fixação no trauma que, tal como o acontecimento traumático, pela sua imprevisibilidade e falta de controlo do indivíduo sobre os mesmos provocam sentimentos de terror e de medo, associados ao factor surpresa.

Outro dos agentes que se torna pertinente quando falamos em trauma psíquico está relacionado com o desmentido que por vezes ocorre perante a situação traumática, como

foi desenvolvido por Ferenczi (1933). De acordo com este autor, como consequência do trauma, neste caso ligado à sedução da criança, a sedução e o seu posterior desmentido, ou não confirmação, iriam adquirir um valor traumático para a mesma conduzindo-a a identificar o adulto não como alguém que a ama e a protege mas como alguém que a traumatiza. Este facto revela-se interessante para a compreensão do trauma, pois postula a noção de que não só o acontecimento funciona como um agente indutor de stress como também a possibilidade de desmentido do mesmo acaba por funcionar como traumático.

No caso dos efeitos patogénicos despertados pelo acontecimento traumático e pela sua experiência relativamente ao trauma, estes apresentam-se como factores relevantes para a compreensão dos fenómenos psíquicos associados ao trauma de guerra e à perpetuação do trauma. Encontramos presentes na literatura relativa à perturbação de stress pós-traumático, nomeadamente no diagnóstico realizado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1980), questões ligadas a factores como a compulsão à repetição. Como refere esta Associação (APA, 1980), o diagnóstico de perturbação de stress pós-traumático deve ser aplicado a todos os indivíduos que se enquadrem em três grandes grupos sintomatológicos: a) sintomas de intrusão, como pensamentos recorrentes sobre trauma, pesadelos, flashbacks e reacções exageradas perante a exposição a factores que relembrem o trauma; b) sintomas de constrição e evitamento bem como esforços de evitamento de pensamentos sobre o trauma, evitamento de locais e actividades que relembrem o trauma e evidência de mais sintomas gerais de alheamento do mundo; c) sintomas de grande intensidade como: irritabilidade, insónias, baixa concentração e hipervigilância.

Relativamente a esta perturbação, alguns estudos que contribuíram para a validação da mesma e para o seu diagnóstico foram realizados com ex-combatentes da Guerra do Vietname nas décadas de 60 e 70, providenciando a esta perturbação todas as respostas necessárias para o seu reconhecimento científico. A mais recente Guerra do Afeganistão, conduziu igualmente a um novo potenciamento dos estudos feitos nesta área, bem como um novo despertar para a necessidade de compreensão e diagnóstico correcto desta patologia que afecta milhares de pessoas.

Apesar de devermos considerar esta patologia como a excepção e não como a regra, a realidade é que esta afecta significativamente milhares de vidas em todo o mundo.

No caso português e, apesar de termos tido uma guerra de guerrilha à semelhança da Guerra do Vietname, poucos foram os estudos realizados sobre a prevalência desta patologia nos ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa. Embora nas últimas décadas alguns estudos tenham surgido sobre esta temática, permitindo não só o conhecimento e

divulgação da realidade portuguesa mas também a expressão do sofrimento dos nossos ex-combatentes, são ainda poucos os estudos que nos permitem, de facto, uma compreensão mais profunda sobre este tema.

De acordo com Albuquerque et. al (2003), 75% da população portuguesa a nível geral já foi presente a pelo menos um acontecimento traumático, ao longo da sua vida, sendo que 43,5% da população admite já ter sido exposta a mais do que um acontecimento traumático ao longo da vida, existindo uma taxa de prevalência da perturbação de stress pós-traumático em Portugal de cerca de 7.87%. Ainda no presente estudo e face à Guerra Colonial Portuguesa, os mesmos autores demonstraram que existem 66.475 casos em Portugal de perturbação de stress pós-traumático provocada por traumas de guerra (Albuquerque, Soares, Jesus, & Alves, 2003, p. 309).

Igualmente, ao nível da literatura existente, esta baseia-se essencialmente em estudos quantitativos, realizados através de inquéritos ou testes a amostras de ex-combatentes, com o intuito de aferir a presença não só desta patologia mas também de factores inerentes à mesma como: patologias resultantes da mesma (depressão, distúrbio obsessivo-compulsivo, entre outros), factores que conduziram ao desenvolvimento da mesma (sentimentos de vida ameaçada ou em risco, mortes, ferimentos, condições físicas, entre outros) e, consumos de álcool e de outras substâncias derivado ao surgimento desta patologia.

A presente investigação procura, através de uma metodologia qualitativa, aprofundar o conhecimento já existente sobre os acontecimentos traumáticos que originaram o trauma em ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa, bem como a perturbação de stress pós-traumático presente nesta população, através da compreensão do funcionamento psíquico ligado à experiência traumática subjectiva que envolve o trauma e às suas consequências, como é o caso da vulnerabilidade traumática.

I. Metodologia

I.I. Objectivos

A presente investigação tem como principal objectivo a compreensão das questões ligadas ao trauma e à perturbação de stress pós-traumático (PTSD) em ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa. Os objectivos desta investigação passam essencialmente pela identificação não só de questões ligadas a uma possível predisposição traumática mas também dos principais acontecimentos indutores de trauma que são apontados pelos ex-combatentes. Para além disso, esta investigação pretende ainda enquadrar a experiência traumática de cada participante, dando ênfase ao funcionamento psíquico ligado ao trauma e, compreender a vulnerabilidade traumática decorrente do processo traumático.

I.II.Delineamento

A presente investigação tem como base a metodologia de história de vida e análise de conteúdo (Vala, 1986). Este tipo de metodologia foi escolhida por ser uma metodologia que procura alcançar um conhecimento aprofundado sobre o indivíduo através da exploração do seu percurso de vida, das suas vivências, fornecendo ao investigador a oportunidade de captar particularidades que não poderiam ser recolhidas de outra forma. Ao ser uma metodologia de história de vida, pressupõe que a mesma seja contada pelo próprio e de acordo com o seu ponto de vista, permitindo ao investigador obter uma visão mais geral de uma determinada temática que pretende abordar. Neste caso, as temáticas ligam-se sobretudo ao trauma psíquico, ao seu impacto, à reestruturação psíquica na sequência de uma vivência traumática, à elaboração da experiência traumática e à identificação da vulnerabilidade traumática, em ex-combatentes. A metodologia de história de vida permite assim colocar o seu foco de observação num aspecto específico possibilitando ao mesmo tempo a compreensão dos factores relacionados com as experiências narradas, por forma a aceder à particularidade e singularidade do sujeito através de relatos. “O método de história de vida ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito. Assim esse método é necessariamente histórico (a temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico), dinâmico (apreende as estruturas de relações sociais

e os processos de mudança) e dialéctico (teoria e prática são constantemente colocados em confronto durante a investigação)” (Brioschi, 1987 cit. Thelma Spindola, 2003, p. 121).

De modo a permitir uma compreensão mais profunda e detalhada das histórias de vida que foram retiradas das entrevistas recolhidas foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo das entrevistas.

A análise de conteúdo diz respeito a uma metodologia de análise, como o próprio nome indica, cada vez mais utilizada nas mais diferentes áreas das Ciências Sociais, nomeadamente ao nível da Psicologia.

De acordo com Henry et. al (1968) a análise de conteúdo pode ser aplicada a “tudo o que é dito ou escrito” (Bardin, 2004, p. 28), sendo que, segundo Berelson (1952) esta se apresenta como uma forma e técnica de investigação que nos permite “a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Berelson, 1952 cit. Vala, 1986, p. 103). Para que a técnica de análise de conteúdo cumpra os seus objectivos, esta tem que ser objectiva na medida em que deve ser compreendida por todos. Sistemática, de modo a que todo o conteúdo considerado relevante seja aplicado a uma ou mais categorias de análise estabelecidas, por forma a facilitar a sua compreensão, permitindo a objectividade, leitura e interpretação do material.

A análise de conteúdo pode ainda apresentar duas funções distintas que podem, no entanto, complementar-se. Por um lado, pode apresentar um carácter exploratório, não existindo qualquer tipo de categorias pré-definidas, tendo como principal objectivo a colocação em evidência das diferenças e semelhanças ao nível do conteúdo que permitam o surgimento de categorias de análise. Servindo, desta forma, como uma análise para “ver o que dá” (Bardin, 2004, p. 25). Por outro lado, pode apresentar um carácter mais restrito, formando-se com a função de “servir de prova” em que a análise é feita de acordo com um referencial teórico pré-estabelecido com o objectivo último da confirmação ou negação das questões previamente postuladas. Tal como refere Bardin (2004), “na prática as duas funções de análise de conteúdo podem coexistir de maneira complementar. Tal produz-se, sobretudo, quando o analista se dedica a um domínio de investigação, ou a um tipo de mensagens pouco exploradas, onde faltam ao mesmo tempo a problemática de base e as técnicas a utilizar. Neste caso, as duas funções interagem, reforçando-se uma à outra” (Bardin, 2004, p. 26). No caso do presente estudo, as duas funções da análise de conteúdo complementam-se, na medida em que se procura seguir a literatura existente sobre o tema e

um dado referencial teórico, tendo como base, no entanto, não só uma confirmação de hipóteses, como uma tentativa de compreensão alargada do fenómeno do trauma e de stress pós-traumático. É importante no entanto recordar, como refere Bardin (2004), que “não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendido tem que ser reinventada a cada momento” (Bardin, 2004, p. 26).

Importa então compreender quais as fases por que passa a realização de uma análise de conteúdo, dividindo-se em: pré-análise, exploração do material e tratamento/resultados. (Bardin,2004). A fase de pré-análise é essencialmente formada por uma delimitação dos objectos do estudo e pelo referencial teórico a ser aplicado, seguindo-se a exploração do material. Dentro da exploração do material, esta fase contempla sobretudo a constituição do corpus, a definição de categorias e de unidades de análise, procedendo-se o tratamento/resultados através de uma quantificação.

I.III. Participantes

Para a realização da presente investigação foi recolhida uma amostra por conveniência de seis participantes, ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa (1961-1975) previamente diagnosticados com a Perturbação de Stress Pós-Traumático, na sequência da exposição aos mais diferentes acontecimentos resultantes da experiência de guerra. Todos os participantes se encontram a ser acompanhados em sessões de psicoterapia individual e psicoterapia de grupo numa associação de apoio a ex-combatentes vítimas de stress de guerra.

Tendo em conta a vulnerabilidade a que este tipo de sujeitos ainda se encontra exposta e, dado o conhecimento que os técnicos de saúde desta instituição possuem sobre os seus pacientes, os participantes deste estudo foram escolhidos com o auxílio da psicóloga desta mesma associação e, de acordo, com a sua capacidade para exporem, com o mínimo perigo de descompensação, os eventos da sua vida que se pretende abordar neste estudo.

Os participantes apresentam idades compreendidas entre os 60 e os 71 anos, sendo a média de idades de aproximadamente 64 anos. A participação na Guerra Colonial dentro

desta amostra vai desde 1961 até 1975, cobrindo por isso alguns anos da Guerra Colonial, permitindo-nos obter uma compreensão mais abrangente e diversificada sobre a mesma. A média de tempo de permanência em território Africano situa-se aproximadamente nos 26 meses.

“Paulo” tem 71 anos de idade, é casado e tem dois filhos. Foi Comissário de Bordo numa empresa de aviação, estando actualmente reformado. O seu local de destacamento foi Angola, onde permaneceu cerca de 26 meses. Foi destacado em 1961, início da Guerra Colonial.

“José” tem 61 anos, é casado e tem um filho. Trabalho como motorista numa empresa de transportes públicos, e está reformado. O local de destacamento durante a guerra foi Angola, onde esteve durante 2 anos e 45 dias aproximadamente. Foi destacado em 1971.

“António” tem 66 anos, é casado e tem dois filhos. Trabalhou numa empresa de correios nacional e está reformado. Foi destacado para a Guiné, onde permaneceu durante 26 meses. A data de destacamento foi em 1967.

“Miguel” tem 60 anos, é casado e tem um filho. Trabalhou como preparador de trabalho num estaleiro naval militar e está reformado. Foi destacado para Angola em 1973, tendo lá permanecido durante 18 meses e meio.

“Tiago” tem 61 anos, é casado e tem dois filhos. Foi motorista de uma empresa de transportes públicos e encontra-se reformado. Foi destacado para Angola, onde esteve aproximadamente 3 anos, no entanto já se encontrava em África como civil há quatro anos, ou seja, desde 1967.

“Luís” tem 62 anos, é casado e tem um filho. Trabalhou como empregado de escritório e está reformado. Esteve destacado na Guiné durante 2 anos, tendo sido destacado em 1969.

I.IV. Instrumentos

Para a realização deste estudo e dada a metodologia empregue foram utilizados três instrumentos para recolha e tratamentos dos dados obtidos: breve questionário sociodemográfico, entrevista e software NVIVO10.

O breve questionário sociodemográfico (ver anexo A) tinha como principal objectivo recolher alguns dados por forma a caracterizar a amostra, nomeadamente algumas informações como a idade dos participantes, o seu estado civil, número de filhos, local de destacamento durante a Guerra Colonial e a duração do seu destacamento.

Foi realizada uma entrevista semidirectiva procurando dar alguma liberdade ao entrevistado para expor livremente a sua história de vida e os episódios que quisesse partilhar, procurando ao mesmo tempo abordar algumas das temáticas que são pertinentes para os objectivos do estudo. Não esquecendo que na entrevista semidirectiva “o questionário torna-se, então, um simples guia, certamente muito útil, mas que não deve nunca ser apresentado ao informante como se se tratasse de um qualquer formulário administrativo, anónimo e constrangedor, trata-se de uma simples recordatória, à qual se pode recorrer com a discrição que se impõe” (Poirier, 1999, p. 13). A entrevista foi organizada em torno de três fases (ver Anexo B). A primeira fase da entrevista é constituída por questões relacionadas com a infância e a adolescência dos participantes sendo igualmente abordadas temáticas ligadas ao pré-deslocamento dos mesmos. Foram abordadas questões relacionadas com o relacionamento dos participantes com os seus pais e familiares mais próximos, como é o caso dos irmãos, com a existência de doenças significativas por parte do participante ou de alguém da sua família mais chegada e uma breve avaliação do próprio relativo à sua infância e adolescência, como é caso da existência de separações precoces ou psicopatologia na infância ou no seio familiar. A segunda fase diz respeito aos aspectos militares da vida do indivíduo, desde logo o serviço militar obrigatório, a mobilização, a instrução militar, a partida e chegada ao cenário de guerra, questões ligadas ao cenário de guerra em si, como é o caso das operações que realizou. Por fim, a última fase centra-se sobretudo no regresso a Portugal, com especial ênfase na vulnerabilidade traumática.

As entrevistas foram registadas com recurso a um gravador áudio e posteriormente transcritas.

O software NVIVO10 foi utilizado para o tratamento dos dados permitindo não só a organização das categorias como também a percepção da relevância de cada categoria dentro da totalidade da informação contida na entrevista. O NVIVO é um software ligado à análise qualitativa de dados que permite a organização e análise das informações contidas nas mais diversas abordagens qualitativas nomeadamente as entrevistas. Com este software é possível organizar e clarificar de uma forma rápida os dados adquiridos, analisar documentos detalhadamente e agrupar as informações em diversas categorias ou fontes permitindo que nenhuma informação seja perdida, minimizando o tempo gasto em comparação com outros softwares.

I.V. Procedimento

De modo a que fosse possível realizar a presente investigação, foi contactada uma associação de apoio a ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa, que tem como principal função o auxílio, em várias vertentes, aos ex-combatentes da Guerra Colonial e às suas famílias. O apoio prestado por esta associação vai desde o apoio psicológico e psiquiátrico até ao apoio judicial.

Após ser contactada a associação e serem explicitados quais os objectivos principais desta investigação, foi realizada uma reunião com uma das psicólogas que colaboram com esta associação de modo a conhecer a associação e a ser possível discutir os moldes em que a investigação seria realizada. No decorrer desta reunião foi solicitada a ajuda da psicóloga em causa para a escolha da amostra, tendo em conta que a mesma possui um conhecimento mais vasto sobre a população em causa e de modo a evitar questões que colocassem em causa o progresso terapêutico realizado até então pelos participantes.

Todos os participantes foram contactados telefonicamente para aferir a sua disponibilidade, sendo novamente explicitado quais os objectivos da investigação e a forma como este se iria desenrolar. Todas as entrevistas foram realizadas em dias e horas escolhidos pelos participantes. As entrevistas foram realizadas na sua maioria na associação em causa, sendo que apenas uma foi realizada na residência do participante por impossibilidade de se deslocar à instituição. Em todos os casos foi assinada uma carta de consentimento informado no início da entrevista (ver Anexo B). Cada entrevista durou em média uma hora e meia a duas horas.

Dada por terminada a recolha de dados foi realizado o seu tratamento através da análise de conteúdo. Na sequência da análise das entrevistas foram eliminadas algumas marcas de oralidade. Através da realização da análise das entrevistas, da sua leitura e análise de conteúdo foram emergindo algumas categorias e subcategorias consideradas relevantes. As informações consideradas pertinentes para este estudo encontram-se então divididas em quatro categorias: predisposição traumática, acontecimento traumático, experiência traumática e vulnerabilidade traumática.

Procedimento de Análise

Tendo em conta o quadro teórico de base da presente investigação e a leitura das entrevistas recolhidas, foi possível identificar de quatro categorias consideradas relevantes para os objectivos desta investigação.

C1. Predisposição Traumática

A primeira categoria que surgiu após a análise das entrevistas diz respeito à existência de factores que indiquem uma predisposição traumática por parte do indivíduo. Assim, por predisposição traumática entendem-se todos os factores que possam contribuir para o desenvolvimento de um trauma perante a ocorrência de um acontecimento com maior impacto ou magnitude na vida do indivíduo. Estes factores podem revelar uma predisposição traumática e permitem-nos perceber o funcionamento do indivíduo, em termos das suas vivências e experiências, até à origem de um dado acontecimento que tenha despoletado o trauma. De acordo com Dohrenwend et al. (1993), a predisposição traumática apresenta-se como uma característica fundamental para a compreensão do trauma indispensável para que possa ser feita uma compreensão correcta da experiência traumática. Desta forma, de acordo com o mesmo autor, os factores que permitem aferir a possibilidade de existência de algum tipo de predisposição para o trauma passam por: características genéticas do indivíduo, experiências passadas ao nível de doenças físicas e psicológicas, características de personalidade, crenças e valores, entre outros aspectos (Dohrenwend et al. (1993) cit. Vaz Serra, 2003, p. 199). No caso do presente estudo, tendo em conta os conteúdos encontrados nas diversas entrevistas realizadas, esta categoria encontra-se dividida pelas seguintes subcategorias: doenças físicas ou psicológicas do

próprio ou existentes no seio familiar, separações precoces, treino/preparação militar, conhecimento prévio de questões relacionadas com o cenário de guerra e dificuldades económicas.

- Doenças físicas e psicológicas: as doenças físicas e psicológicas prévias, quer no próprio quer dentro do seio familiar, podem de alguma forma condicionar a forma como o indivíduo cresce e se desenvolve, podendo ao mesmo tempo apresentar um carácter traumático para o mesmo, daí se considerar a necessidade de contemplar esta subcategoria.
- Separações precoces: nesta subcategoria são contempladas todas as separações relativamente ao agregado familiar mais próximo dos participantes, seja face aos pais ou irmãos, que possa de alguma forma sugerir a existência de uma predisposição traumática devido à sua precocidade. Procura-se igualmente aceder à dinâmica familiar do indivíduo como forma de melhor poder compreender esta subcategoria.
- Treino/Preparação militar: diz respeito a questões ligadas ao treino e preparações militares realizadas pelos participantes antes do deslocamento para o cenário de guerra. Engloba quaisquer situações que pela sua gravidade ou intensidade possam ser consideradas como um potencial gerador de uma predisposição traumática.
- Conhecimento prévio de questões relacionadas com o cenário de guerra: englobam-se nesta subcategoria todas as informações a que os participantes tivessem acesso antes do seu deslocamento para o cenário de guerra e que sejam entendidas como um possível potenciador de uma predisposição traumática, como é o caso das informações que chegavam através de amigos ou familiares e a forma como cada um dos participantes lidava com as mesmas.
- Dificuldade económicas: embora esta subcategoria não seja por norma entendida como uma predisposição traumática só por si, a existência de dificuldades económicas pode em alguns casos provocar uma maior responsabilidade ou precariedade na vida do indivíduo sobretudo durante a sua infância ou adolescência, nomeadamente pela dificuldade em termos de obtenção de alimento ou pela necessidade de iniciação de trabalho numa idade relativamente precoce.

C2. Acontecimento Traumático

Como referido anteriormente, quando falamos em trauma existe uma tensão constante entre a compreensão do que é interno e do que é externo, sendo importante compreender que tanto os fenómenos externos como os fenómenos internos são relevantes. Estando bastante presente em todas as entrevistas esta tensão entre o que é externo e interno, entre o que é acontecimento e o que é experiência, considerou-se necessária a existência de duas categorias que contemplassem esta tensão.

A segunda categoria representa o acontecimento traumático, sendo portanto representada pelos factores externos que constituem o trauma. Entende-se por acontecimento traumáticos todos os acontecimentos de carácter externo ao indivíduo e por isso impossíveis de serem controlados pelo mesmo que, pela sua intensidade e imprevisibilidade provocam reacções de stress, podendo dar origem ao trauma. Neste caso, através da análise da descrição dos acontecimentos traumáticos feita pelos participantes deste estudo foram criadas três subcategorias.

- Experiência de combate: a primeira subcategoria está ligada a questões ligadas à experiência de combate, contemplando três áreas distintas: as mortes ou ferimentos observados, vivenciados ou dos quais o indivíduo tomou conhecimento durante a sua permanência no teatro de operações, que englobam o ferimento do próprio, de colegas, inimigos ou civis, bem como a morte de colegas, inimigos ou civis; a mobilização de corpos por parte do mesmo ou de outros, dizendo respeito à mobilização de corpos de colegas, inimigos ou civis; outras experiências de combate ligadas a operações e ao risco de vida para o próprio.
- Condições Físicas: a segunda subcategoria está relacionada com as condições físicas vivenciadas pelos participantes deste estudo aquando a sua permanência na Guerra Colonial. A presente subcategoria insere-se dentro dos acontecimentos traumáticos devido a dois factores preponderantes: em primeiro lugar, apresenta-se como um acontecimento traumático e não como uma experiência traumática devido ao carácter externo ao indivíduo, não sendo algo que esteja sob o controlo do indivíduo e, em segundo lugar, porque as condições a que um dado indivíduo está sujeito perante o cenário de guerra podem funcionar como facilitadores do aparecimento de factores como o stress, ansiedade, angústia e mal-estar por parte do mesmo. Desde logo, num estudo conduzido por Albuquerque et al. (1992), 15% dos ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa demonstraram que um dos vários factores de stress tem exactamente que ver com as condições a que estão

sujeitos, nomeadamente ao nível de fome e sede (Albuquerque, Fernandes, Saraiva, & Lopes, 1992, p. 403)

- Separações/Despedidas: ao nível da terceira subcategoria criada perante a análise das entrevistas recolhidas, diz respeito a questões ligadas a separações/despedidas que tenham sido feitas devido ao deslocamento dos participantes para o cenário de guerra. Considera-se que este factor é relevante devido à magnitude e angústia que podem provocar no indivíduo.

C3. Experiência Traumática

Para compreendermos o trauma na sua plenitude temos que compreender não só o acontecimento externo mas também as experiências internas do indivíduo, visto que a percepção de trauma está sobretudo dependente do funcionamento psíquico do indivíduo e dos sentimentos, pensamentos e angústias que o mesmo acarreta para o próprio. Assim, a categoria ligada à experiência traumática foca-se essencialmente nas questões do funcionamento psíquico do indivíduo aquando o acontecimento traumático. Englobam-se nesta categoria duas subcategorias, correspondentes a experiência emocional e pensamentos/fantasia.

C4. Vulnerabilidade Traumática

Por fim, a quarta categoria diz respeito à vulnerabilidade traumática, encontra-se esta categoria intimamente relacionada com as consequências do trauma. A este nível, foi possível verificar uma descrição bastante clara das consequências que, no entender dos nossos participantes, emergiram dos acontecimentos e experiências traumáticas que viveram da Guerra Colonial. Podemos dizer que esta vulnerabilidade traumática aparece, em certa medida, relacionada com a perturbação de stress pós-traumático. Um pouco à semelhança do que acontece com a predisposição traumática, também a vulnerabilidade traumática diz respeito não só às consequências de um trauma mas também aos factores que fazem com que para um determinado indivíduo seja mais fácil desenvolver novos traumatismos. De certo modo predisposição traumática e vulnerabilidade traumática acabam por estar relacionadas neste âmbito. Dentro desta categoria, surgiram várias

categorias: compulsão à repetição, sintomatologia, acompanhamento e consequências pessoais face à patologia.

- Compulsão à repetição: ao nível da compulsão à repetição, esta subcategoria surge sobretudo como uma forma de compreensão da perpetuação do trauma e do processo traumático, procurando evidenciar as características do trauma ligadas à repetição, como é o caso dos sonhos, dos pensamentos e comportamentos. Contudo, esta subcategoria procura alargar um pouco mais a noção de compulsão à repetição e contemplá-la em diversos aspectos das entrevistas, não só ao nível da repetição constante do acontecimento e do passado que nunca é passado, é presente, mas também ao nível dos efeitos dessa compulsão nas mais diversas áreas da vida do indivíduo, como é o caso da sua relação com a sociedade, por exemplo.
- Sintomatologia: em termos da sintomatologia, verificou-se nas entrevistas que algumas das consequências descritas pelos participantes deste estudo se encontravam ligadas ao próprio diagnóstico recomendado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1980). Quanto à sintomatologia, foram então constituídas algumas subcategorias dentro desta mesma subcategoria que dizem respeito a: intrusão, sonhos/pesadelos, constrição/evitamento, insónias, hipervigilância e irritabilidade.
- Acompanhamento: no que respeita à subcategoria ligada ao acompanhamento, foi notória em todas as entrevistas a relevância do acompanhamento nas descrições dos participantes. Esta subcategoria encontra-se igualmente dividida em duas subcategorias, dizendo respeito ao acompanhamento por parte de instituições, como é o caso do Estado ou de instituições particulares, como é o caso de associações e, ao acompanhamento por parte da família e da sociedade.
- Consequências pessoais: a subcategoria correspondente às consequências pessoais face à patologia, como o próprio nome indica diz respeito às consequências pessoais sentidas pelos participantes relativamente à perturbação de stress pós-traumático com que foram diagnosticados. Considerou-se que esta subcategoria seria relevante visto que nos apresenta a visão que os próprios apresentam face à sua patologia. Encontra-se então dividida em quatro subcategorias que dizem respeito a: consequências físicas, psicológicas, familiares e profissionais. Integram-se dentro das consequências psicológicas todas aquelas que são mencionadas pelos participantes e que não se inserem em nenhuma das outras categorias e subcategorias estabelecidas.

II. Análise de Resultados

II.I. Análise Quantitativa

Através da análise de conteúdo efectuada nas entrevistas recolhidas foi possível efectuar uma análise quantitativa por forma a compreender a prevalência das categorias nas entrevistas.

Deste modo, como podemos verificar através do gráfico 1, as categorias com maior preponderância no universo total das entrevistas dizem respeito às categorias acontecimento traumático e vulnerabilidade traumática, correspondendo a 31% e 48% respectivamente, do universo de categorias. A categoria predisposição traumática é a que apresenta uma menor prevalência dentro das quatro categorias existentes, representando apenas 5% do universo total das entrevistas, seguindo-se a categoria experiência traumática com 16%.

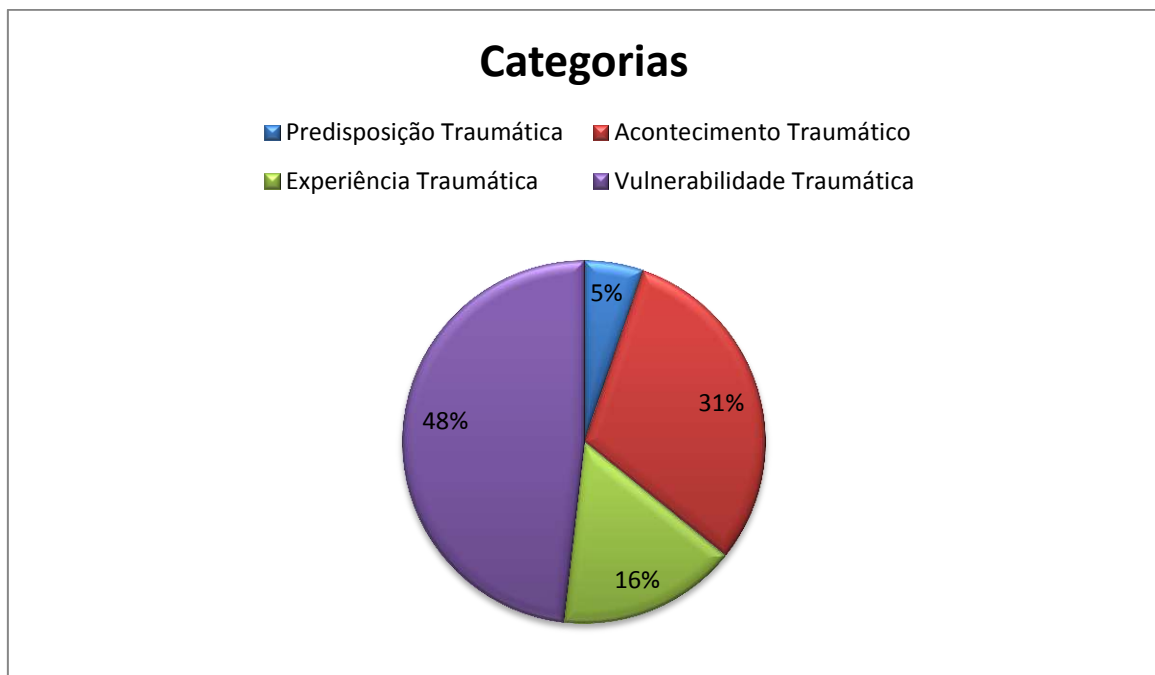


Gráfico 1. Prevalência das Categorias

O gráfico 2 permite-nos compreender o modo com as categorias foram representadas em cada participante, ou seja, dentro de cada participante qual a prevalência destas categorias. Ao nível da categoria com maior representatividade – vulnerabilidade traumática – esta apresenta uma média de 30,5 respostas codificadas, estando o número de

respostas situado entre as 15 e as 46, sendo que o participante com mais respostas codificadas como vulnerabilidade traumática refere-se ao sexto participante (Luís). Em termos do acontecimento traumático, este apresenta respostas que oscilam entre as 7 e as 38 respostas, apresentando por isso uma média de 19,5 respostas, sendo que o participante com mais respostas codificadas para esta categoria é o quarto participante (Miguel). Ao nível da experiência traumática, esta categoria apresenta uma média de 10,17 respostas, situando-se entre as 5 e as 17 respostas para cada participante. O participante com maior nível de respostas codificadas para esta categoria é o sexto participante (Luís). Por último, ao nível da categoria predisposição traumática, esta apresenta uma média de 3,33 respostas, apresentando uma oscilação entre 1 a 5 respostas para esta categoria. Os participantes com mais respostas codificadas que se inserem nesta categoria são o quinto e o sexto participantes (Tiago/Luís).

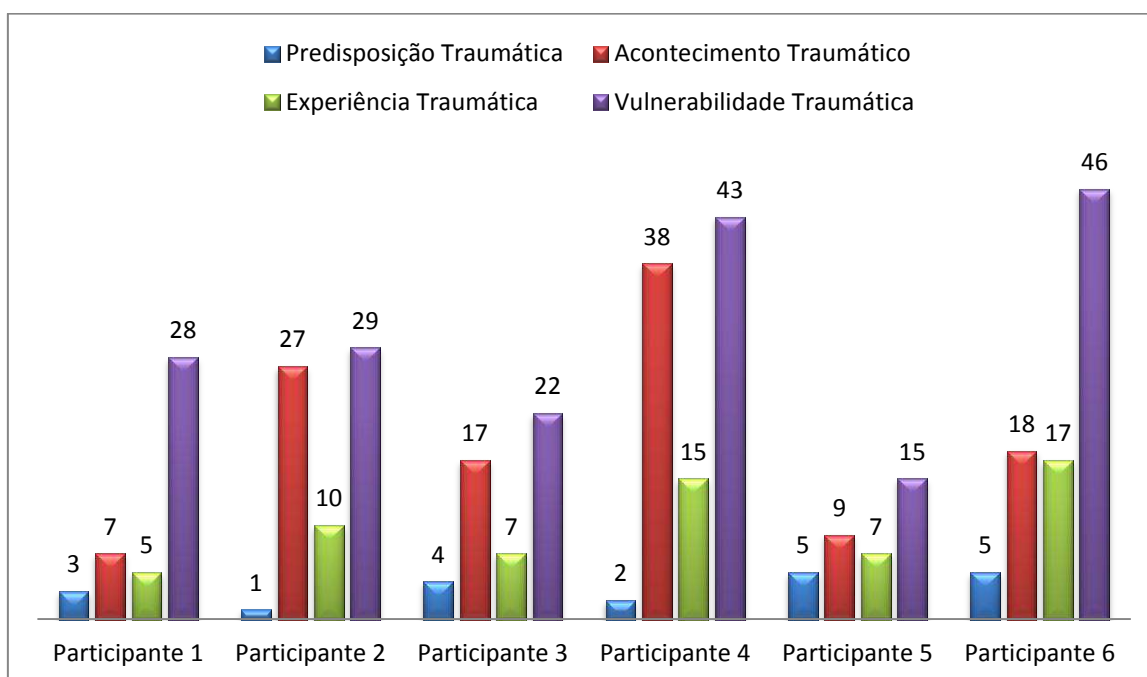


Gráfico 2. Prevalência de Categorias por Participante

Numa análise mais minuciosa, podemos verificar através da tabela 2 (ver anexo) não só quais as categorias com maior preponderância nas entrevistas, já referidas anteriormente, mas também quais as subcategorias mais referidas. Assim, no caso da predisposição traumática, as subcategorias mais referidas pelos participantes dizem respeito

ao conhecimento prévio de questões relacionadas com o cenário de guerra, apresentando um total de 6 respostas e o treino/preparação militar apresentando um total de 10 respostas. No caso do acontecimento traumático, as subcategorias ligadas experiência de combate e às condições físicas apresentam 78 e 35 referências respectivamente. Quanto à experiência traumática, a subcategoria com maior preponderância, com um total de 56 referências, diz respeito à categoria experiência emocional. Por último, na categoria da vulnerabilidade traumática, as subcategorias mais relevantes dizem respeito às consequências pessoais, à sintomatologia e ao acompanhamento, apresentando um total de 75, 46 e 43 respostas respectivamente.

Através dos dados recolhidos, podemos concluir que as categorias com maior relevância correspondem às categorias acontecimento traumático e vulnerabilidade traumática, sugerindo um apego por parte dos participantes ao factual e racional, existindo um movimento de evitamento das questões directamente ligadas à experiência emocional, como é o caso da categoria experiência traumática.

II.II. Análise Qualitativa

Ao nível da predisposição das características pessoais do indivíduo e da sua relevância para a compreensão do acontecimento traumático, bem como da experiência decorrente deste, tal como referido anteriormente, de acordo com Dohrenwend et al. (1993) é necessário ter em conta aspectos como: as características genéticas do indivíduo, as suas experiências passadas relativas a doenças físicas e transtornos psiquiátricos, as suas características de personalidade, as suas crenças e valores, entre outros aspectos (Dohrenwend et al. (1993) cit. Vaz Serra, 2003, p. 199). Neste âmbito, durante a realização das entrevistas foi revelada alguma dificuldade para obter, por parte dos participantes, questões que evidenciassem a presença de algum tipo de predisposição traumática, não sendo por isso possível formular nenhuma concepção directa sobre a presença de uma possível predisposição traumática nestes ex-combatentes. Este facto pode dever-se sobretudo a questões ligadas à centralidade que os participantes fornecem ao trauma em si decorrente da Guerra Colonial Portuguesa, não procurando focar-se em aspectos anteriores ao trauma, talvez devido a uma incapacidade de elaboração da própria vida antes do trauma. Relevando aqui uma incapacidade para constituir uma narrativa da própria vida

antes do trauma. Outra das questões que pode aqui ser levantada, diz respeito à forma como a entrevista foi conduzida. Caso se verificasse um maior nível de experiência na condução da entrevista, seria possivelmente mais fácil aceder a esta categoria.

Segundo Dohrenwend et. al (1993) as questões mais relevantes quando procuramos a compreensão do acontecimento indutor de stress, sobretudo ao nível do stress pós-traumático, têm que ver com uma série de factores como: a valência do acontecimento, o fatalismo representado pelo mesmo, a representação de ameaça e a magnitude de mudança. A valência do acontecimento diz respeito aos factores negativos despoletados pelo acontecimento traumático e que provocam no indivíduo uma sensação de perda de si próprio perante o acontecimento. O fatalismo relaciona-se com a imprevisibilidade e falta de controlo do indivíduo perante o acontecimento, encontrando-se igualmente a representação de ameaça ligada a esta falta de controlo mas sobretudo a sentimentos de impotência face ao mesmo. Ao nível da magnitude de mudança, esta diz respeito às mudanças provocadas no indivíduo, pelo acontecimento traumático e à sensação de mal estar que o mesmo induz (Dohrenwend et al. (1993) cit. Vaz Serra, 2003, p. 197).

Através da análise das entrevistas, é possível constatar que todos os participantes, cada um de sua forma, descrevem estes factores ligados ao trauma e ao acontecimento traumático. Em todos os casos, o acontecimento traumático encontra-se ligado não só a uma experiência negativa, mas a uma experiência marcada sobretudo por uma sensação de angústia, de perda, de impotência e de falta de controlo. Nos relatos de mortes, ferimentos ou mobilização de corpos, é onde se encontram mais patentes os sentimentos de angústia e de perda. Nos casos dos ferimentos ou mortes verifica-se uma experiência para o próprio que está associada a uma perda da sua própria integridade, revelando-se aqui um carácter extremamente pesaroso e angustiante ligado à morte ou ferimento do outro, algo que não é possível elaborar e que, por isso, viverá sempre dentro dos mesmos. “Foi até falecer, também uma numa mina, estava eu mesmo ao lado dele” (António, ver anexo). Igualmente interessante é a compreensão de que não só a morte e ferimento dos seus colegas e camaradas é vivida com angústia e pesar, visto criarem-se laços que jamais se perdem, “nós saímos de lá como amigos, como irmãos” (Luís, ver anexo), como esta angústia está intimamente ligada com a angústia perante a própria morte e o terror perante a mesma. A própria morte enquanto impossível de elaborar e de transformar, é aqui representada não só perante a morte dos colegas mas também perante a possibilidade de aniquilamento do próprio. Para além disso, também o confronto com a morte e ferimento do inimigo é

igualmente vivida com esta angústia, “era o inimigo mas não deixava de ser um ser humano” (José, ver anexo). Os episódios de mortes ou ferimentos de inimigos são descritos como um conflito entre o facto de serem inimigos e ao mesmo tempo seres humanos, tal como os nossos ex-combatentes, a cumprirem a sua missão. Por um lado, existe angústia e um sentimento de culpa pelo lado humano, que é em parte apagado e justificado pelo facto de apesar de serem humanos continuarem a ser o inimigo que mata os seus.

Verifica-se no entanto uma certa comiseração visível no discurso de um dos nossos participantes, “estavam vivos. Foram inimigos só até aquela altura, nós não matávamos por matar” (Miguel, ver anexo). Importante notar contudo, que toda a envolvente ligada ao cenário de guerra provoca uma revolta dentro destes ex-combatentes conduzindo-os a colocarem de lado este lado humano, racionalizando a morte do inimigo como um ajuste de contas pela morte dos seus e a angústia que esta lhes causa.

Sendo então notória a angústia permanente no cenário de guerra, face aos mortes e feridos, neste caso, verifica-se igualmente uma angústia de castração e de fragmentação perante a possibilidade de morte ou ferimento do próprio, uma verdadeira angústia de aniquilamento, “estávamos lá 24 horas sob 24 horas sempre com aquela, como hei-de dizer, aquela sensação que a qualquer hora, a qualquer minuto podíamos ser...” (José, ver anexo). Conjugamos então aqui importantes factores: a angústia e perda face à morte ou ferimento do outro, o conflito entre comiseração e missão perante o inimigo e, a angústia perante a morte ou ferimento do próprio. Compreende-se a impotência humana perante o incerto, perante a morte, perante a culpa que racionalmente se sabe que não se tem, sobretudo face à morte de camaradas, mas que inconscientemente se perpetua.

Ao nível das condições físicas no cenário de guerra e do cenário de guerra, é visível o sentimento de frustração, impotência e falta de controlo. Destacam-se entre as condições físicas, a inexistência de armamento adequado, “material bélico rudimentar como é apanágio da nossa miséria” (Paulo, ver anexo), de material para exploração do terreno, “a impotência que tínhamos para transpor um pequeno ...” (Paulo, ver anexo), a fome e a sede, “eu não me importava de levar um tiro, a sede era tão grande a falta de água era tanta” (Miguel, ver anexo). Todos estes acontecimentos que acabam eles próprios por constituir o trauma provocaram nestes ex-combatentes, sobretudo um sentimento de desamparo e de revolta. Desamparo por sentirem que não são apoiados pela Pátria que defendem, por não possuírem material e alimentos necessários e raiva, face ao objecto

abandónico aqui representado pela Pátria, decorrente da impotência face ao próprio desamparo. Como refere um dos participantes desta investigação, “as condições suficientes era um colchão de espuma, uma cama de ferro e uma arma (...) condições, condições! Algum dia na tropa se teve condições” (Tiago, ver anexo).

De um modo geral, verificamos que os acontecimentos traumáticos aqui descritos devem-se sobretudo ao sentimento de incapacidade e falta de recursos para lidar com o mesmo, funcionam como geradores e potenciadores de uma perda emocional de angústia, abandono e desamparo à qual não conseguem escapar. Em suma, ao nível dos acontecimentos traumáticos recolhidos através das entrevistas, compreende-se sobretudo a incapacidade dos participantes para lidar com a sensação permanente de mal-estar, como referido por Dohrewend (1993), que a rememoração constante destes acontecimentos ajuda a perpetuar. Transforma-se numa repetição constante que os incapacita de viver a vida na sua plenitude. “O indivíduo vive num estado de expectativa constante, de vigilância relativa a um retorno do evento” (Bergner, 2009, p269).

Torna-se também interessante, através da análise das entrevistas, compreender a nível prático a tensão existente entre o que é interno e o que é externo, o que é experiência e o que é acontecimento. Como refere Sandler (1991), “o acontecimento encontra-se directamente relacionado com acontecimentos exteriores que não são controláveis pelo indivíduo e que ao ocorrerem desencadeiam no indivíduo um processo de relação de objecto que invoca uma determinada significação para o mesmo tornando a experiência traumática” (Sandler, 1991, p. 137).

Apesar de se compreender qual foi a experiência subjectiva que cada participante retirou do acontecimento, tornando-o por isso traumático, não é por vezes notória qual a barreira entre interno e externo nos relatos. Verifica-se uma tensão entre o que é experiência e o que é acontecimento, sendo por vezes difícil dissociá-los.

No entanto, quando observamos as entrevistas e apesar desta tensão, é notório um movimento de evitamento por parte dos ex-combatentes em exprimir a vivência que retiraram do acontecimento, dando prevalência à explicação dos factos em detrimento da experiência, colocando a questão de a tensão interno/externo poder colocar-se mais para quem a procura compreender do que para quem a vive. Faz isto mesmo, vive-o, experiencia-o, colocando a hipótese de acontecimento e experiência terem na verdade uma barreira muito ténue entre si, explicitada talvez pela incapacidade do indivíduo em elaborar

e transformar o acontecimento. São talvez as modificações que acontecimento e experiência provocaram nos mesmos que os leva a expor com maior facilidade o concreto, num caminho para a racionalização, do que o subjectivo, ligado à experiência, porque seria abrir portas para a vertente interna e emocional correndo o risco de se desorganizar. Recorrem por isso a mecanismos de defesa como o recalçamento, evitamento e o isolamento de afectos, parecendo existir por vezes um movimento de omissão quase forçada de modo a preservar a integridade do eu.

De notar, que a experiência traumática expressa encontra-se intimamente ligada a uma experiência emocional de angústia: de separação, angústias de morte face aos colegas e camaradas, de fragmentação, de castração e aniquilamento; de sentimento de culpa, impotência, medo, terror e raiva. Como refere um dos participantes desta investigação, “o tempo que nós lá estivemos foi como que um apagar, um terminar da vida naquela fase” (José, ver anexo). Importante também salientar, para que se possa compreender o perpetuar desta experiência e o evitamento da sua exposição, que estas angústias e sentimentos foram durante muito tempo recalçadas revelando a sua libertação uma angústia ainda maior. “Nunca chorar é terrível. Depois pagamos mais tarde esse nunca chorar. Choramos mais tarde aquilo que nunca chorámos” (Luís, ver anexo).

Esta questão compreende-se sobretudo ao nível da vulnerabilidade traumática. Ao nível da compreensão da vida do indivíduo até ao acontecimento traumático e as modificações decorrentes do mesmo, como é o caso da vida familiar, das interacções sociais, da educação ou profissão, dizem respeito à vulnerabilidade traumática (Vaz Serra, 2003, p.198).

Ao nível da sintomatologia, verifica-se uma preponderância de sintomas ligados sobretudo ao evitamento, à irritabilidade e aos sonhos/pesadelos que ajudam a denunciar a presença da perturbação de stress pós-traumático, como evidenciado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1980). A presença desta sintomatologia parece afectar os participantes sobretudo em torno da sua dinâmica familiar e das suas relações interpessoais, na qual emerge uma enorme irritabilidade. “Não era assim muito meigo para os meus filhos, assim ... pronto qualquer coisinha tinham que falar assim com muita calma porque se me dissessem assim alguma coisa eu de um momento para o outro explodia logo, mas em segundos” (António, ver anexo).

A nível familiar todos os participantes afirmam que a relação com a sua família mudou, seja porque se tornaram menos pacientes e mais irritáveis, como no exemplo acima descrito, seja porque os acontecimentos que envolvem a Guerra Colonial se terem tornado tabu dentro do seio familiar, partindo dos próprios este evitamento, devido ao facto de o considerarem demasiado penoso para si e para os seus. Porém, na maioria das entrevistas, os participantes revelaram ter um bom acompanhamento e compreensão por parte das suas famílias, demonstrando a importância que este apoio representa para si e para o apaziguamento do sentimento de culpa e mal-estar. “Tinha litígios com a minha mulher mas ela apoiava-me sempre, sempre!” (Luís, ver anexo). Todavia, um dos participantes desta investigação auxilia-nos na compreensão da importância do acompanhamento familiar para estes ex-combatentes, ao revelar que não se sente totalmente apoiado pela sua família. “Eu sei porque eu venho aqui e vejo colegas que as mulheres deles vêm e acompanham-nos (...) mas a minha mulher não, nunca foi fácil de vir cá comigo” (José, ver anexo). No caso desta entrevista é visível o sofrimento e tristeza expressos pelo participante na sequência não só do stress pós-traumático mas do acompanhamento familiar face esta perturbação, dificultando a elaboração e transformação do próprio trauma.

A nível social é onde mais facilmente os participantes verbalizam as alterações decorrentes do trauma. Em termos do relacionamento interpessoal quase todos os participantes revelam uma maior dificuldade em estabelecer relações, sentindo que a sua relação com o outro se deteriorou devido à Guerra Colonial, à sua permanência na mesma, ao desconhecimento da população sobre os traumas que esta acarretou, à desconfiança dos ex-combatentes perante o outro e pelo sentimento de incompreensão que dizem ver na sociedade. “A Guerra passou a ser um trauma nacional, é para os que lá estiveram e para os que não estiveram. É um trauma da Nação. Nós hoje temos um trauma de vergonha, eu ainda há poucos dias ouvi «estiveste lá a matar pretos»” (Paulo, ver anexo). Sentem que a própria sociedade os abandona, volta o sentimento de desamparo sentido no cenário de guerra. Volta a não ser possível elaborar nem transformar o trauma que continua a ser desmentido.

A amargura demonstrada por estes ex-combatentes perante a falta de apoio e de acompanhamento da instituição militar revela-se, talvez, um dos maiores pontos de perpetuação do trauma.” Forças Armadas do meu País é uma frustração total e isso afecta psicologicamente. Sinto, é talvez a maior mágoa que tenho” (Paulo, ver anexo). Não só

existe como que um desmentido por parte da instituição militar, como este desmentido faz com que os mesmos sejam incapazes de formular para si próprios a resolução para o seu problema. O desmentido transforma-se não só numa negação da guerra e do próprio trauma mas também uma negação da resolução do problema. “Um indivíduo que não sei dizer a idade mas que está muito longe de ter lá estado «ah, nessa altura já não havia lá nada” (José, ver anexo). Podemos colocar a hipótese de o sujeito projectar na instituição a resposta que este não encontra para o seu problema, a elaboração e resolução do trauma que este não encontra, atribuindo à instituição, que abandona e desmente, a própria capacidade elaboração e resposta ao trauma. Um desmentido e abandono da Pátria que defenderam e que hoje sentem que não os defende. Como refere Favero (2009) referindo-se ao desmentido postulado por Ferenczi (1933), “ O trauma patogénico, portanto, se dá em pelo menos dois momentos, o evento traumático e o posterior desmentido” (Favero, 2009, p. 193).

Um dos factores transversais nas entrevistas inscreve-se no mecanismo de compulsão à repetição. A compulsão à repetição surge como uma tentativa de reparação do trauma, procurando o evitamento do desprazer através de uma procura de tolerância face ao mesmo através da actuação do princípio da realidade. Como refere Prota (2000), a repetição funcionaria como uma “tentativa contínua de reduzir o trauma, endireitá-lo, integrá-lo na ordem simbólica. Porém como se trata de algo impossível de ser simbolizado [em última instância a própria morte], essa repetição se torna inoperante e gera um automatismo que acaba por se perpetuar” (Prota, 2000, p.4). Verifica-se no caso dos participantes desta investigação, a repetição constante da situação traumática sem que, contudo, a mesma seja elaborada e transformada.

No caso das entrevistas recolhidas, a compulsão à repetição encontra-se bem presente na incapacidade de elaboração e transformação do trauma, nos sonhos, na intrusão de pensamentos e em alguns comportamentos. De acordo com Freud (1920) os sonhos funcionariam nas neuroses traumáticas como uma forma de reconduzirem o paciente ao acontecimento traumático e de os fazer reviver o acontecimento. O sonho seria então uma fixação no trauma e uma expressão da compulsão à repetição. “Depois vêm os sonhos em que estamos sempre no mesmo sítio e na mesma situação em que se esteve” (José, ver anexo).

De uma forma sumária, o trauma nos ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa que participaram nesta investigação perpetua-se devido a factores psíquicos relevantes como: o

desmentido, o abandono e desamparo, a angústia e a compulsão à repetição. Na verdade, o stress pós-traumático e o trauma em si postula-se por ser um passado que nunca é passado, é presente e futuro. Como referia Freud (1917), as neuroses traumáticas fornecem “uma indicação precisa de que na sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático (...) é como se os pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda a estivessem a frequentar como uma tarefa inacabada, não executada” (Freud, 1976, p. 325).

III. Conclusão

A presente investigação permitiu a compreensão das temáticas ligadas ao trauma e à perturbação de stress pós-traumático (PTSD) incidindo sobretudo no funcionamento psíquico do indivíduo e nas alterações provocadas no mesmo na sequência do processo traumático. Importou-nos assim compreender a relevância de questões ligadas à predisposição traumática, as características do acontecimento traumático mas sobretudo a experiência subjectiva retirada do mesmo e, a posterior vulnerabilidade traumática, face ao trauma vivido.

Através desta investigação foi possível aceder às mudanças significativas na vida do indivíduo, no seguimento do trauma e, a forma como a sua percepção do mundo que o rodeia se alterou significativamente. Verificamos que o acontecimento traumático “representa uma ameaça para a vida ou segurança de uma pessoa e ultrapassa em intensidade as ocorrências comuns, deixa usualmente o indivíduo desesperado e sem saber o que fazer” (Vaz Serra, 2003, p. 12). Compreendemos igualmente que nos acontecimentos traumáticos descritos pelos participantes desta investigação, o carácter imprevisível e não controlável do acontecimento traumático é por vezes assinalado, implicando que este tenha surgido através de uma premissa não controlável pelo indivíduo e que, pela sua imprevisibilidade, não permitiu que o mesmo a controlasse ou esperasse, impedindo-o de estar preparado para fazer face ao mesmo. No entanto é importante notar que esta imprevisibilidade do acontecimento traumático é sentida no cenário de guerra como uma imprevisibilidade previsível, ou seja, apesar de ser pouco previsível a sequência dos acontecimentos ou a altura exacta em que estes vão ocorrer, existe constantemente uma tensão que afecta o indivíduo e que o deixa numa angústia permanente face ao encontro perante o desconhecido, perante a morte, a castração e o aniquilamento.

Esta insegurança e esta tensão passam a ser constantes na vida do indivíduo após o acontecimento traumático, passando o mesmo a viver num mundo onde se sente constantemente ameaçado e atacado por uma experiência emocional ligada a esta falta de controlo e de imprevisibilidade dos acontecimentos, tornando-se por isso ansioso, inseguro e desconfiado, conduzindo-o a retrair-se em várias áreas da sua vida. Como refere Vaz Serra (2003), o acontecimento traumático provoca na vítima uma diminuição do equilíbrio, deixando-a em sofrimento, alterando o seu sentimento de segurança e de auto-suficiência e susceptível na sua ligação aos outros. Existe um colapso dos mecanismos de adaptação do

indivíduo, um questionamento dos pressupostos básicos da vida e sobretudo uma alteração da experiência emocional, cognitiva e comportamental (Vaz Serra, 2003).

Entramos aqui num dos pontos fulcrais desta investigação. É patente nesta investigação a presença de questões ligadas às neuroses traumáticas descritas por Freud (1917) quando este refere que estas nos fornecem uma indicação precisa do momento de fixação do acontecimento traumático conduzindo os pacientes a uma situação e sensação de tarefa inacabada (Freud, 1976). Esta sensação de tarefa inacabada encontra-se bem presente nesta investigação e é compreendida através da compulsão à repetição apresentada pelos participantes. “Adormeço é um enredo dos diabos, vai-se até às matas africanas, vem-se até ao mar, vai-se até ao quartel dar-se a recrutar a novos e sempre na idade de vinte anos” (Paulo, ver anexo), é um dos exemplos do modo como a compulsão à repetição se encontra presente no discurso dos participantes desta investigação transferindo-nos para a noção da incapacidade de elaboração e de transformação do trauma e do processo traumático inerente à perturbação de stress pós-traumático. Esta compulsão à repetição permitiria a resolução e apaziguamento do trauma, no entanto devido às características do próprio trauma, como é o caso da morte de camaradas, conduz a uma incapacidade de elaboração do mesmo, mantendo-se o trauma constantemente presente, sendo revivido através de mecanismos inconscientes manifestados através dos sonhos, pensamentos ou comportamentos. Como refere Garland (2011), “o trauma é um evento que faz precisamente isto: oprime as defesas existentes face à ansiedade de uma forma que ao mesmo tempo serve de confirmação destas mais profundas angústias universais” (Garland, 2011, p.11).

Também as noções de desmentido, abandono e desamparo surgem nesta investigação como uma forma de perpetuar o trauma. O desmentido postulado por Ferenczi (1933) é sobretudo projectado ao nível da relação dos ex-combatentes com a instituição militar e com a própria sociedade. Este desmentido do acontecimento que teve lugar mas que nunca aconteceu, esta recusa sentida por parte dos ex-combatentes do acompanhamento e auxílio considerados necessários para a sua resolução do problema, este movimento de projecção no outro da incapacidade de resolução do próprio problema, constituem-se igualmente como uma forma de compulsão à repetição e de manutenção do trauma vivo dentro de si. Sentem-se abandonados por uma Pátria que foram defender e que agora não os defende, que desmente os traumas que possuem e que surgiram dessa mesma defesa da Pátria. O

desmentido assume aqui um carácter patológico, apresentando-se como outro dos factores que impede o indivíduo de transformar o trauma e lhe dar significação.

A presente investigação vai igualmente ao encontro do diagnóstico da perturbação de stress pós-traumático definida pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1980), na medida em que são apontados pelos participantes desta investigação os sintomas de intrusão, irritabilidade, sonhos e pesadelos constantes como uma rememoração do acontecimento traumático, movimentos de evitamento e de constrição, face ao trauma e à exposição da experiência traumática.

Todos estes factores vêm demonstrar a necessidade de exploração desta temática na sequência da permanência de ex-combatentes na Guerra Colonial Portuguesa. Esta investigação contribuiu para a literatura existente sobre a Guerra Colonial portuguesa, o trauma e stress pós-traumático em ex-combatentes, permitindo a compreensão e o aumento do conhecimento sobre esta temática que quase 51 anos depois continua a afectar esta amostra da população portuguesa. Contribuiu igualmente para a compreensão do funcionamento psíquico ligado ao trauma e ao stress pós-traumático nesta população, servindo como base a investigações futuras.

Na presente investigação emergiram alguns pontos interessantes, desde logo a relevância dada à vulnerabilidade traumática nestes ex-combatentes. Verificou-se que, muito mais do que o trauma em si, embora este também se apresente com uma grande centralidade, as consequências do trauma apresentam um foco muito maior por parte dos ex-combatentes. Introduzindo aqui um novo dado. Para além disso, foi possível constatar a dificuldade existente, para o investigador, em dissociar por vezes nos relatos o que é acontecimento e o que é experiência, traduzindo a tensão interno/externo anteriormente referida. Ficou no entanto por explicar algumas questões ligadas à categoria predisposição traumática e que são igualmente relevantes para a compreensão do trauma e do acontecimento traumático.

Ao nível das investigações futuras nesta área, seria relevante compreender de uma forma mais abrangente a dinâmica por detrás do funcionamento psíquico das vítimas de trauma, sobretudo ao nível da compreensão da tensão entre externo e interno, entre acontecimento e experiência. Seria igualmente interessante explorar questões relacionadas com a compulsão à repetição e esta projecção que parece ser feita pelos ex-combatentes relativamente ao acompanhamento da instituição militar e da sociedade. Outra investigação

futura que seria pertinente realizar nesta área, consistiria na realização de um estudo que permitisse englobar não só as entrevistas como também o processo terapêutico dos seus participantes. Este tipo de investigação permitiria um conhecimento muito mais aprofundado sobre esta temática comparativamente ao que é possível obter-se unicamente através de entrevistas.

Uma das principais limitações desta investigação prende-se com a inexperiência do investigador no que diz respeito à realização de entrevista. O facto de não possuir muita prática na realização das mesmas conduz a uma limitação da entrevista pela forma como esta é conduzida e pela forma como as temáticas são abordadas. Caso a experiência do investigador nesta área fosse maior, seria talvez possível obter dados mais relevantes sobre algumas categorias e subcategorias.

Outra das limitações que podem ser apontadas nesta investigação, aliada à inexperiência do investigador, prende-se com a angústia que esta temática apresenta para os participantes. Como foi possível verificar, por exemplo no caso da categoria experiência traumática, verifica-se uma tentativa de evitamento desta temática devido à angústia que esta impõe aos participantes.

Por último, outra das limitações encontradas neste estudo está relacionada com a dificuldade em aceder a questões ligadas à categoria predisposição traumática, que se procurava igualmente aprofundar. Para esta limitação podem ser apontados dois factores chave. Por um lado, a inexperiência do investigador, tal como referido anteriormente. Por outro lado, ao trauma e às suas consequências. O facto de não serem encontrados elementos que permitam a fundamentação de uma possível predisposição traumática por parte dos participantes pode dever-se à ruptura que é provocada pelo trauma e pela centralidade que este assume na vida dos participantes. Esta ruptura e centralidade podem conduzir os participantes a uma incapacidade de elaboração da vida antes do trauma.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A. d., Fernandes, A., Saraiva, E., & Lopes, F. (1992). Distúrbios pós-traumáticos do stress em ex-combatentes da guerra colonial. *Revista de Psicologia Militar, Vol. SPC*, 399-407.
- Albuquerque, A. d., Soares, C., Jesus, P., & Alves, C. (2003). Perturbação pós-traumática do stress (PTSD): avaliação da taxa de ocorrência na população adulta portuguesa. *Acta Médica Portuguesa vol.16*, 309-320.
- APA, A. P. (1980). *American Psychiatric Association*. Cambridge Press.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bergner, R. M. (2009). Trauma, Exposure and World Reconstruction. *American Journal of Psychotherapy, Vol.63 no.3*, 267-282.
- Favero, A. B. (2009). Trauma e desmentido. *Psychologica. - Vol. 50*, 169-180.
- Freud, S. (1976). Fixação em traumas: o inconsciente. . In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud vol. XVI* (pp. 323-336). Rio de Janeiro: Imago.
- Garland, C. (2011). *Understanding Trauma : A psychoanalytical approach*. London: Karnac.
- Jean Poirier, S. C.-V. (1999). *Histórias de Vida: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Prota, F. D. (2000). *Um olhar psicanalítico sobre o Transtorno de Stress Pós-Traumático*. Obtido em 14 de Janeiro de 2012, de Escola Brasileira de Psicanálise: www.ebp.org.br/.../Fernando_Del_Guerra_Prota_Um_olhar_psicanalitico_sobre_o_transtorno_de_stress_pós_traumatico.pdf
- Sandler, J. (1991). Trauma Project. *International Review of Psycho-Analysis v.18*, pp. 133-141.
- Thelma Spindola, R. d. (2003). Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora)? *Rev Esc Enferm USP 37(2)*, pp. 119-126.
- Vala, J. (1986). Análise de Conteúdo. In J. Vala, *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Vaz Serra, A. (2003). *O Distúrbio de Stress Pós-Traumático*. Coimbra: Vale & Vale Editores, Lda.

Anexos

Anexo A. Questionário sociodemográfico

Nome: _____	Idade: ____	Residência: _____
Estado Civil: _____	Número de Filhos: ____	Profissão: _____
Local Destacamento: _____	Duração: _____	

Anexo B. Guião de Entrevista

Primeira Parte: Infância e Adolescência

- a. Onde nasceu?
- b. O que faziam os seus pais?
- c. Tinha irmãos?
- d. Houve alguém, além dos seus pais, que o tenha criado ou tomado conta de si?
- e. Como era o local onde morava?
 - a. Como era a sua casa, o seu quarto?
 - b. Alguma vez teve que dividir o seu espaço com mais alguém?
 - c. Como é que isso o fazia sentir?
- f. Alguma vez durante a sua infância esteve separado dos seus pais (pessoa que o criou)?
 - a. Porquê?
 - b. Onde?
 - c. Durante quanto tempo?
 - d. Que idade tinha?
 - e. Costumava receber visitas?
 - f. Como se sentiu e o que pensava durante esse tempo?
- g. Lembra-se de alguma vez ter sentido que tinha responsabilidades ou obrigações que não deviam caber a uma criança?
 - a. Que obrigações/responsabilidades eram essas?
 - b. Como se sentia, o que pensava?

- h. Como era a sua relação com os seus pais (com quem o criou)?
 - a. Lembra-se de existir alguma doença grave dos seus pais (quem o criou)?
 - b. De que modo é que o afectou?
- i. Como era a relação entre os seus pais?
- j. Consegue dizer-me qual foi o melhor e o pior momento da sua infância?
- k. Como é que avalia hoje em dia a sua infância e a sua adolescência?
 - a. Que sentimentos guarda da sua infância e adolescência?

Segunda Parte: Aspectos Militares

a. Serviço Militar Obrigatório

- a. Onde foi?
- b. Que idade tinha?
- c. Quanto tempo durou?
- d. Que recordações tem deste tempo?

b. Mobilização

- a. Como recebeu a notícia?
- b. O que lhe foi dito pelos seus familiares e amigos?
- c. O que sentiu e pensou?
- d. Que recordações tem desse dia?

c. Instrução Militar

- a. Teve um período de instrução / preparação militar?
- b. Onde foi?
- c. Como se sentia?
- d. O que lhe foi dito relativamente às condições que iria encontrar?
- e. Quais eram as suas expectativas?
- f. E os seus medos?

d. Partida

- a. Em que dia embarcou para África?
- b. Descreva-me esse dia
 - i. O que pensou/ sentiu?
 - ii. Quais eram os seus receios e expectativas?

- iii. Alguém se foi despedir de si?
- iv. O que lhe disseram?
- v. Como se sentia com essas despedidas?
- c. O que esperava encontrar quando chegasse a África?

e. Chegada

- a. Em que dia desembarcou?
- b. O que sentiu/ pensou quando desembarcou?
 - i. Corresponhia às suas expectativas?
- c. Como era o local onde ficou?
 - i. Condições
 - ii. Apoio

f. Cenário de Guerra

- a. Em que operações participou?
- b. Pode descrever-me algumas dessas operações?
- c. O que pensava e sentia durante as mesmas?
- d. Como era o clima dentro do seu pelotão?
- e. Quais eram os seus desejos?
- f. E os seus receios?
- g. Como costumava distrair-se depois das operações militares?
- h. Como era o relacionamento com os seus colegas?
- i. Sofreu algum acidente enquanto esteve em África?
 - i. Apoio
 - ii. Receios
- j. Algum dos seus colegas teve algum acidente durante as operações militares?
 - i. Como se sentiu?
- k. Qual era a frequência com que recebia notícias de Portugal?
 - i. Como se sentia?
 - ii. Ajudava-o de alguma forma?
- l. Teve direito a alguma licença durante o tempo que combateu?
 - i. Como foi a sua licença?
 - ii. O que lhe disseram quando voltou para usufruir da licença?
 - iii. O que sentiu?
- m. Como se sente pelo facto de ter participado nesta guerra?
 - i. Em que é que mudou?

ii. O que é que tinha mudado?

g. Regresso

a. Quando voltou para Portugal?

b. Como foram os primeiros tempos em Portugal?

i. Regresso a casa, à família e amigos

ii. Reacções da família e amigos

iii. Expectativas e receios do próprio

c. Mantém alguma relação com um ex-companheiro de Guerra?

d. Actualmente...

i. Como recorda a Guerra?

ii. O que sente quando pensa na Guerra?

iii. Costuma fazê-lo com frequência?

iv. Com quem costuma partilhar os seus pensamentos?

v. Em que aspectos a Guerra modificou a sua vida?

vi. Como pensa que poderia ter sido a sua vida caso não tivesse participado?

vii. Que importância atribui actualmente às experiências que viveu durante a Guerra?

Anexo C. Carta de Consentimento Informado

Exmo. Sr.

Eu, Ana Rita Guilherme Marques Farinha Pereira, aluna do 5º ano de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Universitário, encontro-me a desenvolver uma investigação relativa à Perturbação de Stress Pós-Traumático em Ex-Combatentes da Guerra Colonial.

A presente investigação tem como objectivo a compreensão dos fenómenos inerentes à Guerra Colonial, bem como a compreensão das modificações daí decorrentes nos ex-combatentes. Para a realização desta investigação preciso da sua colaboração voluntária para participar em entrevistas gravadas, por forma a ser possível obter as informações necessárias para o cumprimento do objectivo da investigação, acima especificado. A sua participação nesta investigação é importante para o aumento do conhecimento existente sobre o impacto da Guerra Colonial nos ex-combatentes, nomeadamente ao nível do stress pós-traumático, visto ser ainda um tema pouco abordado em Portugal.

Informo ainda que tem garantia de acesso, em qualquer etapa deste estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas relativas ao mesmo, sendo-lhe igualmente garantida a liberdade de retirada do consentimento informado caso o solicite. Comprometo-me igualmente a utilizar os dados recolhidos e dos resultados decorrentes, somente para o presente estudo, sendo que os seus dados serão mantidos num registo de anonimato e confidencialidade.

Caso não tenha qualquer dúvida, em anexo apresento-lhe o consentimento livre e esclarecido para ser assinado.

Consentimento Informado

Confirmo ter sido informado a respeito do estudo levado a cabo sobre a Perturbação de Stress Pós-Traumático em ex-Combatentes da Guerra Colonial. Fiquei esclarecido e são

claros para mim quais são os propósitos deste estudo, os seus procedimentos e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Concordo voluntariamente em participar neste estudo e que, será possível, retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou até perda de qualquer confidencialidade.

(Assinatura do Participante)

(Assinatura do Investigador)

Anexo D. Tabelas

Tabela 1. Preponderância Categorias por Participante

Categorias	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5	Participante 6	Total
Predisposição Traumática	3 (6.98%)	1 (1.49%)	4 (8%)	2 (2.04%)	5 (13.9%)	5 (5.81%)	20 (5.26%)
Acontecimento Traumático	7 (16.28%)	27 (40.32%)	17 (34%)	38 (38.78%)	9 (25%)	18 (20.93%)	116 (30.53%)
Experiência Traumática	5 (11.63%)	10 (14.93%)	7 (14%)	15 (15.31%)	7 (19.44%)	17 (19.77%)	61 (16.05%)
Vulnerabilidade Traumática	28 (65.11%)	29 (43.28%)	22 (44%)	43 (43.88%)	15 (41.67%)	46 (53.49%)	183 (48.16%)
Total	43 (100%)	67 (100%)	50 (100%)	98 (100%)	36 (100%)	86 (100%)	380 (100%)

Tabela 2. Preponderância Categorias e Subcategorias por Participante

Categorias e Subcategorias	P1	P2	P3	P4	P5	P6	Totais
Predisposição Traumática (C1)	3 (6.98%)	1 (1.49%)	4 (8%)	2 (2.04%)	5 (13.9%)	5 (5.81%)	20 (5.26%)
<i>Conhecimento Prévio (SC1.1)</i>	1 (2.33%)	-	1 (2%)	-	2 (5.56%)	2 (2.32%)	6 (1.58%)
<i>Treino/Preparação (SC1.2)</i>	-	-	3 (6%)	2 (2.04%)	3 (8.34%)	2 (2.32%)	10 (2.63%)
<i>Separações Precoces (SC1.3)</i>	1 (2.33%)	-	-	-	-	-	1 (0.26%)
<i>Dificuldades Económicas (SC1.4)</i>	1 (2.33%)	-	-	-	-	1 (1.16%)	2 (0.53%)
<i>Doenças Físicas ou Psicológicas (SC1.5)</i>	-	1 (1.49%)	-	-	-	-	1 (0.26%)
Acontecimento Traumático (C2)	7 (16.28%)	27 (40.32%)	17 (34%)	38 (38.78%)	9 (25%)	18 (20.93%)	116 (30.53%)
<i>Experiência de Combate (SC2.1)</i>	5 (11.63%)	18 (26.87%)	11 (22%)	30 (30.62%)	4 (11.11%)	10	78 (20.53%)
<i>Operações (SC.2.1.1)</i>	1 (2.33%)	9 (13.44%)	-	7 (7.14%)	1 (2.78%)	3	21 (5.53%)
<i>Mobilizações (SC2.1.2)</i>	-	-	2 (4%)	5 (5.10%)	-	-	7 (1.84%)
<i>Colegas/Camaradas (SCC.2.1.2.1)</i>	-	-	2 (4%)	5 (5.10%)	-	-	7 (1.84%)

Inimigos (SCC.2.1.2.2)	-	-	-	-	-	-	-
Civis (SCC.2.1.2.3)	-	-	-	-	-	-	-
Ferimentos/Mortes (SC2.1.3)	3 (6.98%)	8 (11.94%)	7 (14%)	16 (16.33%)	3 (8.33%)	7	44 (11.58%)
Próprio (SCC.2.1.3.1)	2 (4.59%)	-	1 (2%)	1 (1.02%)	-	-	4 (1.05%)
Colegas/Camaradas (SCC.2.1.3.2)	1 (2.33%)	6 (8.96%)	6 (12%)	14 (14.29%)	3 (8.33%)	6	36 (9.47%)
Inimigos (SCC.2.1.3.3)	-	2 (2.99%)	-	1 (1.02%)	-	1	3 (0.79%)
Civis (SCC.2.1.3.4)	-	-	-	-	-	-	
Risco de Vida (SC2.1.4)	1 (2.33%)	1 (1.49%)	2 (4%)	2 (2.04%)	-	-	6 (1.58%)
Condições Físicas (SC2.2)	2 (4.65%)	7 (10.45%)	6 (12%)	7 (7.14%)	5 (13.89%)	8	35 (9.21%)
Despedidas (SC.2.3)	-	2 (3%)	1 (2%)	1 (1.02%)	-	-	4 (1.05%)
Experiência Traumática (C3)	5 (11.63%)	10 (14.93%)	7 (14%)	15 (15.31%)	7 (19.44%)	17 (19.77%)	61 (16.05%)
<i>Experiência Emocional (SC3.1)</i>	4 (9.3%)	10 (14.93%)	6 (12%)	14 (14.29%)	6 (16.66%)	16 (18.61%)	56 (14.73%)
<i>Pensamentos/Fantasias (SC3.2)</i>	1 (2.33%)	-	1 (2%)	1 (1.02%)	1 (2.78%)	1 (1.16%)	5 (1.32%)
Vulnerabilidade Traumática (C4)	28 (65.11%)	29 (43.28%)	22 (44%)	43 (43.88%)	15 (41.67%)	46 (53.49%)	183 (48.16%)
<i>Compulsão à Repetição (SC4.1)</i>	5 (11.63%)	1 (1.49%)	4 (8%)	3 (3.06%)	-	6 (6.98%)	19 (5%)
<i>Sintomatologia (SC4.2)</i>	5 (11.63%)	3 (4.48%)	8 (16%)	18 (18.37%)	-	12 (13.95%)	46 (12.11%)
<i>Intrusão (SC.4.2.1)</i>	-	-	1 (2%)	2 (2.04%)	-	1 (1.16%)	4 (1.05%)
<i>Hipervigilância (SC.4.2.2)</i>	-	-	1 (2%)	2 (2.04%)	-	-	3 (0.79%)
<i>Sonhos/Pesadelos (SC.4.2.3)</i>	5 (11.63%)	1 (1.49%)	-	1 (1.02%)	-	5 (5.81%)	12 (3.16%)
<i>Irritabilidade (SC.4.2.4)</i>	-	1 (1.49%)	4 (8%)	11 (11.22%)	-	-	16 (4.21%)
<i>Evitamento (SC.4.2.5)</i>	-	1 (1.49%)	2 (4%)	2 (2.04%)	-	6 (6.98%)	11 (2.9%)

<i>Consequências Pessoais (SC4.3)</i>	5 (11.63%)	14 (20.89%)	6 (12%)	17 (17.35%)	11 (30.56%)	22 (25.58%)	75 (19.74%)
Físicas (SC.4.3.1)	1 (2.32%)	-	1 (2%)	-	-	1 (1.16%)	3 (0.79%)
Psicológicas (SC4.3.2)	2 (4.65%)	8 (11.94%)	3 (6%)	11 (11.23%)	8 (22.23%)	19 (22.09%)	51 (13.42%)
Famíliares (SC4.3.3)	1 (2.32%)	4 (5.97%)	2 (4%)	3 (3.06%)	1 (2.78%)	-	11 (2.89%)
Profissionais (SC4.3.4)	1 (2.32%)	2 (2.98%)	-	3 (3.06%)	2 (5.56%)	2 (2.33%)	10 (2.63%)
<i>Acompanhamento (SC4.4)</i>	13 (30.23%)	11 (16.41%)	4 (8%)	5 (5.1%)	4 (11.11%)	6 (6.98%)	43 (11.32%)
Familiar (SC.4.4.1)	-	2 (2.98%)	-	1 (1.02%)	-	2 (2.33%)	5 (1.32%)
Institucional (SC4.4.2)	-	-	-	-	-	-	-
Estado (SSC.4.4.2.1)	9 (20.93%)	6 (8.95%)	-	1 (1.02%)	1 (2.78%)	-	17 (4.48%)
Particular (SSC.4.4.2.2)	1 (2.33%)	-	4 (8%)	3 (3.06%)	3 (5.56%)	2 (2.33%)	13 (2.42%)
Sociedade (SC.4.4.3)	3 (6.98%)	3 (4.48%)	-	-	-	2 (2.33%)	8 (2.11%)

Anexo E.

Entrevistas

Nome: “Paulo”	Idade: 71	Residência: Pombal, Leiria
Estado Civil: Casado	Número de Filhos: 2	Profissão: Comissário de Bordo (TAP) <i>Actualmente reformado</i>
Local Destacamento: Angola	Duração: 26 meses (1961-1963)	

I: Gostaria que começasse por falar um pouco sobre a sua infância.

P: Venho de uma família com oito irmãos, quatro rapazes e quatro raparigas e tive uma infância, a nossa infância foi (...) dura, pós-guerra, pós Segunda Guerra Mundial com problemas de racionamento que existiram no pós-guerra, portanto tínhamos dificuldade em termos (...) eu costumava dizer que disso não me ficaram rancores. Não me ficaram rancores, era assim que nos ensinavam e portanto quase que posso dizer que até tive uma infância feliz. Isto se a felicidade é não ter quase nada, mas como não havia conhecimento de outras coisas melhores que se tivessem, posso dizer que vivia em harmonia no campo. Fiz a primária, ajudei os pais nas tarefas agrícolas enquanto lá estive e aos onze anos fui para o seminário em Fátima. Estive numa congregação religiosa de missionários que se destinavam a África. Era um projecto que me empolgava na altura, era isso que eu queria e sentia-me com vocação, até aos dezassete anos. Comecei a pôr as minhas questões não é? À vida, como é que é, o que é que vou ser o que é que não vou e pronto comecei a ter dúvidas e a questionar-me e coloquei a questão, sem grandes conflitos, embora na época fosse muito difícil abandonar uma carreira religiosa. Tive apoio do director espiritual, que me apoiou contrariamente a alguns colegas que tiveram algumas dificuldades. Apoiou-me e disse “pronto, se é esse o teu desejo vai à vida”, abriu a gaiola e eu saí, vim para aqui. Andei ali assim numas peripécias, emprego não havia, entretanto fiz um concurso, inscrevi-me em vários cursos por correspondência: contabilidade, inglês, aqueles dezanove anos assim, nós tentamos tudo, fiz por aí assim umas incursões. Fui chamado para prestar provas, para fazer um curso nos correios de então, que são ainda os de hoje, não é bem a mesma coisa mas são. Fiz o concurso, passei mas entretanto sou chamado para a tropa. Enfim há aquelas peripécias todas dos anos sessenta, do assalto ao Santa Maria e eu estava no curso de Sargentos em Tavira quando se dá já esse problema. Já tinha havido também, não a questão dos panfletos por via aérea do Humberto Delgado foram posteriores, portanto

C.1.4

C.1.3

após o Santa Maria deu-se logo também o assalto à prisão de Luanda e começou aí. Foi a quatro de Fevereiro, começaram aí as peripécias. As primeiras tropas ainda foram de avião. Nós acabámos o curso e fomos a primeira fornada, estávamos ali preparadinhos para avançar e em 13 de Abril foi, salvo erro em 13 de Abril, o discurso do Salazar “rapidamente e em força para Angola”, a 5 de Maio estava a caminho já de Angola, com o Vera Cruz carregado com dois batalhões e o material bélico necessário, rudimentar como é apanágio da nossa miséria. Portanto fomos com armas, podemos chamar para a época, da última guerra, rudimentares, nós mesmos sentíamos que de facto... Já ouvíamos falar nas Guerras do Vietname em termos tecnológicos de apoio humano e técnico. Avançámos inexperientes e mancebos de vinte anos com o mínimo de, pronto fomos para uma coisa completamente desconhecida mas pronto com aquele intuito, sem dúvida, do sentido de pátria. Isso era colocado e existia, nós íamos com a convicção que íamos defender a pátria, era isso mesmo. Não pus a questão de fugir, aliás pus porque a minha zona tinha muita emigração. Punha-se a questão da dificuldade do fugir como outros jovens fugiram, mas a emigração não, eu na altura já tinha algumas habilitações literárias e apostava nisso e “pode ser que me safe e não vou sujeitar-me a uma vida de emigrante”, portanto não dei o salto. Pronto, não me senti entusiasmado por aí, seja o que Deus quiser e tal como os jovens do meu tempo assumimos, os que pretendiam ir, mas sentíamos que íamos defender a pátria e foi com essa intenção que fomos para Angola em sessenta e um. Lá fiquei, ao fim de dois meses, em Julho de 61 fui atingido numa emboscada, estive praticamente do outro lado mas Nossa Senhora de Fátima, a quem eu recorri e ainda hoje digo que recorri e faria se calhar igual, que se voltasse vivo ia a Fátima a pé e fui. Portanto foi um ferimento que me atravessou de lado a lado e pronto, consegui! Estive no hospital militar em Luanda, fui evacuado e assim foi. Depois de dois meses, voltei para o mato porque a cura que se entendia era que, a melhor cura era voltar para o meio das balas. Embora hoje a nossa célebre Dra. “Inês” que está lá no Ministério, no Hospital Militar para anular todas as pretensões da doença, anular portanto os atestados médicos dos nossos médicos que nos apoiam e que está lá para exactamente dizer “em Angola não houve guerra”. É a tendência que existe mesmo, ela está lá para anular, está lá para isso não está para outra coisa e eu tive essa convicção e certeza da maneira como o meu processo andou. Apresentei-me, o processo recorreu por sete anos e nunca fui visto nem examinado no Hospital Militar. Tive as duas consultas que são pró-forma, são dez ou quinze minutos de coisas que se calhar, no meu caso, nem foi sobre a guerra foi sobre problemas, problemas não, situações familiares comuns do médico com uma pessoa que lhe dizia respeito e que ele conhecia e nós eramos

C.2.2

C.2.1.4 C.2.1.3.1

C.2.1.3.1

C.3.1

C.4.4.2.1

C.4.4.2.1

colegas. Falou-se tudo menos do problema pós-traumático do stress e no fim fiquei com alguma esperança que houvesse alguma honestidade na conduta do processo quando o médico diz “olhe sim senhor eu não vou mandar fazer quaisquer testes porque concordo com o diagnóstico”, do modelo 2 supos eu. Ele para lá inventou uma outra doença qualquer que tem a ver com distímia ou não sei o quê, que a Dra. “Marta” achou muito estranho, mas pronto houve ali uma despistagem e a coisa evoluiu. A Dra. “Inês” pegou naquilo e disse, “não tem nada, você não tem nada”. Com a Dra. “Inês”, foi parecido, estive dez minutos com ela, em que ela nem olhou para mim, estive lá a riscar o processo, mandou-me ir à junta médica. Fui à junta médica, “não tem nada, não lhe damos nada”, pedi a junta de recurso a mesma coisa, nem sequer falaram em doença, nem perguntaram. A questão deles era esta, “você tem possibilidades de sobrevivência portanto automaticamente não faz sentido”. Mas uma coisa será a doença outra coisa será ... Bom, eles nem sabem qual é a minha reforma mas dá-me ideia que tiraram conclusões e portanto, foi assim a minha experiência. Isto na parte da minha relação com os militares, que hoje para mim é uma frustração total e foi se calhar pior eu ter pegado nisto, porque o que tenho passado é muito pior do que se não tivesse metido o processo. Mais-valia ter feito como fiz sempre, embora passando com aqueles complexos de cobardia ou não, que foi o nosso grande problema, com que nos debatemos a vida toda, “então vou-me queixar sou o quê? O que é que eu sou, então mas afinal sou um homem, fui um militar que lutou pela pátria ou sou um covarde que agora digo que não sou capaz de ultrapassar?” e portanto peguei nas coisas a pensar que havia um mínimo de ... O que sinto e o que penso que sentem uma grande parte dos militares que hoje são sócios da associação e de outras associações é que eles apenas querem, os militares de hoje, os senhores generais, apenas querem que esta geração morra para estar o problema resolvido e não estamos cá mais a chatear. A chatear que é uma palavra que eu não gosto mas de qualquer modo o português não tem ... Há uma palavra bonita que a gente usava, usava-se na minha infância, que era enfadar, que os espanhóis ainda têm. Nós só temos o chatear que tem a ver com o bicho nojento que é o chato mas pronto. E assim foi, estou muito enfadado de facto porque depois, como o ultimo recurso era recorrer aos tribunais civis, tenho o processo a andar em tribunal. Mas os tribunais, enfim, as coisas a nível judicial também são muito complicadas, temos a justiça que temos e é difícil pegar numa coisa destas. Estou numa situação que é: o juiz anulou a decisão da junta de recurso por lhe parecer que eu não fui devidamente analisado medicamente e está nesta fase, mas não tenho esperanças que daí advenha qualquer coisa. Portanto, o “Paulo” que estive quase a morrer mas que sobreviveu, safou-

se daquela canhacolada que levou, que é um bocado de ferro que me entrou atrás e saiu à frente, safou-se mas não andou na guerra! É a conclusão que eu tiro, não andei na guerra não tenho nada, não vale a pena. De qualquer maneira eu não desisto de continuar. Por um lado faz-me mal à cabeça, faz-me mal porque continuo a tomar a minha droga para dormir porque se não, não adormeço é um enredo dos diabos, vai-se até às matas africanas, vem-se até ao mar, vai-se até ao quartel dar-se as recrutas a novos e sempre na idade de vinte anos, nunca me vejo na idade dos setenta que tenho. Continuo a entrar no quartel, com muita dificuldade, a dar (...) Na parte da minha vida profissional, quando voltei de Angola tentei várias coisas e como tinha aquele recurso de ter concorrido aos correios, apresentei-me por assim dizer. Tive a sorte de três meses depois abrir um concurso, fui chamado e fiz o estágio. Estive cerca de três anos nos correios, depois concorri para vários sítios e de todos, fui para uma empresa de aviação. Entrei como administrativo e depois fiz a minha luta, mas com a questão bélica sempre cá, os sonhos, pesadelos mas eu encarava isso como fazendo parte da minha vida, não valia a pena pois se tinha pesadelos (...) Pronto e fui para essa empresa de aviação e depois concorri para bordo. Trabalhei de dia e estudava à noite, fiz o meu curso de línguas que era essencial para ir e ao fim de quatro anos nos administrativos concorri para bordo e fui. Em termos monetários era mais compensador. Em 85 queixei-me, quando ainda nem sequer se falava destas questões de stress de guerra, e foi feito o levantamento. O processo militar, por força das circunstâncias, não havia nada. Não havia um único levantamento feito do acidente, do incidente, portanto eu apenas tinha, no meu processo militar, que de facto tinha estado internado no hospital militar mas não aparecia o tempo em que tinha estado, nada. Coisas que se perderam nos processos. Apresentei os testemunhos dos meus comandantes em Angola, foi refeito todo o historial, apenas tinha um louvor do comandante de companhia e do comandante de batalhão a dizer que de facto tinha sido ferido, que me tinha portado muito bem, em termos de reacção ao inimigo, mas o inimigo ficou lá e eu vim para cá e pronto, era única referência. Então, queixei-me nessa altura e já quando me queixei, quando disse que tinha pesadelos, o médico disse apenas, no hospital militar, “então você andou lá não queria ter pesadelos?”, mais nada, “não lhe vejo nada, o senhor faz a sua vida normal, governe-se, faça a sua vida e já é bem bom estar vivo” e portanto já nessa altura sabia que se o meu processo tivesse sido encaminhado por alguém que soubesse, hoje sei isso, tinha tido logo na altura, em que tivesse apresentado os atestados médicos correctos numa determinada via, já numa via psicológica e não na via do ferimento, teria então desde essa altura uma pensão o que quer que ela fosse, assim não. Até muita gente, as pessoas, o comum do cidadão diz “ah então

deves ter uma boa pensão. É que eu conheço um fulano que teve assim um berbicacho, teve um estilhaço numa perna e tem uma pensão”. Pronto, teve mais sorte que eu, a minha não foi um estilhaço foi um balázio mas pronto, não deu nada e eu segui assim a minha vida sempre no aspecto dinâmico, lutar sempre, e a questão dos pesadelos estava à margem, faziam parte da vida. Lutei sempre. Depois na idade escolar dos meus filhos, quando eles chegaram, na altura era difícil e gostava de continuar a estudar, gostei sempre e por volta dos quarenta e tal anos quando os meus filhos chegaram ao 12º, eu estava a fazer o ADOC de então, fui dos poucos que passaram porque na altura aquilo era tramado, ainda tínhamos que marrar bastante e eu disse, “bem cheguei aqui, não vou parar”, desafiei os meus filhos e disse “olhem, eu vou também para a faculdade, portanto vamos lá ver quem acaba primeiro”, em termos de desafio para lhes dar força. Avançámos, a minha filha, primeiro disse que ainda ia mas depois antes quis ir trabalhar, o meu filho seguiu e eu segui também e acabei.

I: E que curso esteve a tirar?

P: Fui para a minha área, a minha ferramenta era Francês e Inglês, Espanhol eu sabia dos livros que lia na faculdade, estudei também italiano durante quatro ou cinco anos e a minha ferramenta era saber línguas e utilizar as línguas no dia-a-dia da minha profissão. Acabei o curso e pronto, serve-me hoje para dar apoio aos meus netos. Na parte do stress pós-traumático, está cá comigo.

I: Continua a ter os pesadelos recorrentes?

P: Isso não há hipótese, penso eu. Não há hipótese, sem medicamentos não se dorme, pesadelos tem-se na mesma, mais aliviados são coisas por vezes mais vagas, tirando por vezes as reacções que temos do arrancar da cama e ficar sentado e pronto “não foi nada”, o problema é a mulher que está lá ao lado e também já sabe. Mas das tentativas que tenho feito ... Estou a ser acompanhado pelo psiquiatra, pelo Dr. “Pedro” e aqui venho à consulta com a Dra. “Marta”, venho às reuniões de grupo e o resto é convencer-mos que isto existe, está cá e temos que lidar com isto até sermos capazes, vai-se tomando a droga. As tentativas que já fiz de cortar definitivamente, ainda não consegui, vou tentando, mas já sei que é uma coisa que está cá, não vai desaparecer e temos que tentar conviver com ela. Agora que causa transtornos na vida em termos permanentes, é complicado. Aqueles suores, acordar com suores, com a respiração ... palpitações, coração acelerado, isso continua frequentemente mas pronto nós cá andamos. Penso que cura não tem, aliás

também é a opinião dos técnicos que lidam com isto, temos que tentar da melhor maneira ser capazes de lidar com a situação.

I: Quando tempo esteve em Tavira no curso de Sargentos?

P: O curso dura quase seis meses. Ah! E depois de Tavira ainda fui colocado em Leiria, portanto ainda só tínhamos tido problemas naquela coisa do 4 de Fevereiro, tínhamos sabido do problema em Angola e depois fazer aquelas contas. Eu na minha unidade era o primeiro do curso e diziam-se aquelas coisas para aliviar “epá começam pelo fim”, eu fui o primeiro a ser chamado. Fui o primeiro a ser chamado em Leiria à secretaria do comando e depois outros foram a seguir. Na mesma altura estava o meu instrutor em Tavira, tinha sido o tenente Presa de Magalhães, encontrei-me lá com ele “então tás aqui, tenho que ir para Santa Margarida preparar-me” – “olha vou contigo”.

I: O que é que sentiu e pensou ao ver que se estava a aproximar o momento?

P: Apreensão. Apreensão. Apreensão séria. Apreensão. Há transtorno, a pessoa sentir “agora vou para Angola”, já se falava seriamente do ataque à prisão, tinham sido libertados os presos, tinham sido massacrados os polícias na sétima esquadra, vinham as notícias das fazendas que eram assaltadas e em que as pessoas eram esquartejadas. E nós ainda assistimos inicialmente, apanhei as consequências de pessoas que ainda tivemos que ir libertar. Na zona para onde fomos já não apanhámos esquartejamentos mas apanhámos pessoas em pânico e que ainda fomos libertar. Os primeiros tempos foram muito complicados porque os acessos, as estradas, as estradas ... as picadas! Tudo o que era árvores tinha sido tudo posto e nós não tínhamos equipamento. A maior frustração, coisas hoje que ainda hoje nos meus pesadelos vêm é a impotência que tínhamos para transportar um pequeno ... valas cavadas, em que nós com ferramentas precárias tínhamos que entupir a vala para as viaturas subirem de um lado e saírem do outro e levámos por exemplo para desimpedir a picada de Tomboco a São Salvador que são 180 quilómetros, foram doze dias. Doze dias sempre a malhar. O que nos valia claro é aquela guerra de guerrilha, em que eles próprios tinham poucas armas, batiam e fugiam e nós fazíamos o que podíamos, instalávamo-nos e ripostávamos. Pronto, tivemos mortos. A minha companhia teve dez mortos, vinte ou trinta ferimentos, houve companhias piores. No meu batalhão, a minha companhia foi a que teve mais exposta e depois viemos embora, vínhamos com aquela coisa de “este já passou” e na altura não se falava da questão de mais algum voltar a ser chamado mas também, mais ninguém ... nem eu contactei a tropa porque eu queria era

C.1.1

C.2.1.1

C.2.2

C.3.1

C.2.1.3.2

C.3.2

fugir, queria era esquecer, não queria ver mais fardas e hoje tenho a mesma revolta em relação às fardas e afinal a minha profissão também tinha farda, mas era uma farda mais leve, tinha outra responsabilidade. Era livre, embora com disciplinas, mas também nunca foi isso que me afectou. Agora, em termos de seguir a vida militar, nunca mais quis. Não há hipótese, hoje não aceitaria mais, teria muita dificuldade. Às vezes penso, se os meus netos tiverem que ser e eu for vivo terei grandes problemas como tive com o meu filho, que tentei livrá-lo, livrá-lo não por cunhas mas porque ele tinha de facto um problema de saúde e o Exército foi mais uma vez injusto, já o tinha sido comigo, já tinha sido com os meus irmãos e portanto eu das Forças Armadas da minha pátria não tenho nada a esperar, tenho só a lamentar, sinceramente, hoje tenho a lamentar. O meu irmão mais velho esteve no tempo da fome na guerra, em Torres Novas, contraiu principio de tuberculose, esteve no sanatório do Caramulo e foi entregue à família medicado com medicamentos, que depois a família é que passou a pagar, e com um despacho que me fez sentir uma repulsa enorme quando há pouco tempo li a caderneta dele, “sujeito a pagar a taxa militar”. Portanto para si se calhar não simboliza nada, quem não ia a tropa ficava a pagar. Depois de ter feito tropa durante um ano e meio doente, foi entregue à família tuberculoso, “vais para casa, libertamos-te” mas ficou a pagar a taxa militar. Quando depois emigrou para França pagou todo no conjunto quando pôde para se libertar. O outro meu irmão foi para a Marinha e depois dos quatro anos de compromisso queria vir-se embora e não o queriam deixar vir. Portanto toda a minha relação com as Forças Armadas do meu país é traumática! Agora a parte dos meus colegas, das pessoas que estiveram comigo em combate, havia solidariedade e ainda hoje há, agora da parte das Forças Armadas do meu país é uma frustração total e isso afecta de facto psicologicamente. Sinto, é talvez a maior mágoa que tenho, é sentir que ... pronto não contei do meu filho. O meu filho praticava patinagem artística, foi na vida civil e, por duas vezes, ele teve ruptura de ligamentos que é uma coisa que hoje em dia nos jogadores de futebol que têm resistência óptima acontece e é complicado. Mais tarde ele foi para lá com os atestados todos e, veja o conceito que têm, um militar calhar dizer-me “normalmente quando a malta vai para lá com os atestados todos é o primeiro a avançar”, numa altura em que já nem era, em que já 50% ou 75% eram livres. Ele já estava na faculdade, dava aulas como assistente e perdeu um ano e meio porque foi chamado. Só depois é que conseguimos, na junta médica do hospital de Coimbra. Foi, sujeitou-se a agravar o problema dele e portanto eu, infelizmente, com as Forças Armadas do meu país não ...

I: Lembra-se do dia em que embarcou no Vera Cruz?

P: Claro, essas coisas nunca se esquecem.

I: Quanto tempo durou a viagem?

P: Oito dias.

I: Quando estava no barco quais eram as suas principais expectativas e receios?

P: Ah! Havia aquela dorzinha, era o imprevisito, o desconhecido, sabendo que vamos para uma missão de armas na mão, vamos jogar a nossa vida, isso era uma questão que nos era clara! Durante a viagem tivemos alguns percalços, fomos quase até ao Brasil, que também não valia a pena, mas andávamos a navegar, a fazer curvas pelo oceano, porque constava que, dizia-se coisas na altura, a União Soviética, todos os dias na rádio Brazzaville se ouvia “já vai uma grande força do inimigo colonialista para Angola mas não vão chegar ao destino porque nós não vamos deixar”, sempre houve a ideia de que seríamos desviados ou afundados e isso dentro do núcleo ao fim do terceiro, quarto dia soubesse. Soubesse porque houve uma espécie de contra-espionagem e chegou-se à conclusão que havia lá um grupo, como tinham desviado o Santa Maria, viria um grupo dentro das Forças Armadas, que era um grupo de oficiais que tinham passado a fazer um piquete e a ponte de comando passou a estar isolada, incontactável, não havia hipótese de ter acesso. Isso veio ao de cima e nós durante aqueles dias tivemos a sensação que podia acontecer alguma coisa, ou chegaremos lá ou não chegaremos e isso era claro e ainda hoje o comandante militar costuma citar isso nos almoços. Eu fui a três, já fizemos cinquenta anos, o ano passado foi o cinquentenário da nossa chegada a Angola, mas eu até disse ao meu amigo Lourenço, que foi o enfermeiro que cuidou de mim, eu disse-lhe sempre “tem paciência, não vou porque eu estou lá e estou na tropa. Não sou capaz, não tem explicação. É absurdo é, mas não consigo. Eu estou lá, estou a ver as mesmas hierarquias, as mesmas ordens. Oito dias antes tenho pesadelos que estou na tropa outra vez, oito dias depois continuo, não vou. Aos encontros militares não vou”. Eles têm as mesmas queixas que eu, mas não consigo.

I: E o regresso, lembra-se qual foi o dia?

P: Concretamente não. Mas nós já falávamos nisso, na altura falou-se mais ou menos que seria para dois anos, mas depois começaram a dizer “ah e tal, chegou agora do quartel-general que como nós fomos os primeiros que vamos só estar cá, já fizemos um ano”, depois era o barco que estava avariado e não sei quê, estivemos lá dois anos e três meses. Quando recebemos a notícia fomos-nos preparando, mas a partir do momento em que nos

C.3.2

C.3.1

C.3.1

C.4.3.2

foi dada a notícia já estávamos na zona de Luanda e durante um mês preparou-se. Atrasámo-nos ainda porque o Vera Cruz tinha estado em reparação e estávamos a ver que se continuássemos lá, teríamos que continuar em operações. Sei que para lá fui sempre enjoado, para cá consegui não enjoar! Foi com certeza diferente nesse aspecto. Logo aqui à saída do Tejo eu enjoiei, como muitos outros, fiquei a saber que para mim o barco não era o melhor transporte, mas para cá como não enjoiei, pensei que afinal também não era nada que não se possa ter.

I: Enquanto lá estive, teve alguma licença?

P: Tive. Tirei por duas vezes quinze dias em que vim a Luanda e no último tempo como já estávamos na zona de Luanda, íamos para ali. Tive também outro contratempo e aí o meu comandante não foi de facto, foi igual a si próprio não era um homem muito ... eu soube pelo primeiro-sargento da minha unidade que eu estive indigitado para vir pelo facto de ter sido ferido e como era dos graduados o único que tinha sido ferido, porque os outros mortos ou ferimentos eram soldados ou cabos, tivemos também um sargento que também foi morto, estive indigitado para receber o prémio do governador-geral de Angola que era vir um mês de férias, de avião com viagem paga, a Portugal. Soube isso mais tarde, eu estive indigitado mas houve um senhor, complicado, muito complicado, que ameaçava tudo e todos, tinha a sua madrinha de guerra no Brasil e, portanto, moveu as suas influências e deve mesmo ter ameaçado o comandante de companhia por aquilo que o velhote me disse, ele conseguiu abarbaratar-me essa coisa. Como eu fui sempre um rapaz pacato, 99% ingénuo, aceitei isso, chamei-lhe assim um nome feio mas eu também nunca tive jeito para chamar nomes feios às pessoas, mas dentro da minha capacidade fiquei a lamentar e pronto, só pude ver a minha família 26 meses depois.

I: Qual foi a sensação?

P: Para já, já cá estar e depois, sou um herói ... durou pouco tempo! Fui visitar a minha namorada, que eu já namorava a minha mulher que ainda é hoje graças a Deus e nem me desfardei, cheguei a minha casa, fardado como ia, fui visitar a minha namorada porque sou um herói. Durou pouca dura, porque ... isto tem várias fases, ter estado em Angola começou rapidamente a ser o género: primeiro porque era conotado como “estive em Angola, veio maluquinho” e depois isso começou a ser negativo, começamos a esconder, “ah estive em Angola mas não houve problema”. Na minha própria empresa, depois mais tarde, eu tinha exames psicológicos todos os seis meses, uma inspecção médica e numa

determinada altura houve a noção exacta que os testes psicológicos que fazíamos de seis em seis meses podiam ser razão para “não tens condições para andar a voar, tens problemas com a guerra”, que eram problemas reais e portanto tinha que esconder. “Ah não! Isso já passou”. Esconder, sempre esconder. Até que depois quando o Dr. “Luís” começou a falar, penso que se passou comigo e com muitos, começámos a aparecer. Alias, ele acompanhou-me na TAP que ele esteve lá como médico psiquiatra e quando comecei a andar muito contrariado a médica disse-me “não tem problema vai, tens que confiar, é sigilo, vais ter com o Dr. “Luís” e vais expor a situação”, numa fase mais posterior já não havia tanto problema e ele disse “Não, não tem problema a nossa relação vai ser secreta” e pronto, foi assim mas portanto a nossa relação depois com a sociedade teve várias ... e com a família é igual. Com a minha família estes assuntos praticamente são tabus.

I: Sente que teve apoio quando voltou?

P: Em termos de emprego não, as empresas também não, não era fácil. Depois mais tarde começou a ser aceite como era mas apoio, apoio não, sempre que aleguei o facto de ter estado no Ultramar como colhendo disso benefícios nunca houve isso, houve o contrário. Eu estive directamente nos próprios correios, quando a nível interno concorri e aleguei isso, o chefe de repartição disse, o meu chefe, quando eu aleguei que pensava que havia uma coisa que o Salazar dizia que quem teve no Ultramar que em caso de concursos públicos teria preferência, “o que é que é isso preferência? Então se fosse ficar em ultimo lugar que preferência é que você quer?”, se calhar tem razão ... cheguei a estar inscrito, era o primeiro inscrito porque era por inscrição, para ir para os serviços postais militares, nos correios ganhava bastante mais e ficava na retaguarda e quando dei por isso, a senhora que lá estava disse “você tem toda a razão mas eu não posso fazer nada, houve aí uma reviravolta e o que era já não é, pode ficar inscrito”. Era eu e um colega inscritos e a partir daí não, não houve nunca benefícios, colher benefícios pelo facto de ter servido a pátria, nunca houve. Também nunca fui muito exigente nesse aspecto, mas senti-me mal quando na faculdade me disseram, já agora conto-lhe mais esta. Havia um decreto de lei que isentava de propinas quem tivesse estado no Ultramar, que não era verdade, não era preciso ter estado no Ultramar, que tivesse um louvor de um oficial general superior que correspondia a regimento, não chegava de batalhão, ora como em Angola o escalão máximo era de batalhão, não havia mais só se fosse o chefe da região de Angola, portanto não era um perdigueirozito perdido lá na província que vinha e de repente ia ter um louvor. Se eu fosse do quadro e tivesse movimentado as diligências sabendo disso era possível,

difícil penso que não, mas pronto tinha o louvor por ter sido em combate, o meu louvor foi por isso. Por ter estado nas campanhas em Angola e o meu louvor era ter sido ferido em combate e ter reagido com as minhas obrigações de militar na altura, ter organizado os meus homens e ter correspondido, era esse o meu louvor.

I: Qual era a sua patente na altura?

P: Furriel Miliciano. E quando, ora o que é que eu estava a dizer (...) Então fui ao Arquivo Militar, levei a papelada, levei para a faculdade e veio a resposta “o seu louvor não chega”, eu queria pedir isenção para o meu filho e para mim, felizmente que as propinas nessa altura eram aceitáveis... Eram aceitáveis para a mim, para o meu vencimento, não eram bem aceitáveis para muita gente que tinha problemas com certeza maiores que os meus. Mas visto que era um benefício eu fui. Então fui ler o decreto de lei que não tinha nada a ver com ter estado no Ultramar, tinha era um decreto de lei de antes de ter começado a guerra, ainda existe hoje não lhe mexeram, a nossa classe militar nem sequer tentaram tirar proveito dessa situação e dá-lo a alguém, que era fazermos como os americanos que apesar de tudo continuam a mandar pessoas para morrer, mas apesar de tudo têm estas benesses. O meu primo esteve na guerra do Vietname, era marinheiro, esteve lá seis anos na marinha e daí, no fim, fez o curso de engenharia completamente dado pela nação e cá isso não existe, nunca existiu. Portanto eu pedi e fiquei então a saber que esse decreto de lei nem sequer tinha a ver com a guerra do Ultramar e paguei do meu bolso tudo, como continuei a pagar e ainda hoje não se tem benefícios. A guerra passou a ser um trauma nacional, é para os que lá estiveram e para os que não estiveram. É um trauma da nação. Nós hoje temos um trauma de vergonha, eu ainda há pouco ouvi, “estiveste lá a matar pretos”. Ainda há pouco tempo. É um trauma nacional, ainda se fala nisso como uma coisa que ... e a própria guerra não era sentida cá, não era sentida até pelos nossos pais “o meu filho está na guerra mas vem um dia, há-de voltar”. Os meus pais só caíram neles quando eu depois deixei, fiquei aqueles três meses sem comunicar com eles, não me sentia psicologicamente ... mas nunca, nunca mesmo lá, hoje sinto que o eu o tempo todo que tive depois do meu trauma, antes ou depois, o meu problema era a depressão, eu não comia, vim de lá com 53 quilos, o médico dava-me umas coisas mas nunca me passava pela cabeça que fosse uma coisa, pronto trauma, mas ainda hoje acho que é um problema de uma geração mas que é mais grave do que se pensa mas não há ninguém, ou não à solução ou não se quer dar solução, eu vejo aqui colegas que estão muito piores que eu, ou sou eu que faço uma análise optimista, porque da minha parte sempre fui uma pessoa que sempre analisei os

C.4.4.3

C.4.3.1

outros e tento, como fazia lá na guerra, dar força quando a minha força é pequena e tentar dar força porque enquanto estou a dar força ao meu, estou a dar a mim próprio e portanto ainda hoje eu dou um grito às pessoas “isto há-de mudar” que é para eu também, quando estou a aconselhar os outros ou a puxar, puxar por mim também. E é isto.

I: Agradeço-lhe imenso a sua colaboração.

Nome: “José”	Idade: 61	Residência: Seixal
Estado Civil: Casado	Número de Filhos: 1	Profissão: Motorista (TST)
<i>Actualmente reformado</i>		
Local Destacamento: Angola	Duração: 2 anos e 45 dias	

I: Fale-me um pouco da sua infância.

J: A minha infância foi uma infância feliz, não posso dizer propriamente que foi uma infância como actualmente porque naquele tempo a vida era outra não é, por acaso sou filho único e ainda tive alguns privilégios em relação a outros colegas da minha idade que tinham vários irmãos e logo aí, à partida os pais tinham mais dificuldade em sustentar os filhos e dar-lhe aquilo que na altura era possível. A partir daí começaram os anos a passar, eu era uma pessoa, considerava-me e era uma pessoa muito divertida, muito alegre, eu metia-me com miúdos, já mesmo depois de atingir uma certa idade, metia-me com miúdos, brincava, pessoas mais velhas, eu dava-me com as pessoas que tinham idade quase para serem meus pais, toda a gente naquela zona ainda hoje se lá forem e perguntarem pelo “José”, excepto pessoas que nasceram depois, se perguntarem pelo “José”, ali em volta não havia quem não soubesse quem eu era. Pessoas mais novas como pessoas mais velhas com quem me dava super bem, e ainda dou, quando lá vou encontro pessoas que pronto ... Evidentemente que nessa altura já estava a guerra, já há alguns anos, a guerra rebentou em 61 se não estou enganado e portanto já iam uns anos e nós já íamos, por tradição, já nos íamos mentalizando que de facto o nosso dia ia chegar, à medida que os anos iam passando. Depois, é curioso que até chegar a vez de cada um, no meu caso concreto, as pessoas na altura, era uma tradição alias, as pessoas quando iam à inspecção militar, nós, eu, quando íamos à inspecção militar, pronto eramos aprovados, só se fosse algum cocho ou assim sei lá quê era tudo aprovado, aquilo era à militar e enfim! Mandavam despir as pessoas todas, depois éramos chamados, entrávamos lá, pesávamo-nos, mediam-nos a altura, mexe o braço e tal, apurado. Entretanto, na altura havia tradição de fazer a festa, a festa das sortes, chamava-se assim na minha zona, no dia da inspecção e então depois saímos dali, aqueles lá da mesma freguesia, faziam a sua. Então cada freguesia, os que iam, fazia-se a festa, na altura normalmente era em casas particulares, era uma festa e depois à noite era um baile que era o baile das sortes, umas pandeiretas que se usava na altura com

umas fitas, faz-me lembrar quase agora quando acabam os finalistas, mas era um pouco assim, cheio de fitas e depois haviam umas fitas largas vermelhas e punha-se “apurado”, tornava-se quase como que um orgulho para nós, não sei, estávamos já mentalizados para aquilo e festejávamos aquilo assim, de uma maneira divertida. Depois vinha atrás, mal sabíamos nós, o que é que ia acontecer certamente e concretamente, ninguém sabia evidentemente. O certo é que festejava-se um pouco aquilo, que é realmente assim um pouco, às vezes penso “mal sabíamos nós para o que estávamos guardados”, mas pronto era a tradição e foi cumprida, pelo menos pela minha parte, falo por mim pela minha freguesia e pelos colegas que foram comigo naquela altura.

I: Qual foi a freguesia onde nasceu?

J: Eu nasci na freguesia de São Julião, concelho e distrito de Portalegre. É uma freguesia grande em dimensão, em termos de população é uma freguesia com poucas habitantes, agora pior, na altura tinha mais, mas agora com a desertificação e as pessoas ... mas, pronto era a freguesia. Foi onde eu nasci, não fui criado praticamente lá, fui criado na freguesia de Alegrete que ficava no mesmo concelho mas, pronto era a minha freguesia era aquela e é e foi com aquela gente, com os colegas de lá que eu cumpri o meu dever, naquela altura era um dever, era um dever que se tinha que fazer.

I: E viveu sempre com os seus pais?

J: Sempre!

I: Até à altura em que recebeu a notícia viveu sempre com eles?

J: Vivi sempre com os meus pais. Antes da inspecção militar tínhamos que nos ir alistar, aos 18 anos, dar o nome e tal e depois então é que erámos chamados para irmos à inspecção militar e depois pronto, era esperar. Então eu a determinada altura fui contactado, chamaram-me para me apresentar neste caso no CQ3 em Elvas, salvo erro dia 2 de Janeiro de 1971, foi quando me apresentei. Depois a partir daí, fiz a minha recruta, davam uns diazinhos, uma semana salvo erro para estarmos em casa e depois, a partir daí, fui para o Porto onde fiz a especialidade, estive lá ... Acabámos a especialidade aquilo foi tiro e queda, fomos enviados para Abrantes e daí formámos batalhão. Foi formado o batalhão, tivemos ali mais umas preparações mentais, físicas, etc. e pronto dali passaram-nos uma guia de marcha, o dia em que íamos embarcar e passaram-nos a guia de marcha com férias de dez dias antes de embarcarmos e que no dia x tínhamos que nos apresentar lá

em Abrantes e assim foi. Dali, apresentámo-nos lá, batalhão formado, quando se fala num batalhão, não sei se a menina sabe, é formado por quatro companhias e depois as companhias são divididas em quatro pelotões com cada formação. A formação considerase os enfermeiros, padeiros, condutores, sei lá, radiotelegrafistas, radiotransmissores, operadores criptos que traduziam as mensagens em morse, enfim era chamada a formação. E então pronto, fomos de Abrantes, o batalhão todo, imagine ... enfim, não posso agora no momento precisar-lhe mas está a ver ... 500 e tal, 600 homens era muita gente, foi tudo a caminho de Lisboa. O comboio, onde é agora Santa Apolónia, na altura lá mais atrás havia um desvio na linha e passava-se para o lado de lá, para o lado do mar, onde havia um local que era o cais ... não me recordo agora do nome ... onde os barcos, neste caso o Vera Cruz, havia outros mas fui no Vera Cruz e era aí o local de embarque. Portanto, nós aí íamos por ordem, por pelotão ... por companhia depois por pelotão lá para cima e depois logo aí começam umas sensações que nunca se esquecem, pelo menos para mim. Subi lá para cima, parece que me estou a ver agora e, olhar cá para baixo para uma multidão que não tem, não posso de modo nenhum dizer quantas, pessoas de família de mais perto ou mais longe, também na altura não havia as facilidades que há agora não é, mas aquilo havia ali centenas e centenas de pessoas, embarcámos, quando o barco apitou e quando começou a desencostar faltava um quarto para as doze no dia 7 do 7 de 1971, um quarto para as doze, nunca mais ... não imagina a emoção daquele mar de gente, aí é que nós começámos a cair mais na realidade, tudo com lenços brancos a acenar, tudo ... e aí, aí começámos a entrar mais naquela parte psicológica, imagine o que é... Enfim, passou-se a viagem, uma longa viagem. Para mim e para muitos, não todos, em termos de enjoos, eu e não só passámos fome mesmo no caminho porque não havia ... o barco em alto mar, íamos comer a um determinado sitio lá em baixo, estávamos a mesa a comer com uma mão a segurar o prato para o prato não fugir e mal nos descuidávamos pronto... as pessoas enjoam, praticamente não, havia alguns que não eram tao afectados nessa parte, dependia da construção física da pessoas, mas ... a maior parte do tempo passámos fora, ao espaço livre, deitados, encostados, passávamos o tempo ali, só à noite é que íamos ... e eu ainda tive, por acaso nesse sentido tive sorte, a minha companhia ficou, ficámos no último piso superior do barco, em que aquilo era dividido por umas cabinezinhas que tínhamos, seis ... seis não, doze, era uma por baixo uma por cima e tínhamos uma janelinha que não era aberta, não se podia abrir mas pronto, visualizávamos o mar, uma parte um bocado custosa mas pronto isso é outra ... Ora isto foi dia 7, chegámos no dia 16 salvo erro, dez dias salvo erro, acho que foi dia 16, não me recordo bem. Quando o barco chegou a Luanda,

C.3.3

C.2.3

C.3.1

C.2.2

atracámos e tal meteram-nos dentro de um minicomboio, assim com uns vagões pequeninos, carruagens pequenas, parecem quase as coisas dos carroceis, meteram-nos ali para irmos para o Grafanil. Saímos de lá, já era tarde, já era de noite não me recordo da hora mas já estava tudo fechado, onde atribuíam as coisas para dormirmos enquanto ali estivéssemos, tinha lá as barracas que dividíamos, mas aquela hora já não ... bem, nós tínhamos um ponche, um camuflado que era um ponche para quando íamos algures para qualquer sitio, operações ou qualquer coisa, com chuva era uma espécie de uma capa e nós estendíamos aquilo e servia também para dormir. Essa primeira noite foi tão bem passada, em cima daquilo, as melgas aquilo eram aos montes, bem ... então no outro dia, lá chegou a hora, no segundo dia, chamaram-nos a formatura e tal e mandaram-nos ir a uma casa, uma arrecadação, onde davam então alguma roupa para usarmos nos dias que ali tivéssemos à espera da coluna militar para nos levar para o local onde estávamos. Bem, lá fomos. Eu e quase todos, deram um cobertorzinho a cada um de nós, o que me calhou a mim e não só, aquilo era um cobertor mas era só buracos, aquilo de cobertor não tinha nada, mas pronto, estivemos ali umas três noites salvo erro e depois dormíamos em cima do ponche e púnhamos o cobertor por cima, não era a questão do frio, não estava propriamente frio mas pronto, nós queríamos tapar-nos era por causa das melgas! Infelizmente éramos tratados, aliás como continuamos a ser, quem lá esteve fora hoje continua a ser tratado da mesma maneira, como na altura. E daí pronto, chegou o dia de embarcar o batalhão todo guardado, porque nós eramos maçaricos, chamavam-nos maçaricos quando lá chegávamos e, ia o batalhão todo uns a frente e outros atrás, um batalhão está a ver ... e lá fomos, lá chegámos, aquilo era só picadas, era pó e etc. Chegámos ao nosso destino, chegámos à Beira-Baixa que foi onde a minha companhia ficou, houve uma paragem, descemos ... portanto, os outros que lá estavam seguiram e nós ficámos lá e entretanto foram levar a mesma coluna, foram a Nambuangongo deixar a CCS, da primeira companhia, onde estava o Tenente-Coronel “Borges” e depois dali foi levar a Zala, acho que era onde estava a outra companhia, depois regressava a coluna para Luanda e depois dali é que a mandavam para vários sítios e assim foi, a partir daí, começou outra história, a partir daí, começou de facto ... a apercebermo-nos da zona onde estávamos, do que se passava. Fomos informados imediatamente do que é que se tratava naquela zona, enfim a companhia anterior teve lá várias baixas e a partir dali, começámos o nosso dia-a-dia, muitos prolongados e afins, mas assim foi, continuou a ser ... vimos coisas, passámos por coisas, após mais ou menos oito dias de lá estarmos, maçarico, acabado de lá estar, eles apercebiam-se de tudo ... Eu queria trazer e esqueci-me, há um site que se pode ver

C.2.2

C.4.2.1 C.2.2

C.3.1 C.2.1.1 C.2.1.3.2

precisamente a Beira-Baixa e outro sitio onde eu estive também, mas agora não me recordo, já o vi mais que uma vez desde que soube, vê-se perfeitamente a zona e o acampamento, aquilo era barracas em madeira, chapas de zinco tudo em volta, em volta arame farpado, uns abrigos entre eles para nos metermos lá no meio se acontecesse alguma coisa, haviam umas coisas com sacos de areia tapados por cima para nos metermos lá, a única coisa que era feita em betão era a enfermaria e a messe de Oficiais, ou seja, messe de oficiais e a estadia onde estavam os oficiais, tudo o resto era como disse, em madeira, chapas por cima, quando era altura do calor não havia quem conseguisse lá dormir, pronto era a parte da estadia. Acontece que, como era condutor, o nosso chefe director dos condutores e dos mecânicos era um furriel, Furriel “Pereira”, ele é que era o responsável directo por nós, eramos uns doze ou treze ou o que era, mas ele logo aqui em ... quando formámos batalhão em Abrantes, para ver aqueles em que tínhamos mais confiança depois lá ... Quando lá chegámos, distribuir viaturas e, em qualquer coluna que nos deslocássemos a qualquer parte, fosse ela onde fosse, até à própria pista de aviação que ficava ali, as avionetas vinham para trazer correio, trazer alguém ou levar alguém, não aterravam lá sem primeiro a tropa ter a pista cercada, senão não aterravam lá. Então existia uma serie de carros e haviam dois que tinham duas armas automáticas, duas bredas, eram fixadas no próprio carro era uma chapada e aquilo era fixado ali e tinha um escudo protector na parte do peito e uma cavidade onde essa arma era colocada e aquilo rodava, aquilo tinha uma fita com as munições e aquela fita descia, à medida que disparava ia dando e então... bom havia dois carros, com duas bredas, um ia à frente e o outro ia atrás e então o Furriel “algun voluntário para ficar com a berlié?”, ninguém se quis oferecer, entretanto houve um moço do Mogadouro, lá de cima que disse “Pronto meu Furriel, se ninguém se oferece posso ser eu”, aquele carro ia a frente... então virou-se para mim e disse-me logo “Epá oh “José” vais ficar com o outro carro”, que era o outro carro que tinha a bredda, ou seja, ia um à frente e outro atrás, que era a que tinha a berlié à frente, a servir de rebenta minas e outro atrás de tudo com outra coisa igual... Normalmente, quando se ia a qualquer lado iam sempre cinco carros, normalmente era assim salvo excepções, um à frente outro atrás e os outros três no meio e pronto assim foi, só que eu ... pronto era assim, houve uns colegas meus que logo poucos dias de lá estar, um virou o carro outro fez mais não sei o quê foram logo excluídos, foi a sorte deles que passaram ali uma vida que nem uns lordes, em contra partida nós, os outros, eramos mais prejudicados e no meu caso concretamente, era a todo o lado que ia, não falhava pronto, o carro estava-me distribuído e então calhava-me sempre. Chegámos a estar lá no acampamento, vinha a avioneta lá vinha “Oh José”, lá ia eu

para a pista mais o pelotão, lá íamos para a pista logo a correr. Por acaso tem graça, que nós fazemos todos os anos, foi agora em Maio, fazemos um almoço da companhia todos os anos e no ano passado, nunca calhou, só houve dois anos em que não fui, o ano em que morreu o meu sogro ... nunca me tinha encontrado lá com esse meu tal Furriel e encontrámo-nos o ano passado, que ele é lá de cima e eu até lhe disse “Oh “Pereira” vai-te lixar pá! Tu lixaste-me muito bem, não me perdoavas nada, que era sempre o número um” e ele disse “Oh “José”, tens razão e eu sei e tinha consciência disso, mas eras um daqueles que eu fazia confiança”, enfim já passou já lá vai tantos anos... Agora em seguir vêm outras, o que quiser saber...

I: Quando lá estive e começou a perceber o que o esperava, quais eram as suas expectativas e receios?

J: Por acaso aconteceu uma situação, como já disse há pouco salvo erro, eu não me recordo precisamente mas aí a oito ou dez depois de chegarmos à Beira-Baixa, claro uma companhia produzia restos de comida, lixos não é e então havia um atrelado, lixos de enfermaria, comida, todo o lixo ia para dentro daquilo e lá desviado, para aí a 1 quilómetro, havia uma zona que era a lixeira, onde íamos todos os dias, depende quando tivesse cheio, havia alturas que era quase todos os dias, onde mais uma vez eu era sempre castigado, por o carro ter a breida e ser mais pequeno que a berlié, lá ia à lixeira e o carro estava já equipado para levar o atrelado de lixo e depois nós fomos, um dia fomos levar o lixo, era eu e dois carros, aquilo era descapotável e atrás eram os acentos em madeira costas com costas e os atiradores iam todos costas com costas virados. Aquilo era assim a descer, uma mudança baixa para não fazer barulho e depois havia uma altura em que tínhamos que parar que aquilo tinha uma picada que era a que vinha de Luanda para Nambuanguo e depois virávamos à direita e fazia uma subida e a lixeira era mais à frente 200 ou 300 metros. Ah! Quando nós subimos, conforme chegámos ao cimo, andavam lá uma quantidade deles na lixeira... isto é a tal coisa, ao fim ao cabo aquilo era uma tristeza, mas nós naquela altura estávamos mentalizados que eles eram turras, mas ao fim ao cabo nós é que eramos turras, nós é que estávamos naquilo que era deles mas pronto, na altura era assim e então viram o carro abriram logo uns quantos a fazer fogo e nós reagimos, o da breida e g3 e tal, não eram muitos, uns sete ou oito, havia ali a seguir umas palmeiras e logo o mato e uns quantos fugiram mas houve um que foi atingido, caiu de costas, descemos e fomos ao pé dele, uns sempre a vigiar tá claro ... Chegámos ao pé dele e o homem estava todo furado mas uma pessoa na altura, acabado de chegar, não percebíamos nada, patavina

da língua deles não é, depois claro já dominávamos muitas coisas não todas, mas pronto a única coisa, ele caiu de costas com o queixo meio levantado e lá falava na linguagem dele, mas podia-se traduzir facilmente que era “não me matem” e então o furriel que ia conosco, havia sempre um furriel, olhou para nós que estávamos ali ao pé e para os que estavam atentos não fossem os outros voltarem, olhou para nós e disse “Há algum voluntário?”, mesmo com estas palavras, pega na g3 aponta-lhe à cabeça, ficou com os miolos de fora logo ali ... imagine o que é, pronto não sei a sua idade, não interessa ... mas eu tinha vinte anos e já andava lá armado até aos dentes, ver-se numa situação daquelas e ver, obviamente que era considerado o inimigo mas não deixava de ser um ser humano e ali a um metro darem-lhe três tiros na testa, levantou-lhe ... ficou com os miolos de fora, pronto isto foi logo o início e, lá passámos, já não me recordo bem o que é que foi feito dele, acho que havia lá uma sanzala de pretos que andavam a trabalhar lá numa fazenda de café, apanhavam o café e iam pô-lo lá na seca, na zona havia uma propriedade onde produziam café e havia lá uma quantidade de pretos e pronto e eles lá cavavam um buraco, era como se fosse um cão, era simples ... e pronto, aí é que nós começámos a perceber onde estávamos. Depois, foi após isso acontecer que nós ouvíamos lá uma rádio, havia uma senhora que falava lá que era branca, loira, acho que era Sul-africana salvo erro, mas era conhecida por Maria Turra, era conhecida por isso e um dia conseguimos captar, logo após isso acontecer e onde ela dizia “Atenção camaradas, atenção à companhia que está na beira-baixa que é uma companhia de comandos, eles não perdoam, tenham cuidado” e eles convenceram-se e daí até foi um pouco a nossa sorte, que era uma companhia de comandos e eles tinham medo, e tínhamos de facto, tínhamos lá indivíduos que eram piores os rangers e não sei quê e aquilo de alguma forma serviu um pouco para eles, terem mais respeito pela companhia que lá estava na altura, portanto depois daí passando o tempo, passaram-se várias situações, não sei se quer que as especifique concretamente ... Houve noites, houve uma noite por exemplo que me estou a recordar ... que eu sei a data, mas não posso precisar, que foi a 30 de Agosto ou 30 de Setembro de 1972, não posso confirmar exactamente ... em que nós, estamos já à noite, o comandante da nossa companhia, o Coronel Piteira, mantinha ali, ouvia-se dizer que era uma bandallice mas não, na minha companhia tínhamos formatura de manhã para o pequeno-almoço, depois tínhamos formatura às 15h da tarde, isto quando estávamos no acampamento evidentemente e depois tínhamos recolher, à noite, a partir daí acho que eram as dez ou dez e meia que as luzes tinham que se apagar e havia sossego, ele mantinha ali um respeito como muitos não e então, resultado disso ... perdi-me qualquer coisa ... ah! Numa bela

noite tínhamo-nos deitado, dez e meia, tudo acordado ainda, chegou lá esse tal meu furriel mandou um pontapé na porta, portazinha de madeira, acendeu a luz “José”o e não sei quem têm 5 minutos para estar com os carros prontos que estão a atacar Nambuungongo”. Em todas as companhias tinham lá médicos, só que na altura no medico na estavam, tinha ido de férias para Luanda ou uma coisa assim, havia lá feridos e essas coisas e pediram para a nossa companhia para ir lá levar o medico que a companhia de lá tinha aquilo semi-controlado. Lá fomos os cinco carros, até penso que fomos mais um ou dois, e então, ora nós sabíamos que estávamos a ser atacados, tinham aquilo tudo cercado e a primeira coisa que eles fizeram foi logo as luzes em volta, tudo às escuras não há nada para ninguém, essa foi logo a primeira. Depois pronto, nós fomos, sabíamos que aquilo ficava lá num altinho ... Aqui na Associação saiu, num desses jornais que saem de três em três meses, houve alguém que se deu ao trabalho de ir ao arquivo militar principal e viu o relatório daquilo que eles, os comandantes superiores, lá quiserem pôr e onde dizia e até tenho lá guardado, e então onde falava, acho que era 30 de Setembro, “Nambuungongo foi atacado severamente durante não sei quantas horas, atacado por metralhadores, very-light etc. etc. de onde resultaram feridos, isto a versão da pessoa, estava o número do batalhão, a companhia, mas depois o que está la escrito no arquivo militar, consta isto sim senhora mas “sem consequências para as nossas tropas”, mais ou menos essas palavras, para as nossas tropas... ora, eu por acaso até quando fui buscar o processo para ir a junta militar, fui a primeira junta e à segunda junta e depois recorri e fui à junta principal, junta médica, só para ver quando entrei até fiquei ... um general à minha frente, dois tenentes-coronéis de cada lado e no topo da mesa mais dois tenentes-coronéis, aquilo até parece, nem faço ideia ... lá estivemos à conversa, fizeram umas perguntas porque tinham o meu processo ... já agora, alterei aqui um pouco o meu percurso mas já lá volto... “está aqui reconhecidamente que de facto tem problemas” e eu disse “que tenho sei eu, mas a percentagem que me estão a dar eu não concordo”, por aquilo que eu passei lá e aquilo que me provocou na minha vida particular, que já lá iremos, e entretanto diz-me o tenente-coronel que estava no topo da mesa “você esteve lá em que altura?”, um individuo que não sei dizer a idade mas que está muito longe de ter lá estado, “ah mas nessa altura já não havia lá nada” e eu, já levava esse tal jornal daqui onde tinha essa tal, o que tinha acontecido, o numero do batalhão que era o meu, o que aconteceu e dei-lhe aquilo, nem sei como me aguentei, ainda bem se calhar ... uma pessoa que não esteve lá, como é que pode ... é como a Dra. Psiquiatra que está no hospital militar, qual é a capacidade que ela pode ter, ela pode ser uma excelente profissional mas qual é a percepção que essa pessoa pode

ter que vários casos passaram, é uma coisa totalmente, não tem explicação mas... como ia a dizer... puxei daquilo e disse “meu general, faça favor e veja o que está aqui, o numero de batalhão que está aqui e verifique no meu processo quem é que lá estava, se não era o meu batalhão” e depois ele olhou, esteve a ver e houve um do outro lado que disse “e onde é que o senhor foi buscar isso?” ou coisa assim parecida e um que estava lá ao pé disse “foi da Associação”. O general esteve a ver, viu que era o meu nome realmente e eu disse o que tínhamos passado, já tinha dito alias e ele simplesmente encolheu os ombros e disse “pois é, infelizmente cometeram-se muitas injustiças”, isso quer dizer que pronto, casos, coisas mais ... que aconteciam os comandantes de zonas operacionais, aquilo não aparece, como é caso ... portanto, voltando um pouco atrás ... fomos a caminho, nós conhecíamos aquilo assim tão bem, aquilo fica assim no cimo de um mourro, a entrada principal, aquilo fazem umas curvas, vêem as luzes dos carros lá ao longe, seguíamos ali todos coladinhos uns aos outros, nós os condutores levávamos também a arma assim encostada, aquilo era só parar, saltar e pumba, mas era sempre o ultimo, logo ai eramos um alvo. Pronto lá fomos, parámos cá antes de lá chegarmos, um bocado antes atrás, numa recta com umas palmeiras e tal e estiveram em comunicação com o comandante lá de cima e bombardearam a zona onde nós íamos entrar e só quando lá de cima deram ordem para arrancarmos, la fomos. Mas nós, com o barulho dos carros, não nos apercebíamos de nada. Não nos apercebíamos, sabíamos que havia aquela situação, mas com o barulho dos carros ... Conseguimos chegar lá à porta de armas, mesmo lá no alto, só víamos oficiais, sargentos e furriéis, “apaguem as luzes, apaguem as luzes, parem os carros”, quando nós paramos os carros e as luzes era uma coisa ... eu não consigo, não consigo ter palavras para descrever, aquilo era por todo o lado, só se ouvia era tiros, mas tiros de armas pesadas, que depois daquilo foi-se fazer o reconhecimento em toda a área e detectou-se, armas pesadas que tinham, fixavam-nas em determinados sítios nas árvores, para puderem fazer fogo e very-light e etc., quando nós parámos digo eu assim “oh meu Deus!”. E então quando nós parámos diz o furriel que lá estava, “olha, vocês abrigam-se, nós temos malta aí tudo em volta, está mais ou menos controlado, mas temos a informação que há indivíduos já deles infiltrados cá dentro” e era, tanto que depois viemos a confirmar. “Vocês espalhem-se por aí, protejam-se mas temos cuidado, que temos indivíduos já infiltrados cá dentro”. Lá fomos, era eu e mais um individuo de Torres Vedras e mais dois ou três, uns foram para um lado, outros foram para outro. Onde é que eu e mais esses, eram quatro, era um condutor ... então fomos, lá mesmo na baixa, fazia um mourro, era onde estava a primeira companhia, era uma descida e depois fazia outro mourro, aquilo parecia passo a expressão,

C.2.1.1

C.3.1

parecia quase o peito de uma mulher, por exemplo, fazia assim depois uma baixa e pronto, de um lado estava a CCS e do tenente-coronel “Borges” que estava ali mesmo naquela baixa, porque depois havia outra entrada que era onde estava a outra companhia ... então, havia nessa baixa ao lado direito estava uma espécie de um campo de futebol onde a malta quando tinha vagar se ia lá entreter, pronto era assim inclinado, era terra batido e aquilo chegava aos arames e às valas de protecção em volta e depois estava uma capela, logo assim do lado esquerdo onde havia um padre militar, obviamente e, aquilo servia a quem queria ir lá à missa, porque havia muita gente do Norte, havia pessoas que vinham habituados às terrinhas como ainda hoje acontece, aquilo servia para isso mas servia mais basicamente para, nesse tempo havia muita gente analfabeta, de certas zonas mais para o interior, havia muita gente que não sabia ler nem escrever, isto é triste mas é verdade, felizmente não era o meu caso e então o mesmo capelão, não era padre era capelão, nessa mesma igreja servia para ensinarem nas horas vagas, quem não sabia ler e quisesse, era um professor vá digamos assim e nós sabíamos daquilo. E aquilo era feito em betão, em tijolo e tal e digo, “olha ali é capaz...”, aquilo tinha ali um campo, tinha a porta e depois aí a um metro ou dois metros talvez tinha um terreno cortado com máquinas, não sei já lá estava quando para lá fomos, que era onde estava o campo de futebol, portanto tinha um desnível dali lá para baixo para aí de três metros, um desnível grande ainda e nós fomo-nos lá meter. “Olha vamo-nos lá meter ali naquele recanto que ali estamos mais ou menos protegidos”, aquilo fazia um recanto e ficámos ali muito tempo, sei lá ... quando foi às tantas, não faço ideia da hora sinceramente, um rapaz que era cabo da zona do Bombarral, Torres Vedras, era fumador ... sabe como é o vício do tabaco, eu por acaso já fumei, já não fumo ... então não é que o rapaz, não me recordo do nome dele, puxou por um cigarro e disse “deixa lá que não dá nas vistas”, pegou num cigarro, meteu-o na boca e virou-se assim de costas, desviou o camuflado para acender o isqueiro sem dar nas vistas, oh! Mas eles estavam lá na parte de baixo no campo da bola, como já nos tinham prevenido que estavam infiltrados lá dentro, olhe foi ele a fazer assim, estávamos todos encostados á parede de pé, cai-nos uma rajada, passou-nos a dez ou quinze centímetros da nossa cabeça, a sorte é que o desnível era muito, pronto passou-nos a poucos centímetros da nossa cabeça, ficou lá cravado se aquilo é ligeiramente mais ... granadas e sei lá o quê e pronto, aguentámos ali, passámos a noite ali naquela coisa, só depois é que ao fazer de dia ... Ah! E depois houve outra coisa depois, os gajos conseguiram ... há coisas ... os gajos conseguiram, do lado oposto onde nós estávamos, do lado direito, aquilo tinha uns mourros porque era uma região muito montanhosa e os gajos conseguiram, onde tinham lá uma tal arma, uma dessas armas

C.2.1.1

C.2.1.4

fixadas, então não é que eles conseguiram acertar uma munição, não me lembro agora do calibre daquilo mas era uma arma pesada, no encosto da cadeira do tenente-coronel, do comandante, por sorte ele não estava lá sentado, estava algures lá com os oficiais ou não sei o quê, mesmo no encosto da cadeira do tenente-coronel e quer dizer, assim passámos essa noite, passámos aí. E depois claro, era de noite, não podiam chamar outros socorros, à partida ... até tenho dificuldade em dizer certas coisas mas ... bem ... logo de início quando começaram a atacar, já era de noite, começaram a atacar, primeiro limparam as luzes todas, ficou tudo as escuras, a malta foi tudo a fugir para, pronto havia o arame farpado e depois entre as traseiras das barracas, o que é que se podia chamar aquilo, onde as pessoas dormiam, estava uma vala com sei lá setenta ou oitenta centímetros de profundidade e depois de x em x metros havia um abrigo maior tapado por cima mas, um dos que lá estavam, dos colegas que lá estavam, no início de quando começaram a atacar, a malta toda a fugir, foi ele a jogar-se para dentro da vala mas houve um pé que ficou para trás, foi precisamente a altura em que veio de lá um very-light que o apanhou na perna em baixo, desapareceu. Esse foi logo o primeiro, depois houve lá mais uns feridos, mas esse foi o primeiro. Mortes nesse dia não houve, foi só assim... pronto e está a ver por aqui ... e depois é uma coisa, foram situações, tantas outras tão idênticas que depois aqui é o problema do stress traumático. Eu não sei se a menina sabe, foi estudado e está comprovado, há coisas escritas em relação a isso que a guerra mais, comparativa com a guerra colonial, ultramar, como quiserem chamar, foi a guerra do Vietname. Porquê? Porque é considerada, por nome, uma guerra de guerrilha, em termos de guerras convencionais é completamente diferente e qual é a diferença? Uma pessoa para estas guerras vai, combatem em determinados sítios, sabem e depois regressem e ali não, vivíamos naquela guerra de guerrilha, especialmente naquelas zonas que é só mato em volta e quando não era mato era capinha e não sei o quê, íamos para qualquer lado que fossemos, íamos expostos, estávamos 24 horas sob 24 horas sempre com aquela, como hei-de dizer, com aquela sensação que a qualquer hora, a qualquer minuto podíamos ser ... imagine o que é estar lá dois anos e tal sempre sob essa pressão, porque onde quer que fossemos era mato, havia matos e sítios onde foram feitas operações, havia lá uns pretos do lado das tropas portuguesas com catanas à frente para passarmos porque havia lá uns trilhos, mas passar está quieto, aquilo estava tudo armadilhado. Eu estou a lembrar-me por exemplo de uma situação que, quando me lembro daquilo bem ... peço desculpa mas não vou ... mas vou tentar, tentar contar-lhe.... Saímos dali e havia um local, lá desviado um quilometro ou para aí, que era lá que havia um nascentezinho, quando lá chegámos, tanta vez que

C.2.2

C.2.1.3.2

C.2.2

C.3.1

vínhamos das colunas sem água para tomar banho e então o comandante de companhia pediu uns metros de tubo e então aí já, não era sempre, mas às vezes pronto, já estávamos melhor. Mas conclusão, uma determinada vez fomos lá para ver como é que aquilo estava e então um dia, um rapaz, passaram uns poucos e então há um que vai e pisou uma mina que eles lá tinham, aquilo rebentou, a perna esquerda salvo erro, pronto na zona da barriga da perna para baixo, desapareceu tudo... O que ia a frente dele ficou todo estilhaçado, por acaso mora em Coima esse rapaz e ainda na véspera de São Pedro estive lá em minha casa, voltámos logo para trás, levámo-lo logo ao enfermeiro, deu-lhe logo aos primeiros socorros para tentar chegar ao acampamento, na enfermaria lá lhe deram mais umas coisas, mas pronto lá foi ele, meteram-no em cima do carro em cima do ferro para porem a maca, a avioneta ainda demorou um bocadinho, não foi muito tempo mas para aquele momento foi uma eternidade, o homem, aquele colega gritava, era casado e tinha dois filhos, ele gritava, ele chorava “ai meus filhos o que será deles”, nós a vermo-lo assim, colegas ali naquela situação... são coisas muito duras que só quem passou por essas situações é que pode explicar porque caso contrário não há ... podia estar aqui não sei quanto tempo a contar coisas do género ... Depois como já disse tive, de alguma forma a infelicidade de, por norma, tal como aconteceu à companhia anterior, por termos tido sucesso em relação ao anterior e imposto uma certa disciplina, puseram o meu batalhão no batalhão de intervenção. Como deve calcular o batalhão de intervenção era chamado ... pronto, nós dali fomos para Luanda, para o Grafanil, tínhamos lá um espaço próprio, tínhamos instalações, nos dias em que lá estávamos não fazíamos nada, era só comer, à noite íamos para Luanda, pegávamos num carro ou dois a malta que quisesse ir e quando chegava aquela hora, vínhamos embora, tinha lá o parque militar onde deixávamos o carro e pronto, lá faziam a vida por onde queriam. Só que depois, entretanto, essa parte era uma parte boa, aqueles poucos dias sabiam a mel, mas entretanto vinha, a primeira operação que fizemos no batalhão de intervenção durou não sei se doze dias ou o que foi mas ... fomos para uma zona ... imagine o que é depois ... um batalhão inteiro, carros atrás uns dos outros, cada um levava um atrelado porque tinha que se levar, cada um tinha que levar, um com água, razões com combate, tendas para depois armarmos, quer dizer não havia carro nenhum que não levasse um atrelado e mais não sei o quê e depois, havia o carro onde ia o comandante de batalhão, ia-se devagar, fizemos duas paragens salvo erro, mas veja só ... nós saímos de Luanda, eu nunca ... quer dizer em termos de sono, eu sei que morrer lá muita gente e eu sei que tem a ver com isto que lhe vou dizer ... nós saímos do Grafanil, deixámos tudo preparado no dia anterior, no dia foi só levantar e arrancar. Saímos do Grafanil por volta

C.2.1.3.2

C.2.1.3.2

C.3.1

C.2.1.3.2

das três e meia da manhã, uma coisa do género, enquanto foi estrada nova até Salazar, ainda se foi assim mais ou menos, devagar e tal, depois lá parámos, mas quando chegou uma certa hora ... acabámos por chegar ao destino onde íamos cerca das duas da manhã. Ia sempre me todos os carros, ou ia um oficial ou um furriel ao nosso lado, precisávamos de dormir ... chegou uma altura, eu nunca pensei, levávamos sempre um cantil com água, chegou a uma altura ... imagine as horas, uma pessoa ali, imagine uma coisa uma lenta ... pegava no cantil, punha entre as pernas punha um bocadinho nos olhos para ver se conseguia, passado um bocado ... tanta gente que morreu lá, por coisas assim deste género, mas pronto era aquilo, enfim ... não sei mais que lhe diga ... se me quiser fazer outras perguntas, pode fazer ...

I: Vamos voltar um bocadinho atrás, quando chegou a altura de saber que ia e no dia da despedida, teve os seus pais a despedir-se de si?

J: Não, não vieram. Não vieram porque tal como disse sou de uma zona de Portalegre, alias a minha freguesia é São Julião, faz fronteira com Espanha e pronto naquela altura não havia carros como há agora, não havia tantas condições e pronto despedi-me. Logo aí foi um choque tremendo, imagine-se com vinte anos a despedir-se dos seus queridos, especialmente mais próximos, dos seus amigos, sem saber para onde ia ... logo aí começa logo. Depois é a tal historia que lhe disse quando o barco ... Aquilo é outra ... no meu caso, despedi-me da minha família e não vieram aqui a Lisboa, ao contrário de outros que vieram, aqui de mais próximo, mas no meu caso não vieram.

I: Sempre tinha tido uma boa relação com os seus pais?

J: Sempre, ainda hoje. O meu pai infelizmente já faleceu há uns anos, faz quatro anos em Outubro, no final de Outubro, a minha mãe é viva graças a Deus mas tem 92 anos e eu, a partir de uma determinada altura, era assim um pouco queria era paródia, era próprio da idade, embora na altura fosse diferente, mas tive sempre uma excelente convivência com o meu pai e a minha mãe, tanto que eu quando fui para fora, na altura não sabia sequer o que se passava, nem nós ao escrever ... “está tudo bem”, houvesse lá o que houvesse, até porque se não havia censura como sabe, usávamos normalmente os chamados aerogramas e então pronto, não podíamos, se nos alargássemos a dizer qualquer coisa era cortado e não ... e então mais tarde é que vim a saber, quando soube melhor foi quando eu cá cheguei. A minha mãe quando eu fui para fora ela teve, teve uns três ou quatro meses pelo menos em psiquiatria, ela ia ficando ... Está a ver, sempre nos demos muito bem, com um filho único

pronto ... não sei se está a compreender o que quero dizer ... quando eu fui para fora, ela sempre foi uma pessoa nervosa, ela teve uns três ou quatro meses sem eu saber, só vim a saber depois, houve uma altura que ia quase todas as semanas, não foi internada mas esteve mesmo doente. Depois vim de lá, pouco tempo depois casei-me.

I: Já tinha essa relação quando foi para lá?

J: Bem, curiosamente, por acaso até é assim ... isto a vida, o destino é impressionante, havia... a minha mulher, neste momento, sempre foi e é ... os problemas que têm surgido ao longo dos anos, o ambiente familiar que este problema nosso de stress cria entre as famílias directas, que convivem connosco e ... eu antes de ir, de embarcar lá para fora, namorei várias raparigas pronto, entretanto a minha mulher, não chegámos a namorar concretamente, acontece que fui e tal ... acontece que os meus sogros na altura moravam e tinham um terreno pegado com um terreno meu, da minha mãe mas é meu pronto sou filho único, e então aquela propriedade era dos meus avós da parte do meu pai, avós e padrinhos, havia aquela coisa, naqueles tempos que estávamos ali a pensar numa coisa e noutra era uma meia dúzia de palavras e eu com a minha avó e a minha madrinha escrevi ... mas é claro, obviamente não sabia ler nem escrever tal qual como o meu avô que Deus tenha e, como os meus sogros moravam lá para aí a cem metros e ela pediu, a primeira vez que recebeu a carta, a quem havia de ir pedir para ler, à minha mulher. Ela lá leu a carta e depois responder, depois a determinada altura, eu agradecia sempre à pessoa "muito obrigado pelo trabalho", até que a uma determinada altura, ela escreveu uma carta, já não me recordo bem dos pormenores e pôs um PS. Com uma interrogação. Aquilo despertou a minha atenção, até que um dia lembrei-me, escrevi-lhe mesmo a ela, comecei assim a agradecer e tal, conclusão daí começámos e assim foi, eu vim de lá, vim no dia 30 de Setembro, passou-se o final do ano e salvo erro no dia 1 de Abril, casámos. E, foi isso que aconteceu, é engraçado. Isto não faz bem parte daquilo que estamos aqui concretamente a falar, mas faz parte da história não é, são coisas da vida... Eu depois, eu tive que me juntar à pressa com a minha mulher, pronto por outros problemas que tinha com outras raparigas, fui lá num dia e ... estava entalado e assim ... falei com o meu sogro, graças a Deus eles compreenderam, sabiam o que se passava! No dia 1 de Abril, não no dia 31 de Maio assim é que foi e depois no outro dia, eu andava nessa altura num fundo florestal lá próximo do sítio de onde essa tal pessoa ... agora o fundo florestal já não ... fui para lá trabalhar, mas em determinado sítio lembro-me de passar de mota, na altura não havia carros assim, tinha uma mota já era bem bom, passou e viu-me e viu que eu levava alguém

atrás e então disse “então estás bom e tal?”, e nós trabalhávamos dois com a mesma máquina, trabalhava um, descansava o outro e etc. e então “epá, disseram-me para aí que te tinhas juntado”, “eu? Você está a brincar comigo, então não sabe que dia é hoje?”, então não é que... No outro dia a seguir ... isto não tem nada a ver uma coisa com a outra mas pronto ... no outro dia a seguir, quando eram seis da manhã ou seis e um quarto da manhã eu estava deitado, ouvi os cães a ladrar, fui espreitar à janela, vinha essa tal moça, um irmão e um cunhado, tudo lá direito a casa. A minha mãe foi logo direita a correr ao quarto dizer, a minha mulher pronto já lá tinha a minha mulher, só não fui porque não me deixaram, aquilo tinha um acesso pegado, tinha lá umas vacas, tinha uma forquilha, vesti-me ... bateram à porta e não sei quê “o que é que se passa?” – “o senhor “José”” – “ele está a dormir” – “então e não pode ir lá?” – e a minha mãe “isso é que era bom!”, saltei aquilo, peguei a forquilha, sai pelo outro lado e fui lá por trás para os apanhar, tinha acabado de lá vir tinha lá medo de alguma coisa, só não fui porque a minha mulher e a minha mãe se agarraram a mim, mas pronto, passando um pouco à frente, foi basicamente assim com a minha mulher, depois vieram os problemas, aí veio o stress.

I: E quando voltou, quando soube realmente que era o dia em que ia voltar, qual foi a sua reacção?

J: Vou-lhe dizer uma coisa com toda a sinceridade. Toda a gente faz anos, todos nós temos um dia e ... todos nós, uns mais outros menos festejam o dia de anos, uns de uma maneira outros de outras, e eu digo-lhe que tenho 61 anos e foi o dia mais feliz, o dia mais... Não tenho palavras para descrever, que foi o dia em que fiz 23 anos, 28 de Agosto de 1973, que foi o último dia em que estive em Angola. Entregámos tudo, tínhamos tudo, só tínhamos a mala já pronta e saímos para uns restaurantes e bares lá à beira da estrada, aquilo era tudo nosso e precisamente no dia 29 de Agosto viemos para cá de manhã de avião, não me recordo precisamente a hora a que de lá saímos, foi de manhã, demorámos cerca de oito horas mais ou menos já não me recordo bem... de avião, para cá vim de avião... e aterrámos aqui cerca, isso é que não me lembro, próximo da uma hora da tarde, portanto como deve calcular, foi o último dia que passei em Angola foi o dia 28 de Agosto de 1973 e no dia 29 de manhã apanhámos o avião e viemos embora. Portanto é um dia que para mim, é inesquecível, é ... são datas, coisas que as vezes penso, como é que é possível, um Zé esquecido, ou um “José” esquecido por assim dizer. Eu as vezes estou em casa, saiu de casa para ir à garagem buscar qualquer coisa que me faça falta, vou fazer qualquer coisa lá, umas vezes não chego lá, outras vezes chego mesmo lá “o que é que eu queria?”... e depois a

meio caminho, como consigo as vezes lembrar-me é tentar pensar no que estava a fazer antes, às vezes assim é que consigo ... é isso e, se for a qualquer sitio que a minha mulher diga “olha trás isto, trás aquilo”, oh! E há coisas que não... há imagens que estão gravadas de tal maneira que não consigo separá-las. Depois vêm os sonhos e depois, em que estamos sempre no mesmo sítio e na mesma situação onde estive e pensa mas eu já estive aqui, no sonho e às vezes há coisas que não me lembro. Ainda não há muito tempo, houve um daqueles sonhos em que eu estava deitado, um daqueles sonhos mesmo aflitos que estávamos a ser atacados, acabar as missões e apanhei a g3 para me defender, mas com aquela coisa fazia os gestos todos, dei um murro na minha mulher que ela até ... e acordei com aquela coisa e depois ... isso é uma coisa ... Depois temos o problema... familiar. Vim para aqui para Paio Pires, para um andar e depois comprei o terreno mais tarde e eu sentia-me completamente diferente, mas logo depois de vir de lá, eu sinto-me diferente... já não tinha a alegria, não tinha aquela coisa de viver de me divertir, mas eu pensava para mim que era a mudança de idade, era a minha ilusão digamos só que depois ... chegava-se a casa, depois naqueles dias mais explosivos, ao longo do tempo foi-se agravando, qualquer coisa que a mulher me dissesse, disparava logo não... havia logo aí uma discussão, depois então nasceu a minha filha, também coitada sofreu... passou-se, pronto, foi uma vida terrível até... enfim até hoje, para lhe dizer mais concreto, olhe eu tenho dias, eu mais que uma vez, várias vezes, eu chego a pedir à minha mulher “por favor quando... eu digo qualquer coisa e me vê assim, peço-te por favor, ignora que eu estou aqui, volta as costas e não me digas nada” (chora), mas ela pronto, há vezes que consegue mas há vezes ... também depende da maneira de ser da companheira. Eu sei porque, eu venho aqui e vejo colegas que as mulheres deles vêm e acompanham-nos e algumas delas até andam em consultas de psicologia e psiquiatria, mas a minha mulher não, nunca foi fácil de vir cá comigo, não pronto ... tem uma maneira de ser, enquanto muitas mulheres dão um determinado apoio nestas situações, que eu sei que dão, isto depois tem muito a ver com a colaboração com quem as pessoas vivem. Se as pessoas aceitem e se têm condições para, depois de saberem sobretudo, tolerarem certas coisas ... e depois ... pronto, olhe no meu caso a minha mulher por acaso tem sido... enquanto mulher em todos os aspectos ... mas neste sentido não tem ... agora já um bocadinho melhor mas não tem colaborado muito comigo nesse sentido. E até a minha própria filha e pronto, criou-se assim um ambiente que só quem passa por isto é que sabe. Para além do que sofremos e daquilo que passámos, temos uma vida ... uma vida ... temos tido uma vida familiar... portanto uma coisa inexplicável. Eu posso-lhe dizer, eu passei ...

C.4.2

C.4.3.2

C.4.3.3

C.4.3.3

C.4.4.1

C.4.3.3

I: Sente-se bem? Quer parar um bocadinho?

J: Não. Eu passei ... como homem ... as maiores vergonhas da minha vida, posso-lhe dizer. Sobretudo antes, algum tempo e depois, depois que ... que me identificaram ... para além da psicoterapia de grupo, fazia semanalmente nessa altura, havia a psicoterapia individual, cheguei a vir três vezes por semana ali ... estava desorientado da minha vida, eu não tinha nada que me desse razão para viver e então ... depois o que é que me dava, por isso é que eu digo que passei as maiores vergonhas da minha vida. A uma determinada altura, eu fosse para onde fosse, fosse uma consulta médica ou tratar de outro assunto, levava sempre uma pastinha para quando me sentasse à espera, a médica de família por exemplo, aquilo na altura tinha muito movimento, muita gente, sentava-me lá à espera naquele tempo, agora não, agora são pré-marcadas, mas naquela altura não, tinha que se ir para lá às não sei quantas da manhã para se apanhar consulta ... e então eu, estava lá uma vez, levava sempre a pastinha porque eu sentava-me, cabeça baixa e era chorar e chorar, para as pessoas não se aperceberem punha sempre à frente da cabeça. Até que uma vez, estava lá sentado, tinha sempre assim um sitio onde tivesse menos gente porque eu não podia ouvir nem ... nem ver ninguém ... chegou uma altura em que eu, eu ia a pé... portanto nessa altura até ainda estava a trabalhar mas já andava pronto ... eu ia para a paragem apanhar o autocarro...quando foi de inicio para a Siderurgia Nacional, depois numa altura como tinha a carta de pesados de transportes públicos e eles lá houve uma altura em que a Siderurgia começou a abrir inscrições para quem quisesse sair voluntario, rescindir contrato com a empresa, eramos indemnizados ... houve uma parte de pessoas que lhes mandavam mesmo as cartas para ir lá mas a mim não. Mas eu vim fazer os exames aqui para a TST e eu fui lá depois de ter a certeza que aqui passava, entretanto houve lá tantos que não se queriam vir embora, aquilo para eles eram uma coisa ... e eu que queria, tive cerca de 3 meses à espera, fiz o negócio e tal de quanto me davam de indemnização, com uma doutora que estava lá só para isso, no contencioso e tudo bem, assinei aquilo mas tive 3 meses à espera porque o chefe da minha secção, o Engenheiro Leitão, que por acaso já morreu, apesar de ser uma pessoa mais nova até mas pronto é a vida ... uma doença ruim ... mas pronto, lá em cima diziam que o chefe da minha secção, o Engenheiro Leitão neste caso, não me autorizava a saída e eu um dia fui lá falar com ele mesmo, fui lá mais que uma vez ... “Oh Sr. “José”, você não me diga nada” e depois isto, pronto, também tem a ver com o comportamento das pessoas ... “Vocês está numa situação em que faz parte de um núcleo que está longe de estar previsível de você sair, para além disso você é uma pessoa que não tem, nunca causou problemas”, ainda fui lá mais uma vez, tanta coisa

C.4.3.2

C.4.3.2

lhe disse que lá o convenci. Vim então, ainda meti mais uma semana de fundo de desemprego, mas “tenho que descansar uma semana e depois vou então para ali” e assim foi. Portanto... agora perdi-me qualquer coisa que ia a dizer... ah pois! Vim para aqui e ali estive uma quantidade de anos, vim para ali em 90 e estive, saí ... saí, quando me reformaram, que eu não me reformei, reformaram-me... que eu em Almada estava com baixa médica, alias logo no hospital aqui a Dra. disse-me logo, “Olhe você vá-se mentalizando que você não volta mais ao trabalho”, pronto mas o facto é que isto é uma realidade, mandaram uma carta para a psiquiatra e psicóloga e “não há medico nenhum que se responsabilize”, porque depois também era um trabalho de alto risco, com horas de ponta naquela altura, carros cheios até à porta até não caber mais, está a imaginar ... eu cheguei a ir ... olhe eu tinha duas horas para almoço... eu não ia almoçar a casa, mal terminava a hora sabe o que é que eu fazia? Houve uma altura em que eu andava de tal maneira, levava duas sandes, uma peça ou duas de fruta, mal terminava o serviço, era só eu a trabalhar com o carro, ia lá para trás, fechava os cortinados todos do carro, se tinha fome comia uma sandezita, se não depois quando fosse hora ... metia-me no assento de trás e passava ali o tempo... quando eu antes ia ter com a malta e ia comer a casa e pronto, chegou ao ponto desta situação, eu não ... depois, eu cheguei... aliás, eu cheguei... não conhece certamente, ali na Amora, pronto a minha carreira fazia Paio Pires para Cacilhas, via Amora, eu cheguei a subir... ali e não só... para já como não podia, não conseguia olhar para as pessoas cara-a-cara, as pessoas entravam, mostravam o passe, eu baixava a cabeça para olhar para os pés ... eu queria lá saber ... não olhava para a cara das pessoas, não suportava e depois até “epá este gajo não deve ser boa coisa, nem se calhar olha para nossa cara” e depois houve outro que já me conhecia que disse “mas ele não era assim, ele agora ultimamente é que” e outras vezes virava a cara para o vidro. Havia certas alturas... que eu ia a conduzir, olhava para o espelho, aquilo tem um espelho grande e depois tem mais dois, enfim aquilo está cheio de espelhos para vermos as rodas e o carro todo para trás, olhava assim para o espelho via o carro cheio de pessoas ... baixava a cabeça a conduzir, virava assim a cara para o lado, tinha pessoas ao meu lado às vezes virava-me para a janela para as pessoas não se aperceberem que eu ia a chorar. Pronto isso foi ... uma coisa que não, não se consegue explicar, só quem passou é que consegue compreender. Por isso é que eu digo que não tenho conversas com ninguém praticamente sobre isto, não dá, não dá! Porque as pessoas pensam que uma pessoa está ... que está ... sei lá o que é que as pessoas pensam mas não admitem, não têm ... não têm ... respeito por aquilo que aconteceu. Eu por exemplo tenho um cunhado que vive lá na terra e ele é mais novo que

C.4.3.4

C.4.3.2

C.4.3.2

C.4.3.2

C.4.2.5

C.4.4.3

eu ... uns três anos ou o que é ... coisa assim parecida ... acho que é três anos e então, eu vim de lá e tal e depois passado não sei quanto tempo... ora eu vim de lá em Agosto de 1973, em 1974 deu-se o 25 de Abril... bem, a partir daí ainda foram alguns, mas não era para a guerra já era para tentar defender a população, muito embora ainda havendo populações... depois disso ele foi chamado e tal, mandaram-no apresentar, já não me recordo, em Tancos... já não me recordo exactamente, o certo é que ele chegou lá teve lá um dia, ao outro dia, passaram-lhe uma guiazinha “vá vai-te embora, vai para casa até receberes outra coisa”, até hoje ... e as vezes na conversa digo-lhe ... “opa está calado, tu nem sabes do que te livraste”... Eu digo, “não digas nada, não sabes a sorte que tens, viveste a tua vida desde uma determinada idade, fizeste sempre a tua vida, não perdeste nada na tua vida”, eu e quem lá foi, eu considero que eu perdi. O tempo que nós lá estivemos foi como que um apagar, um terminar da vida naquela fase ... porque aquilo, até em termos profissionais, aquilo foi um tempo em que íamos defender a pátria, para agora ser ... só que ... infelizmente, hoje depois de tantos anos, estas gerações continuam a ser ... simplesmente, desprezadas, é praticamente o que posso dizer. Houve muitos indivíduos fugidos e que estão agora no activo e que a menina conhece, estou a lembrar-me agora do Manuel Alegre e de outros tantos, que tinham outras ... naquela altura eram filhos de outras pessoas, que tinham uma vida diferente, que outros não tinham e então fugiam para a França e para outros sítios para fugir ao serviço militar, agora que ... tinham condições para fugir e andam para ai a vender banha da cobra, que é o que se pode chamar a muitos deles. Para terem vergonha... servir a Pátria, eles fugiram ... às vezes há coisas que me revoltam muito e quando estou sozinho e começa a pensar nessas coisas ... coisas que se passaram, pessoas que foram, uns que foram outros que não foram, enfim uma serie de coisas que ao fim ao cabo, para além do tempo perdido sentimo-nos maltratados, abandonados... felizmente que foi criada esta Associação como agora já há mais, senão não sei o que sinceramente... o que seria de nós se não houvesse... E sobretudo se não há ... porque o único sitio onde havia pessoas que estudaram isto, que tiveram encontros com médicos do Vietname e visitas lá e cá porque lá começaram a fazer os tais sintomas e pronto, neste caso o Dr. “Luís” e a Dra. “Teresa” e não sei se eram mais, não me recordo bem... e pronto, desenvolveram isto para chegarem às conclusões que chegaram mas pronto, a partir daí o que é que se tem feito pelos ex-combatentes? Nada! Eu talvez seja um bocadinho... Depende da maneira de pensar e ver as coisas ... mas quando vejo na televisão as notícias e oiço ... quando vão determinados ... um pelotão ou sei lá ... para o Afeganistão, estão lá para vigiar várias situações e tal, eu fico ... bem ... sinto-me

C.4.3.2

C.4.4.3

C.4.3.2

C.4.4.3

revoltado, porquê? Pontos 1 são voluntários, não há nenhum que para lá vá que não seja voluntário ... Eu por exemplo sei de um ... Um era colega meu aqui na TST e outro não ... foram para lá fazer, um foi para lá fazer seis meses, trouxe de lá umas massazinhas ... porque aí é que está, vão para lá voluntários e vão ganhar ali e ... depois ... passado um tempinho foi la outra vez ... naquela altura comprou uma casinha, orientou aquilo, mas custa-me ver que depois, para já vão voluntários, para nós era fatal, era tiro e queda, ou fugíamos como muitos fizeram ou íamos presos. Vão ganhar e sabem logo à partida o que é que vão ganhar, não sei se a menina tem ideia mas já para não falar nos comandantes que vão, nem lhe passa pela cabeça e eu exactamente também não sei e que vão ganhar, pronto ... até hoje é uma situação ... vão para lá seis meses, o que é que são seis meses? Seis meses passam-se num instante. E depois chegam cá ... é uma opção que tomam, evidentemente em certas situações também correm riscos, mas vão voluntários pronto, faz parte da vida ... Enquanto lá era diferente, era totalmente diferente, eramos obrigados, só tínhamos aquilo, era um tempo perdido pronto. Cá podia tratar da vida em que sentido fosse, daí que me sinto revoltado pessoalmente, em situações destas e de outras, tantas coisas que o Estado Português podia ter feito, deveria ter feito, porque na altura íamos defender a nossa pátria, defender a nossa bandeira, coisas que não nos diziam mas metiam na nossa cabeça e depois deu-se o que deu e pura e simplesmente ... é como seja ... e depois apareceram os processos do modelo 1 e modelo 2, isso então é uma desgraça ... é uma ignorância das ... não sei eu no fundo acho que as pessoas, a classe de oficiais, tentem segurar aquilo, têm um tacho deles ali e se vier mais um para mim, não vai outro para a menina e comprova-se que eu fui a duas juntas médicas ... se eu for a contar-lhe aqui pormenores desde que fui à primeira junta ... oh é um desastre, somos tratados abaixo de cão ... na primeira, foi só um individuo, depois quando foi ... a essa tal senhora, a Dra. Chefe do departamento clinico, chamou-me, entrei e quando lá cheguei estava ela à janela lá a frente a fumar o seu bruto cigarro, só disse “pode-se sentar”, mas nem olhou nem nada, eu sentei-me, ela veio sentou-se “olhe para mim se faz favor”, pronto fez-me uma pergunta ou duas e “pode-se ir embora, vá lá abaixo marcar consulta que é para depois vir à junta médica”, eu a pensar que ia a alguma ... quando fui chamado, porque ela é que dá a percentagem ... fui à junta médica então, entrei e tal ... um general e dois tenentes-coronéis de cada lado “o senhor está ... está ... incapacitado para todo o serviço militar com 10% de desvalorização que tem efeito sobre...”, para não aceitarem e eu disse “meu general eu não posso concordar com essa...” e ele disse “faz favor saia, vá recorrer”, simplesmente saia como se fosse um animal e pronto recorri. As pessoas ali são tratadas...

epá... eu não tenho, não vale apena... o sistema militar está montado de uma maneira que há uma grande... veja só, uma segunda junta militar, um general, oito tenentes-coronéis, veja por favor, então para analisar uma coisa que já ia ... e tenho quase a certeza que ... baseados em que documentos, argumentos se podiam basear para analisar e ... quando ... para irem contra todos os pareceres, psiquiatras, relatórios da Dra. “Teresa”, da medica de família sei lá o quê mais ... que, quer dizer, eles vão de encontra tudo ... se disséssemos assim... há maneiras e a menina sabe, de testar se a pessoa pronto ... há técnicas, máquinas, aparelhos... mas não! A primeira vez que fui lá o doutor mandou-me entrar, “pelo que estou aqui a ver posso já dizer-lhe, o senhor está dispensado de ir a qualquer teste ou exame complementar pelo que aqui está” e depois a seguir ... já há mais de um ano que está no Ministério da Defesa, enquanto está a aguardar que sua excelência o Ministro da Defesa assine não sei ...

I: Sente que ficou muito prejudicado ...

J: Claro, em todos os sentidos. Porque, repare, por acaso agora ... como já disse que considero que não me reformei, reformaram-me, estava com baixa fui à junta medica, a primeira vez fui lá, ao fim de dois meses fui lá chamaram-me outra vez, fui lá junta medica aqui em Almada, um médico e uma médica olharam um para o outro e disseram-me “olhe não vale apena andarmos aqui a perder mais tempo, o senhor agora saí daqui, vai ali ao lado esquerdo, peça os impressos e vá a sua médica de família”, preenchi aquilo, entreguei, reformaram-me. E o que é que acontece eu tinha 51 anos na altura, faltavam-me 4 anos, tinha 36 anos de desconto naquela altura mas não dei por isso, faltava-me ... mais tarde quando estava melhor comecei a pensar e faltava-me dois anos... andei um tempo a pensar que era o tempo que tinha estado lá fora que não estava a ser bonificado, até que aqui há um mês a Dra. Sofia, pronto deixei os documentos todos e ela andou a ver, lá no centro nacional de pensões, foram conseguir descobrir que no centro nacional de pensões, os anos de 75 e 76 não constam nada na minha carreira contributiva, quer dizer dei entrada para a Siderurgia em 1974, está certo e depois há uma interrupção, 75 e 76 não constam em lado nenhum, tive que arranjar prova porque aquilo já não e siderurgia lá consegui os elementos com a data da minha admissão e da minha saída por mutuo acordo e ... agora tratar disso e ver ... é que são dois anos ... 2% que me descontam por cada ano. E é assim menina...

I: Da minha parte é tua, agradeço imenso a sua colaboração.

J: Foi um prazer conhece-la em primeiro lugar e falar consigo e fico sempre muito grato por ver pessoas jovens como a menina, interessarem-se por estas situações, porque se não for assim se não houver pessoas jovens que se forem interessando, estas coisas acabam por se esquecer e infelizmente isto, quer queiramos quer não, faz parte da nossa história como Portugal, como país. Por isso eu sempre que vejo alguém ... em ter interesse em saber ... como é o caso da jornalista do Público, publicou aquilo pronto ... Tudo o que sejam coisas dessas são de louvar. Dou-lhe sinceramente os meus parabéns.

Nome: “António”	Idade: 66	Residência: Seixal
Estado Civil: Casado	Número de Filhos: 2	Profissão: CTT
		<i>Actualmente reformado</i>
Local Destacamento: Guiné	Duração: 26 meses (1967-1969)	

I: Gostaria que começasse por falar um pouco sobre a sua infância.

A: Ora, eu nasci em Aljezur. Freguesia, concelho. Depois com 18 anos vim para Lisboa, para os CTT, depois entretanto chamaram-me para a tropa, em 66. Fui para Beja, depois estive em Évora depois Santa Margarida e daí fui para a Guiné. Dia 8 de Abril de 1967.

I: Antes de vir para Lisboa viveu sempre com os seus pais?

A: Sim vivi sempre com os meus pais.

I: Tinha irmãos?

A: Sim, somos... erámos nove mas há pouco tempo, somos oito.

I: Eram nove na altura, ainda eram muitos irmãos. Tinha uma boa relação com eles?

A: Sim, sim. Chegávamos a juntar todos à mesma mesa. Onze pessoas, os meus pais e nove irmãos.

I: Existia uma boa relação familiar?

C. Sim, sim.

I: Durante esse tempo que viveu sempre com os seus pais, nunca teve nenhuma separação, nunca esteve internado, esteve num colégio?

A: Não. Só me separei deles quando vim para cá, para trabalhar nos correios.

I: Já tinha 18 anos?

A: Sim, já tinha 18 anos.

I: E lembra-se de algum episódio da sua infância que fosse mais marcante para si? Pela positiva ou pela negativa? Um episódio da sua infância de que se lembre com alegria?

A: Alegria foi quando soube, portanto... como eu estava na província, quando soube que vinha para os correios fiquei satisfeito não é, porque o trabalho no campo era um bocadinho, na altura, era um bocadinho pesado não é e ... pronto como era assim um bocadinho mais light pronto fiquei contente. Não me lembro assim de mais nada.

I: Sentia muitas obrigações com o trabalho no campo é isso?

A: Sim, sim. Agora não porque já tenho dificuldade, mas em tempos eu sentia-me bem era a trabalhar. Só me sentia bem a trabalhar. Agora pronto, sinto-me muito, sinto-me muito... há dias, em que descanso pouco. De noite levanto-me, sei lá, às vezes dez, doze vezes, venho à janela como se tivesse no Ultramar ver se, se oiço alguém, se vejo alguém, é muito cansativo. Por vezes de manhã estou mais cansado do que quando me deito.

I: E depois ainda consegue tirar algum tempo de dia para descansar?

A: Pois, às vezes depois do almoço dá-me sono, como não descansi a seguir ao almoço deito-me no sofá um bocado porque as forças começam a faltar (...) Tenho essa dificuldade (...)

I: É uma coisa que ainda lhe custa, ainda acorda muitas vezes ...

A: Sim! É uma coisa que ainda ... Ali passam muito os helicópteros como os que andavam na Guiné, passam muito ali e pronto muitas vezes lembro-me, penso lá vai um, vão buscar um ferido ou vão buscar isto ou aquilo. É como se estivesse lá não é. Quando os vejo a passar fico assim um bocadinho... vem logo aquilo à ideia.

I: Quando é que soube que ia para a Guerra? Teve Serviço Militar Obrigatório?

A: Não, não fui. Sim, obrigatório exactamente. Foi chamado em sessenta e seis.

I: Que idade é que tinha nessa altura, em 66?

A: Pronto, dezanove para os vinte. Dezanove anos porque eu vim com vinte e um da Guiné. Foi assim, eu fui chamado em 66, em Outubro. Depois fiz a recruta em Beja, a especialidade em Évora foi quando eu fui mobilizado. Foi em Évora é que soube que ia para a Guiné. Depois daí é que vim mais dois meses para Santa Margarida, para tirar o resto da especialidade, para seguir. E foi em Santa Margarida que eu embarquei.

I: Qual foi a especialidade que tirou?

A: Pronto, trabalhei sempre com armas pesadas. Com várias armas.

I: O serviço militar ainda durou mais ou menos quanto tempo?

A: O de cá foi uma média de seis meses. Depois estive lá 26 meses.

I: Como é que recebeu a notícia de que tinha sido mobilizado?

A: Oh... Havia uns zunzuns que a Guiné que era muito perigoso, que era pronto... Fiquei assim um bocadinho, pronto. Mas eu nessa altura não era nada medroso. Nada, não havia nada que me fizesse confusão. Depois de vir é que vim assim um bocado, mais debilitado não é! Por exemplo o estomago, eu não tinha, problemas nenhuns de estomago mas quando vim já vim um bocadinho debilitado. Vinham muitos com úlceras no estomago. Já fiz várias vezes exame, felizmente não tinha nada, agora já há tempo que não faço... Mas muitos, alguns até tiveram que vir de avião porque aquilo já estava muito adiantado, outros vieram no barco comigo. Eu fui de barco e vim. Era um batalhão. Normalmente as companhias é que iam de avião, companhias individuais! Agora batalhões iam sempre de barco. Fui no Luís, vim no Niassa. E foi assim.

I: O que é que lhe foi dito antes de partir? Deram-lhe algum tipo de informações? Quais eram as suas expectativas? Os seus receios?

A: Eles diziam sempre maravilhas. Nunca diziam que era perigoso. A pessoa na altura levou umas injeccõezinhas, também custava assim um bocado. Levei duas, aquilo custou um bocado. Por acaso eu não fui à cama, mas foram quase todos. Aquilo dava febre, tanto que em Évora deram cinco dias para ir a casa porque sabiam que aquilo dava febre. Eu não fui à cama, mas tive febre. Depois no barco quando fui para lá, no Luís, também levei uma na coluna, por acaso, custou um bocado. Eram para evitar doenças e assim. Aquilo foi um bocado, mas enfim ... na altura a pessoa vai cheia de força. Mas depois aquele clima... Aquela clima era terrível! Ao início a Guiné pertenciam só dezoito meses, depois é que os médicos se responsabilizaram por vinte e um e depois, quando eu estava já nas vésperas de me vir embora, na altura que, por acaso estava o General Spínola, não sei se ainda o chegou a conhecer, ele veio de Angola para a Guiné quando eu lá estava a defender. Ele queria dez mil homens para acabar com a guerra na Guiné, depois ficou sem efeito do nosso presidente. Fiquei cinco meses e tal. Depois acabaram por não ir os dez mil homens só foi cinco mil, porque o presidente que cá estava na altura, o Américo Tomás, não deixou ir dez mil. Foi quando o Spínola começou a andar descontente com aquilo e começou a fazer o

C.1.1

C.1.2

livro “Portugal e o Futuro”, a preparar o 25 de Abril. Quando eu vim em 69 já havia zunzuns a preparar o golpe de Estado. Só que o golpe de Estado que ele estava a fazer não era para entregar as províncias, ele não entregava província nenhuma. Ele queria era acabar com a guerra na Guiné de uma vez para sempre! Porque nas outras já não havia nada praticamente. Nas outras, há pessoas que se calhar as pessoas estiveram lá. Não é por acaso que foram buscar o Spínola a Angola, de Angola para a Guiné directamente, porque aquilo na Guiné, em Bissau, numa zona que lhe chamam o Pilão, as terras já estavam cheias de armamento, aquilo estava um barril de pólvora. Cercaram aquilo tudo, pegaram no armamento todo e muita tropa que estava em Bissau teve que ir para o mato. Uma grande revolução. Ele começou a fazer limpeza em Bafatá, queria acabar mesmo com a guerra na Guiné porque o Marcelo Caetano lhe pediu. Mas depois, o Presidente da República Américo Tomás não deixou ir os dez mil homens, ele ficou descontente com aquilo e pronto, assim ficou. Mas ele estava mesmo a fazer limpeza àquilo e acabava-se.

I: Como é que se sentiu por saber que havia alguém que queria acabar com a guerra de uma vez por todas. Acabava por ser uma esperança para si de voltar mais cedo?

A: Exacto. Bom, eu sentia, quando ouvi falar naquilo fiquei muito satisfeito. Pronto, depois ainda fiquei lá mais cinco meses e tal mas se era para acabar, era para acabar. Depois o 25 de Abril foi ali na Visconde de Santarém. Eu até trabalhava ali na altura, foi feito mas não era para entregarem as províncias, só que depois a Junta de Salvação Nacional, chamava-se assim na altura, começou a ter poder e o Spínola quando tentou o 11 de Março, porque se o 11 de Março tem ido para a frente tínhamos as províncias todas sem guerra nenhuma, mas só que falhou qualquer coisa, houve umas tropas que não saíram dos quartéis e o 11 de Março não foi avante. O Spínola aí é que tentou, pronto para dar a volta a isso e não entregar as províncias. Enfim e depois isto, ficou assim (...)

I: Quando lhe foi dito que tinha que ir para a Guiné, tinha alguma relação na altura?

A: Não. Na altura os meus pais.

I: Qual foi a reacção dos pais e dos amigos quando souberam?

A: Ah pois! A minha mãe é que ficou muito mal. Ficou. Muito mal. Depois cheguei eu da Guiné foi o meu irmão mais novo, para Moçambique, claro aquilo foi... A minha mãe sofreu um bocado. Muito agarrada aos filhos, aquilo foi um bocado complicado. Pelo menos para a minha mãe, para o meu pai também, mas para a minha mãe muito pior, ficou

um bocadinho mal. Quando vim de licença vinha assim um bocado magro, porque cheguei a estar quinze dias com a mesma roupa sem ir à cama, foi quando houve aquela coisa, pronto quando o Spínola queria acabar com a guerra na Guiné, claro aquilo andava tudo, não sei, não havia tempo... Onde passava limpava tudo. Então tive muito tempo sem dormir, foi um bocado complicado. Depois passou. Entretanto tivemos ordem para vir embora e no dia em que chegámos o barco só pôde chegar... Para atracar no cais de Alcântara teve que fazer tempo para chegar de manhã, porque senão as pessoas, os soldados mandavam-se logo à água e então tiveram que vir fazendo tempo para não chegarmos de noite, para chegarmos de manhã e saímos, porque senão depois as pessoas com a ansiedade mandavam-se logo todos à água. Tiveram que ir fazendo tempo, para chegarmos de manhã, é assim.

I: Que recordações guarda do dia em que partiu? Alguém se foi despedir de si, não houve oportunidade para isso?

A: Foram os meus irmãos. Quando eles chegaram, eles atrasaram-se um bocadinho, eu vi-os, eles também me viram só que já estava a entrar no barco, já estava na formatura para entrar para o Luís e já não me despedi deles. Atrasaram-se um bocadinho. Pronto poucos minutos mas foi o suficiente. Depois já não dava, depois de estarmos na formatura a ir para o barco já não podíamos voltar atrás. Foi assim!

I: Que recordações guarda desse dia?

A: Despedi-me deles, depois foi na altura em que tinha capacidades, agora não tenho. Fui fazendo uns versos desde que entrei no barco até chegar à Guiné. Tinha havido o baptizo, tinha sido padrinho de um sobrinho meu e tinha havido um bailarico de despedida também e fui escrevendo versos. Nem sei o que é que fiz a isso.

I: Quanto tempo é que demorou a viagem?

A: 6 dias.

I: Como foi a viagem?

A: Pois, íamos um bocado assim... Ia um rapaz da minha companhia que eu até fui testemunha dele, que ele nem saiu do barco porque não aguentava aquele clima. Pronto foi e veio no mesmo barco. Eu até fui testemunha dele, como ele perdia sangue enquanto corríamos os crosses, assim que apanhou aquele clima da Guiné começou a estar mal e

pronto já não saiu do barco. Não aguentava aquilo. Aquilo é um clima quente mas quente e assim abafado, um clima doentio. Tinha muitas bolanhas, muitas melgas, cheguei a levar noites inteiras, nas operações às vezes de três dias, estava três dias e três noites que eu levava a noite inteira assim, às vezes até corria sangue dos ouvidos. As melgas eram tantas, havia aquelas melgas grande mas essas pronto, eram muitas picavam não é, mas havia umas pequeninas tipo pulgas, essas eram aos montes. Metiam-se nos ouvidos uma pessoa só de fazer assim ficava logo com os dedos pretos. Era terrível, aquilo custava um bocado, mas pronto uma pessoa na altura quando é novo aguenta tudo.

I: Quando foi a altura de desembarcar o que é que encontrou? Ou o que é que lhe foi dito quando chegou?

A: No dia do embarque ainda fui ajudar soldados a ocupar as zonas onde estava o batalhão depois vim directamente para o barco. Fiquei uns dias em Bissau. Sabe que pronto, como é que eu hei-de dizer tínhamos que defender a Pátria e claro que nunca diziam que aquilo era um bocado perigoso. Havia a guerra e depois o clima era outra guerra. Uma pessoa levava um litro de água dava para três dias e três noites, claro que depois tínhamos que molhar só os lábios porque senão depois acabava. Às vezes encontrávamos uns poços pelo caminho, aquilo tudo sujo, mas as vezes tínhamos que molhar a boca mesmo com essa. Muitas águas paradas muito ...

I: Sentia que estava a defender algo em que acreditava realmente?

A: Na altura acreditava, pronto aquilo era nosso, tínhamos que defender aquilo e a Pátria. Pronto (...)

I: Quem é que estava consigo na altura? Quantos é que faziam parte?

A: Pronto a companhia, cerca de 170, 70 e pouco. Depois é o batalhão que é formado por quatro companhias que é a CCS, são os condutores, depois há a primeira que era a minha, segunda e terceira companhia. Chegávamos a abalar quando havia operações, pronto reconhecimento eram umas horas duas ou três horas, quatro ou cinco. Operações eram um dia dois dias, três dias e uma pessoa abalava por exemplo à noite e se fosse preciso andava toda a noite até chegar ao sítio onde era para ficar depois dois ou três dias. Só que havia aquele problema, cheguei-me a molhar seis e sete vezes durante a noite e enxugar tudo no corpo, aquelas águas podres. Eu por acaso até trouxe um problema assim numa perna. Andei ali na Avenida da Liberdade num médico de pele, mas não foi ele que me curou.

Depois eu é que comecei a por já não sei o que, uma pomada qualquer e depois com água salgada e não sei quê. Andei muitos anos com aquilo. Era uma operação de três dias e três noites e eu, depois estávamos parados e depois os carros vinham-nos buscar e depois estávamos parados, mas como estávamos fartos de andar e depois com aquelas águas podres pegadas nas pernas, comecei a coçar, senti comichão, comecei a coçar e fiz ferida. Fiz mesmo ferida, fiz sangue e ficou ali um problemazito de pele que durou muitos anos. Na altura havia um edifício ao pé da Estefânia para o pessoal que tinha vindo do Ultramar com um cartãozinho e íamos lá fazer exames, portanto tudo gratuito, para ver se tínhamos alguma coisa. Acusou um bocadinho mas eu tomei medicamentos, tomei uns comprimidos e em princípio acho que aquilo ficou estável. Mas fiz ali vários exames na Estefânia, isso já acabou. No 25 de Abril acabaram com isso e é assim.

C.4.3.1

I: Enquanto estive lá, sem ser esse problema de pele, teve alguma doença? Algum acidente especialmente duro para si?

A: Oh! Tivemos no meu pelotão, faleceram dois alferes e um furriel.

C.2.1.3.2

I: Qual era a sua patente na altura?

A: Eu não cheguei a passar a Cabo, era para passar em Évora mas pronto o meu Capitão, outra coisa que me deixou traumatizado foi o Capitão. Ele já faleceu, faleceu a seguir ao 25 de Abril, nessa altura já era Major... Foi, mas pronto, eu era muito bom a Matemática e a Português na altura e ... não quero dizer que estava em número 1 mas em número 2 estava na escola de praças, mas depois tínhamos que saltar as valas, uma vala mais pequena e uma maior não é com cartucheiras e aquela coisa toda. E eu saltei sempre as duas, saltei sempre. Mas naquele dia, depois íamos cinco dias para casa, há um rapaz que ia à minha frente, partiu o pé e eu que me enchi de nervos a pensar que me podia suceder o mesmo e não ir ao algarve e não ver os meus pais, olhe saltei mal a vala grande. Pensei até que ele me dissesse aquilo na brincadeira, mas não, fez mesmo, “se não saltares a vala. Duas ou três vezes que tens saltado. Agora tens mesmo que saltar senão reprovás”, ainda hoje nos almoços da tropa falamos nisso. E, um pronto que é capitão também fala nisso, pronto foi mal feito, porque só naquele dia de eu ter ficado nervoso do outro ter partido o pé, pronto ter-me reprovado. E é assim. Digo sinceramente, ele morreu mas se não tivesse morrido e fosse a um almoço da tropa era um caso serio. Se ele aparecesse lá era um caso sério. Pronto tirou-me o meu número para me dar dois louvores, acho que não está nada na minha caderneta. Pronto um foi uma operação que houve, depois no dia seguinte disse o

C.1.2

C.1.2

alferes que estava de serviço, chamaram o meu número e um cabo do segundo pelotão, eu era do primeiro e ele era do segundo, passámos para a frente da formatura e eles disseram assim uma coisa, pronto ponham os olhos neste homem, pronto tinha havido tiroteio no dia anterior e eu estava com a bazuca nessa operação e “ponham os olhos nestes homens e vão apanhar um louvor” e não sei quê não sei que mais, pronto, hmm... E depois não há dúvida, que o cabo da secretaria até me mostrou, pronto aquilo nem era permitido mas enfim, ele era muito meu amigo e tudo e disse-me epá isto não está, do comando do Tenente Coronel mandou devolver a dizer que não se encontra em condições de seguir para o quartel general do General Spínola, devolveu para o capitão por, mas não deve ter posto bem ou não sei o que é que ele fez, pronto ele também era assim um bocado variado não, não mandou. Portanto, o outro também não sei o que é que foi. Também não sei mais nada. Aquilo deixa uma pessoa, pronto não é a questão dos louvores. Há coisas que, o Capitão deixava as pessoas um bocado, pronto eu fiquei com um bocadinho de trauma também dele. Do capitão. Ele pronto (...) não era, tinha ... quando estava assim... com os copos, acho que era mais ou menos, fora disso, ele tinha sido chefe da polícia e ele era assim um bocado, não, pronto apesar de outras coisas, nessa altura não tinha medo não tinha nada. Mas pronto o Capitão deixou-me, apesar da guerra, um bocado traumatizado (...)

I: Em termos de guerra o que é que recorda que o tenha feito ficar mais preocupado ou mais tenso?

A: Quando faleceu o Alferes e o Furriel do meu pelotão. Porque aquilo era o seguinte, a companhia era formada por quatro pelotões, mas depois a minha companhia andou adida a outra pelotão até uns dias antes de regressarmos. Ah ... pertencia a outro batalhão. E de forma que (...) depois passou uma secção do meu pelotão passou para os outros. E então, o alferes desse pelotão que eu fui mais o Furriel, houve uma mina, dia 17 de Julho de 1967, que faleceram os dois, um até ficou sem o maxilar inferior, o condutor sem uma perna e mais outro rapaz já não voltaram mais e de forma que, pronto eu, eu nessa mina eu tinha passado lá dia 16 de Julho à noite e dia 17 foi a mina de manhã. Então era onde eu era para ter ido. Porque o Furriel que faleceu, morava em Benfica, e esse Furriel tinha feito um bocado barulho e nessa altura ainda só estavam naquele quartel, depois é que ia o resto da companhia que estava em S. Domingos. E então o Alferes pediu para não se fazer barulho, para não fazerem barulho e o que é que acontece, há um que fez anos, e ele fez barulho e depois o Alferes estava zangada com ele por ele ter feito barulho e tinha dito para não

fazerem barulho e então, o meu Furriel de manhã ofereceu a secção dele, que era a minha, para ir no lugar desse Furriel, mas o Alferes como estava zangado não autorizou. “Não! Hoje vai o Santos comigo!” e assim foram, claro, passado um bocadinho explodiu a mina. Hmm ... depois lá fui eu, fomos chamados, fui logo com o morteiro, e lá fomos pronto ainda eles não tinham falecido mas pronto, passado um bocadinho lá faleceram os dois lá no local. Hmm... mas o alferes estava muito ... depois como não havia ninguém voluntário, ofereci-me eu para ficar a guardar os corpos toda a noite. Em Susana, próximo do Senegal. E então fiquei pronto, na altura não me fazia, já agora de vez em quando penso nisso, às vezes à noite ou quando vejo na televisão estarem a fazer uma operação ou cortarem alguma coisa, mudo logo de canal, não consigo e no entanto não me fazia diferença nenhuma. Nem lhe vou dizer porque foi um bocado traumatizante o Alferes, como ele ficou! Hmm... E então, claro não me fazia diferença, iam fazer uma escala e pronto não era preciso ficar escala que eu fico, se fosse hoje nem que me pusessem lá o Euromilhões eu não ficava! Se fosse hoje não ficava. Ficar à porta, mesmo ali ao lado com o estado em que estava o Alferes, eu não ficava de maneira nenhuma! De forma que fiquei um bocado, às vezes quando acontece estar na televisão até a nascer na criança ou uma coisa qualquer não dá! Não dá porque vem logo aquela ideia do Alferes e então não, nada. Aquilo custou muito. Depois, passado mais algum tempo foi o meu segundo alferes, que tinha sido o meu primeiro alferes, mas depois ele ficou em segundo comandante de companhia, o pelotão acabou, que era o primeiro, foi distribuído pelos outros três, mas como depois faleceu o outro alferes, esse da mina, voltou novamente esse alferes para o meu pelotão, que foi até falecer, também numa mina, estava eu mesmo ao lado dele. Só com um estilhaço, foi o suficiente.

I: Estava ao lado dele?

A: Sim. Só com um estilhaço foi direitinho ao coração, só um! Há coisas que uma pessoa até fica, pronto, se fossem vários estilhaços mas não! Um estilhaço foi o suficiente para, nem disse nada, eu estava ao lado dele e também pronto, o alferes, o primeiro não durou muito tempo, mas o furriel ainda teve muito tempo. Quando se despediu no cais de Alcântara disse que nunca mais via a namorada nem os pais nem ninguém e não viu, e então às vezes também me lembro disso de maneira que (...) esse gritava muito, quando eu cheguei, quando fui lá com o morteiro, esse estava vivo. Esse fartou-se de gritar, levou quase meia hora a gritar, até virem os bombardeiros montar segurança, levar os feridos, depois claro os mortos foram os últimos, foi um bocado complicado! Agora penso, antes

fazia tudo e não sei quê mas agora, quando toca a cortar ou na televisão, não dá, não dá!
Uma pessoa arrepia-se toda! Ai (...)

I: Enquanto lá esteve, teve alguma licença para poder vir a Portugal?

A: Não! Não!

I: Recebia notícias de Portugal?

A: Sim!

I: O que é que sentia?

A: Uma pessoa arranjava as madrinhas de guerra e quando via a avioneta vir, que sabia que trazia correio, aquilo parecia que uma pessoa até voava. Dos meus irmãos, das irmãs, dos pais, da madrinha de guerra, claro que uma pessoa ficava todo contente. Até podia não dizer nada de especial mas cada carta, cada carta parecia sei lá! Era uma festa. Bastava uma mas quanto mais a pessoa recebesse melhor, mais satisfeito ficava!

I: Recebia com alguma frequência?

A: Sim, sim! Recebia!

I: O que é que sentia que as pessoas que estavam cá a espera esperavam ou sentiam?

A: Oh! Eu sentia que elas estavam ansiosas por uma pessoa regressar, não é! Eu cheguei a um ponto em que eu contava os dias que faltavam. Todos os dias a pessoa contava, já só faltam 3 meses, depois já só faltam, pronto eu estou a dizer em meses, mas em dias. Já só faltam x dias, pronto aquilo era uma ansiedade do tempo passar aquilo era uma coisa impressionante.

I: E quando voltou? Em que dia é que voltou lembra-se?

A: Para cá? Foi dia 21 de Maio.

I: Passados os tais 26 meses. E quando desembarcou, tinha gente há sua espera?

A: Não. Não. Eu não disse. Havia pessoas que queriam vir, mas eu não disse. Depois também não sabia bem a que horas é que chegava e não sei quê. Eu sei que depois aqui do barco, do Cais de Alcântara, fomos para Évora onde eu pertencia, nem recebi os dias do barco nem nada. Depois não cheguei a receber, foram à minha procura lá a Aljezur lá a

casa dos meus pais, devia ser para pagar isso mas eu depois nunca mais quis saber disso. Eu quis ir para casa, porque eu antes morava em casa dos meus irmãos, ali a seguir à Pontinha. E então eu em Évora quis foi, nem esperei por pagarem os dias do barco não esperei por nada, fui-me logo embora, tinha uma necessidade tão grande de chegar a casa que, depois já não conhecia bem aquilo tinha ali uns carreiros, aquilo era de noite pronto, ainda fiquei um bocado arranhado, quando deram estava eu ao pé deles.

C.3.1

I: Porque é que não quis que ninguém o fosse esperar?

A: Sei lá eu... Uma pessoa estava já... Estava já um bocado, uma pessoa fica numa ansiedade de tal maneira que (...) não, não, eu disse-lhes mais ou menos que vinha naqueles dias, mas o dia mesmo exacto não (...).

C.3.1

I: Quando chegou finalmente ao pé da sua família, dos seus irmãos primeiro e depois dos seus pais quando foi a Aljezur, como é que foi a reacção deles? E a sua? O que é que pensou, o que é que sentiu, o que é que queriam saber de si?

A: Pronto ... claro as pessoas achavam que, pronto estava muito magro. Estava mais ou menos assim há uns tempos, mas depois quando vim estava muito magro porque pronto como disse quando eles pediram mais dez mil homens para a Guiné, depois uma pessoa não descansava nada, estava muito magro, os meus irmãos até ficaram um bocado impressionados de me ver assim tão magro, depois até disseram “tu só vais daqui a uns quinze dias ver os pais, não apareças lá assim”, pronto para a minha mãe não ficar assim, o meu pai também, mas mais a minha mãe. E, só fui passado uns quinze dias mais ou menos é que fui lá. Mas pronto eu, eu tinha consciência na altura que estava muito magro, muito debilitado (...)

C.2.2

I: Sentiu que tinha apoio e suporte cá quando chegou? Não só da sua família e dos seus amigos mas mesmo da Pátria que tinha estado a defender?

A: Sim, na altura sentia. Como disse, havia a Estefânia, os Correios tinham-me dado todo o tempo que fosse necessário para eu me ir tratar a qualquer lado, não me descontavam nada, podia sair se precisasse de ir para Coimbra por exemplo ou qualquer sítio assim tinha que me dar o tempo necessário para eu ir fazer exames ou ir ao médico. Só houve uma coisa que eu perdi, mas eu desconhecia, que foi os tais três meses de férias, tinha direito a três meses de férias, com férias pagas que os Correios tinham que me pagar, mas pronto disseram-me que tinham acabado com isso e na altura eu vinha um bocado mais tarde,

C.4.4.2.2

claro que depois mais tarde é que tive conhecimento mas também já tinha passado algum tempo, não cheguei a receber, nem a ter os três meses de férias nem a receber o vencimento.

I: Quanto tempo depois é que começou a trabalhar?

A: Não foi muito tempo. Pouco tempo.

I: Sentia-se em condições de voltar?

A: Pronto estava assim um bocado nervoso, fervia em pouca água como se costuma dizer mas tinha, pronto sentia, também era novo tinha 21 anos mas... pronto voltei ao mesmo local de trabalho onde estava, quando fui estava na rua Vítor Conde depois a minha repartição mudou para a Defensores de Chaves, quando vim fui para a Defensores de Chave que era o serviço onde eu estava não é, e pronto nessa altura não, não... Eram mesmo obrigados a preservar o nosso posto de trabalho. Era obrigatório o nosso posto de trabalho estar assegurado.

I: No início pensava muitas vezes na guerra e como tinha lá estado ou só surgiu algum tempo depois?

A: Pronto, pensava! Mas não era assim, foi-se agravando, sempre me senti muito nervoso mas pronto uma pessoa desconhecia, era desconhecido, comecei a andar muito nervoso, depois entretanto fui ao psiquiatra, ainda dos CTI nessa altura o Dr. “Luís” ... e claro, mas a tomar medicamentos, mas depois deixou de ser dos correios passou a ser o Dr. Gomes Machado que é na 5 de Outubro, claro vinha ali periodicamente ao médico para me dar o medicamento... pronto eu tinha uma tal ordem de nervos que o Dr. Gomes Machado, eu lembro-me de ele dizer “epá, eu não sei o que é que hei-de fazer a este homem, nunca vi uma coisa assim, não há medicamentos que lhe consigam baixar o sistema nervoso”. Depois até me deu mais uma dose, para juntar às outras doses, mas depois já não podia ser que às vezes queria levantar-me de uma cadeira e já não era capaz, a dose era tao grande que não era capaz de me levantar da cadeira, até que chegou o dia em que eu disse, olha prefiro estar um bocado nervoso, quer dizer tomo não é e continuei a tomar mas aquela dose assim tão grande não, porque eu depois já quase não me levantava da cadeira, com uma dificuldade muito grande. E de facto nunca mais deixei de andar não é, desde Fevereiro de 1971, que ando nisso e pronto, no Miguel Bombarda também 3 anos e tal depois então é que ... depois ainda fui a medica que foi substituir a minha médica que

passou aqui para o Hospital da Amadora, mas depois chegámos à conclusão que como eu andava aqui, como tínhamos aqui psiquiatra, que pronto se eu quisesse continuava e ... mas ... como anda ali se calhar passa a ir ali. Eu todos os meses tinha psiquiatra, agora não tenho tido. Dão-me três receitas a triplicar. Houve uma altura em que tinha mais frequência, mas depois como, pronto eu fiquei assim um bocadinho mais calmo e a médica disse que quando eu tivesse pior para marcar uma consulta mas como pronto me passa medicamentos para vários meses, só depois se me sentir pior é que venho novamente à medica (...) E é assim.

I: Que dificuldades na sua vida ou impedimentos é que teve por ter estado na guerra?

A: Então, talvez tivesse porque eu como era um bocado nervoso, por vezes também era assim um bocadinho, pronto ... não era assim muito meigo para os meus filhos, assim ... pronto qualquer coisinha tinham que falar assim com muita calma porque se me dissessem assim alguma coisa eu de um momento para o outro explodia logo, mas em segundos. Em segundos. Claro, agora estou muito mais calmo! Pronto, ajudou, depois medicado mas... Começou-se a agravar, sei lá! O pior foi, foi nos anos 80 coisa assim, andou ai umas fases muito... Mas ... começou, pronto em Fevereiro de 1971 já não andava nada bem, sentia-me assim um bocado, mas depois agravou-se mesmo e depois já tinha, qualquer coisinha ficava com uma pilha de nervos. Claro que por causa disso se calhar tive um bocado mais dificuldades, se não tivesse assim talvez tivesse mais facilidade com os meus filhos, assim falar com eles mas pronto, só era assim um bocadinho áspero para eles, mas pronto eu não tinha culpa. Depois já estava, depois já tinha feito. Depois pensava que não devia ter feito isto, devia ter tido mais calma, mas era assim uma coisa repentina (...) E ... depois como uma pessoa descansa mal não sei se terá influência nisso, uma pessoa sei lá... Parece que quando uma pessoa descansa menos ainda explode mais depressa. Não descansa, o cérebro dá ideia que tá sempre a funcionar, funciona toda a noite.

I: Lembra-se muitas vezes das memórias que traz e que não foram boas para si...

A: Pois aquele problema, claro que a Doutora está sempre a dizer para não fazer aquilo, eu às vezes vou só à janela ver se vejo alguma coisa, mas eu houve uma altura que me levantava à noite e vinha mesmo para a rua, vinha pela estrada ver se via alguma coisa como se tivesse mesmo na guerra, para ver se via alguém, se apanhava alguém. Muita vez! Depois a Doutora pediu-me para eu me controlar, para tentar não vir à rua, ainda fiz isso algum tempo, mas mesmo assim as vezes ainda venho, sinto necessidade de ir ver, de vir a

C.4.3.3

C.4.2.2

C.4.3.3

C.4.2.2

C.4.1

rua. Por acaso hoje à noite não vim, mas ainda ontem ... ontem vim! E depois é mais aquelas horas que a pessoa fazia reforço, lá na tropa a pessoa tinha reforço, é sempre mais ou menos aquela hora, é sempre a horas certas ... é assim ...

C.4.1

I: É mais dessa forma que...

A: Pois há coisas que nunca se esquecem. Há outra que me lembro, de uma operação que passámos de barco depois ao sairmos eu fui o primeiro a sair, sabe onde é que eu fui parar logo? Havia um carreirinho mas eu em vez de ir por aqui fui um bocadinho mais ao lado, fiquei numa bolanha, quando mais me mexia mais me enterrava, já estava no lodo, estava a ver é que desaparecia mesmo. Mas pronto. Estava lá um, aquilo na minha terra chamam-lhe tramagueiras, um arbusto assim la num altinho, naquela altura deu-me para pensar tudo. De noite, não podíamos fazer barulho. Agarrar mas agarrar assim em baixo na parte mais forte, para conseguir sair e consegui! De joelhos, depois estava sempre com receio que aquilo se partisse. Nós tínhamos uma corda, mas eu não tinha a corda, eu tinha era o morteiro. E eu consegui sair, depois há um que vai cair também lá... Quer dizer não foi logo a seguir, mas foi outro. Apanhei a corda, puxei-o para cima. Depois o que é que eu fiz, pus-me ali sem fazer barulho com o braço assim para eles passarem todos de lado para mais nenhum ir para lá. Porque aquilo estava lá num tipo de um poço, de uma bolanha que uma pessoa quanto mais se mexia mais se enterrava e então aquela também ficou-me cá gravada, uma pessoa a ver que desaparecia por aquele lodo abaixo mas vá que ainda tive, hoje não sei se me lembraria disso, mas pensei bem pensado, agarrar cá em baixo na parte mais forte, porque cá em cima aquilo partia e lá consegui sair. Consegui sair de lá. E é assim, lembro-me de algumas coisas.

C.2.1.4

C.2.1.4

C.3.1

C.3.2

I: Aqui na Associação sempre teve todo o apoio necessário?

A: Sim eu lá em Roma ainda estava muito mal quando ia lá às consultas, mas depois houve lá uma médica que infelizmente já faleceu, a Dra. Dalila, que foi das primeiras médicas psicólogas da Associação na Av. De Roma que foi um espectáculo de médica. Eu tinha que ir todos os meses há consulta lá. Ela até me deu o número de telefone dela para se eu me sentisse assim um bocado, se precisasse de alguma coisa para lhe telefonar logo para ela entrar em contacto comigo. Até foi no mês de Julho para o dia dos meus anos e eu nem lhe disse nada, olha tá marcado deixa estar vou na mesma, olha mas ela não chegou a dar consulta, foi uns dias de férias, problemas de leucemia e é assim. Não, mas tenho, isto tem sido muito bom. Com os nervos que eu tinha (...) é um bocado complicado.

C.4.4.2

C.4.4.2

I: Espero que não tenham sido muito difíceis para si estas questões

A: Eu ao início não falava nada da guerra, mas depois começaram a puxar por mim na Associação. Que deve-se falar, sempre espalha, a pessoa fica mais aliviada. Pronto a pessoa quando fala fica um bocadinho nervoso nesse dia, não quer dizer que depois não fique melhor, que é como a Dra. “Marta” diz, na altura a pessoa fica um bocado ansioso mas depois que, acaba, que é bom pronto. E depois comecei a falar, mas ainda tive muitos anos sem falar. Ficava mais nervoso também por causa disso, eu não falava com ninguém em relação a isso.

I: E como é que se sente agora depois de ter falado?

A: A pessoa quando fala fica sempre ansioso, mas se calhar mais logo, se calhar até fico mais aliviado. É falar como dizem as psicólogas, ajuda. Mas eu tinha muita dificuldade em falar.

I: Agradeço-lhe imenso a colaboração.

C.4.4.2

C.4.2.5

C.4.3.2.

Nome: "Miguel"

Idade: 60

Residência: Seixal

Estado Civil: Casado

Número de Filhos: 1

Profissão: Preparador de Trabalho

Atualmente reformado

Local Destacamento: Angola **Duração:** 18 meses e meio (1973-1975)

I: Gostava que começasse por falar-me sobre a sua infância?

M: Pronto eu nasci numa vila bastante bonita que é Monsaraz. Hoje intitulam-na como a varanda do Alqueva, não sei se conhece? Tive uma infância... vivi lá até aos catorze anos, quinze, catorze talvez, tive uma infância normal tal como os outros miúdos e a acompanhar o meu pai nas lides do campo, que eu aos doze anos saí da escola, com doze anos e comecei portanto a trabalhar. Fui trabalhar para o campo e ajudar o meu pai nas tarefas. Ele trabalhava e tínhamos lá uns pedaços de terra e eu ajudava-o lá nos trabalhos da agricultura das terras que nós tínhamos e temos lá no Alentejo. Depois tinha um irmão, que estava em Lisboa e houve uma altura que eu disse ao meu irmão para me arranjar aqui trabalho. Aquilo o Alentejo não tinha ... aquilo não dava futuro nenhum, para ter uma melhor qualidade de vida, um melhor futuro e vim ... vim trabalhar para as obras para o Liceu Dom Pedro V ali ao pé de Sete Rios a carregar baldes às costas e fazer o que calhava pronto. Depois fui para uma empresa, mas sempre gostei muito de máquinas, a minha paixão era ser mecânico mas lá nunca tive oportunidade. Aquilo lá no Alentejo, lá na minha terra não havia nada, aquilo não havia nada onde eu pudesse ir aprender em condições e depois eu também tinha irmãos mais novos e tinha que ajudar com o meu pequeno vencimento também para ajudar a criar os outros dois mais novos, que isto era assim antigamente. Depois estando em Lisboa fui trabalhar para uma empresa, fui já trabalhar para essa empresa porque tinha muitas máquinas, eu gostava de mecânica e de máquinas e comecei logo a trabalhar com máquinas a entusiasmar-me e as pessoas começaram a ver que eu tinha jeito para aquilo e comecei com dumpers e depois com escavadoras, máquinas de arraste, trabalhei com gruas, pronto por aí fora até ir para o Ultramar, andei nessa empresa durante quase nove anos, mas já a contar também com o tempo depois da tropa, também fui para lá trabalhar uns tempos. Depois veio o serviço militar obrigatório. Ah! E antes disso fui à inspecção para a guerra. Antes disso nós íamos à inspecção todo o concelho, à sede de concelho, portanto eu pertencia a Reguengos de Monsaraz e fui lá. E no meio lá dos meus amigos, portanto de infância e de escola, começou-se a formar lá um grupo uns queriam ir para os paraquedistas outros queriam ir para os fuzileiros e eu e

outro, eu nem sequer queria ir para lado nenhum que é a verdade, se calhasse ia para o Exército se não calhasse não ia para lado nenhum. E eu e mais outro amigo “vamos dar o nome para os paraquedistas” e eu disse “como é que eu posso dar o nome para os paraquedistas? Eu sou muito pequeno, uma fraca figura, não me querem lá. Eles não me querem lá para nada!”, demos os nomes para os paraquedistas, eu dei aquilo até por brincadeira, nunca pensei ser paraquedista está claro! Pronto, mais tarde, isto foi em Junho talvez e em Dezembro, ou fins de Novembro, recebo uma carta para ir prestar prova a Tancos ao regimento dos paraquedistas e pronto, eu fui. Fui por aí fora no comboio e eu comecei a ver no comboio mais jovens que iam, pela conversa, mas eu não me associei aquela gente porque eu achava que não estava integrado ali naquelas pessoas, eu não tinha nada a ver com aquela gente. Era um individuo calmo, de província ao fim ao resto, embora já cá estivesse há alguns anos, isto eram meninos aqui de Lisboa e arredores, todos vividos e eu fiquei ali caladinho, ouvia-os, não disse que ia para lá. Eu nem sabia bem onde era Tancos. Quando cheguei ao Entroncamento havia um comboio que ia para a Beira-Baixa e que passava a Tancos, ao apeadeiro de Tancos e eu fui nesse comboio. Eles como já sabiam daquilo tudo até foram de táxi depois para o regime de paraquedistas. Eu fui nesse comboio, se não fossem uns paraquedistas lá eu nunca mais ia parar a Tancos! Aquilo da estação de Tancos para o regime de paraquedistas, eram duas da manhã, eu não sei como é que ia lá ter, havia de ir lá ter mas aquilo era longe e eu não conhecia nada. Mas havia lá dois ou três paraquedistas e eu então cheguei-me para o pé deles e eu disse “olhem eu também vou lá para o vosso quartel prestar provas” e disseram “então vamos lá”, chegámos lá até me serviram uma chávena de café uns indivíduos que estavam lá na casa da guarda, estava bastante frio e fui ... no dia 3 foi psicotécnicos e dia 4 foi prova física, aquilo era muito duro, mas mesmo muito duro e eu consegui ... Éramos cerca de, nesse dia, eramos cerca de setenta ou setenta e tal, ficámos lá treze, portanto aquilo era espremido ao máximo. Treze e quando eles chegaram a ler a lista, eu sou dos eliminados se calhar pensei eu, nunca mais chegou o meu nome, “aqueles que não foram nomeados, ficam”. Pronto fiquei e dia 29 de Janeiro de 1973 vou assentar praça em Tancos, para a recruta. Vou para cima ... sou integrado na recruta, aquilo era duro, era uma recruta de três meses, bastante duro, ainda era uma instrução mais moderada, o grau de dificuldade era cada vez maior, era o curso de pára-quedismo que era a última coisa, até me parece que agora já fazem ao contrário. Estive na recruta, depois foi o curso de combate, depois era andar três semanas no mato sem ter contacto com a população, com a mesma roupa, parecíamos uns bichos, sem fazer a barba, eramos autênticos bichos. Lavávamos a cara naqueles riachos, comíamos

C.1.2

C.1.2

a razão de combate, não se tinha noção das horas, só se sabia que era de noite e depois manhã. Pronto, a leste de haver contacto com a população, não podia haver. Três semanas depois, veio o curso de pára-quedismo. Veio o curso de pára-quedismo, muito duro, do curso de pára-quedismo iam para lá militares de outros ramos das forças armadas, aquilo para eles não conseguiam fazer, não tinham ... aquilo era fazer instrução física todo o dia, aquilo não tinha limite, era um exagero e portanto os outros chegavam lá e ressentiam-se, não conseguiam acompanhar o nosso ritmo e pediam-nos por favor, por favor, não estou a exagerar. Hoje, olhando para trás, eu custa-me um pouco isto ver ainda na televisão que qualquer individuo tem um brevê ao peito, aquilo custou-me sangue, suor e lágrimas, a mim e aos meus companheiros para conseguir aquilo e hoje vejo ai com uma facilidade extraordinária individuos, que são uns calhaus que eles enfiam de um avião abaixo, que eles não têm, não estão preparados, a maior parte deles não estão preparados para aquilo “olha tens que saltar” e eles saltam e dão-lhes um brevê e destruíram... eu hoje com muita pena tenho que dizer isto, destruíram-nos. Os pára-quedistas foram vendidos ao Exército por uma razão simples ao fim ao resto, simples e não é ... sou eu que estou a dizer e assumo aquilo que digo ... os pára-quedistas foram vendidos ao Exército porque os oficiais superiores dos pára-quedistas queriam ser generais e enquanto estávamos integrados na Força Aérea íamos só até tenentes-coronéis, não íamos mais para cima e então eles, para chegarem a generais venderam-se ao Exército. Hoje já há generais, é uma trapalhada, uma autêntica trapalhada e quem perdeu foram os pára-quedistas e nós, a minha geração e outros, sentimo-nos revoltados porque exigiram de nós sem limites para agora facilitarem as coisas sem nexos. Se os fuzileiros não saíram da Marinha porque é que os pára-quedistas saíram da Força Aérea, expliquem-me! Não têm nada que me explicar mas pronto ... E depois portanto veio o Ultramar, veio o Ultramar já não sei precisar bem o dia 10 ou 12 de Outubro, cheguei a Angola, nos éramos integrados nos pelotões por rendições individuais ... fomos vinte e cinco porque a minha companhia ... ah! E a minha companhia, quando formámos aqui companhia, tínhamos sete pelotões de quarenta homens, éramos duzentos e oitenta. Quando entramos na recruta éramos duzentos e oitenta, quando chegámos ao fim éramos metade, os outros iam eliminando até acabarmos o curso de pára-quedismo, uns que se aleijavam, outros que não tinham aptidão, outros que não conseguiam dar aquilo que eles queriam e chegámos ao fim com uns cem ou cento e vinte no máximo e depois essa companhia foi dividida para Angola, para a Guiné e Moçambique. Eu tive a sorte de ir para Angola que era o melhor. Era melhor que Moçambique e era melhor que a Guiné, que aquilo era ... Bem, cheguei lá aquilo era um mundo novo, gostei muito, gosto muito de

Africa, fui integrado num pelotão, fui integrado no 4º pelotão da 3ª CCP em Luanda, tínhamos o destacamento a 8 quilómetros do centro da cidade, num sitio maravilhoso com uma praia privada para nós, tínhamos um autocarro para virmos para a cidade, tínhamos um barco com um pára-quedista que tomava conta daquilo para nós, requisitávamos um grupo para ir passear na baía de Luanda, andarmos por ali. Portanto tínhamos todas as benesses e a alimentação era maravilhosa, o fardamento também a mesma coisa, tinha brio e tínhamos brio à força a que pertencíamos, há quem diga que os pára-quedistas são vaidosos, não é questão, não quer dizer que em todos, há muitas pessoas que são vaidosas mas pronto não era questão de vaidade, era questão de me sentir bem com aquilo que tinha escolhido, com aquilo que tinha dado e conseguido lá chegar com esforço e depois tirar o proveito também disso, quer dizer proveito entre aspas que o Ultramar não era proveito nenhum. Não fui voluntário para o Ultramar, ninguém me perguntou se eu queria ir. Eu já sabia que tinha que ir e fui. Integrado então nas companhias de combate, nas companhias de intervenção, 4º pelotão... ao fim de poucos dias fui para o leste de Angola, meteram-nos num avião de Luanda para o Luso, que foi a viagem que eu fiz que eram quatro horas de avião, isto estou a falar se calhar de dois mil quilómetros de Luanda ao Luso, eram os dacotas os D6 e C6 ainda antigos ... e pronto eu estou a ver, porque há imagens que não me saem da cabeça e essa é uma delas, fui colocado, cerca das dez e meia/onze horas no mato, no leste de Angola, zona do Savimbi, no distrito de Cuando Cubango, calor, esperámos ali um bocadinho depois de umas árvores em circo até que estivesse menos calor e depois começámos a progredir e levantasse uma grande ave à minha frente e eu não sabia o que era, a minha reacção foi atirar-me para o chão com a arma apontada preparado para fazer fogo claro, eu com aquele barulho só me apercebi que era uma ave depois de a ver à minha frente. Nós íamos daqui minimamente preparados para enfrentar aquelas situações. Aqui foi uma operação de três dias e meio salvo erro e nós com o clima, eu pelo menos, resenti-me um pouco. Muito cansado, cansado, ao fim desses dias estava totalmente esgotado de andar com uma carga nas costas, uma mochila com rações de combate para três dias e meio, dois litros de água ... e depois não se se tivemos abastecimento se não, já não sei bem ... abastecimento nosso, dos riachos ... E as coisas foram-se cada vez complicando mais, mais operações, mais cansaço, mais operações e mais cansaço, mortes no meio daquilo tudo. Nessa operação não houve mortes. Viemos do leste, fomos para o norte, houve logo um furriel, mas não foi do meu pelotão, que morreu. Nós quando, à noite, por causa dos mosquitos e às vezes também fazia fresco, tínhamos uma t-shirt preta e vestíamos essa t-shirt preta. E esse furriel, que era o furriel Xavier, eu

C.4.2.1

C.4.1

C.2.1.1

C.3.1

C.2.2

C.2.1.3.2

não vi, foram os meus colegas que contaram, não quis vestir a t-shirt preta andava com uma t-shirt branca, à noite no mato é preciso muito cuidado porque o branco é visível, mesmo quase no escuro nós a movimentarmo-nos, vê-se. Aquilo no norte estava impregnado de turras. E nesse tempo, eles estavam mais bem armados do que nós com kalashnikov's, com dektariev's e com outras armas mais sofisticadas que as nossas mas ainda havia alguns que tinham uns canhangulos. Os canhangulos que eram atacados pela boca com bocados de pregos e de zagalotes e atacavam aquilo com pólvora e disparavam. Aquilo na ponta tinha uma espécie de um funil, podia um individuo não ter pontaria nenhuma mas acertava sempre, atirava naquela direcção e o alvo era sempre atingido e foi assim. Um individuo com um canhangulo disparou para o lado do furriel, apanhou-o e matou-o, acabou por o matar, apanhou-o no peito e morreu, foi a primeira baixa quando eu fui para Angola, isto logo nos primeiros dias. Bem, nem o conhecia bem não havia ali uma ligação estreita. Eu, portanto tinha na minha companhia, um capitão que depois foi a general, que era um individuo que mal fazíamos uma operação ia logo marcar outra operação, não nos dava descanso nenhum. Eram operações em cima de operações. Nós fazíamos também, no norte, no Touto, estava sempre de prevenção um pelotão de pára-quedistas com uma esquadrilha de helicópteros para nós fazermos vigilância, que era uma zona de entrada dos turras, os indivíduos vinham do Congo e a entrada era por ali e então havia lá sempre um pelotão de pára-quedistas destacado e todos os dias fazíamos quatro horas de patrulhamento nos helicópteros, só vínhamos ao chão se houvesse vestígios de alguma coisa ou para ver as pistas, porque nós tirávamos um curso de pisteiros de combate para avaliar a presença ou passagem do individuo e sabíamos quase com rigor se aquilo era de dias, se era de um dia, até melhor quase horas. Portanto aquele curso dava-nos a possibilidade de fazermos uma avaliação quase de minutos de ter passado ali alguém, através de uma folha de árvore ou de arbustos no solo, pelo calçado ou descalços, sabia-se quase fazer uma avaliação correcta. Como eu lhe digo, tínhamos um pelotão de pára-quedistas no norte, no Touto, que eu fui lá varias vezes fazer esses reconhecimentos, mas é assim eu fiz lá várias vezes este tipo de serviço, eu e o meu pelotão, que como eu disse era bater a zona a ver se havia inimigo e depois vínhamos outra vez para Luanda e depois íamos fazer novas operações ou para o norte ou para o leste de Angola. Tínhamos um destacamento também no leste de Angola, a 60 quilómetros do Luso e que estávamos lá durante três meses e nesses três meses batíamos aquela zona quase toda que era a zona do Savimbi, era o distrito de Cuando-Cubango vinha até quase ao pé de Nova Lisboa, mas o Sul quase não tinha guerra, portanto era o leste e o norte de Angola. Isto é só para lhe dar

mais ou menos uma perspectiva da situação. O meu pelotão, pronto isto era assim, o meu pelotão eramos relativamente poucos, eramos vinte e poucos em quase todos os pelotões, uns vinte e dois, vinte e três e portanto as nossas operações nunca eram, raramente, acho que só fiz uma operação a nível de companhia, era sempre a nível de pelotão e portanto eramos relativamente poucos e por vezes tínhamos dificuldades quando eramos atacados porque eramos poucos. Tive muitos encontros com o inimigo, capturamos alguns, apanhámos material de guerra e o mais complicado é quando há baixas, eu hoje estou a dizer-lhe isto assim de uma forma ... como é que eu hei-de dizer ... despreocupado ... mas cá por dentro não é bem assim e ... e se calhar se fosse aqui há muito tempo eu ia-me abaixo e não conseguia dizer mas vou tentar dizer ... É assim, nós ao fim daquele tempo e de andarmos juntos há uma amizade, há uma relação estreita entre nós todos e passando as dificuldades todas por que passamos essa relação ainda se torna mais estreita e depois irmos para o mato e vermos depois os nossos colegas ficarem lá, custa muito e eu passei por várias situações dessas, ver os meus melhores amigos ficarem lá e é ... é complicado ... e isto acontece, como aconteceu a eles podia-me acontecer a mim e nós tínhamos que encarar essa realidade e a vida tinha que continuar mas ... nunca mais se esquece. Nunca mais se esquece, eu estou a falar consigo e estou a ver, não estou a ver nada mas estou a ver, não se sei se está a compreender, estou a ver esses filmes todos. E esses filmes continuam na minha cabeça que eu não consigo livrar-me deles, não consigo livrar-me dessa situação e todos os dias, mas todos os dias mesmo, eu penso nisso. Pronto hoje não há nada a fazer ... e perante tudo isto ... eu sinto-me uma pessoa frustrada e revoltada. Revoltada, porque ... se calhar das condições adversas e de guerra e daquilo tudo, frustrada porque não resolvemos nada, olhando para trás o que é que lá andei a fazer eu e os meus companheiros? A defender a quem, a defender o quê? Se hoje o próprio país não nos reconhece, há uma dívida para connosco que ainda não foi paga e nem somos reconhecidos. Porque há aí pessoas, há aí montes de pessoas com dificuldades, se calhar pronto ... tenho este problema, tenho, mas não vivo assim com grandes dificuldades, mas há pessoas com dificuldade e que ninguém lhes deu ajuda nenhuma. E se não fosse a guerra se calhar eles não andavam assim porque nunca tiveram uma assistência como deve de ser. Eu quando vim de lá queria ver-me livre daquilo e queria lá saber se tinha alguma coisa ou não, queria era vir para a vida civil ... porque eu houve uma determinada altura que até gostava, se calhar até tinha ficado nos pára-quedistas se não tem acontecido tudo, esta situação adversa mas depois não podendo lá ficar porque não tinha condições de lá ficar, revoltei-me com aquilo tudo. Não quis saber de mais tropa nem daquela situação ...

C.2.1.3.2

C.4.3.2

C.3.1

C.4.2.1

C.4.4.2.1

bem ... como eu ia dizendo ... Uma altura e, este amigo nunca mais ... Custou-me imenso, custou todos mas uns mais que outros ... Havia um individuo que era enfermeiro ... e era mais velho do que nós, do que eu se calhar mais um ano de lá, já experiente integrado na guerrilha e ele dizia assim, quando eles nos apanhavam assim de, como hei-de dizer, nós estávamos lá no pelotão, aquilo eram pelotões individuais, eles iam lá “epá toca a equipar e vão levantar material de guerra que vamos sair”, mas nem diziam para onde, nem sabíamos o que íamos fazer e aqueles que estávamos ali eramos apanhados assim à bruta, quer dizer não havia ... pronto aquilo era tropa não havia maneira de ... umas boas maneiras, umas boas práticas de falar connosco era tudo assim à meio-bruto, uma coisa bruta. “Toca a equipar”, as viaturas já preparadas e a caminho do aeroporto, um avião para norte ou para leste e esse enfermeiro, que era o Ferreira, dizia assim “Oh maçaricos”, eu era maçarico mais os outros, estávamos lá poucos, vinham sempre a chegar novos, “vocês não se assustem pá, quando vamos assaltar o acampamento já eles lá não estão, já eles fugiram” e às vezes era verdade, às vezes nós íamos ... em geral era quase sempre para o norte ... assaltar acampamentos ou ir atrás de indivíduos que tinham ido atacar algum quartel, ou tinha havido muitas baixas e os pára-quedaistas eram uma espécie de bombeiros, nós e os comandos ... e então lá nos colocavam atrás deles ou assaltar o acampamento tal porque havia informação de um grande acampamento e esse individuo tinha uma moral extraordinária, de que eu gostava, enquanto havia outros que não tinham. E eu uma vez até me chateei lá bastante com um individuo, porque era um individuo que em vez de nos levantar a moral, baixava-nos a moral e eu cheguei-lhe a dizer que aquilo não era correcto, que assim não chegava a lado nenhum e que nos estava a prejudicar ... e estava! E esse Ferreira dizia sempre aquilo e um belo dia no norte de Angola, numa madrugada, foi a ele que lhe tocou. Houve um individuo ... nós fizemos a operação ... e ... portanto foi numa tarde, íamos numa zona um pouco aberta, que o norte a mata é muito densa, muito fechada, passaram os helicópteros que deviam ter ido levar ou buscar tropa não sei e nós no nosso quico de campanha tínhamos um pano cozido vermelho por cima que era para quando vissemos a aviação virarmos para cima para ele não fazerem fogo para cima de nós, mas eles como nos viram, o individuo do heli-canhão baixou e andou de volta de nós e depois eles com o rádio entraram em contacto com eles, tinham que entrar ... o rádio ... agora não me lembro do nome daquilo ... conclusão, aquilo havia turras, muitos turras e eles viram andar ali o helicóptero, puseram-se à coca a ver se havia ali tropa, ora éramos nós, o pelotão a fazer uma operação, não me recordo se levávamos algum destino no momento, já não me recordo, eu sei que isso era ... Serra do Huila, uma serra muito difícil

... pronto, eles aperceberam-se de nós, chegaram-se para o pé de nós sem nos apercebermos, vieram atrás de nós, à noite nós comíamos a latinha de conserva num sítio e íamos pernoitar noutra por causa das próprias formigas, porque as próprias formigas, há lá umas formigas que aquilo pica parece abelhas é uma picadela terrível, por vezes tínhamos que nos despir todos para nos vermos livres das formigas e sacudir a roupa e tínhamos que varrer dali para fora e então nunca comíamos no sítio onde pernoitávamos. Então comemos, já assim lusco-fusco, fomos embora, fizemos o circo para dormir, quando estávamos a fazer o circo avança sempre, aquilo eram três secções, avança sempre um de cada secção para vigilância, aí uns sete ou oito metros avançados, os sargentos montam as armadilhas de tropeçar, se vier alguém atrás de nós aquilo rebenta através de uma granada ofensiva para nos apercebermos que está ali alguém, eles viram onde é que tinham sido montadas as armadilhas, contornaram aquilo tudo e meteram-se quase a cinco ou seis metros de distância de nós preparados para abrir fogo para cima de nós, portanto era tiro ao alvo. Há um individuo ... e aquilo o norte tem muitos macacos e os macacos apercebem-se de nós e andam ali a espreitar e a fazer barulho e a dar sinal, porque os animais dão sinal, emitem sinais para se protegerem ... e aquilo ali, houve um individuo que era o Carvalho, era maçarico, era o mais maçarico, que era um individuo ... isto foi quando ... agora não sei precisar bem isto ... mas pronto ele foi daqui, era maçarico lá ... e deixou-se dormir, utilizámos o relógio luminoso para ver as horas e de hora a hora ou hora e meia em hora e meia acordávamos outro para ficar, mas isto era no circo, quando tínhamos o circo montado para dormir, os que estavam avançados vinham todos para o circo e depois fazíamos a vigilância por secção, um de cada secção, virados para o mato com as costas viradas para o circo. Os sargentos e oficiais dormiam dentro do circo, não faziam vigilância e nós tínhamos que fazer vigilância. Esse Carvalho deixou-se dormir e foi precisamente do lado que eles entraram. Estavam ali a cinco, seis, sete metros e aproximaram-se de nós. Quando nós ... ah! E de manha quando é para sairmos do circo também para progredir há o (som), que era este sinal que se utilizava para o pessoal começar a arranjar as mochilas e avançava também o que estivesse na vez dele da secção para montar vigilância. Houve um moço que era o primeiro dia que ia para o mato, o moço era de Odemira, era guarda-redes do Odemirense, que hoje há uma grande história, lá na Associação até há um livro que é o “Lourenço”, não sei se já leu, mas a verdade daquilo está distorcida, não é bem aquilo, porque aquilo foi vivido comigo, conheci-o, era do meu pelotão, vivi com ele e sei como as coisas se passaram, o livro tem ali uma serie de coisa que pronto não ... que eu desconheço e que não se passaram pronto ... E esse moço, esse

Lourenço vai para trás de uma árvore, uma árvore com um grande tronco, muito larga e quando ele lá chegou estavam já à espera dele, um turra. Esses turras eram cubanos, com alguns do MPLA. Era um grupo altamente especializado de cubanos com indivíduos também do MPLA, era um grupo para aí de dez ou quinze não deviam ser mais e esses apontaram logo a arma à cabeça e rebentar um grande fogachal, eles a fazerem fogo para nós. O enfermeiro mais o Carvalho caíram logo, ficaram em cima das mochilas, caíram para cima das mochilas, e essa foi a única arma que eles apanharam aos pára-quadistas em Angola, não sei se em alguma província ... também acho que não apanharam e foi o único prisioneiro pára-quadista, foi do meu pelotão e essas coisas custam ... custam muito e revoltam-nos ... nós somos impotentes para aquelas situações ... mas eu desde sempre sabia e conhecia para o que ia, sempre vivi as coisas, a guerra ... pronto e ... não era situação política, que nós na altura não sabíamos nada de política, mas eu sabia que aquela situação, sabia de antemão que aquela situação não podia ser, um dia teria que haver uma solução para aquele problema, nós não podíamos aguentar aquilo, era impossível, cada vez a guerra se tornava mais difícil. Embora, antes do 25 de Abril, em Angola houve ali um período que não sei até que ponto eles não tinham a guerra ... eles não nos ganharam a guerra atenção, nós nunca perdemos a guerra, nós perdemos politicamente. Porque se teve que dar a independência e acho muito bem, que eles tinham uma certa razão que andavam a lutar pela independência e nós andávamos lá a lutar pela presença das pessoas que lá viviam e pela presença de Portugal em África. Mas eu apercebi-me muito cedo que nós não tínhamos a população do nosso lado e houve uma coisa curiosa ... eu acredito em Deus, mas pronto não vou à igreja ... e o que é que eu via lá, pronto ... numas aldeias, no interior de Angola, o que é que eu constatava, padres brancos ou estrangeiros mas brancos e a população, portanto lá o sol nasce muito cedo, talvez às seis da manhã já começa a nascer o sol e, a essa hora já estavam lá à porta da igreja a assistir à missa, pronto havia uma fé deles, havia uma ligação ... no entanto, tanto nos destacamentos e nos sítios onde nós ficávamos dias, em vários sítios, ficávamos lá ao nível de pelotão ou de companhia, as populações davam-se perfeitamente connosco. Nós não tínhamos qualquer problema com as populações e se fosse nas cidades havia boas relações, mas pronto eles lutavam pela independência deles não é, isto é mesmo assim e como eu estava a dizer, voltando um bocadinho atrás, nós viemos depois a perder os nossos amigos em situações complicadas, como essa. Depois para transportar os mortos, era o enfermeiro, ficámos sem enfermeiro, ocupava-se aquela gente quase toda porque trazíamos dois mortos, havia um indivíduo desaparecido, procurámos tudo à procura dele e ainda encontrámos o quico de campanha e

C.2.1.3.2

C.2.1.3.2

C.3.1

C.2.1.2.1

C.2.1.3.2

que ouvimos uns tiros também na zona onde ele estava e mais tarde apanhou-se um indivíduo que veio a descobrir que era um grupo de cubanos, que ele foi ainda ferido, que o levaram ferido e que tentaram salvá-lo mas que ele não aguentou e acabou por morrer na viagem para o Congo, ali no livro reza isso também. Pronto, estas coisas começam a mexer na nossa cabeça e depois era o cansaço. Quando foi aqui o ... ah! Mas vou contar o resto da história. Depois para transportar esses mortos para uma clareira para serem recuperados de helicóptero, ia aquela gente toda quase ocupada e se eles aparecem nessa altura não sei se não tinham ido mais, mas eles não apareceram. Tiveram que levar motosserras para se cortar árvores para os helicópteros aterrarem para se meterem os mortos e a operação terminou ali pronto, fomos recuperados depois. E isso deixa-nos muitas mazelas.

I: E o que é que se sente nessa altura?

M: O que é que se sente nessa altura? Olhe, sente-se ... como tínhamos que continuar, conseguimos suportar toda essa situação e ... mas isto não se esquece ... e continuávamos sempre em frente pronto, continuámos a fazer outras operações e pensávamos assim “olha, foi o Ferreira, podia ter sido eu” ou o António, o Pedro, o Joaquim ou o Manuel. Vamos ... pronto não há nada a fazer, vamos continuar. E continuávamos sempre com a mesma determinação e isso parece até que na altura não nos afectava muito, pronto isso não ... pelo menos em mim, marcou-me logo, marcou-me, mas continuei numa boa pronto ... a fazermos operações, tivemos também no leste de Angola, três vezes ... e muito, muito cansaço ... e eu penso que isto foi o acumular de todas estas situações e o cansaço. Porque nós ... às tantas também estamos esgotados, a nossa cabeça começa a estar cheia de determinadas situações e depois é o cansaço psicológico e físico portanto e foi isso que me baralhou. Comecei a ficar baralhado. E há uma altura ... que nós voltamos ao norte ... voltamos ao norte para fazer essa pirataria aérea, fazíamos quatro horas de manhã ou quatro de tarde de helicóptero, uns iam de manhã outros iam de tarde, nós vamos deparar com uma ... pista de ... pista que não era pista, mas vestígios no capim de passar por ali muita gente e com dias, com poucos dias, tinha passado ali muita gente, isto depois do 25 de Abril, isto foi em Julho de 1974 já. Começamos a ver, isto é um grupo grande e andávamos a percorrer aquilo todos os dias e começou a aparecer uns indivíduos dispersos. Havia lá uns aviões que eram os D6 que largavam umas bombas, largaram umas bombas mas depois não se via ninguém ... íamos outra vez fazer pirataria aérea, descíamos outra vez para ver o trilho por onde eles tinham passado, parecia uma auto-estrada, “epá isto é muita gente” ... andámos dias... acho que o comandante que lá estava mandou vir mais

C.2.1.3.2

C.2.1.2.1

C.2.2

C.3.2

C.3.1

C.3.1

um pelotão para cima, de Luanda para cima, juntámos lá dois pelotões para bater aquilo tudo a pente fino e assim fui. Há um belo dia, por acaso não foi o meu grupo, eu ia da parte da tarde e foi o grupo da parte da manhã e, cheguei a fazer 8 horas por dia de helicóptero, que é muito! Cheguei a fazer 8 horas de voo diárias, porquê? Sabe que isto como em tudo há manhosos, eu podia estar aqui a desculpar mas é verdade, há indivíduos que são manhosos quer dizer, não vou dizer que se calhar também não me baldei algumas vezes, se eu disser isso se calhar também é mentira, mas não me baldei muitas vezes, uma vez ou duas se calhar, cheguei a fazer serviços por outros para eles não serem castigados! E quando havia essas situações, havia indivíduos que se faziam doentes e pediam voluntários e eu cheguei a ser voluntario para ir e fazer 8 horas de helicóptero, andar 8 horas às voltas era muito, é cansativo, mas continuando ... Sobre esse trilho que era muita gente, começámos a bater aquilo a pente fino até que um dia, o grupo que estava na parte da manhã, foi dar com eles dentro de uma mata ... uma mata pequena ... e o norte, lá nessa zona onde era o sitio de passagem dos indivíduos onde nós estávamos que era na zona do Touto, nós com os helicópteros abrangíamos uma área que era de 300 quilómetros ... uma área em linha recta que se calhar íamos a 300 quilómetros ou mais, conclusão ... um belo dia, encontraram-se os indivíduos, dentro de uma mata pequena, aquilo era tipo savana por fora e havia várias matas e eles estavam dentro de uma dessas matas e claro, assim que sentiram os helicópteros a aproximar, abriram fogo pronto, foram logo detectados ... ora quatro helicópteros, levavam quatro indivíduos, levavam quinze ou dezasseis, ora um levava o rádio e um enfermeiro, indivíduos para fazerem fogo se calhar eram catorze ou quinze, eles reagem ao fogo bem ... viram que era impossível aguentarem o fogo dos indivíduos, conclusão, sabe quantos é que estavam dentro dessa mata? Estava lá uma companhia de cento e oitenta homens zairenses que eram da FNLA, não eram da FNLA, eram do Mobutu. Eram comandos africanos do Congo-Zaire e como o Mobutu era um dos três líderes para a independência de Angola que era a FNLA, MPLA e a UNITA e como ele quase nem tinha tropa, ele era cunhado do Mobutu acho que, trazia tropa do Zaire, introduzia-a dentro de Angola e dizia que era tropa dele. Eles nem português falavam, falavam só francês. Porque o Congo foi uma colónia francesa. Os indivíduos não conseguiam aguentar o fogo deles, fizeram marcha atrás, retiraram e chamaram o meu grupo “venham depressa porque estamos aqui debaixo de fogo, a ver se conseguimos sair desta situação”. Eu sei que fui dentro de um puma, todos os que havia ali foram todos para dentro do puma, eu sei que eles puxaram o fogo todo ao capim ali em volta da mata e havia um riacho, que na altura até nem tinha agua, que tinha muita verdura e foi o único sitio que

não ardeu que era só por onde nós tínhamos entrada para dentro dessa mata, por o outro lado estava tudo a arder porque eles tinham puxado fogo ao capim, aquilo levanta uma grande labareda e nós só tínhamos entrada por esse lado. Começámos a querer entrar por esse lado, nem sabíamos a posição dos nossos colegas e então o meu capitão começou a gritar, a chamar pelo furriel Martins que era o furriel que ia a comandar, acho eu, se calhar o mais graduado desse grupo. Que eu ia para aí em terceiro ou quarto lugar e eu a ouvir os gritos dele e achei aquilo um bocado “o individuo está aqui a denunciar-se” e eles já a fazerem fogo para nós. Bem, nós não sabíamos qual era posição ... para fazermos fogo, não sabíamos qual era a posição dos nossos companheiros, podíamos estar a atingi-los a eles, portanto aquilo era uma embrulhada que não se percebia nada. Eles tinham uma emboscada muito bem montada frente a esse riachozito, assim que nós aparecemos de peito aberto já a fazer fogo para eles, todos os indivíduos à minha frente caíram, eu não caí ... eu atirei-me para o chão, atirei-me para o chão, fiquei por trás de um bagabaga, que é um monte de terra que fazem as formigas, não era muito alto mas dava para proteger a cabeça, ao meu lado ficou tudo ferido caíram todos, eu daquele grupo que ia à frente fui o único que não caiu e os outros de trás também não caiu ninguém, mas eles foram todos feridos, foram todos atingidos e eu a ver aquilo atirei-me logo para o chão. Conclusão, aquilo foi uma grande confusão. Tínhamos lá um tenente, o tenente perante aquela situação, debaixo de fogo, aquela gente ali ferida que ou morriam ou eram evacuados, arriscámo-nos a evacua-los. Eu sei ... que o tenente chamou-me, esse tenente nem sequer teve tempo de meter o quico de campanha, vinha ainda com a boina verde na cabeça e os galões e tudo, chamou-me a mim e a outro individuo que ainda hoje não me lembro quem foi, para irmos para dentro da mata em direcção a eles fazer fogo ... e para ver se conseguíamos protege-lo para ele colher uns paus para fazermos uma maca para transportar feridos, isto tudo debaixo de fogo. E os outros indivíduos a fazer fogo para dentro da mata e nós naquele momento ainda não sabíamos bem qual era a posição dos nossos colegas, portanto olha era o que desse e viesse, fazer fogo para dentro da mata e era o heli-canhão ... a nossa safa foi o heli-canhão a fazer fogo para eles e a proteger-nos a nós. Conseguimos tirar os feridos, conseguimos evacuar os feridos assim para um sítio mais alto ali a cem ou duzentos metros, eu sei que recuámos, assim que tirámos os feridos toda a gente recuou ... e isto prolongou-se, era já meio da tarde, começou a fazer-se assim para o lado do sol-posto. Às tantas só víamos já a chama a sair das armas deles a fazer fogo para o heli-canhão, a fazer fogo para cima deles, que eles não podiam sair da mata também, que eles estavam ali encurralados. Nós reagrupámos, com outro grupo e o meu, fomos

C.3.1
C.2.1.2.1

C.2.1.2.1

C.2.1.4

C.3.1

C.2.1.3.2

evacuar os feridos, eu sei que estava a manter protecção ao helicóptero para evacuarmos os feridos e veio uma rajada assim seca, já aquilo estava assim mais calmo, veio uma rajada do capim em direcção ao helicóptero e abana um individuo que estava a entrar para o helicóptero porque tinha sido ferido, apanha-o aqui no meio da perna e nós não conseguimos estancar o sangue ao homem, ao segundo-sargento ... o sargento ... agora não me lembro do nome do homem ... não conseguimos estancar o sangue. Eu até conhecia a mulher e o filho que eles às vezes iam lá ao batalhão e eu às vezes via-os lá. O homem morreu ali, sabia que ia morrer não havia ... nós tínhamos uns pensozinhos, uns pensos de combate que era para quando havia assim, quando éramos feridos para estancar o sangue... Não havia hipótese pronto, o homem quando foi metido no helicóptero ia morto, estava já morto e iam mais dois ou três feridos. Sei que um dos enfermeiros, chamávamos-lhe nós o velhinho, meteu-se dentro do helicóptero, o individuo era já velhinho tinha vinte e cinco ou vinte e seis anos e tinha fugido à tropa e tinham-no apanhado e espetado com ele lá em Angola e ele apanhou um tal medo ordem daquilo que assim que pôde meteu-se dentro do helicóptero disse que ia auxiliar os feridos mas ele não ia auxiliar ninguém, foi mas foi para se auxiliar a ele e veio-se embora que nós quando fomos à procura de enfermeiro, não tínhamos enfermeiro. O meu capitão veio, foi o primeiro a cair ... depois veio evacuado para Luanda para o hospital ... eles vieram mesmo lá de cima logo do norte para Luanda e depois veio para cá ... teve que sair das Forças Armadas porque ficou inapto, eu nunca mais o vi. Vi-o uma vez aqui na televisão naquelas entrevistas com o Joaquim Letria ... não é Joaquim Letria ... o pai da ... Joaquim Furtado. Fez um programa aí na televisão sobre os ex-combatentes e em que ele aparece, aparece esse capitão e mais algumas pessoas a fazer um relato dessa operação e telefona-me aqui para casa um amigo meu a perguntar “epá não conheces o individuo que está aí? Era o teu capitão”, era o capitão Pinhão. Esse capitão hoje, se calhar, fazia por ele ou por outra pessoa qualquer, mas se calhar deve-me um pouco a vida a mim e mais a outro senão não sei se não tinha morrido lá também, que ele estava todo furado. Eu sei que eles depois foram dar cruz de guerra daquela operação a pessoas que não tinham nada a ver com aquilo, a mim nunca me vieram perguntar qualquer coisa. Também nunca reclamei nada. Eu fartei-me de trabalhar nos pára-quedistas, em operações, em várias coisas, nunca reclamei nada para mim, nem a cabo fui promovido porque eu era um bocado refilão e com essa capitão cheguei a ter grandes pegadas com ele por coisas que ele fazia e que eu não concordei e nunca tive problemas em dizer-lhe e ele castigava-me, por eu ser refilão porque eu não me calava. E atendendo a isso ou não sei, mas ele se calhar nem teve culpas disso

C.2.1.3.2

C.2.1.3.2

C.2.1.3.2

porque ... ele até nem se dava muito bem com este tenente que eu estou a falar, não se davam muito bem. O tenente também não foi condecorado mas foram outras pessoas que eu sei, que foram condecorados por aquilo que nada fizeram, estavam lá presentes sim senhora, mas nada fizeram para lhe salvar a vida, nem a ele nem aos outros e, eu e o tenente e outro fomos debaixo de fogo, eu a fazer protecção ao tenente mais o outro, a fazermos fogo para aguentar o fogo do inimigo para eles servem salvos e conseguimos. Só morreu lá um, eram três ou quatro ... E eu a partir dessa operação é que descambei. A minha cabeça estava já tão massacrada, tão ... eu a partir daí é que me comecei a sentir mal ... mas antes disso ainda vou voltar um bocadinho à operação ... Essa operação, quando retirámos e depois saímos dali, quando se começou a fazer de noite, saímos dali distantes talvez um quilómetro e nessa noite eles, os turras, os gajos da FNLA que eram militares como nós eramos, eles eram militares do Congo, comandos, que eu até tirei o cinturão de um que lá estava morto que era o cabo Bara, Bara era o nome do individuo e guardei como recordação, estava ele morto lá estendido no chão e eu tirei-lhe o cinturão e trouxe-o como recordação. Eles depois em vez de progredirem voltaram para trás e foram passar outra vez junto a nós, perto, um grande alvoroço, a fazerem muito barulho, alguns deles até traziam tochas acesas não sei porquê ... um alvoroço e a ordem que havia dos graduados é que ninguém fazia fogo, ninguém dizia nada, porque aquela hora da noite se há feridos morriam ali e nós não andávamos lá para morrer, andávamos para ganhar a guerra entre aspas que não ganhávamos coisa nenhuma mas andávamos lá não era para morrer. Nós fomos preparados para matar e não para morrer, que isto é mesmo assim. Pronto, e no outro dia de manhã voltámos lá ao mesmo local para passarmos reconhecimento e antes de lá entrarmos, as granadas que tínhamos, enfiámos com elas lá para dentro, ninguém respondeu, não havia tiro nenhum. Ah! E ... e começaram a sair indivíduos de lá vivos, que se entregaram e havia lá indivíduos feridos, indivíduos mortos e indivíduos escondidos por ali algures. Então desses cento e oitenta indivíduos alguns eram carregadores, levavam equipamento, levavam fardos de camuflados, levavam botas, levavam granadas, anticarros, antipessoal, levavam munições, portanto iam prevenidos para ir abastecer, deviam-se ir fixar num sítio qualquer. Andámos a recolher aquilo tudo, trouxemos um ou dois pumas cheios de material, minas, os gajos metiam as minas atrás das árvores, aquelas coisas assim escondidas, sei lá o que é que para lá terá ficado. Porque os indivíduos depois também diziam que não sabiam onde estavam as coisas, se calhar sabiam mas pronto aquilo que conseguimos ver trouxemos o que não encontrámos ficou lá pronto. E então recuperámos ... pronto nós não matávamos ninguém, estavam vivos estavam vivos. Foram inimigos só

C.2.1.3.2

C.3.1 C.2.1.1

C.2.1.3.3

até aquela altura. Nos não matávamos por matar. Os pára-quedistas não matavam por matar, era uma das disciplinas que havia nos pára-quedistas e houve uma vez uma forte discussão deste sargento com um capitão porque ele matou uma mulher, tínhamos uma emboscada montada e ele sem se aperceber bem se era homem ou se era mulher fez fogo e era uma mulher, matou-a. E o capitão ficou muito chateado porque era uma pessoa que não trazia arma. Era turra, era mulher dos turras mas não tinha nada que se matar, se ela não trazia arma o objectivo era apanhar à mão, como apanhámos muitos. Mas por vezes, essas situações também eram complicadas para nós. Cheguei a fazer operações em que assaltávamos acampamentos, apanhávamos população, miúdos e depois tínhamos que andar com os miúdos às costas porque eles não aguentavam, os miúdos de noite choravam e metiam-nos por vezes muito em risco por causa dessas situações. Cheguei a partilhar e ... sem problemas nenhuns fi-lo com todo o gosto ... a minha pouca ração de combate, pouca que não era pouca que eu não a comia também ao fim ao resto, eu só o que levava para o mato era o pão, agora está a ver uma carcaça ao fim de três dias como é que não está, aquilo não é nada! Levava umas carcaças, levava umas latas de conserva de atum só e levava os sumos só e água, não levava mais nada. Aquilo, acho que eram rações de combate sul-africanas que até não eram mazitas mas eu não conseguia comer com a sede, porque um dos maiores inimigos que nós tínhamos era a sede, a mim pelo menos e aos meus colegas. Eu cheguei quase a delirar com sede, eu passei por uma situação, eu e os meus companheiros a nível de pelotão, eles levavam as cartas topográficas para ver o terreno e eu lembro-me que a uma altura enganaram-se. Isto era no leste de Angola e no leste de Angola há poucos rios, aquilo é quase tipo Alentejo, tem matas mas as matas são muito densas e é terrenos de areia e há poucos rios, enganaram-se na leitura do terreno e por exemplo nós andávamos há dois dias no mato, a água já tinha ido porque eles diziam “amanhã de manhã estamos ao pé de um rio e abastecemos”, enganaram-se, quando chegámos ao sítio onde eles diziam que havia um rio não estava lá rio nenhum. E esse dia andámos o dia todo sem água, eu andava a delirar com sede, já viu debaixo de calor sem água? E houve lá dois ou três, eu fui um deles, que disse “eu não me levanto mais daqui. Sem beber, não consigo, não tenho força para mais”. Eu por acaso podia andar ainda, mas vi dois ou três a fazer isso e fiz também para protestar contra aquilo, contra aquela situação. “Não posso andar, não tenho água para beber, não posso, não consigo”, já com os lábios todos inchados e no outro dia de manhã é que fomos parar a um rio, um rio bastante grande e aquilo estava empestado de jacarés, um crocodilo mais pequeno, aquilo apanha a perna de um individuo e esfarrapa-o todo. Mas eu e os outros não quisemos saber dos crocodilos nem daquela

C.3.1

C.2.1.4

C.2.2

C.2.2

C.2.1.1

C.2.2

C.3.1

porcaria toda, enfiámo-nos para dentro de água, foi encher o cantil de água e beber, saciar ali a sede, por acaso não vi nenhum jacaré, não vi bicho nenhum, não vi nada! Mas havia porque nós nos helicópteros é que os víamos perfeitamente, eles ali ao sol ali naqueles rios, naquelas albufeiras era montes daquilo, daquela bicharada. Eu não quis saber, nem eu nem os outros, nem havia ordenação, digo-lhe uma coisa, se houvesse tiros contra mim ali naquela altura, eu não me importava de levar um tiro, a sede era tão grande e a falta de água era tanta que eu não me importava nada e eu digo-lhe sinceramente, do morrer ao andar aqui a sofrer o que é que será melhor? Se calhar é melhor morrer. Se um indivíduo morrer, acabou! Não anda aqui a sofrer tardes inteiras, dias inteiros aqui debaixo deste calor, carregado, a transpirar por todo o lado, cheio de fome ... a fome suportava eu bem, agora a sede? E isso foi um avolumar de situações que me complicou o sistema nervoso pronto. E essa lá no norte era o Sargento Carneira, abocado não me lembrei, e este ano aconteceu uma coisa que me custou tanto, tanto. A minha mulher é algarvia e tenho lá a minha sogra e eu no verão semeio lá umas coisitas no Algarve e estava, assim no fim do verão, fim de Setembro ou Outubro e há lá várias associações de pára-quadristas que fazem um almoço de convívio por ano. Houve um convívio dessa Associação e eu fui, então não é que era a homenagem ao Sargento Carneira, todos os anos portanto fazem homenagem a um pára-quadrista morto em combate e foi uma Sargento Carneira, mas eu não ia preparado para aquilo. Não tinha conhecimento de nada e quando lá cheguei ... pronto, reuniu lá o chefe dos bombeiros, um presidente de camara acho eu, num monumento de Lagoa que é um monumento do ex-combatente, por acaso aqui está muito bem feito, tem lá os mortos, os indivíduos, os concelhios que morreram e que pertenciam ao concelho de Lagoa e onde estava o nome dele, porque ele pertencia ao concelho de Lagoa e disseram “nós fazemos fazer aqui uma homenagem ao Sargento Carneira”. Eu se tivesse um buraco tinha-me enfiado por ali abaixo porque aquilo estava a custar-me muito. E estava lá a mulher dele, que eu já não via há muito tempo, e estava lá a nora dela ... e eu estive quase sempre, a correrem-me as lágrimas pronto, naquela cerimónia. E havia outro indivíduo que também era da minha companhia, que também estava lá também e que também tinha participado nesta operação em que ele tinha morrido. Estavam lá os dois E depois fomos colocar na campa dele, ele está sepultado em Ferragudo, uma coroa de flores e fui eu com a mulher dele, a nora, o Lombinho e mais dois ou três companheiros, fomos lá fazer essa homenagem. E estas coisas, pronto isto já passou, custa muito. Mas o que me levou a ficar descompensado, digamos assim, foi aquela operação no norte, foi o acumular das situações e eu a partir daí nunca mais fiquei bom, essa do norte do Touto, aqueles feridos e os outros

C.2.2

C.3.1

C.4.3.2

C.2.1.3.2

mortos, a partir daí nunca mais fiquei em condições. Depois estive lá ainda mais quase um ano, depois houve o cessar-fogo, isto foi em Julho de 1974 e eu vim em Abril de 1975, ainda estive lá uns meses. Depois da companhia passei para a companhia de serviços, depois estas coisas trazem maus resultados e, havia lá um moço que seguiu vida militar e disse-me assim, eu andava desorientado, a minha cabeça estava um bocado perdida, andava ali um bocado perdido e se me dissessem qualquer coisa aquilo havia logo barulho e eu fui várias vezes ainda lá ao médico, cheguei ir à psiquiatria ao hospital militar de Luanda! Eles não devem ter registo de coisas nenhuma, não têm nada, não têm coisa nenhuma! Eles nunca me deviam ter deixado sair das Forças Armadas sem estar bem, mas eu também nunca quis lá estar! Eu sempre quis ver-me livre daquilo, também fui eu o culpado não foram só eles. Mas isto, nós estamos numa situação que não conseguimos avaliar as situações, eles é que deviam avaliar, os médicos e essa gente. Eu sei que ainda vim fazer análises e a Lisboa e depois ainda assinei os papéis em que disse que estava bem, eu disse que estava bem, acho eu! E eles limpam daí as mãos, estavam bem mas estava bem como, não estava! Mas pronto eu agora perdi-me aqui um bocado ...

I: Estava a falar de quando mudou para os serviços.

M: Ah! Quando fui para os serviços lá, havia um moço que tinha seguido a vida militar e estava lá nos serviços, era do meu curso e fui para lá e disse “oh Fernandes se tu não te importasses, ias ali para o bar de sargentos uns dias”, “epá, bar de sargentos? Opa eu agora eu posso estar aqui mais sossegado a descansar um bocado, vou-me meter aí no bar de sargentos? Não, não quero”, “epá mas é para me desenrascares, há ai pouco pessoal, são só dois ou três dias”, “se é só por dois ou três dias, eu vou para lá”. Assim que lá me apanharam nunca mais houve ninguém para me substituir. Até que um belo dia, já andava farto daquilo e daquela gente toda, às vezes faziam-me ficar lá até as três da manhã, jogavam lá noites inteiras à batota e eu tinha que estar a aturar aquilo. Estava lá às três da manhã, as três a manhã vinha-me embora, mas as oito horas tinha que me levantar, dormia cinco horas e trabalhava um dia inteiro, num bar, que aquilo dava muito trabalho e a maior parte das vezes estava sozinho. Depois é que foi para lá um moço, mandaram para lá um maçarico e o moço lá ajudava também, mas ao início não estava dentro daquilo e era complicado. E os indivíduos, aquilo era um bar que era uma categoria, aquilo era tudo à grande, havia dinheiro! ... E fizeram uma festa, com o lucro do bar ainda ... é verdade isto que lhe vou dizer, é a pura da verdade, eu comprava e vendia as coisas, ia comprar ao mercado mandado por eles, requisitava as viaturas, levava o dinheiro do bar, nunca, isto é

verdade, eu nunca roubei um cêntimo, um centavo, eu nunca roubei! Sabe o que é que eu fazia? Convidava colegas meus às vezes, pronto eu estava lá a trabalhar, tinha ali tudo à disposição, convidava-os para ir lá beber uma cerveja ou ir beber uma imperial ou duas e não lhes ia levar dinheiro, eram amigos! Comíamos e bebíamos, tinha lá lagostas com fartura, tinha tudo com fartura e comíamos se fosse preciso uma lagosta e as contas estavam feitas que a mim também ninguém me pagava nada e pronto era isto que eu fazia, era também o esforço do meu trabalho! Tinha lá as coisas à minha disposição, o roubo que eu fazia, o desfalque que eu fazia erra esse! Mas também tinha direito em faze-lo porque ninguém me dava nada de estar a trabalhar ali tantas horas. E fumava, fumava pouco e chegava lá e tirava um maço de tabaco, punha ali e ia fumando um cigarrinho de vez em quando, não pagava! E comia e bebia e dava às vezes, agora dizer “epá vou tirar aqui 20 escudos”, o dinheiro lá era um pouco diferente do nosso, mas acho que aquilo eram escudos à mesma, já não me lembro, nunca tirei, nunca tirei nada, isto pela minha saúde e pela saúde da minha família ou da minha filha que é de quem eu mais gosto, nunca! Podia precisar de dinheiro, para já não precisava! Porque eu nunca fui assim muito gastador e para ir beber umas imperiais e coisas tive sempre. Para vir para a cidade, tinha o ordenado que eles me pagavam, não gastava em comida nem em coisa nenhuma e nunca precisei assim de dinheiro. E mesmo que precisasse não o tirava, nunca tirei, eu nunca na minha vida posso dizer que roubei, não gosto, condeno essa situação, se precisar peço! Mas conclusão, isto é só para terminar ... e então, nos últimos tempos eles mandaram-me para o bar de sargentos ... estava na companhia de combate, eles lá arranjaram e passaram-me para a companhia de sargentos e bar, eu estava farto daquilo ... um dia fazem lá uma festa, à grande e à francesa, com whiskeys e tudo o que era bom! Eu levantei-me num dia por exemplo às oito da manhã, trabalhei esse dia o dia todo, ainda à noite e no outro já era por volta da uma da tarde ... Ah! E como havia falta de pessoal, pedi a colegas meus para me irem lá ajudar, a servir ... e as mulheres dos sargentos também ajudavam, havia ali ... entre outros ... mas quer dizer a responsabilidade daquilo tudo era minha e aquilo tinha uma gerência e de três sargentos e havia um sargento que era o Sanches, por acaso um belo homem e honesto, esse homem portanto é que estava à frente daquilo e eu qualquer problema ia ter com ele e ele ajudou-me muito, dizia-me “vais comprar tanto disto e daquilo”, nós tínhamos os fornecedores, uns iam lá levar outros íamos nós buscar, pos-.se a festa a andar, a festa durante toda a noite e depois no outro dia e os meus companheiros lavámos o bar todo ... aquilo era bonito, era um bar novo, bom, bem equipado, limpámos aquilo tudo, fechámos as portinhas, aquilo cá fora havia aquela ... o terra em África é

vermelha, aquela areia vermelha ... e nisto chega um sargento da cidade, nem sei se ele tinha estado lá na festa nem se não, ainda hoje não sei nem me preocupa se ele estava lá ou não, as portas estavam encostadas, só da parte da tarde é que eu ia abrir o bar, porque iam lá muitos civis sempre, com os sargentos e as famílias, aquilo tinha um parque lá a frente até para os miúdos brincarem, ia lá muito gente e eu gostava de ter aquilo, de mostrar às pessoas uma boa imagem daquilo a funcionar, mesmo eu não estando bem! Eu esforçava-me para isso. Conclusão, esse sargento, estavam as portas fechadas, entra lá para dentro com as botas ou os sapatos, ele ia a civil, sujou-me, era chão de cerâmica, sujou-me aquilo tudo! Eu disse “olhe lá, desculpa lá! Você não viu as portas fechadas? Epá isto é o bar de sargentos, você é sargento, eu sou praça, mas o responsável disto sou eu. O seu dever era não entrar ali, chamava alguém, sem vir sujar isto como o senhor fez. Eu ainda não me deitei! Desde sexta-feira às oito da manhã, já vamos em sábado ao meio-dia, ainda não dormi! E ainda vou estar aqui hoje, esta tarde toda a tarde, até às tantas da noite e depois é que vou dormir.”, “Eu só queria uma grade de cerveja”, “você queria mas eu não lha vendo. Só da parte da tarde é que vou abrir o bar. Também preciso de ter aqui um bocado de calma e de ir almoçar, depois para trabalhar, porque depois à tarde não está ninguém, estou sozinho outra vez” e o gajo, desculpe o termo, “só quero uma grade de cerveja, tens que me vender uma grade de cerveja, vim da cidade buscar uma grade de cerveja” e eu disse que não, que não vendia, também fui bruto, podia ter vendido a grade de cerveja ao homem e aquilo ficava por ali. Começámos a implicar, portanto ele dizia uma coisa, eu dizia outra ... ele jogou-me um empurrão e eu atirei-me logo a ele! Dei-lhe um murro, andámos ali à porrada os dois até os outros nos desapertarem. Ele era um sargento, eu não podia fazer aquilo ... não podia agredir um superior, mas ele também não me podia empurrar. Ele mal me pôs as mãos, mas eu já estava saturado daquilo, afinquei-lhe logo. Vou dentro do bar assim quase a correr, aquilo acho que foi à porta do bar, vou buscar as chaves, assim uma molhada de chaves das portas atirei com aquilo contra a parede e digo assim “leve o bar, leve essa porcaria toda que você quiser que eu vou-me embora”, fui vestir a roupa de saída, tomei banho, fui para a cidade embebedar-me... embebedei-me, andei por lá, não sei se vim nesse dia se quando é que vim, abandonei o local de trabalho, era o que desse e viesse e por acaso vim para o quartel, por acaso deu-me para vir para o quartel. Andei lá não sei quanto tempo, essa tarde e essa noite e vim depois ... claro que eu quando cheguei ao quartel, tinha abandonado o serviço, alguém ia procurar contas! Sou chamado logo à companhia, ao primeiro de companhia que era o individuo responsável pela gerência do bar, “Oh Fernandes! Sabes o que é que fizeste?”, “Sei.”... Já me tinha

passado ... “Sabes que abandonaste o local de trabalho, agora o que é que queres que eu te faça? Eu tenho de levar um auto da ocorrência do que se passou” e eu disse “E eu não vou mais para lá! Se me quiserem prender, está ali a prisão metam-me na prisão! Eu para o bar de sargentos não vou mais”, “Epá está bem, nós depois resolvemos isso, mas agora tenho que falar contigo” e sou chamado à secção de justiça por um oficial que estava lá na secção de justiça a ouvir-me, é chamado também o sargento ... claro, aquilo cada um depois puxa a brasa à sua sardinha não é? Eu dizia que não lhe tinha batido, ele dizia que sim, eu dizia que ele me tinha agredido primeiro, ele dizia que não, pronto havia ali uma contradição, cada um tentava defender-se ... as testemunhas ... eu sei que depois sou chamado ao comandante e, o comandante, “o senhor sabe porque é que vem aqui?”, “sei”, “o senhor sabe que não pode agredir um superior?”, “sei”, “então se sabe porque é que agrediu”, “o sargento agrediu-me primeiro a mim, do que eu o agredi a ele”, “ai é? Está bem! Pode-se ir embora”. Fiquei na companhia, a trabalhar na companhia, no escritório lá da companhia portanto, o que é que eles me deram para fazer os tiquês, as contas lá do bar para ir fazendo aquilo durante o dia portanto aquilo em dois dias fazia aquilo, depois o resto era praia ... era o que eu queria, praia! Dizia “o meu trabalho está feito”, “então olha, podes-te ir embora”. Estive lá um mês ou dois ali naquela situação e depois vem a ordem de irmos para a metrópole e eu digo assim “então e agora eu tenho um auto levantado ... se calhar eles não me deixam ir” ... Vinha lá o nome, vou ter com o primeiro-sargento “epá não está aqui o teu nome? Então deixa lá, vais e acabou!”. Foi o dia, embarcámos para a metrópole, cheguei a quê a 21 de Abril de 1975. A minha cabeça vinha ... Isto vinha tudo virado do avesso, isto não vinha bem, vinha mal! Vinha bem, não vinha, não vinha nada bem ... 21 de Abril, vamos para Tancos, depois são as primeiras eleições que havia em Portugal do 25 de Abril ... vou para o Alentejo, depois vamos para lá, calha o 25 de Abril não nos deixam sair do quartel, aquilo foi uma chatice, não nos queriam deixar sair porque aquilo estava de prevenção, depois lá conseguimos sair ... Conclusão ... eu quando saí do tropa, só saí em Setembro, vou de licença registada de casa, a minha mãe apercebeu-se da situação em que eu vinha e foi ter com o médico “ele precisa de ser tratado, ainda pode fazer aí alguma”, aquilo naquelas situações é para o que der e vier, ele disse “tem que ir a Évora, está lá um médico muito bom”, fui ... era um psiquiatra. Levava uma carta, o homem esteve a falar comigo e bem, comprimidos para dormir! Como eu tive uns dias de licença e depois fui trabalhar, mas tive que andar a tomar aquilo muito tempo ... passado quase cinco anos eu tive uma recaída. Tive uma recaída, já casado. Uma recaída muito má ... foi quando eu comecei depois a fazer terapia a sério. Andei num psiquiatra, num psicólogo, cheguei a

C.4.3.2

C.4.4.1

pagar quarenta e tal euros de uma psicóloga particular e mais quarenta e tal euros para o médico, psiquiatra e ninguém me deu um tostão. Depois alguém me disse para vir aqui para o serviço de saída, fui ali à psicóloga e ela disse “o seu caso é um caso um bocado complicado e eu não tenho tempo para tratar de si mas eu conheço um sítio, você vai lá e tem lá pessoas, psicólogos e psiquiatras que o vão tratar e são pessoas, técnicos, bem preparados para essa situação” e pronto, foi quando eu fui para a Associação e até agora ...

I: Na sequência dessa recaída que tinha tido ...

M: Na sequência dessa recaída. Mas ainda voltando um bocadinho atrás, eu lá em Angola ainda fui lá aos médicos, ainda fui lá uma vez ou duas, andava já mal ... não andava bem, andava tudo virado do avesso, eles lá diziam “andas cacimbado”, cacimbado mas o problema era o sistema nervoso, isto nunca mais passou. Eu tenho hoje, tenho dificuldades a dormir ... eu se calhar se me sentar aqui adormeço, mas eu nunca durmo um sono descansado. Eu todos os dias penso na guerra, eu não posso com barulhos. Eu por acaso vim para aqui para um sítio sossegado, isto aqui é muito sossegado ... lá onde eu morava, havia um jardim e há noite iam para lá, bastava um barulho qualquer, até um carro ou um barulho qualquer, eu ficava logo sob alerta... está a ver aqueles indivíduos ali? Isto não é por acaso, isto é o instinto. Mas não é só o instinto, se calhar se andasse normal não dizia nada aos indivíduos, mas é precaver-me porque nós andamos sempre sobre aviso. Parece que andamos sempre com receio das coisas acontecerem e aqui em casa a minha mulher diz “ainda as coisas não aconteceram já tu estás”, isto é tudo uma situação ... Pronto e eu penso que foi isto tudo ... Ah! E o cansaço lá, eu penso que o cansaço e essas situações é que me deitaram abaixo. Foi muito trabalho e toda essa situação foi acumulando e essa operação foi uma das últimas que fizemos ... e essa foi uma que acabou depois com o resto, essa do Touto ... a partir dali nunca mais ...

I: E como é que foi essa recaída para o levar a crer que tinha que procurar ajuda novamente?

M: Eu vi que não podia andar assim de maneira nenhuma, cheguei à conclusão que não podia ser. Uma vez mandei umas cabeçadas numa parede, chatee-me não sei porquê ... isto aqui em casa! Não podia ser. Eu nunca me dei mal com a minha mulher. Com a minha filha às vezes temos grandes desentendimentos, não é andarmos à pancada, porque ela ... e se calhar é fruto desta situação, afectada, fruto desta situação ... e que ela às vezes revolta-se comigo, às vezes temos grandes ... não ... como é que hei-de dizer ... temos grandes

atritos. Com a minha mulher não que ela já está habituada a isto já não ... as vezes liga quando estamos pegados um com o outro, liga ... mas pronto ... eu nunca fui conflituoso na minha vida e depois passei a ser conflituoso, se me chatearem eu explodo! Lá no trabalho eu tive, saí da empresa para o Arsenal do Alfeite onde trabalhei trinta anos e às vezes dava-me vontade era de partir aquilo tudo. Eu digo-lhe, eu reformei-me para não fazer lá nenhuma asneira. Eu reformei-me e vim a perder duzentos e tal euros de vencimento para não fazer lá nenhuma asneira, eu matava lá um individuo daqueles, matava-o. Eu um dia matava lá um individuo deles, ia no caminho deles e matava-o. Porque os indivíduos, eu já tinha tanta raiva aos gajos, daquilo que eles faziam aos trabalhadores e que me fizeram a mim que eu ... sabe o que é que eu pensei fazer? Eu uma vez pensei em pegar numa empilhadora e partir lá à administração e partir aquelas coisas todas. Eu ainda cheguei a estar em cima da empilhadora para o fazer, mas depois comecei a pensar bem no que ia fazer “eu vou dar cabo da minha vida, sou preso, sou despedido, vou dar cabo da situação”, a minha filha na altura andava na faculdade, “eu estou doido, vou-me mas é embora”, vim para casa, meti horas e vim para casa. Isto não contei ainda a quase ninguém, da empilhadora ... mas disto não contei a quase ninguém. Vim-me embora para casa... no outro dia fui trabalhar outra vez. Porque eles andavam ali ... pronto eu estava um bocado debilitado e eles ... quer dizer a nossa concentração, por vezes não estava concentrado nas coisas mas nunca, penso, que me empenhei sempre o máximo no meu trabalho e acho que por vezes fui ... havia lá uma situação que eu tinha conhecimento e sabia o que estava a fazer, conhecia perfeitamente e posso dizer isto com segurança, nem os próprios engenheiros dominavam aquela situação tão bem como eu porque eu conhecia aquilo por dentro e por fora, que era a maquinaria que havia dentro do Alfeite e eu estive responsável pela lubrificação por aquelas máquinas, cheguei a estar responsável por equipa de pessoas e sabia perfeitamente o que estava a fazer. Depois ... eles ... faziam falcatruas, arranjavam maneira de meter lá empresas e corriam com aquilo que estava tudo bem feito para ser mal feito mas havia dividendos está a ver e essas coisas revoltavam-me e comecei a querer vir-me embora, “vou meter os papéis e vou-me embora”. Cheguei ainda a ir à caixa geral de aposentações e com os papéis por causa desta doença, a ver se me conseguia safar, mas nunca consegui. Havia lá um médico, lixava-me sempre. Esse individuo, Deus queira que ele não me apareça à frente! Deus queira que ele nunca me apareça á frente porque senão, não sei! O relatório da médica já dizia o problema que eu tinha e depois ... eu quando meti os papéis, primeiro meti os papéis, os meus papéis desapareceram. Meto os papéis, despacho da ministra, sou já apanhado nesta situação de ser penalizado e esta

C.4.3.4

C.4.2.4

C.4.2.4

situação não ajudava nada um individuo não é ... Ao longo da minha vida, tive sempre azar. Mas pronto, eu aí nos anos 80 andei mal, mesmo mal, andei complicado, foi quando eu fui para a Associação. Depois lá na Associação, andei lá um ano e tal com a Dra. “Marta” individualmente, ia lá todas as semanas acho eu e depois passei para o grupo, mas ... eu hoje já consigo falar disto tudo mais ou menos, mas nem com ela ... entretanto ela depois mudou-me para outro moço que lá estava, outro doutor que já nem lá está e eu disse “oh Dra. Desculpe lá, assim não! Foi consigo e é consigo que eu tenho que andar. Para outra pessoa não ... eu agora não me sinto bem!” E ela pôs-me no grupo dela outra vez. Chegou aquele moço, quiseram fazer um grupo e eu fui um dos que foram encaminhados para ele, o homem não tinha culpa e também precisava, mas não me sentia à vontade de estar outra vez isto tudo ... e estou a desbobinar consigo porque foi ela que me pediu, se viesse aqui uma pessoa qualquer eu não ... há aqui coisas que se calhar eu não ... mas pronto, basicamente é isto ...

I: E voltando um bocadinho atrás, antes de vir para Lisboa viveu sempre com os seus pais e os seus irmãos?

M: Sim sim.

I: E veio para Lisboa com 12 anos?

M: Não não.

I: Saiu da escola com 12 não é?

M: Sai da escola com 12 comecei a trabalhar lá no Alentejo, lá nos lavradores. Era um individuo que até era bastante conhecido, era o Prezado Fernandes que até foi reitor da Universidade Nova de Lisboa acho eu! Pronto ele tinha lá herdades, hoje aquilo está quase tudo debaixo de água, e fui para lá trabalhar. Guardei gado, juntei lenha, fazia aqueles serviços assim portanto ... ceifei 21 dias. Era duro, treze ou catorze anos a ceifar com eles calor, do nascer ao por do sol. Olhe que não era para toda a gente, isso é que me deu estaleca para ficar depois nos pára-quadistas.

I: E como é que era a sua relação na altura com os seus pais e os seus irmãos?

M: Era boa. Sempre a minha relação até esta situação sempre foi boa e tinha força de viver. Vim aqui para Lisboa, senti-a bem, passeava aí com amigos ... pronto nós fazemos amigos não é! A partir daí não tinha alegria de viver, nunca mais tive alegria. Não tenho ... eu

passo aqui os meus dias e sabe onde é que ... eu agora estou aqui uns dias, porque eu tive o desequilíbrio do ouvido há pouco tempo e tenho que estar por aqui, porque a maior parte do tempo passo no Algarve. Tenho lá uns terrenos, lá num sítio isolado e a maior parte do tempo passo lá. Só oiço os passarinhos, ninguém me chateia. As vezes vou ao café, tomo um cafezinho, tenho lá duas ou três pessoas com quem falo assim mais e acabou. Falo com toda a gente “bom dia, boa tarde”, mas andar ... não ... isolo-me, é o nosso problema é o isolamento. E aqui, eu vou ao café tomo um café, pensa que estou lá muito tempo? É para sair um bocado de casa. A minha mulher quase me força a ir e diz “então porque é que não vais ao Almada Fórum, porque é que não vais ao Rio Sul?”, por acaso ontem fui ao Rio Sul, tinha falta de comprar umas coisas e fui mas ... se arranjar lá um livrinho para ler, que eu gosto muito de ler, até sou capaz de me entreter lá um bocadinho ... agora ... e mesmo a falar com as pessoas ... eu falo ali um bocado mas depois o assunto ... está a ver ...

I: Quando foi para Angola, teve tempo para se despedir de alguém, alguém foi despedir-se de si?

M: É assim, nunca gostei de despedidas. Disse ao meu pai e à minha mãe mas não quis despedidas. Porque lá na minha terra e na província, tinham por hábito, ia aquela gente toda da vila despedir-se do militar que ia para a guerra e eu não gostava disso, nunca gostei disso e não disse a ninguém. De véspera, fui de férias uns dias, poucos dias ... eu nunca tive férias na tropa, não sei porquê, tive tanto azar que nem férias tive ... e ali um dia ou dois disse à minha mãe “possivelmente sou capaz de ir para Angola”, eu sabia que ia mas pronto disse que era possível. Despedi-me do meu pai e da minha mãe, o meu pai desconfiou mesmo que eu ia, foi-me levar ao autocarro às cinco e meia da manha ou seis horas, custou-me muito, coitado ... aguentei mas depois ... vim a chorar no autocarro por ali fora, vim a chorar porque não sabia se o voltava a ver se não ... pronto, custou-me. A minha mãe ficou em casa, custou-me muito, mas pronto era assim e não quis lá mais ninguém. Não disse a mais ninguém.

I: E na altura foi de barco ou de avião?

M: Avião.

I: E quanto tempo durou a viagem?

M: Oito horas ou nove horas.

I: E como é que foi? O que sentiu no caminho para lá?

M: Foi maravilhoso! Olhe, saímos lá de cima de ... tivemos uns dias ali nos pára-quadristas ... eu andava sempre metido naquelas coisas de brincadeira, corríamos ali aquelas aldeolas todas, porque eu estava muito longe de casa e eu para vir a casa demorava muito tempo para trás e para a frente e portanto não dava, vim a casa umas três ou quatro vezes. Eu em três meses que tive de instrução, vim três ou quatro vezes a casa porque não dava ... não dava! Mas pronto eu estava habituado também, não me fazia diferença. E então, aqueles que eram de Trás-os-Montes ficavam também por ali. A comida era boa, não tinha muito dinheiro mas tinha um dinheirito, bebíamos uns copos, não era embebedar-se, nunca gostei de bebedeiras, nem bebo, não posso beber por causa dos medicamentos, não posso beber, nem gosto de beber é mesmo assim, nunca gostei. E ficávamos ali ao fim-de-semana, dávamos por ali umas voltinhas e brincávamos ... às vezes lá apanhávamos uma bebedeirazita, às vezes era assim ... E lembro-me uma vez, um moço que era lá de Matosinhos, o pai dele era da marinha mercante e tinha poder de compra e nesse altura, antes do 25 de Abril o poder de compra era um bocado complicado, ninguém tinha dinheiro, mas eu já tinha um dinheirito, tinha ido amealhando, ia trabalhando sempre e também não gastava assim muito mal gasto. E então ele levou para lá umas garrafas de bebida, comemos, embebedámo-nos ... eu sei que enfiei a cabeça num latão de lixo, se não me tiram de lá eu não me dava ... caí para dentro do latão de lixo e lá ficava até aquilo passar, isto foi nas vésperas de irmos para o Ultramar. Depois, quando viemos para o Ultramar, lá vínhamos com a roupa azul da Força Aérea, fardados com a roupa de saída, um autocarro lá dos pára-quadristas, deram-nos a escolher onde queríamos jantar no caminho no trajecto para Lisboa, sei que nós escolhemos o Vira Bilha ali na ... que era um restaurante ali a seguir a Vila Franca, ali no Porto Alto, não sei se conhece ... nem sei se aquilo ainda existe ou não, até há pouco tempo existia que era das enguias, tinha muita fama por causa das enguias, enguias fritas e ensopado de enguias e nós escolhemos aí o jantar. Era comer e beber o que nós quiséssemos. Oh! Houve indivíduos que se embebedaram logo ali, era bebida à descrição... já sabe malta com vinte, vinte e um anos, sabíamos que íamos para Angola ... e avisaram-nos “vocês vejam lá, não vomitem que aquilo é um avião da Força Aérea, se estragarem alguma coisa depois têm problemas”, eles avisaram-nos bem! Já ia tudo quentinho, ali às onze e meia da noite embarcámos, eu não dormi ... acho que não dormi praticamente nada, fui sempre acordado. Eu lembro-me que quando passámos no Equador, por cima do Equador, aquilo abanava muito e eles diziam “Isto é o Equador, é o eixo da terra, por isso é que o avião abana um bocado” e pronto no outro dia de manhã chegámos a Luanda, bonito, aquilo é muito bonito. Africa é lindo! Nós

tínhamos um quartel muito bonito ... isto é um filme, isto está tudo gravado, isto nunca mais passa ... eu não estou a ver mas estou, não estou a ver mas estou ... viemos para o quartel, eu não tinha dormido nada nessa noite no avião, apresentámo-nos lá ao comandante de companhia, já assim com a barba desse dia e da noite, “fazer a barba!”, pára-quadistas muito rigorosos na roupa e na higiene e na disciplina e foi a safa de não termos muitas baixas foi a disciplina que nós tínhamos em combate e nas operações, livrou-nos de muitos mortos. Nós tínhamos uma disciplina muito rigorosa e que fazíamos para cobrir as coisas que eles nos ensinavam e pronto ... lá cheguei, vivi ali uns meses à grande e à francesa até aquilo começar a descambar ... depois nunca mais tive alegria, nem hoje! A partir daí nunca mais fui uma pessoa alegre, nunca mais fui uma pessoa bem-humorada de dizer assim umas chalaças. A minha Patrícia às vezes entra aí “não tens humor nenhum”, mas eu não tenho culpa, eu guardo uma tristeza dentro de mim que não passa, pronto isto não tem cura, vai viver comigo para o resto da vida pronto ... Fiquei afectado, nós isolamo-nos e isto já está ... isto da Associação melhorou um bocado ... senão eu não conseguia estar a falar consigo este tempo todo.

I: E não teve nenhuma licença enquanto lá esteve?

M: Não. Nunca tive.

I: Recebia notícias com frequência?

M: Recebi. Oh! Ficávamos todos satisfeitos. Em geral, todos tínhamos madrinhas de guerra, outros tinham namorada, eu não tinha namorada mas tinha madrinha de guerra. Algumas coitadinhas até mandavam para lá vinte escudos, trocávamos aquele dinheiro dava mais não sei quanto, mas nós não lhes pedíamos nada, era de livre vontade que mandavam. As vezes até nas rações de combate, até cá isso acontecia, moças que trabalhavam nas fábricas de conservas, por exemplo em Setúbal e em Olhão, que havia muitas fábricas de conserva e elas metiam a direcção delas dentro da ... as latas de conserva tinham um papel e elas por dentro metiam uma direcção para nós escrevermos e por vezes nas latas de conserva vinham muitas direcções de miúdas ... olhe eu escrevi-me com uma miúda, praticamente sempre desde que lá estive, mas essa não era das latas de conservas, foi um moço que era de Almodôvar que me deu a direcção dela e ela aceitou-me como madrinha de guerra e nunca a vi, nunca a conheci pessoalmente. Devia ter feito por conhece-la mas não fiz, pronto. Vim de lá tinha vinte e três anos, era um jovem, nós também não pensamos bem ... vivemos o dia-a-dia nas nossas dias e olhe e viva, viva ... digo-lhe, eu

não digo isto à minha Patrícia que ela vive a vida com uma grande intensidade, mas digolhe a si viva tudo o que puder porque depois quando voltamos atrás já não há nada a fazer.

I: Quando voltou, avisou alguém que ia voltar? Tinha alguém à sua espera?

M: Não. Não tinha ninguém à minha espera. Ninguém sabia que eu vinha, cheguei de surpresa a casa.

I: E como foi a reacção?

M: Estava só a minha mãe, dos meus irmãos não estava ninguém, estava só a minha mãe e o meu pai. Lá se levantou, fomos daqui de táxi ainda fui buscar um paio para dar ao gajo do táxi. Ele era aqui de Lisboa e portanto aquela carne boa também não lhe passava pelo estreito e tínhamos ido a falar sobre os enchidos e então fui lá buscar e dei-lhe e ... foi bom, uma viagem boa. Sei que para cá vim de dia. Sai de lá era meio-dia e meia hora e viemos relativamente baixos. Sei que vim por cima do Sahara, via-se perfeitamente aqueles pipelines do petróleo, do gás, pronto da extracção do petróleo, via-se perfeitamente porque aquilo vinha muito baixo. Entrei no Algarve, começou-se logo a ver os carros, via-se perfeitamente, não sei porque é que íamos tão baixo, para cá vínhamos a dois mil pés, não sei porquê e para lá fui a dez mil, acho eu. Com certeza que já viajou de avião e eles dizem a altitude a que vamos e a velocidade. Sei que íamos ali na costa do Algarve, quando chegámos a Lisboa era mais ou menos sol-posto. Desembarcámos e depois aconteceu ali uma cena, logo à saída do avião não andei ali à pancadaria porque não calhou. Porque não calhou! Com um aspirantezeco maçarico! E vinham uns fuzileiros connosco no avião e parece que havia informação que eles traziam droga, porque lá arranjava-se droga com muita facilidade, havia lá colegas meus que vieram para cá na desgraça por causa da droga, já vinham viciados na liamba e então eles mandaram abrir as malas. Eu trazia a mala cheia de coisas, trazia maços de tabaco, trazia muita coisa e assim que abri a mala, aquela porcaria não queria fechar depois os fechos, era uma mala de cartão daquelas antigas e eu tava danado com o individuo, “então mas você está a brincar comigo ou quê? Então este tempo todo depois de andar lá ainda me vem para aqui chatear, vá chatear outro, vá para o raio que o parta!” disse que ao aspirante. Havia um capitão que tinha lá estado comigo que era o comandante da polícia aqui deles, apercebeu-se da situação e “deixe lá os homens o que é que você está a fazer”, porque se ele não o leva dali eu se calhar atirava-me ao individuo. Eu andava assim um bocado passado e o gajo ali a chatear-me ... o capitão pegou nele,

C.4.2.4

C.4.2.4

chamou-o “deixei os homens, vá se embora” e o gajo desapareceu dali porque se não se calhar tinha dado ali logo chatice, não deu pronto, lá fui para o Alentejo.

I: Sente que aquilo que aquilo para que o tinham preparado batia certo com o que encontrou?

M: Batia. Batia certo e com muito mais coisas lá! Ainda bem que eles nos prepararam para isso. Nós íamos perfeitamente preparados para entrar naquela guerra. Eu e os outros íamos preparados para matar e assaltar, assaltar acampamentos e destruir e matar, íamos preparados para isso tudo, isso não tenha a menor dúvida.

I: Como é que sente que as pessoas aqui, quando chegaram, pensavam? Qual a opinião que tinham de si e dos seus companheiros quando voltaram?

M: Receberam-nos bem, agora se eles não tinham bem noção da nossa missão? Sabe que embora aquilo fosse tudo guerra, entre o Exército, os Pára-Quedistas, os Comandos, cada um tinha a sua missão distinta, era um pouco diferente uns dos outros. Agora se as pessoas ... nunca falei disto com ninguém, eu nunca falei de guerra com ninguém. Eu não falo de guerra com ninguém, nem falei, nem falo. Eu só falo de guerra consigo, com a Dra. “Marta” e com algum colega meu que lá tivesse estado, com as outras pessoas não falo. Nem vale a pena falar, não quero, não gosto!

I: Sente que o facto de ter lá estado o impediu de fazer coisas que ...

M: Sim! Possivelmente até tinha ficado nos pára-quedistas. Se não tivesse ficado nos pára-quedistas eu tinha quase a certeza que tinha estudado. Eu gostava muito de engenharia mecânica e tenho quase a certeza que eu hoje tinha conseguido tirar um curso, ficou tudo pelo caminho. Ainda estudei e tirei boas notas, mas eu não tinha cabeça para isso, era um esforço muito grande para me concentrar e vi que não ... Tirei o 9º ano, que eu tinha a 4º classe quando para lá fui, tirei o 9º ano, tirei uma média de 16 no 9º ano que não era mau. Eu só tinha dificuldade no inglês, que arranhava pouco daquilo, a minha única dificuldade era o inglês e trazia-me a nota para baixo. Eu cheguei a tirar vinte em ciências, não sei de quê, desenvolver, eu gosto muito de escrever, cheguei a tirar vinte. Até nos cursos que eu tirei, profissionais, depois no arsenal do Alentejo cheguei a tirar vintes. Cheguei a tirar em algumas coisas, notas máximas, mas é como lhe digo a minha cabeça não ...

I: E em termos pessoais como é que acha que isso o prejudicou?

M: Com os particulares aí fora, lá no meu trabalho, às vezes tinha pegadas com eles. Pegadas lá com indivíduos lá do meu trabalho e às vezes um bocadinho complicado. Em casa, às vezes também tenho aí maluquices. Sou um indivíduo que não tenho calma eu ... o problema é não termos calma nenhuma sabe. Mas nunca tratei mal a minha mulher, nem trato mal ninguém mas se me fizerem passar a perna ... Olhe aqueles indivíduos ali em baixo, se você não está ali eles não tinham entrado no prédio, aquilo que ele me respondeu, eu não os deixava entrar ali, punha-os na rua. Isso era logo, mas você vinha comigo e eu não quis estar ali ... Porque eles ou traziam um cartão ou se identificavam ou não entravam cá dentro. Eles eram dois mas eu não tinha medo, podia levar ali uma tarcia mas eles não entravam de certeza mas pronto ficaram por ali... eu não dei por eles virem aqui aos contadores sequer mas pronto ... não entravam era logo a primeira, entravam eles ou deixavam-me ali estendido ao pé da porta mas pronto, agora quando você sair eu vou às arrecadações ver porque não tenho confiança nenhuma na forma como eles falaram ... Até podiam estar a falar verdade porque eles tinham uns papéis mas eu sem óculos não vi o que era nem se não ... São estas situações está a ver, são estas situações que isto às vezes descamba para o torto.

I: Da minha parte é tudo, agradeço-lhe imenso a sua colaboração.

C.4.2.1

C.4.2.1

C.4.3.2

Nome: “Tiago”	Idade: 61	Residência: Póvoa de Sta. Iria
Estado Civil: Casado	Número de Filhos: 2	Profissão: Motorista (Carris)
		<i>Actualmente reformado</i>
Local Destacamento: Angola	Duração: Aprox. 3 Anos + 4 anos civis (antes da tropa)	

I: Gostaria que me falasse um pouco da sua infância.

T: Tenho 6 irmãos. Hmm, a minha infância como quase toda a gente, também não era pessoas ricas, tínhamos que trabalhar para viver e depois com 17 anos fui para Angola porque na altura quem ia para a Guiné já era assim muito mais complicado e eu tive a possibilidade de ir para Angola. Mas sem entrar na tropa. Só depois, estive até aos 22 anos, só entrei para a tropa com 22 anos. Estive na tropa e depois ainda tive a tirar o curso de comandos, mas depois acabei por não frequentar porque não gostava, depois tive ainda um ano e tal em Luanda, depois de um ano e tal é que fui integrado numa companhia mista...cá do continente e de lá. Então tivemos numa zona chamada Vista Alegre que era no norte de Angola...Depois deu-se o 25 de Abril estava eu na tropa, isto em Abril, estive lá na tropa até Dezembro, depois tinha feito um ano e... Um ano e vinte e um meses, saímos da tropa a sério com o 25 de Abril, depois entretanto eu pedi para regressar com a companhia não me autorizaram, depois quando se deu a independência, isto em Agosto de ... ao fim ao cabo tivemos que vir todos os que lá estavam praticamente, foi quando se deu... a independência lá de Angola. Tivemos que regressar, eu e vários portugueses que estávamos lá. Na tropa, na tropa tive várias fases. Para já tirei logo a recruta numa zona operacional...e em Ambriz que era uma zona operacional que nem podíamos sair do quartel aquilo era só de volta do arame farpado, depois daí vim para Luanda. Depois de Luanda, ah, seleccionaram-me para os comandos mas ao fim ao cabo eu não era voluntário, era obrigado. Depois nos comandos andei lá, andei lá no curso e foi muito duro, muito duro, andei lá e depois ao fim de terminar o curso, eu nunca gostei, nem gostava, ao fim ao cabo eu nunca gostei da tropa, e depois ao fim eliminaram-me ao cabo aquilo era voluntário, eu fui requisitado para lá como obrigado. Depois aí tive mais uma temporada acho que era em Luanda e depois aí fui ingressado nessa companhia mista... epá... É um bocado complicado, muito longe da família, as pessoas mais próximas que lá tinha era um primo, é um bocado complicado.

C.1.2

C.1.2

I: Teve desde os 17 anos separado da sua família, que foi quando foi para lá?

T: Sim desde os 17 anos.

I: E até aos 17 anos viveu sempre com os seus pais e os seus irmãos?

T: Vivi, vivi.

I: E de onde é que era?

T: Vila Flor, Trás-os-Montes. Numa aldeia de Vila Flor.

I: Portanto só aos 17 anos é que teve a primeira separação em relação à sua família?

T: Sim, mas separação... Até aí tive sempre uma vida mais ou menos, muito melhor do que era aqui e era sempre independente e tal, só depois na tropa é que ... Daí acabei a tropa com aquela coisa de chegarmos cá e também havia falta de emprego, quase na mesma situação em que está hoje. Ingressei na Carris, na altura era para ter sido como emprego de bar, mas não havia, foi como cobrador mas nas condições de passado pouco tempo passar para motorista e depois então ingressei na Carris e estive lá 26 anos até me reformar por invalidez, talvez um pouco do stress da guerra e stress da condução e tudo isso, acabei por ter assim uma série de problemas.

I: Acabou por se reformar mais cedo, é isso?

T: Acabei. Embora olhe lá continue a fazer a minha vida mas, tem-me afectado um bocado. Não sei o que é que quer saber mais ...

I: Em termos da sua infância, como é que era a sua relação com os seus irmãos e os seus pais?

T: Sempre foi boa e continua a ser. Não quer dizer que não haja quezílias entre irmãos, por acaso comigo não há, mas nunca tive problemas.

I: Na altura não havia serviço militar obrigatório, acabavam por ser todos chamados para a Guerra, lembra-se quando foi para lá, ainda foi algum tempo como civil?

T: Não, eu daqui fui como civil. Mas já com intenção, com intenção ... obrigatório! Toda a gente entrava na tropa obrigatório! Só fui para Angola já com o receio de ir para a Guiné que era muito mais perigoso está a perceber? Era muito mais perigoso, foi essa a intenção.

Só que depois em vez de entrar, por norma entrava-se aos 20 anos, eu entrei aos 22 só. Entrei aos 22 e aí é que arrastou mais 2 anos.

I: E foi de barco?

T: De barco. Na altura era caríssimo.

I: E como é que recebeu a notícia que realmente tinha que ir para lá?

T: Oh aquilo já andava no dia-a-dia era o prato forte, já toda a gente sabia que ia parar lá ao Ultramar. A gente não recebia a notícia, quer dizer, eu quando ingressei na tropa para já, já sabia, estava lá já numa zona de guerra pronto, partindo do princípio. Estava já num país que andava em guerra, embora na cidade se notasse menos isso, mas havia sempre aquela movimentação militar de um lado para o outro e isto e aquilo, pronto partindo do princípio. E depois a notícia, a gente já vinha com 14, 15 e 16 anos, os gajos que vinham da tropa que vinham isto e vinham aquilo e outros com problemas, tudo isso... Aquilo já ...

I: E como é que lidava com isso? Tendo em conta que tinha ido para lá muito novo e já estava mais dentro da situação.

T: Sabe que isto, na altura a gente até via aquilo quase como... Quando se tem 17 ou 18 anos, eu lembro-me por exemplo a guerra do Vietname e depois criarem vários filmes sobre a guerra do Vietname e a gente via aquilo quase como uma glória, só que as coisas depois no dia-a-dia são totalmente diferentes daquilo que se passa. E é muito bonito no filme, mas aquilo depois as coisas são totalmente diferentes. Correu mais ou menos!

I: Como é que os seus familiares e amigos receberam na altura a notícia que realmente apesar de já estar numa zona operacional, que tinha ido para Angola, embora tenha conseguido para a Guiné que era complicado?

T: Era. Embora a zona do norte, eu também calhei ir para uma zona que era muito perigosa, por exemplo tenho um primo, eu por acaso não tive assim problemas, mas um primo meu que era condutor teve uma mina que lhe desfez um braço ou quase todo. E é assim. Mas por acaso eu embora fosse uma zona assim perigosa, não tive assim ... Houve uma altura em que, talvez também os meus medos tivessem acalmado ali entre eles, mas é sempre complicado e deixa sempre mazelas.

I: E alguma vez enquanto lá teve, teve oportunidade de ter uma licença para vir a Portugal?

T: Não! Nem havia dinheiro sequer.

I: Mas recebia notícias com frequência?

T: Isso recebia, isso sim.

I: Tinha alguma madrinha de guerra?

T: Não! Nunca fui muito dado a isso.

I: E enquanto estava lá, quando entra em teatro de guerra é completamente diferente?

T: Bom, vamos lá ver aquilo... a guerra de guerrilha é sempre um bocado complicado, porque a guerra de guerrilha você anda ali se for preciso um mês, dois meses não vê ninguém, não vê nada, não se lida com nada, de repente pode aparecer e haver várias mortes e haver isto ou haver aquilo quer dizer, a guerrilha é assim um bocado complicada. Eu lembro-me de uma vez por exemplo, tivemos um combate, tivemos um combate não fomos fazer um ataque a um acampamento e a minha equipa ficou na retaguarda na prevenção ao material que a gente levava e depois há dois rapazitos que eram ali do Norte quando eles chegaram vinham assim a falar, de noite, vinham a falar e então eram eles a falar, estava tudo morto, estava tudo não sei quê, tinham fugido à operação, ao fim ao cabo tinham fugido da operação tá a perceber? E ao fim ao cabo depois acabaram por nem eu, quer dizer nem mataram nem coisaram ninguém entende. Aquilo estava tão bem feito, tão bem montado que, eles em geral eram civis à volta, civis ou coisa do género à volta e depois eles é que ficavam lá no meio. Aquilo pronto, aquilo pronto como é que hei-de explicar, aquilo já era quase uma, um acampamento, quase uma aldeia e as informações. Q tipo de guerrilha é um bocado complicado, porque às vezes a gente se calhar estava a falar com um, um que era guerrilheiro, ou informador ou isso, a guerra de guerrilha é assim um bocado complicado tá a perceber? Não sei se viu algum filme desses do Vietname, embora fosse uma coisa muito mais, dão lhe outra amplitude para ter... Mas é assim um bocado complicado quer dizer, a guerrilha é assim muito complicado porque depois é uma guerra que maça muito. Maça muito.

I: Sobretudo devido às condições físicas...

T: Oh! As condições físicas, por exemplo, nós tivemos lá dois dias em que tivemos com a água aos pés, à cintura, cá em cima, já viu, andar ali é um bocado complicado. É como o outro, elas não matam mas moem! Psicologicamente e isso. Por exemplo eu tenho uma de

C.2.2

C.3.1

C.3.1

C.2.2

C.2.2

outra altura que também me deixou assim muito, muito, também muito chocado. Foi numa, também numa operação, tinha-nos aparecido um miúdo aí com quinze anos ... Lá está a tal coisa está a perceber, é o sistema de guerrilha, é o sistema de guerrilha. Apareceu-nos um miúdo lá no meio do mato praticamente, a gente e tal, no meio do mato tinha que ser pertencente aos turras, aos nativos, lá o apanhámos e tal para o pé da gente, eles tiveram a investigar, a DGS, a antiga PIDE, chamavam-lhe a antiga PIDE, começou a investigar não sei quê e então ele disse que havia um acampamento em tal parte. Nós fomos logo, fomos fazer uma operação, andámos todo o dia e toda a noite quase à volta do morro e depois claro chegámos à conclusão, não faz a mínima ideia do que é uma mata num país tropical virgem, não se vê nada é tudo igual, tudo igual. É que aqui a gente ainda vê um prédio, vê isto ou aquilo, lá é tudo igual. E então acontece que, a gente andou uma temporada e depois chegámos à conclusão que já tínhamos passado ali mais do que uma vez! Depois então apertaram com ele, apertaram com ele... Ah! Depois então recebem uma mensagem da cripta a dizer que nos podiam atacar, que nós tínhamos ido para o norte, para um sentido diferente, eles depois conseguiram decifrar aquela mensagem ... Ah! Entretanto nós com isso regressámos ao quartel, ora regressámos ao quartel, recebemos então essa mensagem a dizer que iam atacar um, nós tínhamos um destacamento, guardávamos uma ponte onde dava passagem para o resto de Angola todo. Aquilo era um ponto estratégico. E então nós fomos para lá, fomos para lá e eu nesse dia, era 15 de Agosto e era festa na minha terra e então acontece que, não fui jantar com a intenção de ir jantar fora, passei uma barrigada de fome! Fomos para a operação, tivemos lá toda a noite, toda a noite ali, ao fim ao cabo nada, acabaram por não nos atacar. Vivia assim coisas um bocado (...) quer dizer ficaram, não sei, ao fim ao cabo acabam por ficar cá toda a ficar a machucar.

I: E de que modo é que sente que essas coisas ficaram em si?

T: Ficam porque ... fisicamente, psicologicamente isso tudo, ficam sempre então! Da maneira de a gente lidar com as pessoas, do espírito da guerra que criaram nas pessoas. Até digo uma coisa as pessoas não são tão agressivas como aquilo que eles procuraram ser. Nesse aspecto até lhe digo as pessoas não são tão agressivas como aquilo que eles procuraram ser. Eu fui uma pessoa que nunca tinha lidado com uma arma, isso então só lidei na tropa, embora agora por exemplo tenho uma arma que era, ao fim do cabo tenho e não tenho, que aquilo foi o meu sogro que me deu e aquilo está retido mas nunca fui pessoa, eles ao fim ao cabo percutiam nas pessoas uma vingança, uma coisa de guerra que

C.2.2

C.3.1

C.2.1.1

C.4.3.2

... eu acho que as pessoas nem são tão agressivas como eles as tornaram. Mas enfim era a lei da vida, a lei da guerra.

I: Na altura sentiu que estava realmente a defender a sua pátria?

T: Oh! A minha pátria é como o outro, isso é um bocado relativo tá a perceber! Tanto não tinha como não tem, tive que vir embora. Era imposição, imponham-nos e tínhamos que cumprir. Eu por exemplo tive o caso de um primo meu e ainda na tropa, ele foi para lá anterior, primeiro que eu e quando foi a tropa agarrou e foi para França e não foi à tropa. Só que ele por acaso teve a sorte de estar o 25 de Abril passado pouco tempo, senão se aquilo tem durado muitos anos se calhar já nem tinha vindo para Portugal. São as tais coisas, as tais situações. É um jogo, dá para tudo.

I: E na altura qual é que era a sua patente enquanto lá esteve?

T: Soldado embora eu, para já não tinha estudos e segundo na altura também para ser Sargento e isso já tinha de ter estudos e não fui a cabo porque não quis.

I: Porque não quis?

T: Porque não quis. Porque olhe, são teimosias. Um cabo até tinha mais responsabilidades, era, o cabo é que comandava a equipa, o cabo é que tinha que fazer isso e eu na altura também, a diferença de vencimento era relativamente pouca e aquilo para mim também não contava nada que eu não gostava da tropa, não tinha intenção de lá ficar, nunca quis ser cabo. Eu na tropa é como o outro, só obrigado, nunca quis aquilo para nada.

I: E sente que quando veio para Portugal, o que é que sentia que as pessoas estavam à espera de si?

T: Sabe eu já vim numa situação, ao fim ao cabo eu acabei também por ser outro traumatismo. O traumatismo de ter que regressar com uma mão a frente e outra atrás. Embora eu lá também não tivesse assim grandes coisas mas tinha emprego, tinha isto e aquilo e acabei por perder tudo também. Eu ao fim ao cabo acabei por ter logo os dois traumas seguidos, o da tropa em si e depois dá-se a independência em Angola que tivemos que regressar todos. No meu caso! Nem para todos foi igual, mas no meu caso.

I: E quando voltou qual foi a ideia que sentiu que as pessoas de cá tinham do que tinha sido feito?

T: Hmm, as pessoas, as pessoas até na altura acharam bem terem acabado com a guerra e achava toda a gente. Mesmo família e isso tudo, havia uns que vinham outros que ficavam lá e tudo isso. Uma pessoa não era dono de casar praticamente antes de ir a tropa, por outra as raparigas se não quisessem casar também não casavam porque havia sempre o problema de poder morrer lá ou coisa do género. Depois, por exemplo, também morreram lá muitos pais, já indivíduos casados e isso parecendo que não, choca sempre uma pessoa.

I: E em que data é que regressou? Lembra-se?

T: 31 de Agosto de 1974, não 1975!

I: E como foi a adaptação? Ter que voltar para cá ...

T: Na altura, relativamente aqueles anos em que eu estive cá, encontrei já outro nível de vida cá em Portugal completamente diferente tá a perceber. E depois também já se tinha dado o 25 de Abril há um ano e tal... totalmente diferente. Porque uma coisa também é verdade tá a perceber, sabe que numa década o país mudou muito. Uma década entre a 2ª Guerra Mundial, 40 / 50 foi quando eu nasci e depois 60 / 71 a vida aqui também era uma miséria, depois até começou a imigração, com a guerra do Ultramar e isso tudo havia mais emprego as pessoas já, já tinham uma vida assim mais ... depois de 61 a 71 também totalmente diferente. Eu por exemplo quando cheguei cá os meus irmãos ainda eram todos solteiros achei que os meus irmãos estavam, quer dizer, tinham uma vida que não tinha tido eu antes. Mas...

I: Enquanto lá esteve o que é que recorda que foi o seu pior momento?

T: Portanto tive, tive vários momentos. Acidentes, falecimentos, malta às vezes. Isso havia vários casos. Operações, outras vezes... Por exemplo, no caso quando andei a tirar o curso dos comandos, um dos rapazinhos, nós tínhamos uma prova de resistência, em que dois rapazes e eles tinham água, deitavam água pela estrada fora, iam a correr e deitavam água pela estrada fora. E eles, apanharam epá, não sei explicar, perderam a fala tá a perceber e isso parece que não choca um indivíduo. Dois rapazes novos perderam a fala, nunca mais recuperaram a fala. Foi a resistência física ou sei lá, nem eles também nunca souberam explicar.

I: Foram mais esses episódios ...

T: Sim! No dia-a-dia. Havia momentos bons às vezes na cobiada e isso tudo.

I: E como é que eram esses momentos bons?

T: Oh! Olhe por exemplo, eu... A única vez que enjoiei carne foi na tropa tá a ver. Porque nós íamos caçar e isso tudo tá a ver e depois também tínhamos lá várias fazendas, um leitão e isso e depois como o peixe também era inferior, era inferior quer dizer, não chegava com tanta facilidade às companhias, acabei por enjoar. As vezes, pronto havia momentos bons. Estou-me a lembrar também por exemplo de uma coisa que até por exemplo não teve nada a ver com o combate está a ver, mas são coisas que acontecem! Estávamos lá nessa tal ponte a guardar a ponte, estávamos lá um destacamento e vem um Alferes, um rapazito novo, que o alferes em geral ou tinha tirado o curso e era alferes ou então estava lá a tirar o curso para depois passar a Capitão. Claro estava sem experiencia, sem coisa nenhuma, chegou de noite deitou dois tiros para o ar. Ora nós estávamos, uns tiros de noite onde estavam uns 20 ou 30 homens a dormir, havia sempre dois ou três que estavam de vigia, quando ele mandou tiros para o ar a malta olhe, aquilo chamávamos nós a camarata aquilo era um barracão, só paredes lisas e com chapa por cima, houve gajos que dispararam quatro carregadores, só se via tudo furado à volta, camas e tudo isso, não houve um ferido! O que era mais engraçado é que cá de fora o alferes só dizia assim “chega de fogo, chega de fogo”, lá fora o que é que se ouvia, “chega de fogo” olhe não se mataram porque não calhou. São as tais, não é uma questão de, às vezes, quer dizer as mortes em si nem são em combate, às vezes é no dia-a-dia, na situação, num acidente, num ... isso é que as vezes, depois disso é que choca muito, não é em combate em si. Porque em combate, em combate, até não é nada, onde aconteciam mais as coisas eram nessas coisas secundárias, nesses é que aconteciam muito isso. Por exemplo e depois havia o caso das minas, mas por acaso nunca tive, ou tive a sorte de nunca ter detectado nenhuma. É isso tudo.

I: E houve alguém que fosse próximo de si lá que tivesse morrido ou tivesse tido algum acidente a que assistiu na altura?

T: Assim directamente, directamente não! Só um acidente de viação, até esse primo meu também mexeu muito na altura que teve essa mina. Assim directamente nós, mesmo até a nossa companhia não teve assim muito ... Sabe que às vezes nem é o ver, às vezes não é só uma questão de ver. Às vezes é o lidar ou o saber ou o ver ali, já viu o que é por exemplo estar um individuo ali um ano num sitio deserto que só vê mato à volta. É assim um bocado complicado. É um bocado complicado! E depois nem, na altura nem televisões nem meias televisões nem nada disso. Olha era a ver umas revistas ou a playboy ou coisa

C.3.2

C.3.1

C.2.1.3.2

C.3.1

do género, na altura e andava uma revista, aquilo ... Agora deita-se para o lixo, na altura aquilo acariciavam-se porque senão de outra maneira nem isso havia... Era complicado.

I: E sentia que lhes davam condições para estar lá?

T: As condições suficientes era um colchão de espuma, uma cama de ferro e uma arma. E, iam dando arroz com arroz, arroz com salsichas ou arroz ... era assim as coisas. Condições, condições! Algum dia na tropa se teve condições. Até hoje é capaz de não se ter. Mas por exemplo, oficiais e tudo isso, mas depois havia uma grande distinção entre oficiais. Eram três ou quatro: soldados, sargentos e oficiais. Até nisso havia distinção, mesmo lá nas companhias! Era um bocado.

I: As mais altas patentes estavam muito mais protegidas?

T: Estavam! Eles tinham direito a whisky, tabaco e isto e aquilo, nós não! Determinadas coisas ... Eu também não fumava, mas de qualquer maneira, não tinha.

I: E hoje em dia de que maneira é que sente que isso teve impacto em si? Pensa muitas vezes no facto de ter estado na guerra? Ou um comportamento que possa derivar de lá ter estado?

T: Talvez ser assim um bocado ríspido. Assim de repente é capa de ter contribuído um bocado para isso, não sei. Eu até era uma pessoa muito calma. E mesmo assim dentro disso, não quer dizer que não seja assim, mas é completamente diferente. É capaz de ter sido assim um bocado. Mesmo às vezes, perante os filhos, torna-se mais exigente ou não sei, não sei.

I: Consegue ver pontos positivos no facto de lá ter estado?

T: Os pontos positivos no facto de lá ter estado é que, vamos lá, naquela altura só se saía da aldeia para ir para a tropa mais nada. Ou vinham cá para Lisboa ou isto ou aquilo mas na maioria só saíam lá da aldeia para ir para a tropa. E depois aí é que podiam lidar com outro ambiente ou outra coisa, mas também não era nada de nada. Por exemplo no caso de Luanda, não era superior a Lisboa, nem perto. Era uma cidade bonita, tinha fartura em carne e peixe que não havia aqui, mas também o restante, era o dia-a-dia pronto!

I: Quando chegou cá sentiu algum apoio por parte do Estado em relação a si?

T: Nem apoio motivado por ter vindo como militar nem apoio motivado a ter vindo como retornado. Nem um nem o outro. Não! Também isto aqui andava quase tudo à deriva também.

I: E na altura quando lá esteve, teve alguma relação amorosa?

T: Não! Não, não! Sabe que ... vamos lá ver, um individuo que lá era um bocado complicado. Enquanto havia meia dúzia de pessoas chamados brancos ou brancas o que quisessem eram milhares de militares! Ou se disputava como um trofeu ou não...

I: Mas antes de ir também não tinha?

T: Não, quer dizer ... antigamente é totalmente diferente do que é os jovens hoje. Isso na altura está quieto. Eu já tinha 16 anos e a minha mãe bateu-me por estar a jogar às cartas! E isto jogar às cartas assim normalmente. Antigamente é totalmente diferente de agora! Tenho filhos, tenho um filho com 21 anos e também totalmente diferente tá a perceber. Naquela altura era um bocado ... Sair à noite, ir a discotecas, beber uma cerveja, fumar um cigarro? Está quieto! Isso é tudo, isto é agora... Ainda bem, ainda bem! Agora é tudo totalmente diferente. Na altura alguns com 21 anos e já casados e os pais ainda mandavam neles. Quanto mais, eu tenho o caso de um avô meu, que veio cá um tio do Brasil e depois vinha cá passar férias, o homem meteu-se lá em cima a trabalhar para o meu avô e a mulher coitada lá do Brasil se calhar também já farta de trabalhar e chegou cá e disse, desistiram e o meu avô sabe o que ele disse “olha se não tens mãos eu empresto-tas” tá a perceber? Antigamente a vida era assim um bocado, não é que as pessoas fossem assim, mas a vida, a miséria acabava por fazer ... Era um bocado diferente.

I: E porque é que veio para a Associação?

T: Partindo do princípio que com a Associação senti-me um bocado melhor que, psicologicamente, eu andei ai uma altura que andava ai muito afectado. Eu até já tinha pânico de entrar no metro. Hmm ... tinha pânico de uma serie de coisas tá a perceber. E depois de eu andar aqui, tornei-me diferente. Já ando no metro, não tenho tanto medo. De andar de avião e agora já nem tanto.

I: Porque é que sentia esse impedimento em andar no metro?

T: Era aquela ânsia que se apoderava de mim está a ver, é aquela ânsia que se apoderava de mim e parece que até me faltava o ar.

I: Recordava-se de alguns episódios por causa do barulho?

T: Não, é aquela ânsia que parecia que me faltava o ar. Aquela ansiedade que parece que me faltava o ar e eu ficava ali. E hoje estou totalmente, um bocado, um bocado diferente. Isso tenho e continuarei a cá estar, mas tenho-me sentido muito melhor em relação a isso.

I: Mas não consegue arranjar uma razão ...

T: Já andei de avião, no metro não tinha relação, mas não sei foram coisas que se foram apoderando. E eu trabalhei muitos anos nos transportes aqui e isso tudo também andava de metro e isso e chegou uma altura que não, tinha pânico até de entrar no metro. Parece que me ia faltar o ar, que ia desmaiar ali está a perceber! E há determinadas coisas que ... que quem diz isto diz outras. Havia, havia ... por exemplo, nos centros comerciais ainda hoje! Entro e tal mas muito, muita multidão evito ao máximo e isso tudo. Sou capaz de entrar num centro comercial mas também não sou pessoa de andar ali muito tempo e coisas do género, tento, pronto ... mas isso são coisas que ... olha apareceu isto, é como o outro, sem saber porquê! Enfim!

I: Agradeço-lhe imenso a sua colaboração.

C.4.3.2
C.4.4.2.2

C.4.3.2

C.4.3.2

Nome: “Luís”	Idade: 62	Residência: Cascais
Estado Civil: Casado	Número de Filhos: 1	Profissão: Empregado de Escritório / Militar
		<i>Actualmente reformado</i>
Local Destacamento: Guiné	Duração: 2 anos (1969-1971)	

L: Pronto o que eu estou a dizer é importante para si, para mim já não é, não é? Mas é ... eu aos jovens, também nós ... quando éramos novos gostaríamos que alguém nos tivesse ajudado. Não ajudaram porque os tempos eram outros, a história era outra, o tempo em Portugal, os anos quarenta, cinquenta, sessenta eram ... não têm nada a ver com os de hoje, Portugal evolui muito. Depois do 25 de Abril evoluiu muito, antes do 25 de Abril era um atraso de vida! Era um atraso de vida na maneira de ser das pessoas, éramos um bocado retrógrados e pessimistas, os portugueses são um bocado reservados e isto só se vai aprendendo com a velhice ... e lendo, gosto muito de ler. Portanto ouvir e sabendo que todos os dias estamos a aprender, isso é fundamental e foi isso que me aconteceu, portanto quando eu fui para a tropa ... eu não sei se estou a ir atrás mas depois vai apanhar ali e perceber o historial que é isso que está a querer não é. Quando somos jovens, se não nos ensinam ... Eu hoje já tenho uma netinha, uma mais pequenina e outra maior e elas já sabem o abc do computador, já sabem quase tanto como o avô e eu às vezes digo e é verdade, no meu tempo, assim como na Guerra Colonial nós não tínhamos os meios como se vê nos filmes, às vezes digo assim “epá se tivéssemos estes meios lá nós tínhamos vencido ali a guerra ali a brincar”, não nós íamos para o mato e íamos com aqueles coisas antigos com pilhas e não sei quê, como você vê nos filmes, em Portugal não há nada desses filmes infelizmente, mas na guerra do Vietname em que eles, no Vietname já eram mais evoluídos que nós ... no Vietname, na mesma altura estava eu a combater no Ultramar, na Guiné ... Só para dar uma ideia, tínhamos um rádio do tamanho deste computador que um homem levava às costas. Daqueles rádios enormes com quilos e quilos com umas grandes antenas mas depois nas florestas tínhamos que subir para cima de uma árvore com o radiotelegrafista para conseguir comunicar com a base mais próxima para vir o helicóptero, para vir o apoio da aviação, eram outros tempos. E é isso que eu estava a dizer e voltando um bocadinho atrás, os anos sessenta, os anos quarenta, cinquenta, sessenta, quando eu era jovem não é, não têm nada, nada nada a ver, as tecnologias evoluíram muito e ainda bem, a saúde também, tudo! Não havia nada disso, uma pessoa que tivesse numa aldeia uma doença o mais próximo era a quarenta ou cinquenta quilómetros não é e para ir as estradas

eram todas velhas e não sei quê. Pronto isso evoluiu tudo. Então o que é que aconteceu, para lhe dar uma ideia, a Guerra Colonial nasce precisamente ... tínhamos um Governo que era virado, tínhamos as provinciais ultramarinas como é óbvio e com poucos homens conseguimos manter três frentes de combate: Angola, Guiné e Moçambique. Umas mais custosas que outras, embora Angola e Moçambique sejam muitas vezes maiores que Portugal como sabe, são enormes, Guiné é pequenina mas era onde havia mais guerrilha porque ali ao redor haviam governos que eram contra, eram a favor do (...) que era um movimento de guerrilha que lá havia, que sempre existiu, mais ou menos organizado. A Guiné é mais ou menos como o Alentejo, grosso modo, é grande também e depois um clima tropical, calor, suar por todo o lado, uma pessoa rebentava-se com facilidade. Abrir caminhos, inexplorados, apanhar bichos por todo o lado. Bichos na Guiné não havia elefantes nem leões nem nada disso, eram só bichos rasteiros, cobras, jacarés, crocodilos, porcos-espinhos, animais assim mais ... Isso apanhávamos por todo o lado, era preciso desbravar caminho. Nós íamos em operações, eu era fuzileiro especial, tirei o meu curso de fuzileiros especiais. Quando se ia para a Marinha, tirava-se a recruta, todos iguais e depois ia-se para as especialidades da Marinha, conforme as áreas da Marinha. Todos os ramos das Forças Armadas têm Forças Especiais, a Marinha tem os Fuzileiros, o Exército tem os Comandos e a Aviação tem os Pára-Quedistas, eram as três forças especiais que havia. Então, vou regressar ao meu tempo de criança. Nessa altura, era jovem e como nós vivíamos, conforme vivemos, antes da 2ª Guerra Mundial como é que o Hitler conseguiu ascender ao poder, criando elites e criando massas que fossem atrás dele e criando logo desde pequeninos crianças que fossem instrumentalizadas, para seguir aquelas coisas, o Mussolini em Itália foi a mesma coisa, criou uma espécie de uma Mocidade Portuguesa como havia em Portugal. As crianças, é como tudo, se criarem uma criança para um determinado fim a criança vai por aí e vai lá. É fácil instrumentalizar as crianças e os jovens, ou por intermédio dos pais ou por intermédio de quem está ao redor deles, eram por aí que se ia. Além disso vivíamos num tempo em que havia muita miséria e como havia muita miséria, nós portugueses emigrávamos em força, mas nem se percebia isso da emigração. As pessoas iam porque ouviam falar que tinham lá o tio, o primo, o Manuel, o Joaquim que está em França. Emigravam para onde, para os pequenos países porque as pessoas não tinham dinheiro para irem para grandes sítios nem para grandes transportes, então iam para quê, aqui para o lado, para Espanha, para França, ouviam falar em França ou então agarravam nos barcos e iam para o Brasil, ouviam falar do El Dourado do Brasil. É como é hoje o El Dourado da Suíça, que os portugueses agora dizem assim, “para onde é que eu

vou?”, para o Brasil, para Espanha está como nós, pensam na América, no Canadá, para a Austrália ... para a Austrália já é difícil, já não é o El Dourado. No meu tempo era fácil, conseguia-se ir para lá que até estive para ir para lá! Você vai ficar com uma ideia geral, mas isto não é para ... é só para aqui ... Era assim, eram outros tempos, vivíamos debaixo muito da Igreja, agora vejo isso, na altura não via. Não quer dizer que a Igreja seja boa ou má, não estou a por as religiões em questão. A religião foi sempre a minha base, tive alturas no Ultramar em que não era nada religioso, depois com a idade voltamos mais para a religião, bem ... eu estou a falar com uma psicóloga, às vezes esqueço-me disso! Mas é verdade ou não é? E eu não sou psicólogo menina, tenho a psicologia da experiência de vida o que me levou a pensar muito, a matutar e a ver, já tive tantos caminhos da vida que às vezes temos que ir por alguns não é assim? Mas às vezes nem vamos por nenhum, vamos andando pela vida e quando chegamos à minha idade dizemos assim “o que é que eu trilhei na minha vida?”, mas também para trás é melhor esquecer muita coisa, outras coisas que fiz más também é melhor esquece-las, outras que fiz boas vamos lá ver, mas quer dizer andei por ali no caminho certo, depois lá vamos por outra ... depois ando confuso e tento voltar para trás mas pronto. Andei a ler um bocado sobre psicologia, andava assim a pensar o que é que eu tenho, entrava num autocarro entrava logo em pânico. Hoje percebo, depois de ter as grandes ajudas da Dra. “Teresa” e de outras pessoas, médicos, um psiquiatra também, enfim já tenho ido a todo o lado, mas pronto isso não quer dizer que não seja maluco não é? É isso mas é um bocado complexo. E então este jovem que eu era, os tempos eram outros, eram os anos cinquenta e sessenta, eram as épocas dos hippies, dos rock and rolls, não havia televisão, já havia mas as casas não tinham dinheiro para isso e então onde é que íamos ver, às Mocidades Portuguesas e aos Escuteiros, embora agora já não estejam tanto ... O Estado é que dominava tudo. Havia as Pides, os bufos, os informadores, estavam por todo o lado. Às vezes ouvia o meu pai a dizer aos amigos “cuidado que aquele é um bufo” ou uma pide ou qualquer coisa. O Estado, como em todos os estados não democráticos instauram a ditadura e então como é que isto funcionava, com pessoas que se vendem é como nos governos hoje em dia, tiram o chapéu e vendem-se, à meia dúzia de pessoas que são como deve ser, outras entram para lá para subir na vida e estão-se a marimbar para o cidadão e por isso é que estamos no estado em que estamos, e depois as economias mundiais aproveitaram-se disso. Os grandes homens de dinheiro que dominam esta economia toda. Agora vamos atacar isto tudo, agora vai haver uma grande crise económica mundial. Vamos começar por qualquer lado, calhou serem os irlandeses mas depois passaram para os gregos, desgraçados dos gregos é que

foram maus, depois passaram para os portugueses. O português é um povo que consegue dar a volta ao texto, consegue sempre dar a volta ao texto. Já no tempo dos descobrimentos nós demos. Não sei como mas dávamos. Íamos por aí nas caravelas mas depois vínhamos trazer o ouro. Também matávamos e essas coisas, não éramos nenhuns inocentezinhos mas conseguíamos sempre uma maneira de acumular as funções. Não é por acaso que hoje muita gente fala a nossa língua. Eu por acaso tenho muito orgulho nisso. É como se costuma dizer pão pão queijo queijo. Quando andava em combate tinha que ser em combate, tínhamos que matar tínhamos que matar. Era mesmo, aquela pessoa está daquele lado ele mata-nos os nossos e nós temos que matar os deles, acabou. Nem pensávamos nisso, era para a frente e acabou. Hoje, que acabou a guerra, ficámos irmãos, pronto. Conseguimos dar a volta ao texto. Repare bem que a Argélia nunca conseguiu fazer isso com a guerra da Argélia, os franceses na Argélia. Repare bem os americanos no Vietname, sempre odiados. Nós conseguimos conciliar essas coisas, fizemos qualquer coisa. As missões, os padres, a igreja. Também a igreja teve muita influência. Fomos para o Brasil, conseguimos assimilar os povos e hoje esses povos também estão bem connosco. Também me sinto contente com isso está a perceber? Havia muito humanismo, porque nós conseguimos distinguir o que era bom e o que era mau. Quando tínhamos que destruir aquela porcaria toda destruíamos, quando tínhamos que matar, se fosse preciso eram os porcos, eram as galinhas, eram tiros por todo o lado. Pronto era a nossa missão. Mas depois havia áreas que eram mais controladas por eles, as populações tentávamos agarrar nelas e pô-las em determinadas zonas. Sabíamos que aqui assim encontrávamos uns, ali assim encontrávamos populações, que precisavam de ajuda, precisavam de comida, mas nós já sabíamos controlar isso tudo. Eu sou do tempo do Spínola, andei lá com ele e vi várias operações dele no terreno e a vir falar com as populações, estive a guardá-lo às vezes. Aquilo era violento, era violento mesmo, mas pronto não interessa. Não gosto, nem tenho a mania, até tento esquecer essas coisas. Há pessoas que gostam de falar nisso, “fui um guerrilheiro e matei”, mas isso para mim não. Fiz o meu dever como outro cidadão qualquer. Sinto um certo orgulho. As mortes, foram mortes. Também tive muitos colegas meus que morreram. Grandes amigos e chefes da minha esquadra. Um chefe da minha esquadra, um não, dois. Eu era da MG42 que era uma arma pesada, não sei se conhece, que nós levávamos ao outro. É como naqueles filmes de guerra de '42 a metralhadora com aquelas fitas que temos que pôr num tripé andávamos com aquilo no meio da floresta. Eram outros tempos, andávamos preparados psicologicamente para isso. Então vou voltar

ao jovem, às vezes vou atrás, vou à frente (...) E esse jovem, é como todos, vivia na miséria, os pais eram pobres.

I: Vivia onde?

L: No Alentejo. Só conhecia os grandes trigais, depois fui conhecer ... não me lembro agora do nome. No meu tempo eram os grandes trigais até perder de vista, depois fui conhecer o capim de África. Movimentava-me lá então dizia assim “parece que estou nos meus trigos lá em Portugal”. No meio daquilo às vezes nem nos víamos e quando víamos já estávamos em cima deles ou caíamos em emboscadas (...) E é assim, para fugir à miséria ... Tive uma mãe extraordinária. Não tinha estudos, naquela época havia uma coisa muito boa. Devo a muita gente muita coisa, que hoje mais tarde é que sei isso, reconheci com o tempo. Quando começamos a ler mais e a ser mais cultos, se quisermos, porque se não queremos ficamos sempre na mesma. Tive muita gente que me orientou, digamos, o meu pai era um homem extraordinário, era capaz de não comer para não passarmos fome. A minha mãe era a mesma coisa, mas a minha mãe sabia pequenas coisas ... Eu vivia na Mocidade Portuguesa, andava orientado por isso porque naquele tempo era a Igreja e a Mocidade Portuguesa que nos ajudava um bocadinho. Nós íamos para lá, davam-nos os pequenos-almoços e umas coisas, era onde havia televisão, jogávamos ping-pong e outras coisas que haviam naquele tempo. Era o que havia, nesse tempo não havia mais nada e para se vir a Lisboa era muito longe. Estar a 200 quilómetros de Lisboa era o mesmo que estar a 500 de qualquer lado. É como hoje o norte do país, só se vai lá de vez em quando. Quando comecei a ser mais jovem, com quinze ou dezasseis comecei a disparar com uma mauser, ensinavam-nos a disparar. Na Mocidade Portuguesa, aquelas marchas, aqueles hinos da Mocidade Portuguesa. Nunca ouviu os hinos da Mocidade Portuguesa? Como psicóloga, oiça que é importante. Ainda me lembro deles, que estão na memória. “Lá vamos cantando e rindo, levados, levados os sinos, pelas tumbas da memória dos tempos de clamor sem fim”, eram coisas assim do género. Tem que ouvir, é importante no seu curso de Psicologia. Mesmo assim há coisas que se esquece com os anos, mas mesmo assim isto fica-nos na memória. O que é que nos fica na memória? Fica-nos aquilo que nós assimilamos. Por exemplo, a senhora é uma jovem, levou uma infância pronto não sei se boa se má, mas feliz e o que é que se lembra, se calhar alguns momentos que passou com os amigos, ficaram na sua memória. Se calhar outras pessoas o que é que fica na memória, sei lá, uma grande sova que levou, ficou na memória, ou uma coisa muito simples, um cão que tinha e que fugiu, ficou lá na memória. É assim, é como tudo na vida. A mim ficou-me

C.2.2

C.1.2

C.4.3.2

C.4.3.2

na memória tudo isto. Repare, fui para a tropa em '67, foram os melhores anos da minha vida e já ouvia sobre a guerra, que tinha começado em '61 em Angola. Na Guiné só começou aí em '65, mais tarde não sei bem! Fui três ou quatro anos depois de a guerra já estar no duro na Guiné. E eu tinha pessoas de família e dos arredores ... nas pessoas da família e dos arredores não havia ninguém que não tivesse já lá morrido alguém, primos ou tios. A guerra tinha começado, Salazar mandou milhares de pessoas para o Ultramar para defender as colónias e começaram a morrer não é, obvio! Ou de desastres, disto ou daquilo, todos morriam em combate, era óbvio, mas morria muita gente. Só que nesses tempos não se sabia nada, porque as notícias ... hoje a tecnologia é bestial, têm estas coisas e não precisava de estar aí a escrever nada, é ou não é? Porque depois vai estar a assimilar à sua maneira, mas atenção, assimile aquilo que eu lhe digo, não se ponha a romancear. Isso às vezes é bom e é mau. Sei que para o seu curso, pode pensar que estou para aqui a romancear. Você é psicóloga, já está nos últimos anos do curso já sabe como é que é. Se uma pessoa tem ideias para romancear, às vezes também pode dar a volta ao texto não é (...) De que é que eu estava a falar? Às vezes perco-me, é da idade. Pois, a Mocidade. A Mocidade preparava-nos sem nós darmos por isso. Nós jovens, todos. Lembro-me que uns foram para a PIDE, jovens, amigos meus. Que eu hoje digo, eles não foram nada para a PIDE, não era bufos nem nada de informadores, mas eram levados, eramos jovens, eram levados para essas coisas. Se tiver uns pais com uma opinião, você pode dizer que não quer isso, depois sofre as consequências. Todos nós seguimos o nosso caminho, temos que seguir. É como os passarinhos, voam e os pais não podem estar sempre debaixo deles. Os pais ensinaram-lhes mais ou menos a voar, a comer a tentarem desenrascar-se, agora eles têm que seguir a vida deles. Foi isso que aconteceu comigo. A minha mãe um dia disse-me “olha filho vai que isto a miséria aqui é grande”, e era. Comecei a trabalhar com nove anos. Comecei a trabalhar no duro a descarregar caixas de tabaco, vinhos, grades de Sumol e cerveja e depois ia trabalhar para uma mercearia, drogarias, trabalhei em muita coisa. Durante toda a minha vida para ajudar os meus pais. Havia um agregado de nossa senhora da Conceição ou não sei quê, ali ao pé de onde eu morava, de um dos sítios onde eu morei e ia para lá, davam-nos o pequeno-almoço e gostavam de mim, eu era aquele tipo de rapazinho caladinho. Era muito puro. Quando fui para a tropa continuei a ser, só depois é que mudei. Depois na tropa aprende-se outras coisas, do oito passamos para o oitenta. Aprende-se outras coisas boas, mas aprende-se outras coisas más. Eu gosto muito de ler, agora com a idade tenho tempo para começar a ler, agora já consigo dizer o que não conseguia dizer antes. Hoje estive a ler que vêm aí os navios aqui a Lisboa, é uma coisa

extraordinária. Os jovens, dos quinze aos vinte e cinco deviam todos ir. Eu estive no mar, andei sempre no mar, pertencia ao mar embora também combatesse em terra. Tropa especial. Navios, andei por todo o lado. Fiz a minha recruta ali nos fuzileiros, depois mandaram-me para as provas de resistência no norte, na Serra da Arrábida, corri seque e meque. Às vezes derivo a conversa, desculpe lá. É muito importante para os jovens verem estes desfiles e estas coisas, eu até disse que gostava de lá ir mas depois ... Lá está, acho que devo ajudar muita gente porque muitos me ajudaram a mim. A minha sogra está muito velhinha e precisa já de constantemente estarmos ao pé deles e eu preferi ir para lá. Não é preferir, tenho que ir e vou do que ver o desfile ou outra coisa do género. É uma missão que eu tenho a cumprir cá na Terra. É uma maneira de às vezes esquecer de muita coisa. Quando começo a falar destas coisas às vezes, quando me encontro com os meus amigos que estiveram na guerra, está a ver nós saímos de lá como amigos, como irmãos. Não sei se sabe dessas tertúlias que por vezes há e é uma coisa que ficou, que já não há hoje em dia, mas houve qualquer coisa que nos uniu. Se eu lhe disser que 50% dos homens que eram do meu destacamento, nós eramos 180 anos, morreram lá meia dúzia deles, outros feridos, vieram e fizeram a sua vida normal e hoje, aqueles que tenho aqui no meu círculo, quase todos estamos doentes e com problemas. Todos! Todos os que vieram de África, a minha geração, é isso que fico lixado, eu já não preciso disso, tinha mais coisas quando fui à junta médica e isso. Disse o que fiz, o que me aconteceu e tá tudo escrito na minha ficha, mas há pessoas que não têm nada disso porque naquele tempo não havia nada disso. Eu lembro-me de uma vez uma pessoa que lhe disseram “o seu relatório da Guiné?” e ele respondeu “o meu relatório da Guiné? O senhor deve estar a brincar comigo”. Eu uma vez estava no norte da Guiné e fiquei com uma infecção num dente. Naquele tempo tínhamos só lá um enfermeiro connosco, não tínhamos lá médico, era no norte, estava aí a doze horas de uma lancha e para vir para Bissau, para o Sul, estava no norte na fronteira com o Senegal, apanhei uma grande infecção. Já tinha apanhado uma infecção quando fui para lá, arrancaram-me um dente e tudo a bordo do navio. Era o Santa Maria. Depois lá, passado meses ou um ano, aquilo no hospital de Bissau era como se vê nos filmes de guerra, eram só mortos e feridos e chegar, os médicos não tinham tempo, “um dentinho e tal”, era a despachar. São coisas que nos marcam. Lembro-me de estarmos sentados numa cadeira, eramos sete ou oito, eles chegaram com uma agulha enorme, até deixavam ali a agulha um bocado, vinha um enfermeiro e mudava só as coisas. Bem, depois tiravam, depois aquilo ainda nem tinha adormecido bem, “venha um, senta-te aí, vá”, não havia lá tempo para tratar dos dentes. Hoje não, nós tratamos dos nossos dentes e é uma coisa fundamental.

C.4.2.5

C.4.3.2

C.2.2

Com o tempo vamos percebendo. Quando temos aquela idade às vezes não lavamos os dentes ou não podemos, eram outros tempos. Lembro-me de estar a arrancar o dente, preferia quase ir para o mato, aquilo quase me doía mais, a sangue frio praticamente. Eram outros tempos. Bem olhe, eu não sei se estou a dizer alguma coisa que não queira para a entrevista. Tem aqui pano para mangas.

I: Na altura tinha irmãos?

L: Tinha um irmão. Eu vou-lhe dizer, tinha uma irmã e um irmão. Tenho uma irmã ainda hoje, o irmão já morreu, morreu novo. Vou-lhe dizer outra coisa. O meu irmão era mais novo que eu, era um jovem trabalhador, eu dizia logo “não vás para a tropa, olha que isto é duro” e ele depois começou com uma doença, veja como era naquele tempo, os médicos diziam que era de coração. Não era nada de coração, era um problema nos rins. Não havia hemodiálises como há hoje, nada. Havia um ou outro médico particular aqui em Lisboa e os meus pais tiveram que vir com ele para fazer hemodiálise, mas entretanto ele andou anos e anos a tratar-se para o coração. Um médico dizia que era do coração, uns comprimidos, porquê? Porque não havia os exames que há hoje, a tecnologia que há hoje, não havia nada nos anos 60 e se havia era para meia dúzia de privilegiados, era mesmo. Hoje se eu vir isto à distância, eu não via nada disto, não se via nada disto. Aqueles que já tinham uma noçãozita, quando as pessoas diziam que fugiu para França, meia dúzias deles é que fugiam para França ou para a Alemanha ou não sei para onde, porque estavam ao pé de pessoas que já sabiam mais ou menos e que lhes diziam “não vás para a guerra. Vais dar o salto”. Porque o resto da população que vivia nas aldeias, não tinham noção. Chamavam para fazer as sortes para ir para a tropa e iam como todos. Uns tinham mais sorte que outros. Iam para as coisas de retaguarda e tal e outros que sabiam atirar iam para a frente de combate. É como no Vietname, nos filmes e tal. Ainda hoje em dia na América, às vezes ponho-me a ver e a pensar. Às vezes gosto de ver aqueles filmes, gosto não, hoje já consigo ver mas por vezes vou-me deitar e não consigo dormir ainda. Aquelas pessoas que estão no Vietname ou agora no Afeganistão, mas isso são mais sofisticados. O meu tempo era o tempo da guerra do Vietname. Agora é outra guerra diferente, a GNR em Timor, são guerras que passam por tecnologias diferentes. O que se passa agora na Síria também. Eu vejo aquilo, vejo-os a dispararem (...) Quer dizer tento fazer uma comparação que não é possível fazer. Assim como a Segunda Guerra Mundial que morriam ali aos montes, iam todos juntos e tal. Nós na Guiné, como já estávamos preparados, sabíamos que ir à

distância uns dos outros porque se caíssemos numa emboscada íamos logo, tínhamos que ir preparados para saber fazer sinais uns aos outros, era totalmente diferente (...) Perdi-me.

I: Estava a falar do seu irmão.

L: Ah! O meu irmão depois pronto, morreu com problemas.

I: Mas tinham uma boa relação com eles?

L: Éramos jovens tínhamos. Quer dizer, eu não tinha porque eu já estava na tropa, ele tinha a vida dele, mas como é que hei-de dizer, eu escrevia, mas tínhamos uma boa relação, tínhamos. Isso também me afectou um bocado.

I: Até ir para a tropa viveu sempre com os seus pais?

L: Ele ainda chegou a ir à tropa, mas depois deram-lhe alta porque era doente. Deram-lhe alta logo. Sim, nós vivíamos com os meus pais. A minha irmã também muito nova teve que se vir embora, eram outros tempos. Ela estudou. Eu não estudava, mas ela conseguiu. Tínhamos uns tios que ajudavam a pagar. No liceu, naquele tempo andar no liceu, nunca me dei a esse luxo. Os meus pais não podiam e ela pôde ir para o liceu porque tínhamos uma irmã do meu pai que lhe dava comida e pronto, ajudava. Ela andou no liceu e tornou-se mais culta. Ela hoje é hospedeira, ainda hoje é, chefe de cabine. Hoje damo-nos bem e tudo. Claro isto os irmãos, cada um tem os seus destinos, se vivem ao pé, convivem muito, se vivem longe, convivem menos, é como tudo na vida. Ou então há uma grande proximidade entre os irmãos, ou então não têm proximidade nenhuma, que eu conheço famílias que não têm, parte da maneira de ser das pessoas, de como se movimentam. A minha irmã depois de eu sair da tropa, ela é que me ajudou muito. Esta minha irmã, eu andava apanhado de todo, andava mesmo apanhado. Ela levou-me a psiquiatras.

I: Quando diz que andava apanhado, é em que sentido?

L: Não me sentia bem em lado nenhum. Entrava em pânico. É o que costuma dizer hoje que uma pessoa ouve um barulho e atira-se para o chão. Era do género. Andei anos e anos assim, já dizia mal da minha vida. Tive muitas alturas em que pensei “bem um dia dou um tiro nos miolos e esta porcaria acabou toda, quero lá saber disto”. Já não podia mais. Depois conheci a minha mulher, que é hoje, vá lá, ela aturou-me. Aturou-me e atura-me. Eu tentei compensar, às vezes não compenso outras, compenso. E a vida tem andado assim. Isto dá cabo da personalidade da pessoa. Tornamo-nos irrascíveis (...) não sei bem,

sem querer faz despoletar mil e uma coisas e a minha mulher muitas vezes me disse “tu estás insuportável, não estou para te aturar”, aquelas coisas assim do género e é verdade. É isso que eu ao longo da vida tenho falado com os psicólogos. Andei em fases que era ... La no autocarro, sentia-me mal. Era só lembrar-me de qualquer coisa assim. Depois ia para o psiquiatra ele dava-me comprimidos para tomar, calmantes. Havia alturas em que não aguentava aquela porcaria toda e atirava tudo para o lixo. Depois há outra fase, o álcool, a droga ... Na droga não nos metíamos muito, sabe porquê? Não havia muita droga nesse tempo. Havia uma ou outra, não é como no Vietname. Para nós era o álcool, o tabaco, as miúdas sabe como é. Éramos jovens como todos os outros, sabe como é que é. Mas sempre tivemos uma moral em África, que isso é que é importante, sabíamos-nos comportar dentro das populações, uns mais que outros e umas tropas mais que outras. Sempre gostaram muito dos fuzileiros, não sei porquê, mas também tínhamos comandantes que nos sabiam impor a disciplina. Quando íamos para o mato, por baixo de fogo e nos feriam, às vezes também ficávamos passados e chegávamos ao pé deles e também fazíamos umas coisas assim ... Se estava meio morto, dávamos-lhe um tiro. A malta andava passada, era um bocado assim, porque também víamos os nossos cair não é! Não se pensa em mais nada. Quando íamos em certas operações que sabíamos que tinham ferido o fulano tal ou que tinha morrido o nosso amigo tal, pensávamos “hoje temos que dar uma coça a estes gajos!”.

I: E o que é que se sente e se pensa quando se sabe que um colega nosso teve um acidente ou foi morto em combate?

L: Vou-lhe dizer, estamos debaixo de uma pressão muito grande e era o que eu sentia. Há maneiras de expressar o medo e o pânico. Em geral estávamos preparados, mas havia uns que tinham mais medo que outros, ou que sabiam esconder os seus medos, mas quando chegava a altura de demonstrarmos ninguém podia ter medo, porque éramos considerados cobardes. Aí todos tínhamos que levantar a garupa e ir para a frente. Quando caímos debaixo de uma emboscada não tínhamos medo. Antes de elas acontecerem, quando íamos debaixo daquela tensão, aí íamos “é agora, não é agora”. Por exemplo, quando fazíamos operações de helicóptero, os helicópteros levavam-nos, iam-nos buscar e íamos fazer uma operação numa determinada zona, que alguém ia a passar ou havia lá material, e rapidamente tínhamos que nos preparar. Estávamos sempre preparados. Por vezes fazíamos uma operação, andávamos lá dois dias ou três dias, na Guiné aquilo era de desesperar. Não era como em Angola ou Moçambique que se andava lá quilómetros e

C.4.2.1

C.3.1

C.3.1

C.3.1

C.3.2

andavam dias e dias sem disparar um tiro, era diferente. Mas quando caíam nas emboscadas caíam, porque não iam à espera. Na Guiné não, nós sabíamos que saímos ali ao lado e havia pancada, era constantemente. Estávamos sempre preparados. Eles até chegavam a ir ao pé do nosso arame farpado quando estava no norte, íamos tentar cerca-los por trás, quando chegávamos lá já eles tinham fugido. Depois sabíamos que eles vinham, quando estávamos no norte, eles estavam ao pé da fronteira cá do outro lado, quando viam fazer incursões passavam para o outro lado, ou tinham que passar pelo interior da Guiné para fazerem guerrilha noutros lados ou para levarem mantimentos ou armamento, porque senão era só ao longo das fronteiras, o que não era verdade, era pelo interior da Guiné todo. Então (...) Estava aqui dois dias a falar consigo, bem o medo ... Uma pessoa está debaixo de tensão e sabe que pode estar a rebentar ... Quando íamos de helicóptero, eles ouviam o helicóptero ao longe, não gostava de ir de helicóptero, porque é que não podíamos ir nas lanchas, éramos fuzileiros, tínhamos os rios todos por nossa conta. Fazíamos grandes emboscadas nos rios também, porque eles atravessavam com as canoas e com as pirogas, com o material nos rios e nós estávamos em emboscadas. Tivemos também vários mortos nos rios, porque eles atravessavam com as canoas e pirogas com o material pelos rios e nós preparávamos as emboscadas. Tivemos também várias mortes em emboscadas de botes nos rios. Íamos com os botes, eles deixavam-nos passar e no fim estavam nas margens e bumba. Era só ripostar, acertavam nos botes, os botes iam ao fundo, aquilo era assim (...) Já sabíamos, quando íamos de helicóptero, havia sempre qualquer coisa. Uma vez fomos numa emboscada, ia uma porção de helicópteros, tivemos três mortos e seis feridos graves. Eles ouvem os helicópteros vêm ver. Mandam os guias para ver onde é que está a tropa, aquilo é o gato e o rato, é a guerrilha. Mataram três pessoas, nunca mais me esqueço. Nós tínhamos uma coisa muito boa, tínhamos veteranos que já tinham estado em combate em outros sítios, em Angola, Moçambique ou mesmo na Guiné, em geral na Marinheira éramos bons porque levávamos pessoas experientes conosco e eles demonstravam, davam o exemplo e portanto tínhamos que ser iguais a eles. Quando se fazia a segunda comissão fazia-se. Sabe que houve indivíduos que fizeram muitas comissões no Ultramar, sabia? Houve indivíduos que fizeram duas e três comissões no Ultramar, faziam-se muitas comissões no Ultramar. Porquê? Porque ganhavam também uns tostões. Eu lembro-me que naquele tempo fartava-me de ganhar dinheiro. Cada operação que fazia era mais um x, para além do ordenado era mais a operação e mais isto e aquilo (...) Era assim. Depois pronto, matávamos dois, limpámos-lhe logo o sarampo. Um ficou ferido, mas fugiu a deitar sangue por todo o lado, deixou lá a arma que era uma

C.3.1

C.2.1.3.2

C.3.1

C.2.1.3.3

kalashnikov. Vimos pegadas no chão, também montávamos emboscadas. Preparávamos-nos, tudo caladinho. Às vezes estávamos uma hora e duas, ali caladinhos, nem fumar nem nada. Tinha que ser, tínhamos que ser profissionais porque senão estávamos fritos. Quando ouvíamos aquela floresta, aquilo ouve-se tudo. Ouvem-se os pombos, ouvem-se as rolas, os barulhos da floresta. Quando se calavam sabíamos que vinha aí qualquer coisa. Às vezes estávamos naquela expectativa aparecia-nos uma ave, “epá fogo!”. Apanhávamos com cada susto às vezes. Ouvíamos resmalhar, tudo preparado ... ou era uma cobra, daquelas cobras grandes, enormes, apanhei sustos ... às vezes andavam onde nós andávamos ... Naquele tempo havia muita bicharada, agora não sei, nunca mais lá fui mas acho que com a democratização e com as pessoas a irem para o interior e com as mortes com o interesse das peles dos crocodilos e jacarés ... Nós matámos crocodilos por todo o lado. Há noite, o comandante pedia voluntários, fomos voluntários para a Guiné todos. Do meu destacamento o comandante disse, “só quero voluntários”. Todos os homens que foram no destacamento, para a Guiné naquela altura, só iam os voluntários, não ia lá ninguém obrigado. Éramos malucos, éramos jovens, queríamos era luta, armas, sangue, terra, como tudo lá está. As pessoas vão para aquilo que vão porque estão mentalizadas para isso não é. Depois mais tarde quando vem a perspectiva ... É como um homem ou uma mulher quando vivem, começam a fazer um balanço da vida, houve coisas não correram bem. Hoje em dia vê-se tanto nos jornais, maridos que assassinam as mulheres, isso custa-me. Para mim hoje é terrível, os pedófilos e essas coisas, eu sou um bocado, eu digo “estes gajos, como na China. Cortava com eles. Cortava logo” mas não pode ser assim, há leis, há critérios, são mandados fora, coitadinhos que não fizeram mal nenhum, desgraçaram meia dúzia de raparigas, que a maioria são homens infelizmente, por isso é que é preciso muito cuidado, vocês jovens e eu tenho lá duas meninas e já me preocupa elas tão pequeninas, não sei se chego lá se não mas quando elas forem maiorzinhas vou ser um avô galinha, se elas estiverem ao pé de mim. Os pais agora, isso é outra coisa que também está a dar cabo de mim. A menina é uma jovem, tem quê vinte e poucos? O meu é mais velhinho, tem trinta anos, está na casa dos trinta o meu filho mas quer emigrar, querem ir-se embora porque não vêem futuro nenhum nisto. Eu não lhes digo mas acho uma grande aventura e é bom, se tivesse a tua idade fazia o mesmo, que tentei fazer o mesmo mas não tinha oportunidade naquele tempo como se tem hoje. Eu hoje tenho meia dúzia de tostões para pensar na velhice, mas se de hoje para amanhã se tenho uma doença ou isso, ele gastasse logo não é. Por um lado digo assim, se tem coragem ainda vou dar uma ajuda se for preciso. Não tenho medo. Não tenho medo quer dizer, eu tenho vários problemas de

saúde. Porquê? Pelos excessos que se comente quando se é jovem. Nós pensamos que a vida nunca ... é como vemos os nossos velhotes, os nossos avós ou os nossos pais ... eu às vezes digo assim “era se eu chegasse lá”, mas às vezes penso que não chego, já são tantos problemas que eu tenho que não chego. Era isto que eu queria dizer abocado, a minha geração ... Se você for a ver está a tirar esse curso não é? (...) Ponho-me a pensar nisto e fico assim muito coiso da cabeça. Isto mexe comigo. Mas é incrível já lá vão tantos anos, mas fica cá dentro. Quem vai à guerra, nunca mais se esquece, infelizmente. Há colegas meus que dizem, “já consegui esquecer um bocado”, certas coisas, eu nunca desabafei com as pessoas, fizemos umas certas barbaridades.

C.4.3.2

I: Ficam sempre na memória?

L: Ficam sempre na memória mas por incrível que pareça eu às vezes digo “esqueci-me dos óculos”, fico lixado comigo próprio, esqueço-me disto ou daquilo, mas o mais ínfimo pormenor daquilo, eu não me esqueço. Às vezes penso em certas coisas da história. Eu andei anos e anos e falei com a Dra. “Teresa” sobre este meu problema, uma operação que eu fiz, entrámos num acampamento, eles estavam lá, meia dúzia deles, era um acampamento tipo misto, nós sabíamos que estavam ali escondidos no meio. Caímos de surpresa em cima deles, fugiu quem fugiu, conseguiram fugir e quem não fugiu foram os velhotes, dois ou três velhotes que estavam lá. Tínhamos ordem para matar toda a gente, para não saberem que estávamos ali porque senão depois iam dizer, quem era e quem não era, que tipo de tropa e todas essas coisas. Nós sabíamos que depois tinham acesso e sabiam como lidar com cada tropa, já não eram parvos nenhuns. Eu era o último homem da MG42. Embora também andasse à frente em algumas operações e eu era escriturário, era o homem que fazia os relatos das operações, mas não havia lá nada, havia aquelas máquinas velhas, daquelas que hoje já estão num museu, saímos das operações todos cansados a malta ia toda descansar e eu é que tinha que fazer os relatórios todos. Tomava banho lá ia fazer os relatórios. Depois no fim lá ganhei uns louvores e uns prémios, umas coisas, não interessa, umas medalhas, umas porcarias (...) Agora há muito tempo que não sonho. Às vezes quando começo a falar nisto. Durante anos eu sonhava sempre o mesmo. Então uma velhota, tinham dado uma ordem “o último homem mata a velha”, que era eu. O meu chefe passou para lá e disse “mata a velha”, dar mais um tiro. A velha tinha dois, umas coisas características das tribos e eu para a matar, tínhamos que fugir dali, ir pela floresta e zarparmos para um determinado sítio. “Mata a velha, depressa”, a malta já a meter-se pela floresta e a velhota cai-me (...) Olha para mim ... Foi a primeira vez na vida

C.4.3.2

C.2.1.1

C.4.2.3

C.4.1

C.2.1.1

que eu não matei. Fiquei, andei para aí seis meses sem dizer nada a ninguém com medo que eles soubessem que durante essa operação não tinha ... não consegui. Mande um tiro para o ar, ela ficou assim a tremer e meti-me pela floresta. Já não tava mais ninguém, os meus colegas já iam lá para o meio ainda me perdia deles. Foi tudo, são fracções de segundo que uma pessoa não sabe porque é que faz aquelas coisas. Se fossem outros eu matava sem apego nenhum, queria lá saber, mais uma bala menos uma bala. E não ficávamos com remorsos, ficávamos, mas quando víamos os nossos a gemer e a gritar como eu vi o meu chefe de esquadra a morrer, isso nunca mais sai da cabeça de uma pessoa. Foi uma mina.

I: O que é que se sente nessa altura?

L: Como hei-de dizer. Ficamos secos por dentro. Reagimos a seco, só depois ... Só depois ... Eu não sei, estou a dizer a minha experiência ... Só depois é que começa a vir tudo ao de cima. Só depois é que vem tudo cá para fora. Na altura não porque fomos ensinados a não chorar, a sermos homens, a não sermos maricas, aquelas coisas todas. Mas depois ficamos, depois parecemos crianças, a tremer todos, sem sabermos onde havemos de estar, a chorar para um lado, outros a chorar lentamente, outros armados em coisa mas a chorarem, outros a nunca chorar, que isso também é terrível. Nunca chorar é terrível. Depois pagamos mais tarde esse nunca chorar. Choramos mais tarde aquilo que nunca chorámos. Foi isso que me aconteceu muitas vezes mas aquilo era tão hoje igual, tão amanhã igual, tão no outro dia igual, tão nos outros meses igual. Agora estás aqui mas vais para o sul porque foram atacados e precisam de tropa especial, lá íamos nós, andávamos naquela coisa e então onde é que nos refugiávamos? Na cerveja, no vinho de palma, na Coca-Cola com whisky. Nós na marinha tínhamos whisky com facilidade, as lanchas traziam-nos isso. Era whisky por todo o lado. Não sei se alguma vez poderá ter falado com alguém com esta experiência, mas uns contam uma história outros contam outra. Eu sei o que posso contar, agora os outros não sei o que é que eles contam nem me interessa, nem mais nem menos, é aquilo. Será aquilo que um dia vou escrever. Ali todos éramos iguais. Havia uns mais malucos que outros, é certo. Havia uns que não pensavam no perigo. Eu por exemplo, não fumava, até fumava lá às vezes, para esconder o meu medo o que é que eu fazia levava cigarrilhas, naquele tempo havia aquelas cigarrilhas cubanas, no camuflado. Eu era repórter naquelas máquinas de carregar e pronto, se fosse como hoje tínhamos milhares de fotografias ... Tenho lá fotografias a desfazerem-se, qualquer dia tenho que organizar aquilo. Porquê? Porque nunca quis pegar naquilo. Cheguei a estar 20 anos sem mexer naquilo tudo. Aerogramas de guerra, já destruí 50% mas um dia li uma notícia que

C.3.1

C.2.1.1

C.3.1

C.2.1.3.2

C.3.1

C.3.1

C.3.1

C.4.2.5

oferecíamos isso para o espólio de não sei o quê, um dia que me dê na maluqueira dou aquilo. Naquele tempo tirávamos as fotografias a preto e branco e depois havia indivíduos que pintavam as fotografias. Tenho algumas dessas, mas já estão velhinhas. Qualquer dia começa a desfazer-se. Quer ver ... uma pessoa começa a falar começa a ficar ...

I: Se quiser podemos parar um bocadinho, não tem problema.

L: É isto que eu não gosto. Quando estamos com os amigos falamos pouco sobre isto. Grandes amigos que eu tenho, hoje estão todos ... Tenho um amigo, era Angolano, está em casa todos os dias não sai. A mulher tem que trabalhar e ele já não sai de casa. Engordou, tem doenças, tem diabetes, tem sei lá o quê nos rins. Só quando eu ou outro o vamos buscar, mas depois temos medo de o ir buscar porque ele depois extravasa, só quer álcool mas não pode. Metemo-nos num grisol. Sabe o que é? Grisol era na cerveja e no whisky, é um calão. É uns calões que ficam. Eu tenho o calão todo da minha infância mas também tenho a experiência e a cultura de hoje. Pode crer que tenho, sei comportar-me com as pessoas mas se estiver ao pé deles, comporto-me como eles. São dois mundos distintos. Um amigo e tal, uma brincadeira e tal, e quando se está com as pessoas de uma certa cultura tem que se ... pronto, aprendi isso com a idade. Aprendi isso porque lá está, tive aquela minha juventude que me ajudaram na parte cristã e isso é importante porque nós ficamos com bases que depois não sabemos se elas nos ajudaram muito ou não ajudaram e depois debatemo-nos ao longo da nossa vida com essas coisas todas. Por um lado eu sou cristão, por outro lado “mataram o meu companheiro?”, “oh Deus onde é que estás pá?”. Percebeu? Há milhões de coisas no nosso cérebro que não sabemos o que é. Desculpe lá, eu continuo a dizer, é psicóloga sabe melhor que eu.

I: Como é que foi antes de ir para lá? Fez a tropa nos Fuzileiros?

L: Aprendi na Mocidade Portuguesa a instrução militar, tocava tambor e aquelas coisas. Depois quando fui para a tropa, apanhei logo coisas terríveis. Apanhei logo aqueles famosos anos de Vila Franca de Xira, dos mortos que se foram ver, no verão de 67 morreram milhares de pessoas que o Salazar encobriu, ouviu falar ... Apanhei isso era puto, andei a carregar mortos por todo o lado e a abrir... Imagine que isto era uma casa, ficava tudo cheio de lodo e tudo a rebentar das águas das montanhas, porque aquilo em Vila Franca não é nada com é hoje, imagine há quarenta ou cinquenta anos aquilo era despovoado. Ali na escola de Marinheiros em Vila Franca, já não sei se existe ou não, ao pé de onde é a fábrica dos cimentos, um bocadinho mais à frente, nós aprendíamos aí tudo.

Todos os que iam para a Marinha, todos os que iam ser marinheiros, independentemente das classes em que fossem, marinheiros, artilheiros, radaristas, mil e uma classes que há na marinha, porque na marinha há muitas classes, fogueteiros, fuzileiros, médicos, engenheiros, mil e uma coisas, todos passávamos por lá e só depois é que éramos entregues às bases, aos sítios onde íamos tirar as especialidades. Ou seja, estávamos três meses ali mais três meses noutra especialidade, mais três meses conforme a especialidade que se tirasse. Por isso é que, a Marinha sempre saíram bons onde quer que se vá. Eu digo sempre, gostam de tropa, querem ir para a tropa, vão para a Marinha que é das melhores tropas. Não é por eu ter lá estado, mas se me dessem hoje a escolher ou se tivesse uma pessoa da família entre a Marinha, a aviação ou o Exército. No Exército não porque são muitos. Na aviação só quem gostam de aviões mas só lá estão dois ou três, o resto ficam nas bases ou vão para pára-quedistas se gostam de andar como eu, armados em bons, guerra e crosses e tal, então está bem. Agora quando foi o 10 de Junho, a malta a desfilar, sinto orgulho quando vejo ali aquela malta a desfilar. São novas gerações, que vieram das minhas gerações e então ... Diga-me o que ia a dizer que já não ...

I: Na altura quando fez o percurso na Marinha, como foi?

L: Foi duríssimo. Eu já na altura, deram-me a escolher, era um miúdo mas tinha muita saúde, ainda hoje aguento muito mas sofro de problemas, tenho problemas no fígado, do grisol, problemas nas pernas, quer dizer eu era do género, quando fui para a Marinha uma das coisas que aprendi foi a nadar bem, gostava de nadar. E em Évora já havia aquelas famosas piscinas como há hoje, eram as melhores piscinas da Europa na altura, têm lá ... nunca foi às piscinas de Évora? Tem que ir lá passear. Nunca foi ao Alentejo? Já viu Évora Monte ao pé de Estremoz?

I: Sim.

L: Eu nasci aí, está a ver. Já não tem nada que ver com hoje, era uma aldeiazinha pequenina. É lindo ou não é? Está a ver que eu estou-lhe a dizer tudo? Évora-Monte, Vila-Viçosa, Estremoz. As comidas, as gentes, os vinhos. E então ... Depois fui tirar como todos, a recruta e depois é que escolhi a especialidade. Como eu tinha mania que era bom e que gostava de dar o gosto ao gatilho, escolhi, deram-me a escolher, nunca mais me esqueço nas juntas médicas havia três médicos naquele tempo ali sentados e íamos todos nus, entre homens, todos ali encostados uns aos outros quase, olhavam para nós e até tínhamos que mostrar o traseiro. Olharam para mim quem nem barba tinha, tinha

dezassete, dezoito anos, era voluntário porque a minha mãe me disse um dia “vai filho que a miséria aqui é grande olha, fazes bem”. Só que o meu pai não me deixava, o meu pai era político. Era político ... não gramava o Salazar! Ele e aquela geração que detestavam o Salazar de morte. E é verdade, o Salazar não interessava a ninguém. Mas o meu pai sabia da guerra. Estávamos longe da guerra, só nas grandes cidades é que se tinha uma noção do que era a guerra no Ultramar, nas pequenas aldeias o pessoal era chamado, aparecia um papel em casa “fulano tal tem um filho, apresenta-se às sortes” e pronto lá ia o filho, pagavam as despesas, pagavam o caminho-de-ferro, tudo. Pagaram-me o caminho-de-ferro para vir à recruta, até tenho a impressão que tenho o papel guardado para lá, escondido, às vezes quando olho para aquilo penso “porque é que eu segui este destino”. Cada um tem um destino, cada um de nós, como eu lhe digo às vezes as veredas são difíceis, às vezes deixamo-nos ir pelo destino, há outros que são determinados mas também chegam ao fim da determinação e ... por isso é uma incógnita. Esqueço-me sempre que é psicóloga. O meu pai não queria e naquele tempo tínhamos que ter autorização e eu era uma criança, tinha dezassete anos, eles precisavam de homens para a guerra. Naquela altura tudo o que fosse para a guerra era bem aceite, de todas as aldeias, de todo o lado. Não é por acaso que do Alentejo iam muitos para a Marinha, sabe porquê? Vou-lhe dar uma ideia, uma pista. Acho que eram um bocadinho como eu, nós naquele tempo no Alentejo havia aqueles grandes trigais, as grandes plantações e eu ficava extasiado a ver, quando vinha o vento... Agora não há, é uma pena. Foi tudo destruído pelos interesses económicos. Destruíram a reforma agrária, destruíram as nossas pescas, foi das piores ... os homens que se dizem mais democráticos e que recebem medalhas quando é o 10 de Junho e que vão falar hoje já de outra maneira. Aquele que tem barbas, qual é o nome dele? Acho que é da reforma agrária do tempo do Cavaco Silva. Oiço e penso “fogo, lembro-me quando dizias”, deram milhões. Os agrários no Alentejo é que tinham o grande latifúndio. Então quem tinha as grandes terras, era como no tempo dos reis, quilómetros e quilómetros de terra e tinham os assalariados a trabalhar para eles. É por isso que estes ministros ... Eu ponho-me à parte da política, tenho as minhas ideias, mas isso é outra coisa. Dizem “ah os comunistas no Alentejo”, porquê? Porque se fartaram de sofrer, viviam na maior das misérias, o patrão dava-lhes um azeite, um bocadinho do leite de cabra e eles tinham muitos filhos. O meu sogro, sabe quantos filhos tem? Oito filhos. Porquê? Porque não havia nada mais. Trabalhavam na terra dia-a-dia no duro e chegava-se ao fim do dia e iam viver para uma casinha velha que lhes dava o patrão e viviam na pior das misérias e para criarem os filhos tinham que se sujeitar a tudo e mais alguma coisa e o patrão de vez em quando pelo Natal

dava-lhes um peru e só comiam fruta no tempo das frutas. Comiam um melão ou a melancia que dava a terra, que não tinha mais nada. Peixe, uma sardinha era para dois ou três. Isto para dar um exemplo. Voltando outra vez atrás, a miséria era muita por isso é que começaram a revolta toda e com razão. Quando foi a reforma agrária aquilo dava para todos, expropriaram uma ou duas herdades, que pode ter sido mal, mas a maioria não foi, porque aquilo não era trabalhado, as terras não eram trabalhadas. O que é que aconteceu? Deram milhões aos agrários outra vez, ficaram a rir-se outra vez, agarraram no dinheiro meteram-no na Suíça, aqui e acolá, ficaram noutras vidas, vieram para Cascais, ficaram a viver das reformas e as terras estão lá outra vez, na pior das misérias. Este governo agora é que está a olhar para isso, mas duvido muito, este governo também, não sei porquê. Isto é um aparte e então é assim...

I: Quando recebeu a notícia que ia para a Guiné?

L: Ah pois! Antes ainda um dia apanhei-o com os copos e pensei “oh pai”, tinha que assinar. Eu já tinha pedido o papel para cá por intermédio de outras pessoas, “pai está aqui, tenho que me apresentar lá”, ficava assim a olhar para mim mas pensava que também não tinha cabedal e chegava lá e mandavam-me embora, assinou, era o que eu queria! Chamaram-me logo claro, fiquei logo lá. Inspecção e tal. “Sabes o que são os fuzileiros”, sabia eu lá. Sabia-se o que era a guerra. As frentes de combate, sabia-se lá quem morria e não morria. Morria muita gente. Andava toda a gente de preto, naquele tempo era assim. Enquanto um filho estava no Ultramar, os pais não iam a lado nenhum nem nada. Porque havia um grande sentimento das pessoas e falava-se, “então onde é que está o seu filho?”, “o meu filho está lá para a guerra, lá para as colónias, lá para longe”, longe, muito longe, “vamos rezar que ele volte”, era assim. Até nós que íamos tínhamos essa ideia. Depois pronto fui para lá. Deram-me a escolher o curso, eram três meses de fuzileiro naval e era duro e os fuzileiros navais naquele tempo era: patrulhas a bordo das lanchas, fragatas, por exemplo em rios, patrulhas de botes nos rios mas iam para o Ultramar tal e qual como os outros. Era duro. Patrulhas às bases e essas coisas todas, não iam como fuzileiro especial. Fuzileiro especial é que estava preparado para ir para o mato só para andar na pancada. Só para andar na guerra mesmo. Fuzileiro especial é como hoje as tropas especiais dos Fuzileiros, é duro. Claro que hoje são outras guerras não é. Então lá fomos nós. Ah! Acabei de tirar o curso de fuzileiro com boas notas, depois naquela altura já havia lá os fuzileiros especiais, pior ainda que o fuzileiro naval. Acabei o meu curso, fui-me oferecer. Fui sempre voluntário. Até fui voluntário, até me deram a escolher e me perguntaram se queria sair,

mas depois problemas de família, resolvi sair. A malta toda dos meus tempos que tiveram comigo na Guiné, “epá vamos embora, vamos que já nos conhecemos uns aos outros”, naquele tempo já íamos como chefes de esquadra, naquela altura eramos grumetes mas pela nossa maneira de estar e pelos conhecimentos, nós substituíamos-os a eles porque já tínhamos conhecimento. Eu por princípio, andava ao lado do meu chefe a ajudá-lo em tudo o que fosse preciso porque ele é que andava com a MG42, depois quando ele morreu eu é que passei a mandar com a MG42 e tinha que demonstrar ainda mais, tinha que dar o exemplo e foi isso que sempre fiz. Tirei o meu curso de fuzileiros especiais, também duro como tudo. Vai-se para a escola de Fuzileiros e vê como é o curso, as provas de lodo, os crosses, a prova de resistência e isso, no meu tempo ninguém sabia como era, agora está tudo no youtube. No meu tempo, nem uma fotografia tenho desses tempos, porquê? Era uma fotografia ou outra tirada por um ou outro que tínhamos uma maquinazinha. Tenho algumas, abocado ia-lhe mostrar, esta anda sempre comigo mas já está aqui velhinha qualquer dia vou tirá-la daqui porque já anda aqui a estragar-se (...) Está a ver eu aqui menino e moço, tinha 20 anos aí, foi tirado na Guiné num dia em que o comandante nos deu três ou quatro dias e mandaram-me para Bissau e foi lá que tirei a fotografia e ainda está aí. Qualquer dia tenho que pôr isto num álbum porque senão estraga-se. Também tenho um certo orgulho nisto. Aqui já eu era marinheiro, esta divisa aqui é de marinheiro, o grumete ainda não tem esta coisa. Este cordão é o cordão vermelho de fuzileiros. Todos os fuzileiros usam o cordão vermelho, ainda hoje acho que é assim. Esta é a boina de fuzileiro, que já não é a actual. A actual agora já é diferente, só aqui na âncora. Ainda tenho lá esta, ainda era jovem, ainda nem tinha barba e tal ...

I: Quando foi teve tempo de se despedir de alguém?

I: Aqueles tempos eram os anos secos em que nós próprios nos apercebíamos que íamos para a guerra e que não queríamos demonstrar a nossa pieguice e então despedíamos-nos assim muito secamente. Quando a minha mãe soube fartou-se de chorar, o meu pai chamava-me nomes, “sabes o que é a guerra? Sabes que andam lá constantemente pessoas a morrer”, mas pronto era o meu destino. Como é com os jovens hoje quando vão para os pára-quedistas e os pais dizem “vais para aquela tropa? Depois ainda vais para o Afeganistão”, mas pronto já está no sangue, está na maneira de ser das pessoas e aí não há nada a fazer. Quando temos o tal caminho, o nosso destino, está traçado não há nada a fazer aí e foi o meu destino.

I: E enquanto lá estive, recebia notícias com frequência?

L: Sim, escrevíamos muito mas eram os aerogramas. Escrevíamos, mas sabíamos que passavam à censura mas nem nos apercebíamos. Escrevíamos, fechávamos o aerograma que era dado pelo Movimento Nacional Feminino, que era tudo controlado pelo Estado, tudo controlado pelas beatas que havia no Estado que eram as senhoras beija-mão da Cruz Vermelha, aquelas “máfias” que havia como hoje há outras máfias de outro género, os lambe-botas e que andam de roda e querem é o deles. Essas histórias desses das secretas e tal, é tudo o mesmo jogo, o jogo é tal e qual. Hoje em dia já se sabe mais porquê? Porque já há tecnologia. Os meus pais sempre me disseram, apanha-se mais depressa um mentiroso que um cocho. Hoje em dia já, porque veio-se saber hoje em dia. Essa história do Miguel Relvas, eu penso “este gajo pá, merecia cinquenta murros no focinho e desaparecer logo”. Então uma pessoa não sabe que vai para um carga daqueles, uma pessoa daquelas, não sabe que vão vasculhar a vida toda dele, até se ele teve relações sexuais com outras mulheres e tudo, vão saber a vida toda das pessoas. Ou se tem uma vida mais ou menos e não tem problemas, ou então está feita, vão vasculhar a sua vida ou por inveja, ou por interesse, ou por quererem dar cabo de si, por mil e uma coisas, dão sempre cabo das pessoas. Veja só outro exemplo, esse até merecia mais se calhar, mas esse ainda tirou umas cadeiras, três ou quatro por especial favor ou isso, mas houve aí uma campanha para o destruir. Há outros interesses, porque ele anda a mexer muito na RTP1 e noutros interesses e as pessoas não querem. Sentem os seus interesses ameaçados e então como é que dão a volta ao texto como é que destroem? Na política, no mundo todo, a sujidade é toda igual. As pessoas não se apercebem que a morte está tão perto. E eu que já estive tantas vezes próximo da morte e a pensar que vou acabar com isto tudo. Estive muitas vezes a pensar. Andava tão angustiado, andava a tomar tanta porcaria e não me sentia bem com porcaria nenhuma. Agora já consigo controlar-me, mas não pense, nunca mais saí. Eu continuo a tomar comprimidos para descansar, para dormir. Às vezes deito-me às 2h da manhã porque sei que me estou a remexer na cama e às 6h já estou levantado. Ainda hoje às seis já estava acordado, porque às vezes tento ver um filme daqueles da BBC, aqueles filmes assim sobre os animais ... quando vejo a parte da guerra então, já sei que é uma porcaria. Gosto de ver, gosto de analisar, mas já sei que aquilo sem eu querer, vai-me trabalhar cá no cérebro. Fico lixado comigo mesmo. Ou então depois vou buscar coisas incríveis, que ando a lutar no meio, depois quando se vê filmes, uma pessoa acorda e isto está a dar cabo de mim. É a memória, na memória não há nada a fazer, todos nós temos uma memória. Depois estas minhas operações e isso tudo, durante anos e anos, aquela da velhota ficou de tal maneira

retida que andei anos e anos que acordava só a pensar naquilo, eu já dizia mal da minha vida.

I: Em termos familiares ...

L: Sempre fui muito introvertido. Tentei sempre não passar a mensagem para o meu filho. Ainda bem que eu sinto que ele hoje... Tenho algumas mazelas de me sentir mais em baixo ou mais deprimido mas nunca de ele dizer... estudou, tirou o seu curso mas às vezes “oh pai em trinta anos e ainda pensas na guerra”, não percebe. Você é psicóloga talvez compreenda. Os nossos filhos tiram outros cursos, outras coisas, só os médicos e psicólogas é que percebem por que razão é que acontece isto. Eu quando vejo que as pessoas não percebem, fecho-me em copas. Se estou mais triste ou mais deprimido. Só de há uns tempos para cá ... eu naquele tempo sabia lá o que era stress de guerra. Só de há vinte anos para cá é que eu comecei a perceber. Já ando aqui nestas porcarias há quinze ou vinte anos, ainda sou do tempo do Hospital Júlio de Matos. Comecei lá no Júlio de Matos com a Dra. “Teresa” e outras médicas desse tempo. A Dra. “Teresa” ajudou-me muito. Havia muita gente, depois desapareceram quase todos, uns morreram, outros foram para umas associações, outros para outras. Há uma Associação também dos Deficientes das Forças Armadas, há muitos também que lá andam. Há muitos ... há muitos que eu conheço daqui. Mesmo assim fui uma das pessoas que senti que isto era bom para mim. Ao princípio custava-me muito falar (...) Agora também me custa, tento falar o menos possível mas quando falo, parece que é um vazio que tenho. Dantes quando era miúdo íamos confessar ao padre, eu hoje rio-me disso, “conta-me lá os males que tu fizeste?”, coisas que fazemos, coisas que nós fazemos, aquelas coisinhas ... Hoje rio-me disso. Será que os padres que gramavam isso sabiam que estávamos a dizer a verdade? São outros tempos. A grande lacuna que fica toda a vida é “o que é tu és?”, és católico, não católico, acreditas em Deus, não acreditas em Deus. Há religiões, sabemos que há, lemos e aprendemos, temos que as respeitar. Houve uma altura em que eu não gramava os pretos. Tive muitos anos. Tudo o que me cheirava a preto eu já não podia porque fiquei com esse paladar, com esse cheiro. Quem vai a África nunca mais se esquece. Não sei se alguma vez a menina foi a África? Quem foi a África fica sempre com um místico de África. África é como ... uma sereia encantada, uma cobra que nos enfeitiça com o seu olhar, porque nós vimos coisas que nunca vimos. Vimos aquele por do sol, ouvimos as selvas, aquelas águas, aqueles crocodilos ... Vimos as cores vibrantes da terra, os cheiros que a terra nos dá, nunca mais esquecemos e depois ao cimo disso tudo, temos os grandes amigos, a

C.4.2.3
C.4.1

C.4.4.3

C.4.4.2.2

C.4.2.5

C.4.3.2

brutalidade que nos fica cá dentro e isso faz-nos endurecer, faz-nos transformar muito e nunca mais vamos ser os mesmos. Até morrermos, vai um bocadinho de nós cá dentro, às vezes sem darmos por isso ele é despoletado. E quando é despoletado às vezes tenho medo de mim e quem estiver ao meu redor é que sofre.

C.4.3.2

I: Porque é que diz que tem medo de si?

L: Tenho. Não sei ... Quando me dá um não me sentir bem, é difícil (...) Não sei. Já vi tanto na vida, tanto sofrimento, tanta morte e tanta miséria. Já aprendi depois disso muito mais. Eu não sou psicólogo, a minha única psicologia é da vida, mas já vi tanta miséria e tanta coisa que não quero passar pelo mesmo que muitos passaram ou que passam, então não sei o que me dá nessa altura, quando chegar a minha altura ... Não sei. Nunca saberei. Pode ser de repente. Por isso é que eu não tenho armas nem nada dessas coisas ao pé de mim, porque sei que isso é um chamariz. Mas eu sou um não-violento, consigo manter isso e quando sou violento ... tento olhar para a minha parte racional, que é difícil, é muito difícil mas pronto. Tento andar nesta envolvente e esta envolvente é a vida e aí não há nada a fazer.

C.4.3.2

C.4.3.2

I: De que modo sente que podia ter tido uma vida diferente caso não tivesse ido para a guerra?

L: Poderia ser uma pessoa importante se calhar. Se eu hoje penso assim, que aprendi muito. Eu trabalhei toda a vida, depois na vida civil, com várias fases de altos e baixos sempre e era sempre desvalorizado por isso profissionalmente. E custava-me os outros não perceberem, mas também tinha culpa porque tentava esconder essa minha parte percebeu? É muito difícil. Muito difícil.

C.4.4.3

C.4.2.5

I: Sentiu-se apoiado, quer pela sua família quer em termos profissionais?

L: Sim, foi isso sempre que me safou. Principalmente a minha mulher. Ela às vezes diz que ela é a única, que eu nunca aceito os conselhos dela, diz que eu aceito os conselhos de toda a gente menos os dela. Eu sei que os aceito e sei que ela ... mas há um não admitir não sei porquê, não sei explicar, mas ao mesmo tempo sei... Eu sempre fui um homem que consegui não ... Derivei um bocado, por causa da minha maneira de ser é que tinha litígios com a minha mulher mas ela apoiava-me sempre, sempre. É daquelas mulheres que eu acho que já não há hoje em dia, extraordinária. A minha mulher também é de outros tempos, como a minha mãe ...

C.4.4.1

I: Só a conheceu quando voltou?

L: Só a conheci depois. Tive aquelas coisas que uma pessoa já nem se lembra, aqueles namoricos aquelas coisas. Pronto e depois pronto, andei muitos anos em psiquiabras, sentia-me mal. Uns dias melhor outros pior até que um dia alguém me disse “há uma coisa de apoio, tu precisavas disso”, nunca tive apoio de nada, só uma vez. Ah! Eu tinha o meu processo todo lá na tropa e depois é que comecei à deriva. Comecei a andar nos psicólogos, já andava não é. Depois foi fácil, tinha mais que historial. Eles tinham o historial e eu disse que não queria mais nem menos queria aquilo que achavam ... Fui a juntas médicas e fui a tudo. Três juntas médicas. Tirei quistos. Olhe isto aqui, são quistos que vieram da Guiné e nunca mais saíram. Quando vim da Guiné começaram-me a aparecer caroços no corpo todo, ainda fui lá à tropa e andei a tratar-me, diziam que não era nada de especial. Nunca mais fui a praias porque me sentia mal, porque isto vê-se. Eu mudei muito. Eu era um homem 100%. Emagreci muito por causa da tropa. Depois comecei a dedicar-me, comecei a ler, a ser mais culto. Ah não! Tive uma fase em que, como eu escrevia à máquina quando era miúdo, havia uma pessoa que escrevia para um jornal e então eu passava-lhe os poemas e aqueles artigos e aí deu-me o bichinho de ler e comecei a ler. O Tarzan, os Cinco na Ilha do Tesouro, comecei a ler essas histórias, deu-me o bichinho para ler e a comprar livros, o Eça de Queirós. Hoje já percebo muito melhor essas coisas todas e hoje se eu puder, amanhã vou começar a comprar livros para as minhas netas. Porque ler é meio caminho andado para tudo. Ler é fundamental e quando me sinto mais abatido leio, estou no meu mundo. Gosto de ouvir música também. Gosto de ouvir aquelas coisas antigas, que são mais do meu tempo, mas também tento seguir os dias de hoje, tento não ser um borra-botas. Tento ser um homem actual, às vezes é difícil. Uma pessoa não percebe a internet e tal e não tem paciência, mas tento. Comprei internet aqui há uns tempos. O meu filho fez a vida dele, o que é óptimo mas ficamos sempre com saudades dos filhos, pensamos que temos que os temos que proteger sempre. Mas eu até compreendo, um lado diz assim “vai há tua vida mas deixa que eu estou sempre aqui a vigiar-te que se eu puder ...”, o meu filho ou ele a mulher, os filhos, ou os netos, sejam quem for de gente a família. Eu fiquei muito humano nesse aspecto. Sei que devo a muita gente, muita coisa. Também por culpa minha porque eu é que segui aquele caminho, mas hoje estou mais sensibilizado na parte humana. Fiquei aberto à parte humana e não sinto que estou a perder o meu tempo. Sinto que é o meu papel cá na vida mas sou uma pessoa que gosto de ler as necrologias, não é nada de coiso, mas não tenho medo de morrer, mas sim de sofrer. Se algum dia chegar a altura de eu sofrer, não sei como é que vai ser, aí é uma incógnita, porque sei como é. Estamos cá,

acabou. Quando morrer vou ali para o cemitério, esturradinho e pronto. Não quero que ninguém cá fique a pensar em mim nem nada. Fiz o quê? Segui o meu destino. “Não foste Presidente da República ou não foste Presidente ali da Assembleia, não foste Director daquela empresa”, é o destino, estou cá andei na vida como todos andámos sem dar por isso. O tempo passa. Às vezes penso “Já tenho 60 anos, já ando aqui com dores de reumático”. Morreram os meus avós, vi morrer os meus bisavós, vi morrer os meus pais, agora também calha. É o destino, aí não podemos fugir, fosse director fosse importante, ser humano é que é. Fiz o meu papel, por incrível que pareça hoje digo assim, “fiquei todo arruinado por causa disto da guerra mas sinto um certo orgulho” e às vezes não sei explicar porquê, será que você psicóloga percebe? Não sei explicar. Quando vejo as tropas especiais ou isso ... pareço galinha. Agora é outra geração mas pronto, eu era assim e sou assim e a guerra marca todos. Uns mais que outros. Alguns conseguem esquecer, mas não esquecem tudo. Uns conseguem fazer a sua vida e tal mas pronto ... Olhando para trás, fui sempre muito prejudicado em tudo, mas não estou arrependido de nada. Não é minha culpa aqueles que olhavam para mim como o “Luízinho” que anda sempre doente nos empregos. Uma pessoa não podia ir o que é que os patrões pensavam, “não posso contar com este para trabalhar”, é triste mas é verdade. Há patrões que são humanos e que sabem compreender. Falha-me a voz já, tenho que ir a um médico especialista da garganta que isto já me anda a preocupar. E pronto e é o destino de um fuzileiro. No fundo aquelas perguntas que vocês costumam fazer do está mais deprimido ou menos deprimido ...

I: Não se preocupe.

L: Tem aqui coisas para ter um vinte, espero que tenha um vinte.

I: Obrigada.

L: Eu não gosto que me agradeçam nada.